

Rainhas do Romance

Debbie Macomber

Autora número 1 do *The New York Times* e do *USA TODAY*.

Alameda do Perdão

CRÔNICAS DE
Cedar Cove

livro 2

Edição 31



HARLEQUIN
BOOKS



Rainhas do Romance

Debbie Macomber

Autora número 1 do *The New York Times* e do *USA TODAY*.

Alameda do Perdão

CRÔNICAS DE
Cedar Cove

livro 2

Edição 31



HARLEQUIN
BOOKS

**DEBBIE
MACOMBER**

ALAMEDA DO PERDÃO

Tradução
Celina Romeu



Rio de Janeiro, 2019

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: 204 ROSEWOOD LANE

Copyright © 2002 by Debbie Macomber

Originalmente publicado em 2002 por MIRA

Diretora editorial:

Raquel Cozer

Gerente editorial:

Alice Mello

Editor:

Ulisses Teixeira

Editoração eletrônica e conversão para e-book:

ABREU'S SYSTEM

Editora HR Ltda.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M146a

Macomber, Debbie

Alameda do perdão [recurso eletrônico] / Debbie Macomber; tradução Celina Romeu.

– 1. ed. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2019.
recurso digital (Rainhas do romance; 31)

Tradução de: 204 rosewood lane

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9786580969647 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Romeu, Celina. II. Título. III. Série.

19-60982

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

Capítulo Um

GRACE SHERMAN olhou fixamente o documento legal que daria início aos procedimentos para o divórcio. Estava sentada no escritório de seu advogado com Maryellen, sua filha mais velha, que viera com ela para lhe dar apoio. Grace lembrou a si mesma que isto estava correto, que já tomara a decisão. Estava pronta para pôr um fim a seu casamento, pronta para juntar os cacos de sua vida destrocada. Para começar de novo... Mas sua mão tremeu quando pegou a caneta.

O fato inescapável era que não queria fazer isto... mas Dan não lhe deixara escolha. Cinco meses atrás, em abril, seu marido por quase 36 anos desaparecera. Sumira sem deixar vestígios. Um dia, tudo estava perfeitamente normal, no outro ele se fora. Aparentemente por escolha própria, sem uma palavra de explicação. Mesmo agora, Grace tinha dificuldade em acreditar que o homem com quem vivera, o homem a quem amara e com quem tivera duas filhas pudesse fazer uma coisa tão cruel assim.

Poderia aceitar que Dan havia deixado de amá-la. Teria encontrado orgulho e generosidade suficientes para libertá-lo sem amargura. Se era tão infeliz no casamento, ela o teria libertado, conformada, para que encontrasse a felicidade com outra mulher.

O que não podia perdoar era a infelicidade que causara à família, o que havia feito com as filhas... especialmente com Kelly.

Dan desaparecera pouco depois de Kelly e Paul anunciarem que, depois de anos de tentativa, estavam final e animadamente, grávidos. Dan ficara emocionado e Grace também. Este bebê seria o primeiro neto ou neta deles. Tinham esperado por tanto tempo.

Kelly sempre fora muito apegada ao pai e seu desaparecimento, nesse momento crítico de sua vida, a deixara arrasada. Implorara a Grace que adiasse os procedimentos para o divórcio, convicta de que o pai voltaria

antes do nascimento de Tyler. Quando Dan voltasse, teria uma justificativa lógica, explicaria tudo satisfatoriamente.

Mas não voltara e não havia informações sobre ele. Nada, apenas dúvidas, perguntas e uma raiva profunda, crescente, que se intensificava com as semanas sem fim que se seguiram.

Quando Grace não conseguiu mais suportar a falta de qualquer resposta, contratou Roy McAfee, um investigador particular e antigo policial em quem confiava, para encontrá-lo. Roy fizera uma busca extensa, certo de que Dan deixara uma trilha de papel, e tivera razão. O que Roy descobrira fora um choque completo para Grace. Um ano antes de desaparecer, Dan comprara um trailer, pagando em dinheiro. Grace não fazia ideia de onde tirara o dinheiro, nem sabia da existência do trailer. Dan nunca o mencionara, nem ela o havia visto. Até hoje não fazia ideia de onde o guardara por tantos meses, ou onde estava agora.

Dadas as crescentes evidências, tivera suspeitas. Grace acreditava que Dan usara o trailer para fugir com outra mulher. Fora visto uma vez, no fim de maio. Parecia que Dan havia planejado este breve reaparecimento, como se quisesse atormentá-la, desafiá-la a encontrá-lo. Aquele fora um dia de desespero para Grace.

Um colega de trabalho de Dan o vira na marina e Maryellen correra até a biblioteca para buscá-la. Mas quando Grace chegara à marina, Dan não estava mais lá. Uma mulher parara o carro no meio-fio, Dan entrara, o carro saíra e nunca mais fora visto.

Analisando os acontecimentos passados, Grace passara a acreditar que Dan estava lhe dando as respostas de que precisava tão desesperadamente. Não podia pensar em qualquer outro motivo para ter ido ao lugar mais movimentado da cidade, onde havia maior probabilidade de ser visto... e reconhecido. A biblioteca onde ela trabalhava ficava a menos de dois quarteirões do local. Evidentemente, o marido não tivera a coragem de lhe dizer que havia outra mulher. Em vez disso, escolhera outra maneira, mais cruel, de lhe dar a informação; humilhara-a diante de toda a comunidade.

Grace sabia, sem que precisassem lhe contar, que todo mundo em Cedar Cove se apiedava dela. O aparecimento público de Dan, tão rápido mas tão evidente, pusera um ponto final no assunto para Grace. Qualquer amor que ainda sentisse por Dan morrera naquela tarde. Até então não quisera acreditar que havia outra mulher. Mesmo quando a fatura do cartão de crédito VISA viera com uma cobrança alta de um joalheria local, Grace se

recusara a aceitar que o marido estivesse envolvido com outra mulher. Dan não era o tipo de homem infiel. Confiara nele. Porém não mais.

— Você está bem, mãe? — perguntara Maryellen, tocando-lhe o braço.

A mão de Grace apertou a caneta.

— Sim — respondera, ríspida, imediatamente se arrependendo do tom. Não tivera a intenção de ser tão abrupta.

A filha olhara para o outro lado. Grace se concentrou nos papéis do divórcio, hesitou mais um momento e então, apressada, assinou.

— Providenciarei que a ação seja iniciada imediatamente — disse Mark Spellman, seu advogado.

Grace relaxou e reclinou-se na cadeira. Só isto? Podia acabar com um casamento de 35 anos apenas assinando um papel?

— É só?

— Sim. Como não recebeu nenhuma comunicação de Daniel em cinco meses, não haverá nenhuma complicação legal. O divórcio deverá sair em algumas semanas.

Quase 40 anos jogados fora, como se fossem lixo. Os bons anos, os maus anos, os anos de privações, os anos em que haviam economizado e passado dificuldades. Como qualquer casal, tiveram sua cota de problemas, mas, apesar de tudo, haviam conseguido manter seu casamento.

Até agora, até este...

— Mãe? — sussurrou Maryellen.

Grace acenou abruptamente, surpresa com a emoção que a fazia engasgar. Havia chorado todas as lágrimas possíveis. Nos meses que se seguiram ao desaparecimento de Dan, Grace sentira profundamente a perda de seu casamento e do homem que pensava conhecer. A verdade era que não tinha mais escolha; o divórcio se tornara inevitável.

Era essencial que protegesse seus interesses financeiros. De acordo com o advogado, não podia se dar ao luxo de não fazer nada.

Sua situação legal era uma coisa, e lidara razoavelmente bem com ela, mas o impacto emocional a deixara profundamente abalada. Apesar de sua decisão, a dor não diminuía, e a humilhação que Dan lhe impusera vivia com ela o tempo todo. Todos na cidade sabiam de suas circunstâncias e do fato de que o marido a abandonara.

Lentamente, Grace pôs a caneta de lado.

— Então vou esperar até que entre em contato comigo — disse ao advogado, levantando-se. Maryellen se levantou com ela.

O advogado, um homem jovem mais próximo da idade de Maryellen do que da de Grace, acompanhou-a até a porta do escritório. Começou a dizer alguma coisa, então apenas olhou para baixo e murmurou um breve adeus.

Do lado de fora do pequeno escritório, o céu se tornara um cinzento deprimente. Grace sentiu a carga da tristeza tomá-la; soubera que não seria fácil, mas não esperara que lhe diminuísse tanto a confiança em si mesma.

Maryellen olhou o relógio.

— Preciso voltar para a galeria.

— Eu sei — disse Grace.

A filha se oferecera para acompanhá-la ao advogado, para lhe dar apoio moral. Embora ficasse grata, Grace achava desnecessário, mas Maryellen estava certa. Também divorciada, Maryellen tinha se casado jovem e com imprudência e o casamento durara menos de um ano. A experiência a havia marcado tanto, tornara-a tão desconfiada dos homens, que evitara qualquer relacionamento desde então. Grace tentara convencê-la de que um dia encontraria um homem maravilhoso, um homem à espera de alguém exatamente como ela. Maryellen considerara ingênuas as palavras da mãe e se recusara a acreditar nelas. Agora Grace compreendia o motivo. O divórcio *magouava*, e era o tipo de dor tão intensa que alcançava o âmago de uma pessoa.

Grace se sentia desequilibrada e culpada, como se, de algum modo, houvesse fracassado, como se tudo fosse culpa sua.

Maryellen sabia como era, porque havia experimentado as mesmas emoções quando muito mais jovem e ainda sem a sabedoria ou a perspectiva trazidas pela maturidade.

— Você ficará bem? — perguntou Maryellen, claramente relutante em deixar a mãe sozinha.

— É claro — disse Grace, se esforçando para sorrir.

Afinal, devia estar sentindo um pouco de alívio. Finalmente fizera alguma coisa. Dera a Dan todas as oportunidades, até mesmo se impusera uma série de ultimatos e prazos. Ele voltaria quando o bebê de Kelly nascesse; no dia 4 de julho; no aniversário de casamento deles. Primeiro um, depois todos os outros passaram até que foi obrigada a enfrentar a verdade. Ele *não* voltaria. Se não ouvira uma palavra dele até agora, não poderia esperar que algum dia a recebesse. Dan não queria ser encontrado.

— Vai voltar para o trabalho? — perguntou Maryellen.

— Não — respondeu, recusando-se a se deixar dominar pela autopiedade. — Vou almoçar.

— Almoçar? Já passa das quatro. Não comeu mais cedo?

— Não. — Grace não acrescentou que perdera o apetite há dias, à medida que se aproximava a data do encontro com o advogado. Então, como sabia que a filha estava preocupada, disse: — *Vou* ficar bem, Maryellen.

Maryellen olhou para baixo da colina íngreme que descia até o litoral, onde barcos balançavam suavemente nas águas protegidas da enseada. Veículos cruzavam a Harbor Street, tão perto uns dos outros que pareciam uma linha contínua.

Os empregados do estaleiro Bremerton estavam saindo do trabalho e o tráfego enchia as ruas, enquanto maridos e pais se dirigiam para suas casas, para suas famílias. Do mesmo modo que Dan fizera antes.

— Estou tão furiosa com papai que não sei o que farei se o vir de novo algum dia — disse Maryellen com dentes cerrados.

Mas Grace sabia. Estava convencida de que Maryellen ficaria grata, que não se incomodaria com o que ele tivesse feito, desde que voltasse para casa. E Kelly, a caçula, gritaria de alegria e lhes diria como estavam erradas. Correria para o pai com os braços abertos, ansiosamente esperando pelas palavras que explicariam tudo.

— Estou bem, de verdade — insistiu Grace.

Mesmo assim, Maryellen hesitou.

— Detesto deixar você sozinha.

— Preciso superar isto. — Entretanto, não era bem o que sentia. Mas se Grace aprendera alguma coisa na vida, fora a importância do equilíbrio. Para cada perda havia compensações. Lembrou a si mesma que precisava manter em perspectiva as boas coisas. — Tenho tanto a agradecer. Você e Kelly, e agora um neto. Lamento muito ter acabado assim entre mim e seu pai, mas voltarei a ser mais forte do que nunca.

Mesmo enquanto dizia as palavras, Grace sabia que eram verdadeiras. O sentimento de perda era profundo, mas o equilíbrio retornaria a sua vida, e também a alegria.

ERA O horário de almoço de Justine Gunderson e tudo o que queria era correr para casa e ver sua correspondência. Fazia quase uma semana que não tinha notícias de Seth. Tudo bem, cinco dias, mas cada um desses dias

parecia um ano. Seu marido de pouco mais de um mês estava no Alasca, pescando nas águas ricas em caranguejos do mar de Bering. Seth a havia avisado, quando o levava ao aeroporto, que trabalharia 16 horas por dia. Garantira-lhe que estava loucamente apaixonado por ela e voltaria antes que tivesse tempo de sentir falta dele.

Seth estava errado, Justine se sentia muito infeliz. Haviam se casado, como dizia uma antiga canção do Oeste, “numa febre”, incapazes de esperar um só minuto depois de tomarem a decisão. Sem contar nada às famílias, foram para Reno, conseguiram a licença, encontraram um pastor e depois foram diretamente para um quarto de hotel.

Eram jovens e saudáveis e estavam muito apaixonados. Justine conhecera Seth por quase toda a sua vida. Ele fora o melhor amigo de seu irmão gêmeo — até Jordan morrer afogado aos 13 anos. Justine e Seth eram colegas da mesma turma quando se diplomaram no ensino médio. Nos dez anos que se seguiram, viveram ambos em Cedar Cove, mas não tiveram contato até recentemente, quando, com relutância, aceitaram participar da comissão que planejava a reunião de sua turma.

Na ocasião, Justine estava saindo com Warren Saget, um empreendedor local. Warren era bem mais velho do que Justine; na verdade, era apenas um pouco mais moço do que o pai dela. Warren gostava de ter uma jovem e bela mulher ao seu lado e Justine era exatamente o que ele queria. O melhor era que ela estava disposta a manter seu pequeno segredo — embora fosse bem-sucedido na sala de reuniões, seus poderes não se estendiam ao quarto de dormir. Quando estavam juntos, ela frequentemente passava a noite em sua casa luxuosa no alto da colina, com vista para a enseada, mas isto era mais para exibicionismo do que qualquer outra coisa. Justine tinha o próprio quarto de dormir na casa de Warren. Sabia muito bem o que as pessoas pensavam, mas não se incomodava.

Entretanto, sua mãe se importava. Olivia Lockhart partilhava a suposição geral sobre seu caso com Warren e tinha muitas opiniões sobre ele. Justine não lhe contara a verdade porque achava que não era da conta de Olivia. A desavença entre elas havia causado uma tensão no relacionamento mãe e filha. Sua avó também não gostava, mas Charlotte não demonstrava tão abertamente sua desaprovação.

Sem dúvida para afastá-la de Warren, sua mãe a encorajara a se encontrar com Seth... embora até mesmo Olivia ficasse chocada quando Justine telefonara para contar que, impulsivamente, havia se casado com ele.

O casamento fora praticamente uma surpresa tão grande para Justine como para sua família. Depois que tiveram uma briga a respeito de Warren, Seth a havia deixado. Justine não podia deixar as coisas terminarem assim, não com Seth, e fora atrás dele, esperando consertar tudo. E consertaram tão bem que acabaram se casando.

Tiveram apenas um fim de semana depois do casamento, já que Seth tinha que voltar para o Alasca. Nas semanas seguintes, recebera apenas algumas cartas intermitentes, já que ele não podia telefonar nem ou receber telefonemas enquanto estivesse no mar. Assim, a comunicação entre eles era precária e inconstante.

Justine verificou as horas e tentou decidir se iria ou não em casa ver a correspondência. Se não houvesse uma carta, ficaria deprimida pelo resto do dia, mas, se houvesse, caminharia nas nuvens durante dias. Precisava de uma carta, um telefonema, *qualquer coisa* que lembrasse a ela que fizera a coisa certa ao se casar com ele.

Casar-se fora a única coisa impulsiva que fizera ao longo dos seus 28 anos. Gostava da vida organizada e planejada. A necessidade de estar no controle de sua vida sempre dominara suas escolhas... até se apaixonar por Seth.

O compromisso com a ordem fora um dos motivos por que se integrara tão bem ao First National Bank e lhe proporcionara um sucesso tão rápido para a posição de gerente. Números faziam sentido; somavam organizadamente; não havia ambiguidades neles. Da melhor maneira que podia, era assim que Justine vivia... com fortes convicções e precisão, sem espaço para frivolidades e impulsos.

Por força do hábito, ergueu os olhos quando as portas duplas de vidro do banco se abriram e viu Warren Saget entrar, com toda a ousadia que o caracterizava. Dirigiu-se, confiante, diretamente para a mesa dela. Justine não o vira desde seu casamento impulsivo. Não haviam se separado como amigos. Warren ficara furioso com o casamento e fizera algumas observações extremamente desagradáveis. E Justine não queria um novo confronto.

Ficou em pé. Com 1,80m de altura, mais os saltos dos sapatos, era tão alta quanto Warren. Usava os cabelos castanhos e lisos repartidos ao meio, exatamente como fazia quando estava no ensino médio, o que lhe enfatizava a altura. Ao se levantar, enviou uma mensagem não verbal de que não se deixaria intimidar... e que pretendia manter o encontro breve. Não lhe

permitiria, de modo algum, fazer uma cena diante de seus colegas e clientes.

Zach Cox, um contador local, acenou para ela quando saiu do banco. Justine acenou de volta e olhou para Warren.

— Oi, Warren.

— Justine. — Ele a fitou nos olhos e a expressão dele lhe revelou que seus medos eram infundados. — Vim lhe pedir desculpas, devia-lhe isto — disse ele.

— Sim, devia. — Ela cruzou os braços e mudou o peso de um pé para o outro, demonstrando claramente sua impaciência.

— Posso levá-la para almoçar? — perguntou e depois acrescentou rapidamente: — É o mínimo que posso fazer. Disse algumas coisas que não devia e fiquei com remorsos desde então.

— Não acho que sermos vistos juntos seja uma boa ideia.

Os olhos castanhos claros de Warren mostraram seu desapontamento.

— Compreendo — disse ele, aceitando de bom grado a recusa. Para espanto de Justine, ele sentou na cadeira diante da escrivaninha. Sem saber o que esperar a seguir, Justine também sentou.

— E Seth, ainda está no Alasca? — perguntou.

Ela assentiu.

— Só voltará daqui a algumas semanas.

Vinte e oito dias, para ser exata, se tudo corresse de acordo com a programação. Verificava os dias no calendário toda noite antes de se deitar, sozinha e solitária. Não tiveram tempo para discutir o futuro, mas uma coisa era certa... Justine odiava o pensamento de o marido deixá-la por tantos meses todos os anos. Já temia a temporada de pesca do ano seguinte, que começaria em maio.

— Você está muito bonita — disse Warren, um brilho de admiração nos olhos.

— Obrigada — respondeu sem sorrir.

Ele suspirou.

— Sei que não acredita em mim, mas tudo o que quero é que você seja feliz.

Warren se casara e se divorciara três vezes, e a pedira em casamento em diversas ocasiões. Justine sempre recusara, nunca tivera interesse em se casar com Warren. Consciente de seu crescente interesse por Seth, Warren comprara um anel com um diamante enorme, na esperança de fazê-la mudar

de ideia. Justine odiava admitir que o tamanho daquele diamante abalara por alguns segundos sua decisão.

Sabia que Warren teria adorado lhe colocar aquele anel no dedo e reclamá-la como sua propriedade exclusiva. Mas o homem que a mimara agora estava magoado e cheio de remorsos. Estava lhe pedindo que perdoasse sua reação furiosa ao casamento dela.

— Bem, talvez possamos almoçar juntos — disse Justine e soube que havia tomado a decisão certa quando a expressão do rosto de Warren mudou.

Ela riu da maneira como ele se levantou depressa da cadeira, sem se dar ao trabalho de esconder a ansiedade. Seth não se importaria por ela ver Warren de vez em quando, numa base social; Justine estava certa disso. Respeitava sua independência e seu bom senso, e compreendera que jamais abusaria de sua confiança.

— Onde gostaria de ir? — perguntou ele. — Qualquer lugar que queira, é só dizer.

— D.D.'s, na Cove — sugeriu, escolhendo seu restaurante predileto.

— Perfeito. — Ele sorriu, aprovando.

Justine pegou a bolsa e o seguiu em direção à porta da frente, que ele mantinha aberta para ela.

— Vamos caminhar? — perguntou ela. O D.D.'s ficava a apenas dois quarteirões, mas Warren geralmente preferia dirigir.

— Claro — disse ele.

Estava fazendo um esforço real para ser gentil. Ela percebeu que ele interrompera o gesto de segurar-lhe a mão e ficou grata. Na verdade, sentia falta de Warren. Sim, tinha suas falhas, mas sua conversa era agradável e ele tinha a mente ágil. Também havia uma história entre eles, uma história relacionada à amizade, e não ao romance. Ao seu jeito, ele a amava e ela gostava dele, mas não da mesma maneira como amava Seth. Com seu marido, a atração era física e intensa e, nos poucos dias que passaram juntos, antes de ele ir para o Alasca, houve muito pouco tempo para conversar.

A enorme fome que sentiam um pelo outro os deixara assombrados. Justine não precisava de palavras para saber como Seth se sentia em relação a ela. Ele provara seus sentimentos, amando-a vezes sem conta. Aquele fim de semana agora parecia um sonho e ela se perguntava se o que haviam descoberto podia mesmo ser real.

No restaurante, Warren e Justine sentaram do lado de fora. O pátio não ficaria aberto por muito mais tempo. O outono já estava no ar, mas Warren preferiu o almoço *alfresco* em vez de numa mesa no interior do restaurante, sabendo que ela gostava da luz do sol.

— Espero que ainda possamos ser amigos — disse Warren, sorrindo enquanto a garçonete lhes entregava os cardápios.

— Seria bom.

Disse a si mesma de novo que um almoço de vez em quando não aborreceria o marido. Seth não era do tipo ciumento e, para falar a verdade, ela também não.

Justine e Warren tinham um interesse comum no mundo financeiro, portanto havia muitos assuntos para discutir. A conversa durante o almoço foi fácil e agradável e a dor no coração de Justine diminuía quando terminaram. Ainda sentia uma falta absurda de Seth, mas não se sentia mais tão só e perdida, como se sentira toda a manhã.

Warren não a convidara para sair de novo, não a pressionara de nenhuma forma. Depois do almoço, despediram-se do lado de fora do banco, ela agradeceu o almoço e ele saiu. Mais tarde, quando foi em seu carro para o apartamento, Justine estava se sentindo bem, melhor do que em qualquer outro dia da semana. Mas, quando se aproximou da série de caixas de correio do lado de fora do edifício, hesitou, temendo descobrir que não havia uma carta de Seth.

Precisava da garantia do amor dele. Seu maior medo era que ele tivesse se arrependido do casamento tão súbito. O coração batia com força quando abriu a caixa do correio e tirou a correspondência.

Sem carta.

Viu de novo toda a correspondência, cada um de todos os anúncios, propagandas e contas, apenas para ter certeza. Outra sexta-feira sozinha em frente à TV, pensou. Podia telefonar para a mãe, mas Olivia estava se encontrando com Jack Griffin, do jornal *The Cedar Cove Chronicle*, e provavelmente tinha um compromisso. Sentindo-se derrotada, Justine entrou no apartamento, jogou a correspondência na bancada da cozinha e tirou os sapatos.

Algumas semanas atrás, estaria aliviada por ter uma noite de sexta-feira para si mesma. Warren quase sempre tinha planos para os dois. Mas tudo isto era irrelevante agora e sentir pena de si mesma não ajudaria em nada.

Se tinha saudades de Seth, então devia fazer alguma coisa para se sentir perto dele.

Imediatamente se lembrou do barco dele, o *Silver Belle*, ancorado na marina. Seth lhe dera a chave. Quando não estava pescando no Alasca, morava no barco, ou pelo menos morara, até o casamento. Não tinham nem sequer conversado sobre onde viveriam quando ele voltasse....

Esta decisão podia esperar, mas agora precisava do conforto de estar na casa dele, entre suas coisas. Se passasse a noite lá, poderia se embrulhar no cobertor dele, dormir nas roupas dele, sentir seu cheiro. Dormira lá diversas vezes e sempre se sentira melhor. Feliz com a ideia, Justine trocou a roupa de trabalho por jeans e uma camiseta. Pegou um romance, um novo CD para o walkman e roupas limpas para a manhã seguinte. Pegaria o jantar a caminho da marina.

Acabara de chegar ao estacionamento para pegar o carro quando percebeu que havia esquecido o celular. Se Seth telefonasse, chamaria aquele número. Correndo de volta ao apartamento, destrancou a porta e ouviu o chamado no celular. Alcançou-o num pulo e atendeu com uma sensação de urgência.

— Alô, alô! — gritou. — Seth? Seth, é você?

Ouviu apenas o som de linha. Rapidamente verificou a identidade da chamada... o número era desconhecido, embora o prefixo fosse 907, o código de área do Alasca. Ela o apertou, deixou o telefone tocar dez vezes antes de finalmente desistir.

Rangendo os dentes de frustração, Justine se sentou na beirada do sofá e passou os dedos pelos cabelos. Era Seth; tinha que ser. Devia ter ligado a cobrar de um telefone público no caís. Um minuto longe do telefone e perdera a ligação do marido.

— CHEGUEI!

Zach Cox abriu a porta dos fundos, que dava para a garagem, e entrou na cozinha. Seu queixo endureceu ao ver a confusão que o esperava. A pia estava cheia dos pratos do café da manhã e o leite do cereal ainda estava sobre a bancada.

— Quem deixou o leite fora da geladeira? — gritou.

Seus dois filhos — convenientemente — não o ouviram. Allison, de 15 anos, sentava-se diante do computador, navegando pela Internet, e Eddie, de

9 anos, estava deitado sobre o carpete da sala, vendo um programa idiota de TV.

— Onde está mamãe? — perguntou Zach a seguir, ficando em pé diretamente em frente ao filho.

Eddie ergueu um braço silenciosamente e apontou em direção à sala de costura.

Zach se desviou naquela direção a caminho do banheiro.

— Oi, Rosie, estou em casa — disse à mulher com quem era casado havia dezessete anos. — O que há para jantar?

— Oh, oi, doçura — disse Rosie, erguendo os olhos da máquina de costura. — Que horas são?

— Seis — resmungou ele. Não conseguia se lembrar da última vez em que chegara em casa e encontrara o jantar no forno. — O leite foi deixado fora da geladeira de novo — disse ele, pensando que precisaria ser jogado fora depois de ter passado dez horas em temperatura ambiente.

— Eddie preparou uma tigela de cereal para ele depois da escola.

Certo, pensou ele, então o leite podia não estar estragado.

Ela alinhou o tecido negro brilhante e passou-o rapidamente pela máquina, tirando alfinetes à medida que costurava.

— O que você está costurando?

— Uma fantasia para o Halloween — resmungou ela, com quatro ou cinco alfinetes entre os lábios. — Por falar nisso... — fez uma pausa e removeu os alfinetes — vai haver um encontro de pais e mestres na escola de Eddie. Você pode ir?

— Um encontro de pais e mestres? — repetiu ele. — Você não pode ir?

— Não — disse ela enfaticamente. — Tenho um ensaio do coro.

— Oh. — Tivera um dia longo e cansativo no escritório e esperava relaxar aquela noite. Em vez disso, teria que participar desse encontro na escola do filho. — O que há para jantar? — perguntou de novo.

A esposa deu de ombros.

— Peça uma pizza, está bem?

Era a terceira vez nas duas últimas semanas que comiam pizza no jantar.

— Estou enjoado de pizza.

— Aquele novo restaurante chinês não faz entregas?

— Não. — Ele deveria saber; comera comida chinesa no almoço. Janice Lamond, uma funcionária recentemente contratada, o havia acompanhado no almoço de camarão agri-doce. — Além do mais, foi isto que almocei.

— Então o que quer? — perguntou Rosie, ocupando-se com a capa que fazia parte da fantasia de Harry Potter que Eddie pedira.

— Bolo de carne, purê de batatas, espiga de milho e salada fresca.

Rosie franziu o cenho.

— Acho que tem um bolo de carne no freezer.

— Bolo de carne *feito em casa* — consertou Zach.

— Lamento, mas esta noite não.

— Quando, então? — perguntou ele, já irritado.

Não era demais pedir que sua mulher tivesse o jantar pronto quando voltasse do trabalho... era? Como contador, Zach ganhava bem o bastante para que Rosie pudesse ficar em casa com as crianças. Era isto que ambos queriam quando começaram a família.

Na ocasião, Zach presumira que, quando Allison e Eddie estivessem na escola, Rosie iria trabalhar no escritório com ele. A firma de Smith, Cox e Jefferson precisava com frequência de pessoal adicional. Rosie sempre pretendia ter um trabalho fora de casa, mas isto parecia nunca acontecer. A escola precisava de voluntários; depois, quando Allison tinha 8 ou 9 anos, houve as Bandeirantes, e agora, com Eddie, havia os Lobinhos. E esportes, clubes para depois das aulas, lições de dança... Logo se tornou evidente que as demandas sobre o tempo de Rosie não diminuía enquanto as crianças cresciam. Como ambos acreditavam que as necessidades das crianças teriam prioridade, haviam decidido que Rosie não devia voltar ao mercado de trabalho.

— Estou cansado — disse Zach à esposa —, e com fome. É demais esperar jantar com minha família?

Rosie respirou fundo, como se lutasse para não perder a paciência.

— Há este encontro de pais e mestres na escola de Eddie esta noite, Allison vai comigo ao ensaio do coral júnior e tenho que terminar esta fantasia para o Halloween antes de sexta-feira. Eddie precisa dela para a festa do seu time de futebol. Há limites para o que posso fazer.

Podia sentir o aborrecimento na voz da esposa e evitou perguntar a ela o que fizera o dia todo enquanto ele estava no trabalho.

Rosie encarou-o.

— Se quer que eu pare tudo agora e lhe prepare o jantar, farei isto, mas tenho que lhe dizer, acho que *está* sendo pouco razoável.

Ele pensou nas palavras dela e então, se sentindo derrotado e um pouco culpado, disse:

— Certo, vou pedir uma pizza.

— Diga-lhes para não mandar com pimentão verde — disse ela, voltando a atenção para a fantasia.

— Eu gosto de pimentão — resmungou ele, sem perceber que Rosie podia ouvi-lo.

— Eddie e Allison detestam... preferem azeitonas pretas e você sabe disso. Agora pare de ser difícil.

— Está bem, vou pedir uma metade com paio e azeitonas pretas e a outra com pimentão.

Rosie virou os olhos expressivamente.

— Também não gosto de pimentão, você sabe.

Então, além de não ser racional, também era egoísta.

— Paio e azeitonas pretas, então — disse ele.

— Ótimo.

Ele voltou para a cozinha, já sabendo de cor o número do Pizza Pete's. Fez o pedido e se encaminhou para a suíte máster.

— Onde você vai agora? — perguntou Rosie quando ele passou pela porta do quarto de costura.

— Tomar um banho de chuveiro e trocar de roupa.

— Tem que fazer isto?

— O que há de errado?

Ela se afastou da máquina de costura e ficou de pé.

— Pensei que devia usar seu terno para o encontro de pais e mestres.

— Por quê? — Esperara a tarde inteira para tirar a gravata.

— Dará uma impressão melhor se conversar com a professora de Eddie usando um terno. A sra. Vetter perceberá que você é um profissional. — Tentou agradá-lo com um sorriso, então tirou um fiapo de linha do ombro dele e alisou uma ruga. — Você fica tão bonito de terno — disse ela, sorrindo —, mas talvez deva fazer a barba.

Zach passou a mão pelo rosto, sentindo o início da barba lhe arranhar a palma; ela tinha razão.

— Se tomar banho e fizer a barba, então vou trocar o terno.

A ruga entre as sobrancelhas de Rosie ficou mais funda.

— Não sei por que você tem que ser tão difícil.

— Se eu tivesse um jantar decente de vez em quando, talvez ficasse mais inclinado a fazer o que você quer — disse ele, brusco.

Não podia deixar de se lembrar como tinha sido agradável almoçar com Janice. Ela havia sido contratada no começo do mês e, para Zach, já mostrara do que era capaz. Aprendia depressa, era competente, cooperativa. Por duas vezes saíra de seu caminho para garantir que ele tivesse o que queria para o almoço. Naquela mesma tarde, insistira em levá-lo de carro para almoçar camarões no Mr. Wok's.

Sentado aos pés da cama king-size, Zach tirou o paletó e o deixou ao lado. Desabotoando os botões do punho, enrolou a manga da camisa e se dirigiu para o banheiro. Estava abrindo a torneira de água quente para fazer a barba quando Rosie entrou no quarto.

— Você tem o dinheiro trocado para o rapaz da pizza?

— Acho que sim, veja na minha carteira.

A esposa lhe encontrou os olhos no espelho.

— Desculpe pelo jantar.

— Você está ocupada.

— Foi uma loucura, hoje — disse Rosie, sentando-se na beira da banheira Jacuzzi.

Haviam feito um pedido especial pela banheira, quando a casa fora construída havia três anos, e tiveram de esperar meses para que fosse instalada. Rosie a quisera tanto que desistira de usar ladrilho no piso do hall e da cozinha.

Zach teria escolhido os pisos de ladrilho, mas fora incapaz de recusar à esposa este pequeno luxo. No entanto, não podia se lembrar qual fora a última vez em que Rosie havia realmente usado a banheira. Como ele, entrava e saía rapidamente do chuveiro, correndo de uma obrigação para outra.

Continuou a lhe contar sobre o dia, os encontros de comitês, a consulta com o dentista de Allison e algumas funções da biblioteca que concordara em coordenar.

— Não sei como mães que trabalham fora de casa conseguem fazer tudo.

— Também não sei — disse Zach, embora suspeitasse que as esposas de seus sócios conseguiam pôr o jantar na mesa e ainda trabalhar 40 horas por semana. Também suspeitava que eram mais organizadas do que Rosie.

— Farei o jantar amanhã à noite — prometeu ela.

Zach passou creme de barbear no rosto.

— Bolo de carne e purê de batatas? — Não tinha muita esperança, mas era bom ouvir a promessa.

— O que você quiser, garotão.

Apesar de sua irritação, ele sorriu. Talvez *fosse* um pouco difícil.

Capítulo Dois

O CARTÃO DE crédito devia pertencer à mulher que se sentara do outro lado do restaurante na última segunda-feira, decidiu Cliff Harding. Não seria possível não percebê-la; eram as duas únicas pessoas no Pancake Palace naquela tarde. A multidão que enchia o restaurante na hora do almoço já saíra e ainda era cedo demais para o jantar.

Era atraente e devia ter mais ou menos a sua idade, mas parecia perturbada, mergulhada em pensamentos.

Ficaria surpreso se ela lembrasse de que ele estava lá. Haviam pagado por suas refeições ao mesmo tempo e certamente fora naquele momento que acontecera. Sua conta estava correta, mas fora o cartão de crédito de Grace Sherman que guardara dentro da carteira. Aparentemente, ela estava com o dele.

Durante toda a semana, cuidara de seus negócios sem perceber que estava com o cartão de crédito VISA de outra pessoa. Se um balconista atento da farmácia não lhe tivesse chamado a atenção para o fato, poderia não ter descoberto por muito mais tempo.

Assim que chegou em casa, procurara o número de Grace Sherman no catálogo telefônico, mas não teve sorte. Entretanto, descobriu um número de D & G Sherman em Rosewood Lane, 204, Cedar Cove. A voz na secretária eletrônica era de mulher, assim deixara uma mensagem e esperara pelo retorno. Até agora ninguém tinha lhe telefonado e estava começando a achar que havia entrado em contato com a Sherman errada.

Provavelmente, o que deveria fazer era entregar o cartão dela ao gerente do Pancake Palace e pedir a devolução do seu.

Ultimamente, Cliff encontrara muitos motivos para ir a Cedar Cove. Charlotte Jefferson lhe telefonara em junho para lhe falar sobre seu avô, que não conhecera. Cliff certamente não sentia nenhuma afeição por Tom Harding, mesmo que ele fosse o famoso Caubói Cantor, popular desde o fim da década de 1930 até meados dos anos 1950.

Tom Harding abandonara a avó e o pai de Cliff na busca pela fama. No fim da vida, Tom devia ter se arrependido da dor que causara à família, mas já era tarde demais. Cliff era seu único neto e, pelo menos de acordo com Charlotte Jefferson, Tom tinha a intenção de entrar em contato com ele.

Charlotte devia estar na casa dos 70 anos, mas era uma mulher cheia de energia. Conhecera o avô de Cliff enquanto fazia trabalho voluntário no Cedar Cove Convalescent Center e gostara dele. Ficaram amigos, explicara Charlotte. O velho Tom perdera a capacidade de falar, depois de um derrame de grandes proporções, mas, aparentemente, Charlotte fora capaz de se comunicar com ele muito bem. Contara a Cliff que Tom lhe dera uma chave pouco antes de morrer. Depois de fazer uma investigação, encontrara seus objetos pessoais num depósito e só então descobrira que Tom fora o astro dos filmes de faroeste de cinema e televisão. Como único parente sobrevivente de Tom, Cliff tinha o direito de ficar com estas lembranças.

No começo, Cliff recusara os objetos do avô, mas Charlotte insistira. Fizera da entrega das coisas de Tom a Cliff, que incluíam pôsteres, roteiros de filmes e seu revólver, uma missão, quisesse ele ou não.

Depois de conhecer Charlotte, Cliff compreendeu por que seu avô se sentira tão bem na companhia dela e, durante o verão, os dois se tornaram amigos.

ADQUIRIRA O hábito de visitá-la uma vez a cada duas semanas. Ela parecia gostar das visitas e se gabava com orgulho de seus dois filhos e netos. O filho, William, vivia em algum lugar no Sul, se ele se lembrava corretamente, e uma filha, Olivia, era juíza da vara de família em Cedar Cove. Cliff ainda não conhecera Olivia, mas se perguntava se qualquer mulher podia ser tão perfeita como a mãe dizia que ela era.

Agora que Cliff passara algum tempo avaliando os itens que Charlotte lhe entregara, passara a dar valor ao que ela fizera, ao tirá-los do depósito. Pensou que a melhor maneira de agradecer a ela seria lhe dar um dos pôsteres de filmes, que montara e emoldurara. Charlotte gostara realmente de Tom Harding e isto fora *antes* de ela saber que ele era o Caubói Cantor.

Cliff estacionou sua picape na íngreme colina sobre a enseada, virando as rodas para se apoiarem no meio fio. Carregando o grande e pesado pôster, caminhou os poucos passos que levavam à grande casa da família. Como sempre, Harry, seu “gato de guarda”, estava dormindo, todo enrolado, no

parapeito da janela da sala de estar. Mesmo antes de tocar a campainha, Cliff ouviu Charlotte virando a chave na fechadura.

Nunca tivera a oportunidade de contar quantas fechaduras Charlotte tinha, mas suspeitava que nem Houdini conseguiria entrar. Não sabia o que ela escondia de tão valioso; mas tinha certeza de que, o quer quer que fosse, provavelmente estava escondido sob uma pilha de meias. Sabia também que, em algum momento da conversa, Charlotte provavelmente lhe perguntaria sobre o estado de seu intestino.

— Cliff — disse ela, feliz, destrancando a porta de tela, primeiro uma fechadura, depois outra. — Que surpresa agradável! Gostaria que me avisasse que estava planejando vir aqui, teria assado alguns cookies.

Este era exatamente o motivo por que não telefonara antes. A mulher tinha toda a intenção de engordá-lo.

Cliff não precisava de ajuda nenhuma nesta área, já tinha uma pequena barriga, que viera com a meia idade e que estava tentando, com dificuldade, perder. Desde o princípio do ano, conseguira perder cinco quilos, embora jurasse que teria sido mais fácil desbastar uma pedra. Até a aposentadoria, nunca tivera que se preocupar com o peso.

— Trouxe-lhe uma coisinha — disse ele enquanto ela abria a porta de tela. Harry ergueu a cabeça, olhou fixamente para ele e aparentemente decidiu que Cliff era um amigo. O gato fechou os olhos e voltou a dormir.

— Sente-se e farei um chá para nós — disse Charlotte. — E tenho bolo inglês.

— Não se dê ao trabalho.

Sabia que não adiantava protestar, mas tentou assim mesmo. Ficaria apenas alguns minutos. Depois de sair da casa de Charlotte, passaria no Pancake Palace para deixar o cartão de crédito de Grace Sherman. Podia perguntar a Charlotte se conhecia Grace, já que ela parecia conhecer praticamente todo mundo em Cedar Cove.

— Você deve estar com fome — reclamou Charlotte, parecendo magoada por ele ter recusado o que oferecera.

— Charlotte — insistiu ele —, abra seu presente. — Não estava embrulhado, mas o pessoal da loja de molduras o pusera dentro de uma caixa de papelão.

Charlotte olhou para ele, perplexa.

— Isto é para mim?

Ele sorriu e acenou, contente com a reação meio aflita. Charlotte era o tipo de pessoa que estava constantemente dando alguma coisa a alguém, mas que se sentia desconfortável ao receber um presente.

Ela abriu a caixa de papelão e Cliff a ajudou a tirar a moldura. Segurou o pôster sobre a caixa e ouviu seu suave arquejo quando compreendeu o que era. Cobriu a boca com uma das mãos enquanto os suaves olhos cinzentos se enchiam de lágrimas.

— Oh, Cliff, você não devia — disse, piscando furiosamente. — Isto é valioso demais.

— Bobagem. Tenho certeza de que meu avô gostaria que você o tivesse. Se não fosse por você, eu nem teria essas coisas.

Nem saberia de nada sobre o avô, a não ser o que o pai lhe contara. Agora sabia que Tom não era apenas um patife egoísta e obcecado pela fama; sabia que era um homem velho cheio de remorsos, que gostaria de voltar o relógio do tempo e fazer escolhas diferentes.

— Foi muito difícil convencê-lo a receber as coisas dele — lembrou-lhe Charlotte, o cenho franzido.

Foi obrigado a concordar. Fora persistente, escrevendo e telefonando. Se não a procurasse, Cliff tinha a certeza de que lhe levaria tudo ela mesma, aventurando-se numa estrada de alta velocidade num carro que, tinha certeza, nunca fora dirigido a mais de 60 quilômetros por hora.

Charlotte pegou um lenço com bordas de renda no bolso do avental e assoou o nariz.

— Não sei o que dizer.

— Quer que o pendure para você?

— Oh, por favor.

Ele viera preparado para isto, presumindo que a tarefa exigiria sua ajuda.

— Acha que seria inadequado se o pendurasse no meu quarto?

— Acho que seria uma escolha perfeita — garantiu ele.

Seguiu-a até o quarto principal, no fundo do longo corredor. A cama de casal encostada a uma parede tinha uma cabeceira simples e arredondada. Uma penteadeira antiga, com um grande espelho, ficava no lado oposto do quarto. Havia uma poltrona confortável, estofada com um tecido verde gasto, e uma mesa com uma lâmpada de leitura. A julgar pela pilha de livros sobre a mesa, Cliff deduziu que era ali que ela se sentava para ler.

— O que acha de pendurá-lo bem aqui? — perguntou Charlotte, apontando para um espaço vazio na parede branca em frente à cama.

Havia muitas fotos sobre a penteadeira, mas Cliff não teve a oportunidade de observá-las. Mas uma delas lhe chamou a atenção. Charlotte percebeu o que ele estava olhando e pegou o porta-retrato.

— Esta é Olivia quando tinha seis meses — disse ela, mostrando a foto de um bebê. — Era uma criança extraordinária mesmo à época.

Cliff escondeu um sorriso. A Olivia de seis meses estava chupando o dedão do pé e sorrindo, deliciada, as gengivas nuas. Cliff podia imaginar o que a juíza diria se soubesse que ele vira a foto.

— Mãe? — Quase como se a foto fizesse aparecer a filha de Charlotte por magia, ele ouviu uma voz de mulher vindo da sala de estar. — Você está bem? A porta da frente está aberta e...

— Oh, céus... — Charlotte saiu correndo do quarto. — Olivia?

— A porta está destrancanda e você nunca... — disse Olivia, encontrando-se com Charlotte no corredor.

Parou abruptamente quando viu Cliff sair do quarto. Olivia olhou da mãe para Cliff.

— Oi — disse ele, achando graça no olhar perplexo.

Olivia se tornara uma mulher impressionantemente atraente. Agora talvez não fosse a hora de lhe perguntar se ainda era elástica o bastante para pôr o pé na boca. Mas não conseguiu se impedir de sorrir.

A semelhança entre mãe e filha era mais evidente nos olhos, embora os dela fossem castanhos. Se não soubesse que Olivia era uma juíza, teria adivinhado que ela ocupava alguma posição de responsabilidade pela forma digna com que se comportava. Era de altura média, a idade próxima à dele, e o cabelo ainda era de um castanho brilhante.

— Sou Cliff Harding — apresentou-se, adiantando-se e estendendo a mão.

— O neto de Tom — explicou Charlotte. — Estava pendurando um pôster dele para mim.

Olivia franziu a testa enquanto se apertavam as mãos.

— Oh, meu Deus, você é Cliff Harding!

— Foi isto que acabei de dizer — murmurou Charlotte.

— Ele está com o cartão de crédito de Grace.

Na verdade, Cliff considerava que Grace é que estava com o cartão de crédito *dele*.

— Você conhece Grace Sherman?

Olivia assentiu.

— Sim, somos amigas há anos. Ela pretendia retornar seu telefonema esta noite.

Charlotte olhou, perplexa, de um para o outro, como se, de alguma forma, tivesse perdido o fim de uma boa piada.

Da melhor maneira que pôde, Cliff explicou a situação.

— É melhor você cuidar disto imediatamente — aconselhou Charlotte.

— Eu não uso cartões de crédito, parece que estou carregando dinheiro do Banco Imobiliário.

— Espero receber meu cartão de volta — disse Cliff. — Acha que posso passar na casa de Grace?

— Ela trabalha na biblioteca — disse Charlotte. — Você pode deixar sua picape estacionada aqui e andar até lá. São apenas alguns quarteirões e acho que não teremos mais muitas destas tardes ensolaradas este ano.

— Acho que você deve conhecer Grace — encorajou Olivia.

Ela afastou os olhos dele e Cliff se perguntou se *ele* estava deixando de ver alguma coisa.

— Oh, sim — concordou Charlotte. — Olivia tem razão, você deve conhecer Grace. Faria bem a ela ter um amigo depois do que Dan fez a ela.

— Dan — acrescentou Olivia rapidamente — é o marido dela. Correção... *era* o marido dela. Ele desapareceu há alguns meses, em abril.

As duas mulheres começaram a conversar sobre o provável paradeiro de Dan e suas suspeitas de que ele abandonara Grace e fugira com outra mulher.

— Grace pediu o divórcio na última segunda-feira — disse-lhe Olivia.

No mesmo dia em que os cartões de crédito haviam sido trocados. Não era de surpreender que ela parecesse abalada e preocupada. Não era de surpreender que estivesse sozinha. Mas Cliff certamente a teria notado no meio de uma multidão.

Grace Sherman era como... como uma flor silvestre da montanha. Não era romântico e realmente não sabia por que pensava nela nesses termos, mas era esta imagem que ela evocava. Uma flor que se abria apesar do frio, do vento e das dificuldades. Tentou não ser óbvio, mas ela o atraía e pensara muito nela. Havia muito tempo que não se interessava tanto por uma mulher, qualquer mulher, como se interessara por Grace.

— Acho que vou caminhar até a biblioteca — disse ele.

— Boa ideia — disse Olivia alegremente.

A filha de Charlotte parecia ansiosa. Talvez estivesse tentando encorajá-lo a conhecer a amiga. Se fosse este o caso, Cliff não precisava de nenhum estímulo.

Depois de se despedir de Charlotte e Olivia, saiu e desceu a ladeira íngreme em direção ao litoral. Esta seria sua primeira visita à biblioteca e parou para admirar o mural pintado na fachada. Havia muitos outros murais na cidade e sempre gostara deles.

Grace Sherman se levantou da escrivaninha quando Cliff entrou na biblioteca. Olhou para ele quando se aproximou do balcão.

— Posso ajudá-lo?

— Sou Cliff Harding — disse ele e esperou.

Ela precisou de um momento para registrar o nome.

— Oh, oi... é você que está com meu cartão de crédito e eu estou com o seu. Lamento muito, deveria ter reconhecido você. Se esperar um momento, vou pegar minha bolsa. — Grace respirou fundo, então disse: — Eu ia telefonar de volta esta noite.

— Foi o que Olivia disse.

— Você conhece Olivia?

— Eu a conheci esta tarde, na casa de Charlotte.

De novo ela hesitou, como se precisasse de tempo para juntar todos os pontos.

— Você é o neto de Tom Harding. Charlotte sempre fala sobre você. Peço desculpas, não compreendi logo quem você é. Se me der licença, vou me demorar só um minuto.

— É claro.

Ela desapareceu num pequeno escritório atrás do balcão e voltou com a bolsa. Seu cartão de crédito estava guardado dentro de um pequeno envelope branco. Trocaram seus cartões de crédito, comentaram, rindo, o que havia acontecido, então ficaram parados, em pé, olhando um para o outro por alguns segundos desconfortáveis.

Era agora ou nunca, decidiu Cliff.

— Estava pensando se podíamos rir mais um pouco sobre isto num jantar esta noite.

Havia anos que Cliff não convidava uma mulher para um encontro e se sentia pouco à vontade. Quando ela não respondeu, teve a certeza de que havia estragado tudo.

— Jantar? — perguntou Grace finalmente. — Nós dois?

Cliff falou com rapidez:

— Estou divorciado há cinco anos. Não tive nenhum encontro desde que minha mulher me deixou e... bem, pensei que talvez fosse a hora de ter um.

— Compreendo — disse ela, olhando-o fixamente. — Quero dizer... — Fez uma pausa e depois respirou fundo de novo. — Você não sabe como fico lisonjeada por me ter convidado. Infelizmente, ainda não estou pronta.

Era uma resposta justa.

— Quando você acha que pode estar pronta?

— Eu... não sei dizer. Acabei de pedir o divórcio. Não acho certo eu me encontrar com um homem enquanto não estiver legalmente livre para fazê-lo. — Desviou o olhar. — Acho que você ouviu falar sobre meu marido.

Cliff assentiu lentamente.

— Ficarei esperando. E, Grace, sou um homem muito paciente.

Os olhos dela se encontraram com os dele e ele viu o começo de um sorriso. Isto era alguma coisa que queria ver de novo.

— É MELHOR me dizer o que está errado — disse Jack, os pés calçados apenas com meias descansando contra o divã diante da grande tela de televisão de Olivia. Encontravam-se todas as noites de terça-feira. Olivia o convidara para jantar e depois assistir *The New Detectives* no Discovery Channel.

Ultimamente, vinham se revezando no fornecimento do jantar. Esta semana fora a vez de Olivia, que fizera uma galinha assada digna de um prêmio culinário.

Ele geralmente trazia comida de restaurante.

— O que quer dizer, o que está errado? — replicou ela.

— Você mal disse uma palavra a noite toda.

Olivia suspirou e descansou a cabeça no ombro dele.

Fora um dia de sorte, aquela manhã nove meses atrás, quando Jack entrara no seu tribunal. Recém-chegado a Cedar Cove e ao jornal, visitara a vara de família, amargurado pela própria experiência e esperando ouvir o que sempre ouvia.

Mas Olivia era diferente. Um jovem casal, Ian e Cecilia Randall, estava diante dela, acompanhado por seus advogados. Outro divórcio, duas pessoas de coração partido fingindo que estavam acima da dor. Só que ela irradiava pena dos dois. Jack a sentiu e se perguntou se mais alguém também sentira.

Presumia que todos aqueles envolvidos no processo legal tinham se tornado cegos para os destroços humanos que apareciam diante destes juízes.

Casais entravam abalados e estraçalhados, emocionalmente aleijados pela dor que maridos e mulheres tão frequentemente infligiam uns aos outros.

Os Randalls haviam perdido uma filha, ainda bebê, lembrava-se Jack, e estavam pedindo a Olivia que rescindisse seu acordo pré-nupcial para pedirem o divórcio. Olivia negou o pedido e, no fundo, seu divórcio. Jack, em sua coluna naquele fim de semana, havia elogiado sua coragem.

Olivia não gostara da atenção indesejada, mas o perdoara. Nos meses que se seguiram, passara a conhecer bem Olivia Lockhart. Ficaram próximos e ele estava começando a ter esperanças de que seu relacionamento tivesse um futuro.

— Vai me contar? — perguntou, pensando que talvez estivesse dando ao silêncio dela um significado maior do que devia.

Soubera de algumas notícias bem perturbadoras esta tarde, mas ainda não estava pronto para partilhá-las.

— Estou preocupada com Justine — disse Olivia depois de um momento.

— Por quê? — Pelo que Jack sabia, a filha de Olivia estava profundamente apaixonada por seu marido pescador.

— Ela foi vista almoçando com Warren Saget na última sexta-feira.

— Warren? — Jack nunca compreendera o que a filha de Olivia vira no empreendedor. Agora que Justine se casara com Seth, esperara que Warren procurasse pastagens mais verdes... o que, no caso dele, provavelmente significava uma mulher ainda mais jovem.

— Você soube, ou Justine lhe contou?

— Eu soube — disse Olivia, então mordeu o lábio inferior. — Justine não conversa muito comigo. — Olhou para ele, ansiosa. — Acho... que ela se arrepende de ter se casado com Seth.

Jack tirou os pés do divã, se debruçou e pensou que a questão era séria. Franziu a testa, tentando encontrar alguma coisa consoladora para dizer. Mas não era um especialista em relacionamentos entre pais e filhos. Seu relacionamento com o filho sempre fora precário, e por bons motivos.

Quando criança, Eric tivera leucemia e Jack se voltara para a bebida para encontrar consolo e, durante anos, abandonara emocionalmente a esposa e o filho. Depois do divórcio, Eric não quisera saber do pai. Jack não podia

culpar o rapaz, mas doía. Agora, depois de muitos anos de sobriedade e com o incentivo de Olivia, fizera um esforço determinado para restabelecer o contato.

Olivia e a filha também tinham problemas em seu relacionamento, mas num nível inteiramente diferente.

— Pergunte a ela — aconselhou Jack. — Provavelmente estará disposta a lhe contar.

Olivia descartou a ideia com um leve meneio da cabeça.

— Não posso... Justine ficará ressentida se me intrometer. Não ousou dizer uma palavra, a menos que ela toque no assunto. Além disso, não quero que saiba que ouvi falar do almoço com Warren. Ela me acusará de dar ouvidos a boatos. — Olivia abaixou as pernas e se debruçou à frente. — Por que posso tomar decisões no tribunal que afetam o futuro de nossa comunidade e, no entanto, não consigo conversar abertamente com minha filha?

Era a mesma pergunta que Jack fazia a si mesmo em relação ao filho.

Toda semana, Jack escrevia o editorial do *The Cedar Cove Chronicle*. Nunca tinha dúvidas quando se tratava de dar suas opiniões. Mas conversar com o único filho... bem, aí sua confiança desaparecia. Tinha medo de dizer demais ou pouco demais, de parecer crítico ou indiferente.

— Eric telefonou esta tarde — disse Jack, infeliz. — Estava aborrecido e não soube o que dizer a ele. Sou o pai dele, ele me procurou com um problema e eu devia ser capaz de ajudá-lo.

— Qual é o problema? — Como Jack, Olivia sabia que, no difícil relacionamento, o fato de Eric entrar em contato com ele era um dado positivo, uma abertura. Quando ele não respondeu logo, Olivia passou-lhe a mão nas costas. — Jack?

— A moça com quem Eric vive está grávida.

— Não estavam usando controle de gravidez.

— Não, ele não pensou que isto pudesse acontecer.

Olivia riu suavemente.

— Não compreendo por que um casal se arriscaria a não fazer controle de gravidez.

Jack se virou para olhar Olivia de frente.

— Quando Eric teve câncer na infância, os remédios e os diferentes procedimentos médicos o deixaram estéril. Os médicos nos disseram isto há anos.

Olivia franziu a testa.

— Quer dizer que o bebê não é dele?

Jack passou a mão sobre os olhos.

— Não pode ser, e Eric sabe disso.

— Oh, meu Deus.

Jack quisera dizer alguma coisa que ajudasse Eric, mas não encontrou palavras de conforto ou conselho. Desligou o telefone sentindo que, mais uma vez, havia fracassado com o filho.

A HARBOR Street Gallery estava vazia e Maryellen, aproveitando-se do momento de sossego, entrou na sala dos fundos para pegar uma xícara de café. Dias de semana, especialmente no outono, costumavam ter pouco movimento.

Nos meses de verão, a galeria era um ponto de atração dos turistas e estava sempre cheia. Como gerente, Maryellen gostava do sossego que chegava com o outono, especialmente porque a corrida para o Natal logo começaria e a galeria já estava se preparando para ela.

Hoje, em algum momento, Jon Bowman apareceria. Ela o vira pela última vez em junho e se lembrava do encontro com constrangimento. Jon era um homem reservado, talvez tímido, que não tolerava conversa fiada.

Ela tivera esperanças de engajá-lo numa conversa; em vez disso, falara sem parar sobre todos os tipos de coisas irrelevantes. Quando ele saiu, ela teve vontade de se dar um pontapé por se deixar dominar pela própria ansiedade.

Assim que se serviu de café, ouviu passos no piso polido da galeria. Depois de um gole rápido, restaurador, ela deixou a caneca de lado e correu para o salão da frente, preparada para receber o cliente.

— Bem-vindo — disse ela e então se alegrou ao ver quem era. — Jon, estava pensando em você.

A fotografia dele há muito era sua arte favorita entre todas as que vendia. A galeria expunha uma grande variedade de itens artísticos: pinturas a óleo e aquarela, esculturas em mármore e bronze, estatuetas de porcelana e cerâmica. Jon era o único fotógrafo exposto na Harbor Street Gallery.

Suas fotos eram em preto e branco e em cores e os temas incluíam paisagens e detalhes da natureza, como um close de uma pedra porosa numa praia ou o padrão do tronco de uma árvore. Algumas vezes, focalizava

elementos humanos, como um barco velho ou a choupana de um pescador. Nunca usava pessoas em suas composições.

Maryellen se impressionava com a forma como encontrava a simplicidade numa paisagem aparentemente complexa, fazendo com que a pessoa que via a foto percebesse as formas e linhas subjacentes... e o modo como ele revelava a complexidade em detalhes pequenos e simples. Este era um artista com uma visão real, uma visão que a fazia observar as coisas de modo diferente.

Conhecia Jon através de seu trabalho. Não era homem de falar muito, mas suas fotos encheriam volumes. E por isto queria conhecê-lo melhor, só por isto, por nenhum outro motivo. Mesmo quando achava sua aparência extremamente atraente...

Jon Bowman era alto, media cerca de 1,90m, e tinha movimentos graciosos, de um modo muito masculino. Os cabelos eram compridos e os usava frequentemente afastados do rosto, amarrados num rabo de cavalo. Não era um homem atraente de modo convencional; suas feições eram duras, o nariz largo demais para o rosto fino, semelhante a um falcão. Vestia-se casualmente, quase sempre em jeans e camisas quadriculadas.

Começara a levar seu trabalho à galeria três anos atrás... algumas peças de cada vez, com longos períodos de ausência. Maryellen trabalhava na galeria havia dez anos e conhecia bem a maioria dos artistas que viviam na região. Saía com alguns deles de vez em quando, mas com Jon apenas discutia negócios. Achava estranho que seu artista predileto resistisse a todos os seus esforços para fazer amizade.

— Trouxe mais algumas fotos — disse ele.

— Estava esperando que trouxesse, vendi todas as que trouxe em junho.

A notícia o fez sorrir de leve. Os sorrisos de Jon eram tão raros como suas conversas.

— As pessoas gostam de suas fotos.

Elogios o constrangiam. Sempre que clientes pediam para se encontrar com ele, recusava. Não explicava o motivo, mas ela sentia que, para ele, o foco do público devia estar em sua arte, não no artista.

— Vou pegar as fotos — disse, brusco, e desapareceu pela porta dos fundos.

Quando voltou, tinha nas mãos uma pilha de fotos com moldura de tamanhos variados. Levou-as para a sala dos fundos, colocando-as sobre a mesa de trabalho de Maryellen.

— Quer um café? — perguntou ela.

Oferecera antes e ele sempre recusara.

— Tudo bem.

Maryellen estava certa de que não o compreendera. Disse a si mesma que era absurdo sentir tanta alegria por ele finalmente aceitar. Serviu-lhe uma xícara de café e fez um gesto em direção ao açúcar e ao creme. Ele sacudiu a cabeça.

Sentaram-se nos tamboretos em frente um ao outro, ambos olhando fixamente para as respectivas xícaras de café.

— Seu trabalho está ficando famoso — disse ela finalmente.

Ele ignorou a observação.

— Você é divorciada? — perguntou ele, abrupto.

A pergunta pegou Maryellen desprevenida. Sabia que ele não gostava de conversar amenidades, mas a pergunta fora quase grosseira. Mas decidiu responder, de qualquer maneira... e então mudar o assunto de volta para ele.

— Há 13 anos. — Ela quase nunca falava do casamento. Era jovem e imatura e pagara um preço alto demais pelo erro. Assim que o divórcio saíra, retomara o nome de solteira e decidira esquecer a experiência. — E você?

Jon aparentemente tinha o próprio questionário, porque não respondeu à pergunta e fez outra.

— Mas você não tem muitos encontros, tem?

— Não. E você?

— De vez em quando.

— Você é casado?

— Não.

— Divorciado?

— Não.

Ele certamente não gostava de falar sobre si mesmo, nem se sentia obrigado a dar informações pessoais em troca das dela.

— Por que não tem encontros?

Maryellen deu de ombros, preferindo uma resposta não verbal em vez de uma longa explicação.

Jon tomou um gole de café.

— Ninguém a convida para sair?

— Oh, claro. — Preferia festas e outros eventos sociais do que encontros individuais. — Por que o interesse, assim de repente? Quer me convidar

para um encontro? — perguntou com ousadia. Se convidasse, poderia ficar tentada a aceitar... ou talvez não. Homens morenos e misteriosos eram perigosos e já havia aprendido a lição.

— O que ele lhe fez? — pressionou Jon.

Maryellen se levantou do banco, desconfortável com o modo como ele sempre lhe respondia às perguntas com outras sobre ela. Cada pergunta mergulhava um pouco mais profundamente, mexendo em territórios que preferia não ver perturbados.

— Conte-me alguma coisa sobre você que não sei — desafiou ela com um olhar.

— Sou um *chef*.

— Quer dizer que gosta de cozinhar?

— Não, sou o *chef* do André's.

O restaurante de elite ficava no litoral de Tacoma.

— Eu... eu não sabia.

— Muitas pessoas não sabem. É como pago minhas contas.

A voz de Kelly se ergueu na galeria.

— Há alguém aqui?

A irmã não poderia ter escolhido um momento pior para lhe fazer uma visita e Maryellen olhou com pena para o salão de exposição.

— Aquela é minha irmã.

— Preciso ir. — Jon terminou o café já frio e descansou a xícara na mesa.

— Não vá ainda. — Estendeu uma das mãos impulsivamente e lhe tocou o braço. — Tenho certeza de que só me demorarei um momento.

— Vá ao André's uma noite dessas — disse ele. — Farei alguma coisa especial.

Maryellen não tinha certeza se ele queria dizer que devia ir sozinha ou levar um acompanhante, mas lhe pareceu inadequado perguntar.

— Farei isto — disse ela, enquanto Kelly entrava na sala. A irmã parou de repente, a expressão do rosto cheia de surpresa e alegria por encontrar Maryellen com um homem.

— Jon Bowman — apresentou-se Jon no silêncio embaraçado. — Vou deixar você com sua visita. Bom ver você de novo, Maryellen.

— Até logo — disse ela, sentindo uma mistura de surpresa e pesar. Antecipação também, admitiu para si mesma. E isto era uma coisa que não sentia há anos.

Kelly observou-o sair. Assim que Jon estava fora do alcance da voz, perguntou:

— Alguém especial?

— Apenas um de nossos artistas — respondeu Maryellen sem dar mais detalhes.

Kelly se sentou no banco que Jon deixara vago.

— Como está mamãe?

— Melhor do que eu esperava. — Marcar a primeira consulta com o advogado fora muito difícil, mas depois a determinação da mãe tornara tudo mais fácil.

— Papai vai voltar, você sabe — disse Kelly.

Maryellen não discutiu, embora há muito tivesse perdido a esperança de que ele voltasse.

— Você não acredita em mim, acredita? — desafiou Kelly.

Na verdade, Maryellen não acreditava; o pai delas desaparecera por algum motivo. Quando se tratava de homens, não esperava muito, nem mesmo do pai.

Poderia Jon Bowman ser diferente? Não pensaria nisto agora, decidiu.

— Papai *vai* voltar — insistiu Kelly de novo quando Maryellen ignorou a pergunta.

— O tempo dirá, não é? — disse Maryellen e estendeu a mão para seu café.

Capítulo Três

Devia estar dominada por alguma loucura, decidiu Justine quando desceu do pequeno avião de carreira em King Cove, Alasca. Havia duas semanas que não tinha notícias de Seth e não podia aguentar nem mais um dia.

Fizera contato com a fábrica de enlatados que comprava os peixes e caranguejos de Seth e do pai dele, mas não tinham informações sobre a agenda do barco. Justine deixara uma mensagem com a secretária da fábrica, embora não houvesse garantias de que Seth a recebesse. Pedira à mulher que, por favor, dissesse a Seth que Justine chegaria no fim de semana. Podia apenas esperar que ele recebesse o aviso de sua visita.

Descendo cuidadosamente a escada do avião de dez passageiros, Justine olhou em volta com expectativa, ansiando por ver Seth e rezando para que ele estivesse no pequeno aeroporto esperando por ela. O vento bateu-lhe no rosto, chocando-a com o frio. Era o último fim de semana de setembro e já havia evidências da aproximação do inverno neste vento gelado do Alasca.

— Alguém virá encontrá-la, senhorita? — perguntou o piloto quando Justine pegou sua mala de mão na carreta perto do avião.

— Meu marido... acho. — Mas Seth não estava na pista.

Ela pegou um táxi para a cidade e ouviu, distraída, o motorista falar sobre a vida no litoral do Alasca. Ele a deixou num motel no litoral, com uma placa de néon meio apagada, onde se podia ler apenas TEL.

O quarto era pequeno, feio e melancólico, com o carpete bege manchado em muitos lugares. As cortinas e a colcha da cama eram de um estampado desbotado que não seria bonito nem quando novo.

Sentou-se na ponta do colchão fino, sentindo-se triste e perdida. Vir aqui tinha sido uma loucura, um sinal de como realmente estava desesperada. Agora que chegara ao Alasca, tinha de aceitar que a viagem fora uma perda de tempo.

Seu casamento parecera certo e perfeito apenas algumas semanas atrás, mas agora estava dominada por dúvidas. Não conseguia acreditar que

realmente se *casara* com Seth. Suspirou longa e dolorosamente. Mas precisava, simplesmente precisava saber que ele a amava. E, como só recebera notícias dele em raras ocasiões, estava começando a pensar que ele não a amava. Ou, antes, que o amor dele fora apenas uma paixão temporária, um desejo que agora estava satisfeito.

Bem, podia passar todo o fim de semana neste quarto de motel sentindo pena de si mesma ou podia tentar descobrir onde ele estava. Determinada a localizar o marido, ela se vestiu com suas roupas mais quentes e perguntou a Betty, a senhora que ficava no balcão de recepção, como chegar à fábrica de enlatados.

Estava a pé, mas era uma distância curta do motel até as docas. O vento lhe jogava os cabelos no rosto enquanto andava em direção às águas, as mãos enterradas nos bolsos. Como estava chegando ao fim a estação de pesca, havia muitos barcos ancorados ao longo do píer.

Justine conversou com diversos pescadores. Todos conheciam Seth e o pai dele, mas nenhum tinha qualquer informação para lhe dar. Desconsolada, tomou o caminho de volta ao motel.

Quando se virou, percebeu um grande barco de pesca comercial se preparando para ancorar, o imenso portaló voltado para o céu. Os portalós menores se estendiam como braços de aço de cada lado do barco. Um homem grande e musculoso, com a cabeça loura coberta por um boné azul, estava de costas para ela; tinha a mesma estrutura física, a altura e o colorido de Seth. Seria possível? Poderia ter tanta sorte? Apressando o passo, correu pela doca em direção ao barco de pesca.

— Seth! — gritou, mas o vento levou o chamado para longe. Mesmo assim, o homem devia ter ouvido alguma coisa por que se virou; *era* seu marido.

Quando a viu, deu um pulo gigantesco do barco e caiu sobre os dois pés nas docas.

Justine correu pelo píer de madeira e, com um grito de alegria, jogou-se nos braços dele. Ele a segurou com força pela cintura, erguendo-a no ar, beijando-a, e então todas as dúvidas, todas as perguntas desapareceram com aquele único e intenso beijo.

Justine ouviu homens rindo em algum lugar perto, mas ela mal os percebeu e, aparentemente, Seth também.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, tirando-lhe os cabelos do rosto, os olhos cheios de amor. — Como soube que já estávamos de volta?

— Não sabia... apenas rezei para você estar aqui.

Ele abaixou a boca para a dela e murmurou alguma coisa sobre preces não serem devidamente valorizadas antes de seus lábios tomarem os dela.

— Tenho um quarto no motel — sussurrou ela.

Seth olhou por sobre o ombro.

— Espere aqui.

Voltou correndo para o barco, pulou a bordo e rapidamente desapareceu sob o convés. Justine estava começando a se perguntar o que havia acontecido com ele quando Seth reapareceu com uma mochila escura no ombro.

Embora precisasse fazer a barba e tomar um banho, era o homem mais bonito, emocionante, inacreditável que jamais vira.

— Quanto tempo temos? — perguntou ele.

— Dois dias. — Passou o braço pelo dele e inclinou a cabeça em seu ombro. — Precisamos conversar, Seth.

— Nós vamos — prometeu, mas qualquer conversa viria em segundo lugar, se compreendera corretamente o brilho nos olhos dele.

— Vejo que encontrou seu marido — disse Betty quando chegaram ao motel.

— Encontrei — disse Justine, a voz cheia de felicidade.

Quando chegaram ao quarto, Justine já estava com a chave na mão, pronta para abrir a porta.

Seth tomou-a nos braços assim que a porta se abriu e carregou-a para dentro, acendendo a luz enquanto entravam. O que Justine achara feio e sem graça apenas uma hora antes, agora parecia uma suíte nupcial.

Seth a depositou de pé sobre o carpete usado e manchado, e suas mãos mergulharam nos cabelos dela, virando-lhe a cabeça em direção a ele, num beijo longo, apaixonado.

— Preciso tomar um banho de chuveiro — disse ele, impaciente. — Espere aqui um minuto.

— Certo — murmurou ela, os olhos fechados, ainda tonta com o beijo dele.

— Está com fome? — perguntou ele.

Justine abriu os olhos e mergulhou-os nos dele. Seth estava tirando o casaco e começara a desabotoar a camisa.

— Estou faminta — disse ela, mas ambos sabiam que não estava falando sobre comida.

— Oh, Jussie, eu também.

Ele era a única pessoa no mundo que ousava chamá-la assim.

— Não consigo acreditar que esteja aqui.

Tirou as roupas rapidamente e se sentou na beira da cama para tirar as botas. Ficou em pé e abaixou o zíper da calça. Mesmo com tanta pressa, demorou-se dobrando as roupas sobre uma cadeira e então, completamente nu, entrou no banheiro.

O banho de chuveiro que tomou foi o mais rápido já registrado na história dos banhos. Justine tirara os sapatos e o suéter por sobre a cabeça e começava a desabotoar a blusa quando ele voltou. A expressão intensa nos olhos dele a fez parar, e seus dedos congelaram no último botão.

Era ridículo se sentir tão tímida com ele. Eram casados e já haviam passado um glorioso fim de semana juntos como marido e mulher. Mas isto fora semanas antes e parecia um sonho.

Sempre sensível aos humores dela, Seth parecia ler seus pensamentos, sentir suas apreensões. Com uma ternura que lhe tornou os joelhos fracos, ele a puxou gentilmente para si. Sua boca era quente e úmida, e parecia que não havia uma parte dela que ele não quisesse beijar.

Logo a blusa foi fazer companhia ao suéter.

Os beijos pareciam ter o mesmo efeito de enfraquecer os joelhos dele porque logo se sentou na cama e passou os braços em volta da cintura dela. Beijou-lhe o ventre, então desabotou-lhe o sutiã e gemeu quando ela abaixou a boca para a dele.

Não muito tempo depois, ele a levou para a cama e se perderam num tumulto sensual que se prolongou até Justine ficar sem fôlego, totalmente exausta.

Nos braços do marido, com apenas um lençol cobrindo-lhes as pernas, ela descansou a cabeça no peito dele, um braço em torno de sua cintura.

Meio inclinado, as costas na cabeceira da cama, Seth passava os dedos pelos cabelos dela. Justine fechara os olhos, mas não porque estivesse com sono. Momentos assim precisavam ser saboreados, especialmente se tivessem que durar por mais algumas semanas.

— Não sei o que a trouxe aqui — murmurou Seth —, mas o que quer que seja, estou grato.

— Tinha que saber — disse ela, a voz mais um suspiro do que um som.

— Tinha que lhe perguntar se está arrependido por termos casado.

— Não — afirmou enfático e, erguendo-lhe o queixo, estudou-lhe os olhos. — Você está?

O sorriso dela cresceu lentamente. Sentindo-se deliciosamente relaxada e saciada, não teve problemas em dar a resposta que ele queria.

— Estou tão apaixonada por você que estou ficando louca. Quero que fiquemos juntos, Seth, detesto que você fique longe de casa.

— Tem sido difícil para mim também — disse Seth, a mão continuando o movimento suave. — Sempre adorei pescar, mas meu coração estava com você desde o momento em que parti.

Justine acariciou-lhe o ombro, deliciada com a pele lisa.

— Não contei a ninguém que viria aqui. Sabia que, se contasse a minha mãe ou a minha avó que viajaria para para me encontrar com você, elas diriam que seria impossível encontrá-lo, que as chances eram mínimas.

— Você sempre teve um incrível senso do momento — brincou Seth.

— Tenho mesmo, não tenho? — Roçou a face contra os músculos rijos do peito dele, amando sentir, ver, cheirar este homem. Descansou uma das pernas sobre as dele.

— Quando precisa voltar? — perguntou ele.

— No fim da tarde de domingo.

As mãos dele estavam de novo nos cabelos dela.

— Neste caso, temos de aproveitar o tempo que nos resta, não acha?

Justine concordou plenamente.

GRACE ACORDOU cedo na manhã de segunda-feira, sentindo um contentamento que há muito não experimentava. Buttercup, sua golden retriever, que dormia no chão ao lado da cama dela, levantou-se balançando a cauda vigorosamente enquanto Grace dobrava a coberta e se levantava.

— Bom dia, querida — disse ela pegando o roupão. Perguntou-se o que Dan pensaria se soubesse que tinha sido substituído por uma cachorra.

Buttercup seguiu Grace até a cozinha e saiu pela portinhola, cortada na porta dos fundos.

Enquanto a cachorra cuidava de seus assuntos, Grace fez um pote de café. Cantarolando baixinho, tomou um banho de chuveiro e escolheu um jeans e uma blusa quadriculada vermelha para ir para a biblioteca. Calçou sapatos vermelhos e então fez duas torradas para o café da manhã.

Quando chegou a hora de sair, Buttercup seguiu-a até o carro. Grace acariciou as orelhas da companheira, grata por saber que a cachorra estaria

à espera quando voltasse.

Buttercup era a perfeita companheira em casa; amorosa, obediente, confiável. Voltaria para a cozinha através da portinhola assim que Grace saísse. E então, quando Grace voltasse para casa, Buttercup sairia para cumprimentá-la de novo.

O dia estava ensolarado, mas a meteorologia previra chuva no fim da tarde. Grace amava os meses de outono; lembrou-se de que Dan também gostava deles. Tendo trabalhado como lenhador durante grande parte da vida, sempre se sentira em casa nas florestas. Apenas nos últimos anos, depois que o corte de árvores fora proibido na maior parte das florestas, Dan se empregara num serviço local que cuidava de árvores. Nunca se queixara, mas ela sabia que ele odiava o trabalho e ansiava em voltar para a floresta.

A tristeza voltara e Grace se obrigou a afastar os pensamentos do seu, em breve, ex-marido. Onde quer que Dan estivesse agora, desejava que encontrasse a felicidade.

Nunca fora capaz de fazê-lo feliz, mesmo nos primeiros anos. Tinham se casado muito jovens. Grace estava grávida de Maryellen quando terminaram o ensino médio. Casara-se com Dan e logo depois ele se alistara como voluntário e fora para o Vietnã, mas o homem que voltara não era o mesmo que partira. Quase 40 anos depois, ainda tinha pesadelos e lembranças que se recusava a partilhar. Ela nunca soube o que acontecera naquelas escuras florestas tropicais, e Dan sempre dissera que era melhor ela não saber.

Como de costume, o movimento era fraco numa segunda-feira pela manhã, depois da pesada atividade do fim de semana. Grace decidiu trocar o cartaz e pegou uma caixa com as figuras de um espantalho, um gato preto e uma abóbora.

Tinham conjuntos de cartazes montados para cada estação e feriado; o Dia de Ação de Graças seria o próximo, seguido pelo Natal. Estava trabalhando quando ouviu uma voz de homem atrás dela.

— Gostaria de ter um cartão da biblioteca — disse Cliff Harding à assistente de Grace, Loretta Bailey.

— Posso lhe conseguir um agora. — Loretta tirou um formulário e o colocou sobre o balcão, mas parou quando viu Grace observando-a.

Cliff olhou por sobre o ombro.

— Oi, Grace.

— Oi. — Esperava que sua voz não mostrasse como ficara agitada.

— Achei que era hora de ter um cartão da biblioteca, já que venho a Cedar Cove praticamente todas as semanas.

— Temos o mais alto percentual de pessoas com cartões da biblioteca de qualquer cidade do estado de Washington — informou Loretta orgulhosamente enquanto lhe entregava uma caneta.

— Estou impressionado — disse Cliff, enquanto seu olhar se voltava de novo para Grace.

Ela tentou ignorar a admiração no olhar dele, mas não conseguiu e, desajeitada, deixou cair uma tacha, que rolou pelo chão. Debruçando-se para pegá-la, quase bateu a cabeça na de Cliff Harding, que também se abaixara.

Ele estava usando as mesmas roupas de estilo do Oeste que usara antes, completas com botas e um chapéu Stetson. Ela até pensou ter sentido cheiro de feno nele.

— Já está preparada para jantar comigo? — perguntou num sussurro melodramático enquanto os dois estavam abaixados.

Ela olhou para Loretta, que estava estudando cuidadosamente um papel, mas Grace não se deixou enganar. Sua colega estava profundamente interessada na resposta de Grace, talvez mais do que Cliff.

— Eu... acho que não. — Podia sentir o calor que lhe cobria o rosto. O interesse dele a deixava desconfortável e fora de seu elemento. Seu último encontro tinha sido com Dan, quando ambos eram adolescentes. Isto acontecera havia mais de 40 anos... em outro século! O mundo era um lugar completamente diferente agora.

— Então aceitaria tomar um café comigo? — convidou Cliff.

Antes que Grace pudesse responder, Loretta ficou na ponta dos pés, debruçou-se sobre o balcão e sorriu para eles.

— Você pode ter seu intervalo para café, se quiser.

Grace resistiu à vontade de gemer alto.

— O Pancake Palace? — sugeriu Cliff, sorrindo como um menino. Parecia grato pelo encorajamento de Loretta, mesmo se Grace não estivesse animada.

— Cinco horas — disse ela, sem muito entusiasmo.

O sorriso dele se abriu mais enquanto se levantava.

— Estarei lá.

Grace ficou em pé e olhou fixamente para Loretta, enquanto Cliff se dirigia para a porta.

— E o seu cartão da biblioteca? — perguntou Grace.

Cliff não parou de andar.

— Preencho o formulário da próxima vez que passar por aqui.

Às 5h, Grace ainda não tinha certeza se iria ou não se encontrar com Cliff Harding, mas as boas maneiras venceram. Podia estar nervosa por encontrá-lo, mas concordara em ir e Grace acreditava em manter a palavra dada.

Cliff se levantou do banco acolchoado do restaurante quando ela se aproximou.

— Não tinha certeza se viria — disse ele, calmo.

— Eu também não — admitiu ela, sentando-se no banco vermelho em frente a ele. Sem olhar para Cliff, mudou a posição do vaso de cerâmica sobre a mesa.

Cliff ergueu uma das mãos para chamar a atenção da garçonete.

— Estou indo — anunciou Goldie de trás do balcão.

A garçonete idosa trabalhava no Pancake Palace desde que Grace podia se lembrar... desde os anos em que fizera o ensino médio. Fora uma nova funcionária, não Goldie, que fizera a confusão com os cartões de crédito.

Trazendo o pote de café de louça, Goldie serviu Grace primeiro, depois encheu de novo a xícara de Cliff.

— Vocês dois pretendem se demorar? — perguntou a Grace. — O pessoal da Câmara de Comércio vem jantar.

Esta era a forma sutil de Goldie informar a Grace que, se não quisesse que toda a comunidade de negócios soubesse que estava tomando café com Cliff, seria melhor tornar o encontro breve.

Grace quis beijar a mão de Goldie.

— Não vamos demorar.

— Depende de vocês — assegurou Goldie com uma piscadela.

— Obrigado — disse Cliff.

— Sim, obrigada, Goldie.

Agora que tinha a atenção de Grace, Cliff fixou o olhar no café, evitando o contato visual.

— Tenho uma boa ideia de como está se sentindo agora.

Grace sinceramente duvidava.

— Tem?

— Você está nervosa, um pouco agitada e seu estômago está cheio de borboletas voando. Acertei?

Acertara em cheio.

— Acertou. Como sabe?

— Porque é assim que estou me sentindo.

— Você disse que está divorciado há cinco anos? Isto significa que esta tensão na presença de uma pessoa do sexo oposto continua indefinidamente?

— Sim.

— Quer discutir isto? — Ajudaria se falasse sobre ele mesmo, porque não tinha a intenção de comentar os detalhes particulares da vida *dela*.

— Não particularmente.

— Filhos?

— Uma filha. É casada e vive na Costa Leste. Conversamos todas as semanas e vou visitá-la uma ou duas vezes por ano.

Pelo menos se mantinha em contato com a filha, ao contrário de Dan, que abandonara Grace e as filhas.

— Susan... minha mulher... se apaixonou por um colega de trabalho — disse Cliff. Sua mão se apertou em torno da xícara e ela percebeu o espasmo de um músculo no queixo dele. — De acordo com o que ela disse na época, nunca foi feliz comigo.

— É feliz agora?

— Não sei. Depois do divórcio me aposentei e me mudei para Olalla — disse ele, mencionando uma comunidade local, 15km ao sul de Cedar Cove.

— O pessoal de lá a chama de Ou-la-la — disse Grace.

— Posso compreender, é lindo. Tenho 40 acres de terra e crio cavalos.

— Isto parece adorável.

— É, exceto por uma coisa. — Olhou nos olhos de Grace. — Sinto-me sozinho.

Isto era uma coisa que Grace entendia bem demais. Seu casamento nunca fora completamente feliz mas, ao longo dos anos, Grace e Dan aprenderam a ficar contentes um com o outro. Havia muito a elogiar no contentamento... conversas agradáveis durante o jantar, uma noite fora para ir ao cinema, ricas experiências compartilhadas. Dan geralmente estava em casa quando ela chegava do trabalho; agora havia apenas Buttercup.

— Estou procurando uma amiga — disse Cliff. — Alguém disposta a ir a um concerto comigo de vez em quando, é tudo.

Grace achou a ideia atraente.

— Seria ótimo.

— Esperava você pensasse assim. — Sem tom era gentil e encorajador.

— Mas — apressou-se ela a acrescentar — apenas depois do divórcio.

— Tudo bem — disse Cliff.

— Mais uma coisa. — Ela lhe encontrou os olhos de novo. — Eu telefonarei da próxima vez. De acordo?

Ele hesitou.

— De acordo, mas isto significa que não quer que eu vá à biblioteca?

— Você será sempre bem-vindo — disse ela —, desde que seja sobre assuntos da biblioteca.

— Claro, — Ele pegou a xícara e levou-a a boca, mas não antes de Grace ver seu sorriso. Ela teve uma suspeita de que ele se tornaria um cliente muito frequente da biblioteca.

AS COISAS estavam tensas entre Rosie e Zach desde a noite do encontro de pais e mestres na escola de Eddie.

Rosie culpava o marido. Zach simplesmente não percebia nem valorizava o quanto ela fazia. Parecia pensar que ficava sem fazer nada em casa, vendo novelas na televisão o dia todo enquanto ele estava no escritório. Não compreendia como sua vida era complicada, o quanto era ocupada. Algumas vezes saía antes dele e só voltava bem tarde. Agora, Zach esperava que ela fizesse um jantar de quatro pratos depois de todas as suas atividades durante o dia, pensava ela com raiva.

Pedira-lhe que fosse ao encontro na escola de Eddie e ele ficara zangado com ela por dias depois disso. Eddie era filho de Zach também, e um encontro com a professora dele era uma coisa pequena. No entanto, Zach tinha reclamado a noite toda. Primeiro por ter que pedir uma pizza para o jantar, depois por causa dos pimentões. Recusara-se a usar o terno para o encontro na escola e... Mais tarde naquela noite, apesar de seus esforços, o descontentamento recíproco escalara para uma briga feia. Também não tinham chegado a um acordo nos dias que se seguiram.

Depois de duas semanas desta bobagem, um deles precisava fazer um gesto de conciliação. Apesar de ter ficado acordada até depois de meia-noite, lendo o relatório da comissão para a Associação de Pais e Mestres, Rosie se levantou bem cedo e preparou bacon com ovos para o café da

manhã, uma primeira refeição substancial para a família. Esperava que Zach percebesse que estava tentando e que isto o acalmasse.

Rosie quebrou os ovos na frigideira quando ouviu Allison se levantar. Os meninos tinham horários diferentes agora que Allison estava no ensino médio, e era difícil coordenar as refeições da família.

Mas, se era importante para o marido que ela passasse metade da manhã diante do fogão, ela o faria para manter a paz.

— Estou fazendo ovos mexidos para você — disse à filha quando Allison entrou na cozinha.

— Detesto ovos — disse Allison, jogando a mochila sobre a mesa.

— Desde quando?

A filha olhou-a como se Rosie fosse mentalmente retardada.

— Desde sempre.

— Esqueci. — Rosie se lembrou vagamente de brigas antigas sobre o café da manhã. — Então, que tal um pouco de bacon?

— Eca! — A filha abriu a geladeira e tirou uma soda.

Rosie ficou espantada.

— Não pode tomar isto!

— Por que não? — Allison olhou-a com desprezo. — Tomo uma soda todas as manhãs. Por que não posso tomar agora?

— Está bem, se é isto que quer. — Não valia a pena brigar. Todos os livros que Rosie lera sobre criar adolescentes recomendavam escolher cuidadosamente as brigas. Aceitar que ela tomasse soda no café da manhã parecia uma concessão menor quando comparada a não deixar que ela fizesse um *piercing* no nariz.

Rosie desligou a frigideira, derramou os ovos mexidos em dois pratos e juntou a eles o bacon frito. Foi para o corredor, bateu na porta do quarto de Eddie e abriu-a. O quarto era uma área de desastre ambiental e, evitando olhar a confusão, foi até a cama. Eddie estava espalhado na cama, o cobertor no chão.

— Está interessado em tomar café da manhã?

Eddie ergueu a cabeça e piscou.

— Mãe?

— Você quer tomar café da manhã? — repetiu.

Ele se sentou, de repente completamente acordado.

— Claro! — disse ele, entusiasmado.

Agora as coisas estavam melhores.

— Aqueles de chocolate são os meus prediletos.

— Chocolate o quê?

— Pop-Tarts.

— Fiz ovos mexidos e bacon.

Eddie franziu o nariz, como se ela tivesse sugerido que ele comesse lesmas.

— Não, obrigado. — Deixou-se cair de novo no travesseiro e pegou o cobertor no chão.

Tudo bem, agora só faltava um. Entrando no quarto do casal, encontrou Zach saindo do closet, vestido de terno e gravata.

— Fiz o café da manhã — disse ela, um pouco rígida.

Ele assentiu, como se aprovasse.

— Quer comer agora?

— Agora não posso — disse ele, olhando o relógio. — Tenho um compromisso no começo da manhã.

Isto foi mesmo ótimo, maldição! Ninguém dava valor aos esforços que fazia ou ao fato de que estava trabalhando com menos de cinco horas de sono. Virando-se abruptamente, Rosie voltou para a cozinha, jogou o bacon gelado e os ovos na lata de lixo e abriu com força a máquina de lavar pratos. Jogou dentro os pratos sujos.

Zach entrou na cozinha.

— Estou saindo.

— Tenha um bom dia — resmungou ela.

— Você também.

Zach parou em frente à porta que levava à garagem.

— Quer se encontrar comigo hoje para o almoço?

Então Zach *compreendera* o que ela estava fazendo. E agora ele também fazia uma abertura.

— É uma ideia adorável — sorriu para ele, que sorriu de volta.

— Onze e meia?

Rosie assentiu e ele se aproximou e beijou-lhe o rosto.

— Papai — chamou Allison, correndo para a cozinha. — Pode me dar uma carona?

— Só se você correr.

— Não demoro nem um minuto.

— Espero você no carro.

Allison correu para o quarto e voltou dois segundos depois com o suéter, agarrando a mochila enquanto passava pela mesa.

— Tem o dinheiro para o almoço? — perguntou Rosie.

— Hã? Claro que tenho. — Allison beijou-lhe o rosto, da mesma maneira que Zach beijara, e saiu.

Assim que saíram, Eddie apareceu na porta da cozinha.

— Meu Pop-Tart está pronto?

— Quase — resmungou, enquanto procurava nos armários a caixa do alimento predileto do filho para o café da manhã.

Uma hora depois, Eddie saiu para pegar o ônibus escolar e Rosie arrumou a cozinha, ligando a lavadora de pratos. Ainda em seu velho roupão, foi para o quarto e abriu uma das gavetas da cômoda para pegar lingerie limpa.

Só quando estava debaixo do chuveiro se lembrou de que tinha que estar na escola ao meio-dia como voluntária para o almoço da turma de Eddie. Gemeu e ergueu o rosto para a água. Também precisava sair à noite.

E, ao pensar nisso, Rosie se lembrou de que Zach não gostara quando ela assumira a posição de presidente do comitê da Associação de Pais e Mestres. Aceitara a posição um ano antes e prometera a ele ficar até o fim do semestre e abandonar o posto. Mas em junho ninguém aceitara substituí-la e Rosie não teve escolha a não ser continuar como presidente.

Rosie se vestiu e estava prestes a ligar para o escritório de Zach quando o telefone tocou. Meia hora depois, corria para sair de casa, para resolver uma emergência relacionada às novas roupas dos membros do coral da igreja. De alguma forma, o pedido tinha sido trocado pelo de outra igreja em algum lugar da Flórida. Era fundamental que as novas roupas chegassem antes do fim do mês.

Na igreja, ela voltou a embalar as roupas, deu meia dúzia de telefonemas e levou as caixas ao correio para devolvê-la à empresa. Só às 11h30 percebeu que ainda não tinha telefonado para Zach. Pegando o celular, ligou para o número do escritório do marido.

— Smith, Cox and Jefferson — respondeu uma agradável... e desconhecida... voz feminina.

Rosie parou o carro num sinal vermelho.

— Sou Rosie Cox. Posso falar com meu marido, por favor?

— Alô, sra. Cox, sou Janice Lamond. Acho que não nos conhecemos.

— Não.

O sinal ficou verde e Rosie continuou seu caminho.

— Lamento, mas o sr. Cox não está no escritório. Pelo que entendi, ele ia se encontrar com a senhora.

Não tinham combinado de se encontrar em lugar nenhum, pelo menos não que ela se lembrasse. Onde diabos iria Zach?

Pense, pense, ordenou a si mesma.

— Ele levou o celular?

— Lamento, não levou. O sr. Cox disse que não queria receber nenhum telefonema.

Rosie gemeu.

— Ele lhe disse para onde iria?

A mulher hesitou.

— Acho que ele mencionou D.D.'s, na Cove.

É claro. Era seu restaurante favorito e Zach sempre a levava lá para comemorar seu aniversário.

— A senhora vai se atrasar? — perguntou Janice. — Se quiser, posso ligar para o restaurante e avisá-lo.

— Não posso ir almoçar — resmungou Rosie, realmente pesarosa.

Zach nunca a perdoaria, especialmente quando soubesse que tivera de cancelar o almoço porque tinha se oferecido de novo como voluntária.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — Zach nunca mencionara como esta nova funcionária era prestativa e Rosie já gostava dela. Parou o carro no estacionamento da escola e desligou o motor.

— Você se incomodaria de ligar para ele por mim?

— Seria um prazer.

— Muito obrigada.

— Gostaria que dissesse a ele onde a senhora pode ser encontrada?

— Não — disse rapidamente, sem querer que Zach lhe telefonasse em meio às atividades voluntárias. — Diga a ele que explicarei tudo em casa.

— Cuidarei disto imediatamente — disse Janice.

Rosie ficou satisfeita com a nova assistente da firma, tão cordial e prestativa.

Se Zach estava aborrecido por ela não ter aparecido no almoço, não demonstrou quando entrou em casa aquela noite. Rosie estava descongelando hambúrgueres no micro-ondas para fazer com espaguete, o jantar favorito de Eddie, quando ele entrou. Como sempre, ela estava com pressa de sair.

Rosie tentou descobrir como estava o humor dele.

— Desculpe sobre o almoço — disse ela.

Zach deu de ombros enquanto olhava a correspondência.

— Tudo bem.

— Eu devia verificar na minha agenda. A assistente conseguiu falar com você pelo telefone?

— Na verdade, ela foi se encontrar comigo.

— Você almoçou com sua secretária? — Rosie não tinha certeza se gostava disso.

— Ela não é minha secretária, é minha assistente — explicou ele, de costas para ela. — Saí cedo do escritório porque queria uma mesa perto da janela. Quando Janice telefonou dizendo que você não ia, eu disse que era uma pena perder a mesa. Estava apenas brincando quando sugeri que ela fosse se encontrar comigo, mas ela levou a sério e foi.

— Oh. — Rosie ficou em silêncio por um momento. — Teve um bom almoço? — Ela comera uma barra de cereal comprada numa máquina.

— Foi tudo bem — resmungou e começou a andar em direção ao quarto, mas ela percebeu que ele estava assobiando.

— Posso me encontrar com você para almoçar qualquer dia da próxima semana — disse ela.

— Desculpe, doçura, tenho compromissos para todos os dias — disse ele, passando por ela.

Capítulo

Quatro

FAZER AS unhas a cada duas semanas era o único luxo de Maryellen. Embora ter as unhas maravilhosamente bem-feitas fosse uma extravagância, não conseguia desistir. Mais ainda do que este pequeno prazer, porém, Maryellen gostava da amizade com as “meninas” do Get Nailed. Tinham idades próximas à dela, mas, ao contrário de Maryellen, queriam homens em suas vidas.

A cada segunda quarta-feira pela manhã, Maryellen ouvia enquanto elas lamentavam sua sorte. Distraía-se com os esquemas malucos que inventavam para encontrar homens. Francamente, não podia compreender por que Rachel, sua manicura favorita, ainda não encontrara um homem decente. Maryellen a considerava atraente e sensata.

Na terceira quarta-feira de outubro, Maryellen chegou no horário marcado e, como sempre, Rachel estava esperando por ela. Assim que Maryellen se sentou, Rachel molhou um pedaço de algodão com acetona e tomou-lhe a mão.

— Como vão as coisas? — perguntou Rachel.

— Ótimas, e com você? Conheceu alguém no último fim de semana?

— Gostaria — respondeu Rachel com um longo suspiro. — Não estou ficando mais jovem.

Maryellen sabia que Rachel tinha o objetivo de encontrar um marido quando fizesse 30 anos, e seu aniversário seria alguns meses mais tarde.

— Li uma coisa interessante esta semana — disse Maryellen. — Sobre uma cidade na Irlanda chamada Lisdoonvarna. A cada mês de setembro e na primeira semana de outubro, homens solteiros chegam à cidade à procura de esposas. Aparentemente, é uma tradição que se repete há algum tempo.

— Isto é uma brincadeira, certo? — perguntou Terri do outro lado do salão.

— Não, garanto que é verdade.

— De onde vêm estas mulheres? — perguntou Rachel.

— Do mundo inteiro. De acordo com o artigo, uma mulher viajou da Austrália até lá para encontrar um marido... e encontrou.

— Não tenho dinheiro para ir à Irlanda — resmungou Rachel.

— Não, mas talvez possamos fazer aqui mesmo nosso festival — sugeriu Terri.

— Vocês podem mesmo — disse Maryellen, querendo encorajar as outras mulheres. Não se envolveria, mas esperava que as funcionárias do Get Nailed fizessem alguma coisa com a ideia.

— Uma Feira de Casamento? — A voz de Terri ficou mais rápida com o entusiasmo.

— Sim, mas quem iria? — perguntou Rachel. — Posso até ver. Estaríamos nas manchetes porque vamos fazer uma festa para encontrar maridos em potencial e nenhum homem aparecerá.

— Talvez você esteja certa — disse Terri com um suspiro desanimado.

— Se quiser acabar com um relacionamento, tudo o que tenho a fazer é dizer a palavra *casamento* e o homem me larga como se eu fosse uma batata quente. — Rachel franziu a testa enquanto se concentrava na unha do polegar de Maryellen.

— Você está certa — disse Jane, outra manicura, e acrescentou: — Tudo é fácil demais para os homens na América. — Houve um coro de concordância.

— Eu desistiria do príncipe encantado. Ficaria feliz se encontrasse um homem que cuidasse do próprio cavalo — disse Rachel.

Maryellen sorriu e a loura e miúda Jane também.

— Na verdade, esqueça sobre o cara cuidando do cavalo — continuou Rachel. — Aceitaria um homem que soubesse trocar o óleo do meu carro.

— Tive encontros com um cara como este uma vez — disse Terri. — A cabeça de Larry estava o tempo todo debaixo de um carro. Estava muito mais interessado em ouvir o som do motor do que em mim. Foi muito ruim porque ele era mesmo um cara legal.

— Por que você terminou com ele?

— Ele sujou com graxa minha blusa branca de seda.

— Você terminou com um grande sujeito por que ele estragou sua blusa? Terri assentiu.

— O que posso dizer? Aquela blusa me custou 70 dólares e Larry achou que não era nada demais. Acho que, se um cara não consegue valorizar uma blusa de 70 dólares, então não quero nada com ele.

— Gostaria de encontrar um homem que tivesse dinheiro — disse Jane. — Todos com quem saí esperavam que eu pagasse a conta porque estavam sempre quebrados.

— Uma vez conheci um cara rico, mas era um chato de galocha — disse Jeannie, entrando na conversa. — Saímos juntos por três meses e rompi por que me divertia mais lavando o cabelo.

— Prefiro um cara chato a um quebrado qualquer dia da semana — informou Jane.

— E você, Terri? Que tipo de homem lhe interessa? — perguntou Maryellen. Terri se vestia em cores fortes e ousadas e era alta e grande, com olhos escuros e sonhadores.

— Queria um homem que goste de boa comida e não tenha medo de uma mulher que gosta de comer — disse ela sem hesitação. — Estou cansada de homens que preferem mulheres magras. Quero um homem que me leve a um restaurante de luxo e me diga para pedir o que eu quiser, desde a entrada até o prato principal e me aconselhe a deixar lugar para a sobremesa. Melhor ainda, gostaria de um homem que soubesse cozinhar, que sentisse prazer nisso. — Olhou em torno do salão. — Alguém conhece um homem assim?

Um silêncio súbito cortou a conversa animada.

— Bem, na verdade, conheço um homem que cozinha — disse Maryellen lentamente, pensando em Jon Bowman. — Jon é *chef* de um restaurante maravilhoso.

— Por que rompeu com ele? — perguntou Rachel.

— Nós nunca, hã, saímos juntos. — Nem saíam, apesar de sua curiosidade. Maryellen adorava o trabalho de Jon e, como pessoa, tinha curiosidade sobre ele, mas seu interesse não era romântico. Sem homem em sua vida, não importava o quanto fosse atraente: esta era a regra número um. — Estou disposta a apresentá-lo a você, Terri, se quiser.

— Está? — A voz da mulher se ergueu com entusiasmo.

— Então, o que faremos a seguir? — perguntou Rachel olhando em torno do salão. — Parece que todas tivemos encontros que atendem aos critérios de outras, o que é ótimo, mas não está ajudando a nenhuma de nós no momento.

— Podíamos fazer uma festa — disse Jeannie. — Podemos arrastar nossos ex-namorados para as outras escolherem.

— Uma exposição de antigos amantes — sugeriu Terri.

A cliente dela riu e as outras mulheres acompanharam.

— Vou vestir minha blusa preta — disse Rachel, decidida. — Não me importo se Larry a arruinar. — Então, olhando para Maryellen, sussurrou. — Não posso me dar ao luxo de ser exigente, meu carro está péssimo.

Jane pegou o calendário.

— Podemos fazer uma festa de Halloween — anunciou. — O que vocês acham?

O consenso imediato foi de que uma festa de Halloween era uma ótima ideia.

— Isto nos dará pouco mais de duas semanas para ter algumas ideias engraçadas. Vamos nos organizar.

— Sim.

— Podem apostar.

— Contem comigo.

Maryellen não soube bem como aconteceu, mas, com relutância, logo se viu envolvida.

— Como vamos conseguir levar os caras? — perguntou Jane, a mais prática do grupo. — Não acho que Floyd esteja interessado em sair comigo de novo.

— Larry pode estar casado, pelo que sei.

— Convidem — disse Maryellen. — E vocês precisam ser francas com eles. Expliquem ao homem que vão levá-lo à festa como seu convidado, mas que ele vai encontrar outra mulher quando chegar lá.

— Vou dizer a Larry que alguém está louca para conhecê-lo — disse Terri.

— Perfeito! — Rachel parecia totalmente entusiasmada.

Quando Maryellen saiu do Get Nailed, sua cabeça rodava. Realmente não pretendia se tornar parte do esquema, embora tivesse dado a ideia.

Não sabia como as outras pretendiam lidar com isto, mas certamente não esperaria até o último minuto para falar da festa com Jon. Quando Terri falara sobre querer encontrar um homem que gostasse de comida, pensara imediatamente em Jon. Ao analisar o que acontecera, Maryellen se arrependeu de ter mencionado o nome dele. Não sabia o que a levaria a fazê-lo. Provavelmente porque pensava tanto nele desde seu último encontro.

Seu último conjunto de fotos era seu melhor trabalho até agora e quase lamentava que tivessem vendido tão rapidamente.

Pensando que havia sugerido às outras uma abordagem direta, sentiu-se obrigada a seguir o próprio conselho; esperou uma semana, então ligou para ele.

Jon respondeu no segundo toque.

— Alô.

— Jon, alô, é Maryellen Sherman. — Hesitou, esperando algum tipo de reconhecimento. — A gerente da Harbor Street Art Gallery — acrescentou.

— Sim, eu sei.

Podia jurar que a voz dele parecia divertida, o que apenas a deixou mais aflita.

— Fui convidada para uma festa de Halloween — disse ela, apressando-se a explicar o motivo do telefonema. — Cada uma tem que levar um ex-namorado... bem, não um ex-namorado, exatamente. Pediram que cada uma levasse alguém, um homem, para ser apresentado a outra mulher. Tenho uma amiga que é adorável e gosta de comer. — Fez uma careta, pensando que isto parecia esquisito, mas continuou: — Ela gosta de comer e, bem, seu maior desejo é conhecer um homem que goste de cozinhar, então naturalmente pensei em você. — Percebeu que estava falando demais e se calou.

Não houve resposta.

— Você estaria interessado em ir à festa? — perguntou ela, finalmente. — Não teria nenhuma obrigação, basicamente estaria me fazendo um favor.

— Em conhecer esta amiga sua.

— Sim.

— A que gosta de uma boa refeição.

— Sim. O nome dela é Terri, e é muito divertida. Acho que vai gostar dela.

— Você vai estar lá?

Maryellen suspirou.

— Sim, é claro, vou apresentar você a Terri. Então... o que acha?

— Posso lhe dar a resposta mais tarde? — perguntou, depois de outra longa pausa.

— É claro. — Pensou que devia se sentir encorajada por ele não ter recusado de imediato.

— Então, manterei contato.

— Ótimo.

— Escute, antes de desligar, teve oportunidade de ver minhas fotos?

— Oh, sim, e elas são fabulosas! Já vendi todas elas. Estava esperando que me trouxesse mais.

— Estou cuidando disso.

— Ótimo. — Esta era a mais longa e mais envolvente conversa que tiveram nos três anos de seu relacionamento de trabalho.

— Você não veio ao André's — disse Jon. — Estava ansioso para cozinhar para você.

— Fiquei contente com o convite, realmente fiquei, mas receio dar uma impressão errada. Como expliquei, sou divorciada, não vou me casar de novo e esta festa é apenas uma coisa de amigos.... Se você vier será fabuloso, mas apenas por que quero que conheça Terri. Oh, eu lhe disse que será no bar do The Captain's Galley? — Ela conseguiu dizer tudo num fôlego só. — Na noite de Halloween — acrescentou.

— Eu lhe telefono de volta.

Maryellen pensou que era bom o bastante.

DEPOIS DE dois dias e noites gloriosos com o marido, Justine não tinha mais dúvidas sobre seu casamento. Estava mais apaixonada do que considerava possível. Voar para o Alasca assim, num impulso de momento, sem fazer arranjos, tinha sido uma loucura, e, no entanto, encontrara Seth. Justine considerou isto um sinal de que Seth estava realmente destinado a ser seu marido.

Em poucas semanas ele estaria em casa e então poderiam conversar sobre o futuro e fazer planos para suas vidas. Havia tantas coisas importantes que queria perguntar a ele. Mas quando estavam juntos nada parecia ser importante, apenas estar nos braços de Seth, partilhando seu amor.

Justine prometera a si mesma que, se Seth pedisse, ela viveria a bordo do seu barco pelo resto da vida. Mas suspeitava que ele provavelmente preferia se mudar para o apartamento dela. Ficar no apartamento era mais prático do que viver na marina.

Contara a ele sobre as vezes em que dormira no barco em suas noites de maior desespero, procurando se sentir mais perto dele. Pela reação de Seth, percebeu que ficara emocionado com seus temores. Beijara-a de novo e de novo enquanto ela descrevia suas dúvidas, todo o tempo murmurando

palavras de promessas e confiança. Justine voltou do Alasca se sentindo profundamente amada.

Na noite da sexta-feira seguinte, Justine foi à casa da mãe na Lighthouse Road. Não estava evitando Olivia, mas também não a procurara. Quando Justine parou em frente à grande casa de dois pavimentos, com a ampla varanda, a mãe já estava à porta esperando por ela.

— Oi, mãe.

— Justine! Estou tão feliz em ver você — disse Olivia, abraçando-a com força. — Não vem aqui há séculos.

— Estive ocupada... na verdade, no fim de semana passado voei até o Alasca para ver Seth.

— Você foi ao Alasca? Podia ter avisado a alguém que iria. — A nota de desaprovação estava de volta, mas Justine preferiu ignorá-la.

— Está certa, devia — concordou, calmamente. Não estava lá para brigar com a mãe.

— Entre — insistiu Olivia, fechando mais o agasalho em torno do corpo. — Está frio esta noite.

Justine obedientemente seguiu a mãe até a cozinha, o aposento mais confortável da casa, e parecia natural ficar lá.

— Chá? — perguntou Olivia.

Era um de seus antigos rituais.

— Por favor.

A mãe se voltou enquanto punha água para ferver.

— Como está Seth?

— Maravilhoso. Voltará para casa em breve. Sinto tanta falta dele e por isto fui ao Alasca... não conseguia suportar ficar tão longe de Seth e eu tinha a milhagem certa no cartão de crédito. Telefonei para a empresa de aviação, comprei um bilhete e fui... sem sequer pensar se o encontraria ou não. Tive medo de lhe contar e você tentar me fazer mudar de ideia.

— Você fez tudo isto para estar com seu marido? — perguntou a mãe.

— Oh, sim. Eu realmente o amo demais, mãe.

Justine esperava que esta informação fosse exatamente o que a mãe queria ouvir, mas, em vez disso, Olivia estava franzindo a testa.

— O quê? — perguntou Justine.

Olivia puxou uma cadeira e se sentou em frente à filha.

— Seth sabe que você almoçou com Warren?

Então estava explicado; a mãe sabia. E, por falar nisto, também Seth. E, embora ele não lhe tivesse pedido para não se encontrar com Warren de novo, percebeu que não gostara de ela ter aceitado seu convite para almoçar. Justine ficara um pouco surpreendida com isto, mas não o faria de novo.

— Warren quer você de volta, não quer? — disse a mãe quando ela não respondeu de imediato.

— Eu lhe contei que Maryellen Sherman e eu almoçamos juntas esta semana? — perguntou Justine, mudando de assunto de propósito. Warren era um assunto sobre o qual não queria conversar. — Ela queria dar os parabéns a Seth e a mim.

Olivia pôs a tigela de pacotes de chá no centro da mesa.

— Então você prefere não falar sobre Warren.

— Isso mesmo.

Olivia ergueu os ombros e acenou com firmeza.

— Então está certo. Mas me conte sobre Seth, quando ele voltará.

Justine lhe deu todos os detalhes e, quanto mais falava, mais relaxada a mãe ficava... e Justine compreendeu o motivo. Sua mãe finalmente tinha total confiança em seu amor por Seth. Olivia agora sabia que nada do que Warren dissesse ou fizesse mudaria o modo como Justine se sentia sobre o marido.

— Como está Maryellen? — perguntou Olivia enquanto servia uma segunda rodada de chá. — Vejo Grace toda semana em nossa aula de aeróbica, mas raramente temos a oportunidade de conversar. — Ela riu. — Na verdade, precisamos de toda a nossa energia apenas para respirar. Maryellen lhe contou que Grace pediu o divórcio?

Justine acenou.

— Por falar nisto, o que aconteceu com o casamento de Maryellen? Nunca pensei em perguntar a ela antes.

Justine tinha apenas 14 anos na época. Tudo de que se lembrava era de sua mãe e Grace, a melhor amiga dela, conversando muito ao telefone. Maryellen tinha voltado para casa por algum tempo e retomara seu nome de solteira, como se nunca tivesse se casado.

Sua mãe pôs uma colher de açúcar no chá e mexeu.

— Acho que ninguém sabe, nem mesmo Grace. Quando Maryellen se casou, eu me lembro de Grace me dizer que não considerava Clint Jorstad um bom marido para a filha.

— Aparentemente tinha razão — disse Justine. Então um pensamento amedrontador lhe ocorreu. — O que sente sobre mim e Seth? — perguntou, erguendo olhos cheios de esperança para a mãe, confiando em seu julgamento e sabedoria.

— Oh, Justine, acho Seth maravilhoso. Não poderia estar mais contente com vocês dois. Seth é perfeito para você.

Justine sorriu.

— Eu também acho, mãe, realmente acho.

Pela primeira vez em muito tempo, pensou no irmão. Seth e Jordan eram muito amigos e então Jordan morrera afogado no verão em que os três tinham 13 anos.

Seth estava no Alasca com o pai e só soube do acidente depois que voltara para casa. Justine estava com Jordan naquele dia horrível de agosto. Segurara o corpo sem vida do irmão até os paramédicos chegarem.

Era seu gêmeo, seu irmão e amigo. Todo o seu mundo mudara naquele verão. Apenas alguns meses depois, seus pais se divorciaram e, num prazo chocantemente curto, o pai se casara de novo. O irmão mais moço, James, parecia não sentir o desaparecimento da segurança da família, mas Justine sentira tudo, vivera tudo.

— Em que está pensando? — perguntou-lhe a mãe, um leve franzido na testa.

Justine balançou a cabeça.

— Nada importante — disse ela, o que não era verdade.

Mas não queria reviver a lembrança que nunca deixara de doer. A única morte da qual sua mãe nunca se recuperara. Tomando o resto do chá, levou a xícara e o pires para a pia e disse:

— Preciso voltar para casa.

— Obrigada por ter vindo. — Olivia tocou o rosto de Justine. — Estou emocionada por você e Seth. Sinceramente.

— *Estou* feliz, mãe — disse Justine e impulsivamente abraçou a mãe. — Não vou mais demorar tanto para vir vê-la.

— Ótimo. — Olivia acompanhou-a até a varanda e acenou enquanto Justine se afastava.

Quando Justine voltou ao prédio onde ficava seu apartamento, encontrou um bilhete do administrador preso na porta; dizia que havia recebido uma entrega para ela.

Depois de deixar a correspondência no apartamento, correu para o escritório do gerente e descobriu que um enorme arranjo de flores havia chegado. O grande vaso de cristal estava cheio com cravos, lírios cor-de-rosa, iris e muitas outras flores que não conhecia, além de galhos verdes e delicados.

Só podia ser de Seth, e Justine mal podia esperar para ler o cartão. Seth a amava, estava com saudades e seu doce, maravilhoso marido devia ter compreendido que precisava de uma ajuda emocional para viver longe dele as semanas seguintes.

Justine descobriu quase imediatamente como estava enganada. Apenas uma palavra estava escrita no cartão.

Warren.

Ela gemeu de desapontamento e jogou o cartão sobre a bancada da cozinha. Pôs o vaso descuidadamente sobre a mesa, encolhendo-se cada vez que o via.

Uma hora mais tarde, quando olhava a geladeira procurando alguma coisa de preparo fácil para jantar, a campainha da porta tocou. Abriu-a e encontrou Warren Saget em pé diante da porta, usando um terno espalhafatoso de mil dólares e um sorriso ainda mais espalhafatoso.

— Oi, Justine.

— Oi, Warren — disse ela sem entusiasmo.

— Você recebeu minhas flores?

Ela não o convidou para entrar.

— Recebi, mas queria que não as tivesse mandado.

— Queria agradecer por almoçar comigo.

Ela adivinhara.

— Foi muito gentil.

Ele a olhou nos olhos, então olhou para a maçaneta da porta.

— Posso entrar?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Se sua mãe soubera do encontro para o almoço, Justine se perguntou quantas outras pessoas da cidade também já sabiam. Não tinha intenção de aumentar os boatos deixando Warren visitá-la em seu apartamento.

— Tudo bem — disse Warren, parecendo magoado e um pouco confuso.

— Não tinha a intenção de ser intruso.

— Você não é, apenas... — Evitou dizer mais, Warren era muito esperto quando queria as coisas ao seu modo e ela não tornaria as coisas mais fáceis para ele.

Esperou que ela continuasse e, quando não o fez, perguntou:

— Tem planos para esta noite?

Ela certamente não lhe contaria que o plano mais excitante que tinha era ver de novo *Nash Bridges*.

— Por quê?

— Estava esperando que pudesse jantar comigo. Sem pressão. Só que achei que estaria se sentindo solitária, com Seth ausente por tantas semanas. Pensei que gostaria de uma noite fora.

— Não, obrigada, Warren.

Ele deu de ombros.

— Não há mal em convidar — disse ele com um sorriso forçado.

— Na verdade, acho que pode haver. — Ele ergueu as sobrancelhas como se o tivesse surpreendido. — Nós dois não devemos ser vistos juntos, é... inadequado. Para ser franca, gostaria que não me visitasse de novo... no trabalho ou no meu apartamento.

O olhar de menino magoado estava de volta.

— Justine, você não acha que eu faria alguma coisa de propósito para prejudicar seu relacionamento com Seth, acha?

— Não importa o que eu penso. E estou falando sério, Warren, fique longe de mim.

— Você contou a ele, não contou? — Os olhos de Warren semicerraram-se. — Aquele grande sueco imbecil está com ciúmes. — Ele riu, embora o som não tivesse humor.

Ela se recusou a defender Seth ou arranjar desculpas para ele. Seu marido se sentia desconfortável por ela se encontrar com Warren, e isto bastava. O relacionamento dela com Warren terminara havia muito tempo, apesar do almoço recente. Nada do que ele dissesse ou fizesse a faria mudar de ideia.

— A próxima coisa que vai acontecer — disse ele com amargura — é você me dizer que aquele grande imbecil a engravidou.

— Warren, por favor. — Ela falou devagar, mostrando que a conversa a aborrecia. — Apenas vá embora.

Não estava disposta a ficar em pé na porta do apartamento discutindo com ele. Começou a fechar a porta, mas as palavras de Warren a fizeram parar.

— Você *está* grávida, não *está*? Não percebe o que ele *está* fazendo com você?

— Warren...

— Não deixe isto acontecer, Justine. Esperava que você recuperasse a razão antes...

Cansara de ouvir e bateu a porta com força. Encostando-se por trás da porta, Justine se sentiu fraca de alívio. Ele se fora. Tinha sido uma idiota em almoçar com ele naquele dia. Via agora que fora desleal com Seth; além disso, Warren era competitivo demais para ser um amigo, como achara ingenuamente. Não só isto, Cedar Cove era uma cidade pequena e as percepções eram importantes. Não podia se arriscar a humilhar o marido, permitindo que as pessoas pensassem que estava se encontrando com Warren, seu suposto ex-amante, pelas costas dele.

Mas Warren abordara um ponto interessante, gravidez. Pouco depois da morte do irmão e do divórcio dos pais, Justine decidira que não queria filhos. Mas agora que estava casada, percebeu que sua visão mudara. Podia apenas esperar que Seth pensasse da mesma maneira.

JACK GRIFFIN passou colônia nas faces recém-barbeadas e piscou com a ardência. Olhou seu reflexo no espelho manchado e ergueu as sobrancelhas duas vezes.

— Esta noite — disse ele em voz alta, lembrando a si mesmo que esta podia ser a noite em que conseguiria atrair Olivia Lockhart para sua cama. Seu relacionamento estava progredindo muito bem... *muito* bem. Mas ambos eram adultos maduros e os anos lhes trouxeram uma certa... paciência. Uma espécie de cautela. Não tinham mais 20 anos, não estavam mais sob o domínio dos hormônios. Mesmo assim, era um homem no sentido pleno da palavra e não havia nada que quisesse mais do que levar o relacionamento para um nível físico. Além de beijar e abraçar... Estava pronto para a etapa seguinte e esperava que ela também estivesse.

A juíza divorciada da vara de família era diferente de qualquer outra mulher que conhecia. Olivia tinha classe e cultura e ele não passava de um alcoólatra que não ficava um dia sem beber.

Grace Sherman lhe falara sobre o aniversário de Olivia, que estava próximo, e ele ficara grato. Esta era exatamente a ocasião pela qual esperava, uma oportunidade de mostrar a ela o quanto se importava. Jack procurara por muito tempo e com muito empenho o perfeito presente de

aniversário. Sua busca visava a encontrar alguma coisa que lhe enviasse a mensagem do seu coração. Alguma coisa que caísse bem numa mulher sofisticada e despretensiosa.

O *tennis bracelet* de diamante era perfeito.

Escolhendo uma camisa limpa, pegou a caixa de veludo cinza e examinou a pulseira. Era impressionante, disse a si mesmo. Nunca comprara nada tão bonito como isto, nem mesmo para a ex-esposa. O joalheiro que o vendera fizera um desconto de dez por cento sobre o valor total quando percebera o interesse da Jack. Nada errado em ser prático, pensou Jack. O dinheiro extra seria gasto num jantar de luxo no The Captain's Galley.

Gostava de imaginar a reação de Olivia quando abrisse a caixa delicada. Desembrulhara-a duas vezes para ter certeza de que era tão adorável como se lembrava, depois a desembrulhara de novo para olhar mais uma vez.

Jack terminou de se vestir assobiando. *Esta noite*, disse ele a si mesmo de novo, o sangue já esquentando ao pensar em Olivia deitada em seus braços.

Um som veio da direção da sala de estar e Jack pôs a cabeça para fora da porta do quarto.

— Alguém aí?

Sem resposta.

Jack franziu a testa, então estudou seu reflexo no espelho uma última vez.

— Pai?

Jack congelou. Eric estava aqui? *Agora?*

— Eric? — Jack saiu do quarto e encontrou o filho de 26 anos em pé no meio da sala de estar, uma pequena mala na mão.

— Você vai sair? — perguntou Eric.

— Sou esperado só daqui a algum tempo — garantiu Jack.

O rapaz parecia horrível, o rosto pálido de dor. Os ombros estavam caídos e seu sofrimento era evidente em cada linha do corpo.

— O que está errado?

Eric deu de ombros.

A experiência lhe ensinara que só uma mulher era capaz de levar um homem a este ponto de infelicidade.

— Você e Shelly brigaram?

O riso seco de Eric não tinha a menor alegria.

— Pode dizer isto de novo.

Vendo a mala na mão do filho, presumiu que fora mais do que uma briga comum.

— Ela o expulsou de casa?

Eric assentiu.

O filho se deixou cair no sofá e olhou o pai, um apelo nos olhos.

— Tem tempo para conversar, pai?

O relacionamento de Jack com o filho era, na melhor das hipóteses, frágil. Eric vivera com a mãe por quase toda a vida. Mesmo depois de Jack se tornar sóbrio, Eric rejeitara todos os esforços que o pai fizera para estabelecer um relacionamento mais profundo.

A primeira vez em que Eric concordara em ver o pai fora este ano, na última primavera. Temendo dizer ou fazer inadvertidamente alguma coisa que causasse desconforto ao filho, Jack convidara Olivia para participar do primeiro encontro, um jantar no litoral de Seattle. Animados com o sucesso do encontro, Jack e Eric tinham se visto pelo menos uma vez por mês daí em diante.

Jack estava entusiasmado com a perspectiva de ter um bom relacionamento com seu único filho. Tinha muito a provar, para Eric e para si mesmo, e não queria que nada prejudicasse aquele frágil começo.

— É claro que tenho tempo. Conte-me o que está acontecendo. — Jack se sentou em frente ao filho, debruçando-se à frente para que Eric visse que estava interessado e que se importava.

— É Shelly e sua gravidez — murmurou Eric.

Jack havia adivinhado, mas não disse nada.

— O bebê *não* pode ser meu. Disse isto a ela e ela explodiu. Disse que, se eu penso seriamente que está grávida de outro homem, então é melhor eu sair de sua vida.

— Tenho certeza de que ela não falou a sério — murmurou Jack. — Mulheres dizem coisas assim quando estão zangadas.

— Falou sério o bastante para me expulsar do apartamento.

Olhe só o valor *desta* pérola de sabedoria, pensou Jack, amaldiçoando-se por não poder fazer melhor.

Eric parecia prestes a chorar.

— Ela disse que nunca mais quer me ver.

— Tenho certeza de que também não falou seriamente.

— Acho que falou.

— Talvez, quando disse, mas mudará de ideia mais tarde. — Jack se encolheu com a idiotice que dissera. — Em breve — acrescentou —, ela lhe pedirá para voltar para casa.

— Espero que sim — disse Eric com ênfase. — O aluguel do apartamento está em meu nome — acrescentou —, mas não quero que ela se mude, pode ficar com o apartamento, se quiser.

— E você? Para onde vai?

Eric hesitou, então olhou para o pai.

— Você se incomodaria se eu ficasse aqui, só por um tempo?

— Aqui? — repetiu Jack, e na mesma hora se arrependeu. — Aqui... bem, acho que não vamos atrapalhar muito um ao outro, se for apenas por alguns dias. — Podia dizer adeus às noites românticas com Olivia no futuro próximo.

— Provavelmente não será por muito tempo. — Eric parecia cheio de esperança.

— É claro que não — disse Jack, emprestando à voz o máximo de confiança que podia. — Minha opinião é que Shelly telefonará amanhã, querendo que você volte para casa.

— Você acha? — Os olhos de Eric brilharam.

— Com certeza.

Eric sacudiu a cabeça, a expressão séria.

— Duvido, pai. Primeiro, não disse a ela que estava vindo para cá e segundo... — Parou e passou a mão no rosto. — Você acha que os médicos se enganaram sobre mim? — O apelo nos olhos dele era doloroso de ver.

— Quer dizer, sobre ser capaz de gerar filhos?

— Sim. Acha que há alguma chance?

Jack olhou para ele, pensativo.

— Foi há muitos anos e hoje há maneiras de descobrir estas coisas, você sabe.

— Sim, mas Shelly diz... — Suspirou profundamente. — Eu jamais suspeitaria dela com outro homem, mas algum tempo atrás ela mencionou um novo funcionário com quem trabalha e de quem ficou muito amiga. Fazem muitas horas extras juntos... e agora ela aparece grávida. O que eu podia pensar?

Jack olhou o relógio. Olivia esperava que ele a apanhasse em cinco minutos.

— Você tem um compromisso, não tem? — perguntou Eric. — Deve sair agora — aconselhou, mas parecia pior do que quando chegara.

— Vamos ver o que posso fazer, — disse Jack, o desânimo crescendo. Não podia deixar Eric assim. O rapaz estava sofrendo e precisava conversar. Por tantos anos falhara como pai e não falharia com Eric de novo.

— Vou ligar para Olivia, ela compreenderá.

— Tem certeza? — perguntou Eric.

— É claro. — Com o coração pesado, Jack se refugiou no quarto e ligou para Olivia.

Ela atendeu quase imediatamente e pareceu surpresa por falar com ele.

— Tenho que romper nosso compromisso.

— Nosso encontro de hoje? — Ela parecia tão desapontada como ele.

— Eric está aqui — explicou Jack.

— Oh.

— Shelly o expulsou e ele veio me procurar, precisa conversar. E pode ficar aqui por alguns dias. — Suspirou. — Detesto fazer isto, mas você compreende, não é?

— É claro — disse ela suavemente. — Ele é seu filho.

— Obrigado. Desculpe por isto.

— Vou telefonar para minha mãe e manter a reserva. Preferia jantar com você, mas compreendo. Filhos... não importa a idade... precisam sempre vir em primeiro lugar. Você sabe como acredito nisto. Obrigada por ligar, Jack, e boa sorte.

Jack compreendeu que ela estava elogiando seu esforço de se comunicar com o filho... e com ela. O que Olivia odiava acima de tudo eram segredos, uma lição que aprendera no começo do relacionamento, quando ele tentara esconder o fato de que era um alcoólatra em recuperação.

— Falo com você mais tarde — disse ela.

— Mais tarde — repetiu Jack e então, por que quase esquecera, acrescentou: — Olivia?

— Sim?

— Feliz aniversário.

Capítulo Cinco

— VOCÊ TEM planos para hoje à noite? — perguntou Grace a Olivia pelo telefone no fim da tarde de sexta-feira da semana seguinte.

Era um dia claro e fresco do fim de outubro e Olivia tinha esperado notícias de Jack desde o telefonema dele no dia do seu aniversário.

— Planos? Bem que gostaria... — disse Olivia. — Tem alguma sugestão? — perguntou, com um pouco mais de entusiasmo.

— Que tal assistir a um jogo de futebol americano? — perguntou Grace. — Podemos jantar depois, há muito tempo que não temos a oportunidade de conversar.

Olivia ficou contente por Grace ter telefonado. Desde o desaparecimento de Dan, Grace se afastara de quase todo mundo. Suas conversas eram breves e superficiais, claramente destinadas a não abalar o alicerce de sofrimento e dor que se tornara a base de sua vida. Sempre encontrava desculpas para adiar visitas ou planos sociais.

Olivia ficara preocupada, mas respeitara a necessidade da amiga por privacidade. Não mudava em nada sua longa e muito sólida amizade. Grace tentava lidar com a perda do casamento. Olivia ficou de lado, encorajando-a com bilhetes, cartões e telefonemas frequentes, apenas para manter a comunicação e deixar Grace saber que estava lá, apoiando-a. Esta era a primeira vez em muito tempo que Grace telefonava para sugerir que saíssem.

— Adoraria ver um jogo — disse Olivia.

— Foi o que pensei. Já teve notícias de Jack?

— Nem uma palavra.

— Maldição.

Grace dissera a palavra certa. Olivia estava cansada de procurar justificativas para ele, mesmo para si mesma. Ausentara-se da vida dela a semana inteira. Não telefonara nem uma vez, sequer aparecera para seu encontro habitual das noites de terça-feira.

Não conseguia deixar de se sentir desapontada por ele ter sido obrigado a suspender seu encontro no sábado à noite; certamente compreendia, mas, ao mesmo tempo, esperava que, pelo menos, lhe telefonasse para dizer como Eric estava... e talvez lhe dizer que sentia falta dela. Podia ter ligado para sugerir um encontro na semana seguinte ou até mesmo na outra, mas a ignorara por completo.

— Me encontre no campo de futebol às 7h — disse Grace.

— Estarei lá.

Olivia ficou grata por ter um lugar para ir, alguma coisa a fazer. Especialmente com sua melhor amiga, que parecia estar saindo do isolamento que se impusera. Sua vida social tinha se concentrado em Jack por meses, quase sempre passavam uma parte do fim de semana juntos.

Às sete horas, Olivia se encontrou com Grace do lado de fora da cerca de arame do estádio de futebol da escola de Cedar Cove. O campo estava iluminado e os assentos dos dois lados do campo se enchiam rapidamente de espectadores.

Grace estava vestida com calça comprida de lã cinza, com uma jaqueta quadridulada de azul e verde. Usava o cabelo preto mais curto com mechas brancas e lhe caía bem. Dan sempre preferira um estilo mais longo, até os ombros, que lembrava a aparência dela nos tempos escolares, mas Grace não precisava mais fazer a vontade de Dan.

— Você está ótima — comentou Olivia enquanto estavam na fila para comprar os ingressos.

— É claro que estou, nos últimos meses você só me viu em minhas roupas de ginástica.

Olivia sorriu porque era mesmo verdade.

— Você se lembra que, durante a escola, costumávamos vir e torcer pelo time? — perguntou Grace enquanto a fila se movia lentamente em direção à bilheteria.

— É claro que me lembro. Bob Beldon e Dan eram nossos heróis no futebol... — Olivia fez uma pausa. Lamentou ter falado em Dan.

Grace tocou-lhe o braço.

— Estava pensando a mesma coisa. Dan era um atleta maravilhoso quando era jovem. Ainda me lembro do ano em que ele fez o último gol, o que fez o time jogar pelo desempate pela primeira vez numa década.

— Eu também — disse Olivia, olhando para a amiga. — Não se sente mal falando sobre Dan?

Grace desviou o olhar.

— Realmente não, porém é mais fácil pensar nos primeiros anos, antes do Vietnã. — Ficou em silêncio por um momento. — Não sei por que ele me deixou do modo como fez. Pensei nisso mil vezes e não consigo encontrar uma resposta. Simplesmente não compreendo como pôde fazer isto e acho que nunca irei saber. Tudo o que posso dizer é que foi a escolha dele. Mas também tenho minhas escolhas a fazer e preciso continuar com minha vida.

— Você sempre foi uma mulher forte — disse Olivia, sem esconder sua admiração —, mas está mais forte do que nunca.

— Gostaria que fosse verdade — murmurou Grace, então mudou de assunto, olhando para o céu noturno. — Adoro esta estação do ano.

— Eu também.

O clima no Noroeste do litoral do Pacífico mudara nas duas últimas semanas. Logo as chuvas do outono chegariam e as claras e luminosas noites se tornariam tempestuosas, com ventos fortes alternados por uma chuva fraca e constante.

Depois de pagarem as entradas, compraram um programa de uma das bancas bem junto ao campo. Enquanto procuravam seus lugares, Olivia parou para ver os assentos disponíveis.

— Olivia! Grace! — A voz de Charlotte veio da seção reservada ao time de casa.

Olivia olhou em torno até descobrir a mãe erguendo o braço acima da cabeça. Charlotte estava sentada ao lado de Cliff Harding, no meio da arquibancada. Tinha um pequeno cobertor vermelho sobre as pernas e Cliff estava usando uma jaqueta de couro com franjas e seu onipresente chapéu de caubói.

— Você se incomoda de se sentar perto de minha mãe? — perguntou Olivia, embora sua dúvida real fosse sobre Cliff Harding.

— Não, está tudo bem.

Os olhos de Grace estavam em Cliff e ela sorria lentamente. Bem, *isto* era um acontecimento interessante, pensou Olivia enquanto subiam os degraus.

Olivia abraçou Charlotte quando passou por ela e seguiu um pouco à frente, deixando bastante espaço para Grace. Cliff se sentava na ponta do banco, mais perto da escada.

— Que surpresa agradável encontrar vocês duas — disse Charlotte, parecendo muito contente. — Cliff nunca assistiu a um jogo de futebol em Cedar Cove. Minha coluna no jornal esta semana foi sobre o apoio aos jovens, sabia?

— Eu a li, mãe, e estava ótima. — A mãe tinha um prazer muito grande em escrever para a página dos idosos do *The Chronicle*.

— Cliff também leu e eu lhe disse que nunca será parte da nossa comunidade enquanto não torcer pelo nosso time de futebol.

Cliff estava estudando o programa e parecia impressionado com a quantidade de anúncios de empresas da comunidade que apoiavam o time.

— A última vez em que fui a um jogo de futebol de uma escola foi quando também estava na escola.

— Esta cidade leva muito a sério seu futebol — disse Olivia.

— Estou vendo.

O jogo ia começar e havia apenas lugares em pé. Além do time, também estavam presentes a banda da escola, as torcedoras e o treinador.

— Vocês têm planos para depois do jogo? — perguntou Cliff, mas Olivia percebeu que ele dirigira a pergunta a Grace.

— Olivia e eu vamos jantar — disse Grace.

— Cliff também me convidou para jantar — disse Charlotte. — Por que não se juntam a nós? — Olhou de uma para a outra.

— Claro, parece divertido — disse Olivia. Pela reação de Grace ao ver Cliff, sabia que a amiga não faria objeção.

O jogo era equilibrado e no intervalo estava empatado. Mais uma vez, Olivia ficou impressionada pela quantidade de pessoas que sua mãe conhecia. Não se passava um momento sem que Charlotte cumprimentasse alguém. Sua coluna semanal aumentara o reconhecimento das pessoas da cidade e era claramente benquista por suas atividades caridosas, incluindo seu trabalho voluntário no centro local de convalescença, onde conhecera Tom Harding.

O time da escola de Cedar Cove venceu com um gol nos últimos cinco segundos. O humor era festivo enquanto o estádio esvaziava. Como o Pancake Palace estaria definitivamente cheio depois da vitória, Cliff sugeriu que fossem ao The Captain's Galley, no centro da cidade.

Encontraram-se lá e foram rapidamente levados a uma mesa para quatro pessoas. Olivia observou que Cecilia Randall ainda ocupava a posição de anfitriã, mas não havia tempo para conversar com a jovem esposa de um

oficial da marinha. Depois que se sentaram, a conversa fluiu com leveza e bom humor antes e depois de serem servidos.

Olivia percebeu que, por mais que tentasse, seus pensamentos se desviavam para Jack, o que a aborreceu. Tentando não parecer interessada, procurara por ele durante o jogo. Geralmente ele escrevia os artigos sobre os esportes dos times da escola simplesmente por que adorava ir aos jogos. Olivia desistira de contar o número de eventos esportivos a que foram juntos. Mas, se fora ao jogo de hoje, não o vira.

Naturalmente, podia telefonar para ele. Não estavam brigados, embora estivesse intrigada por ele não ter lhe telefonado. Talvez Eric ainda estivesse com ele, mas o filho não podia tomar cada minuto do tempo do pai. Olivia estava ficando cada vez mais irritada.

Pararam de conversar quando o jantar foi servido e logo depois a conversa foi retomada. Passaram dos comentários sobre o jogo para o estado da economia local. Olivia fazia um comentário de vez em quando, enquanto beliscava sua salada de caranguejo, mas não estava animada e lutava para não pensar em Jack.

Embora tivesse saído para encontros ocasionais desde o divórcio, não se aproximara tanto de um homem como acontecera com Jack. Talvez por que seus antecedentes e personalidades fossem tão diferentes, ele introduzira equilíbrio e espontaneidade ao seu comportamento rígido. Com ele, tinha liberdade para rir e abandonar a formalidade que adotara após ter sido eleita como juíza. Jack era pouco convencional, espirituoso, engraçado... e, maldição, sentia falta dele.

A conta chegou e, antes que alguém pudesse argumentar, Cliff estendeu a mão para ela.

— Será um prazer, senhoras — insistiu.

Olivia não gostou. Jamais teria concordado em se juntar a eles se soubesse que Cliff pagaria a conta sozinho.

— Não posso deixar você fazer isto — disse ela.

— Ei, quantas vezes um homem tem a oportunidade de ser visto com três belas mulheres?

— Isto é muito delicado da sua parte — disse Charlotte, batendo de leve na mão dele e lançado a Olivia um olhar severo.

Suspirando, Olivia decidiu aceitar com Grace e murmurou palavras de agradecimento.

Grace riu.

— Tem certeza de que não está usando meu cartão de crédito?

Todos riram e, depois de saborearem o café, separaram-se.

— Está tudo bem? — perguntou Grace, enquanto caminhavam para o estacionamento perto da biblioteca. — Você ficou muito quieta a noite toda. — Olivia esperara ter alguns minutos para conversar reservadamente com Grace, mas, com Cliff e sua mãe presentes, não tinha sido possível.

— Quem consegue falar com minha mãe por perto? — brincou Olivia.

— Está tudo bem entre você e Jack? — Como era típico de Grace se importar com as pequenas preocupações da amiga, quando a vida *dela* estava em total confusão.

— Acho que sim — disse Olivia e então acrescentou: — Espero que sim.

— Eu também.

Separaram-se com a promessa de se encontrarem de novo e Olivia foi para casa. Quando entrou, viu que a luz de mensagens estava acesa na secretária eletrônica. Olhou-a esperançosa por alguns segundos. Pressionou o botão, esperou e foi recompensada pelo som áspero da voz de Jack.

— Olivia, oi. Desculpe não ter entrado em contato antes, mas estou ocupado demais com Eric. Esperava que você estivesse em casa, para conversarmos. Você não foi a um encontro com algum outro homem, foi? — Ouviu uma risada forçada. — Escute, lamento muito sobre a semana passada, mas espero compensá-la. Telefone de volta, certo? Tenho um presente de aniversário especial para você. Podemos nos encontrar logo?

Olivia olhou o relógio. Faltava pouco para as 11h e era tarde demais para retornar a ligação. De qualquer maneira, ele a fizera esperar toda a semana; ela o faria esperar até a manhã. Olivia sorria enquanto se aprontava para dormir.

MARYELLEN TINHA vontade de se bater por ter inventado este ridículo “encontro para troca de homens”. Tudo começara de forma bem inocente, quando mencionara o artigo que lera sobre a cidade na Irlanda. E, de repente, fazia parte do grupo que planejava a festa. Na vez seguinte em que fora fazer as unhas, os planos para a festa de Halloween crescera tanto que perdera a contagem de quantas pessoas participariam.

— Você não vai deixar de levar aquele amigo seu que é *chef*, vai? — perguntou Terri. Maryellen mal tinha se sentado quando Terri começou a lhe fazer perguntas que não sabia responder sobre Jon.

— Como eu disse, ele é apenas um amigo... não — consertou —, Jon é mais um conhecido de negócios. E ele ainda não me respondeu se vai.

— Oh. — Terri pareceu desapontada. — Então você não sabe se ele vai ou não?

— Não posso dar certeza. — Não conversara com ele desde que fizera o convite, uma semana atrás. — Se ele não for, garanto que o apresento a você em outra oportunidade.

Os olhos escuros de Terri brilharam.

— Ótimo.

Na noite seguinte, a noite do Halloween, Maryellen estava em pé no canto mais escuro do bar, decorado com uma aranha falsa pendurada bem acima dela. Mais do que nunca, se convencida de que tudo isto tinha sido um erro. O salão estava lotado, com, talvez, cem homens e mulheres, alguns de fantasia, outros não.

Então, sem aviso, sem que o tivesse visto chegar, Jon estava ao lado dela. Segurava uma caneca de cerveja gelada.

— Oi — disse ele, olhando para o salão cheio.

— Você veio. — Brilhante, nada como declarar o óbvio. — Quero dizer... você não telefonou e então presumi que não viria.

— Devia ter telefonado, mas antes queria ter certeza de que teria folga esta noite.

— Tudo bem... não precisa se desculpar. — Ele não se desculpara, mas...

— Entre o restaurante e minhas fotos, tenho trabalhado demais. Algumas vezes perco a noção do tempo.

Os hábitos de trabalho de um artista não eram novidade para Maryellen.

— Compreendo.

Ele tomou um gole da cerveja.

— Posso pegar alguma coisa para você?

— Não, estou bem, obrigada. — Então, olhando em torno do salão, viu Terri, fantasiada de Cleópatra, completa com maquiagem pesada e uma peruca negra. — Lá está a mulher que quero que você conheça.

— Tudo bem — disse Jon, seguindo-a enquanto ela se esforçava para passar pela multidão.

— Terri — disse Maryellen, interrompendo a conversa com alguém... homem ou mulher?... vestido como um mago, com uma túnica ampla. — Este é Jon, o homem de quem lhe falei.

— Oi, *Jon* — disse Terri como se tivesse esperado a vida inteira por este momento. O mago se afastou depois de perceber que havia perdido a atenção dela.

— Prazer em conhecer você, Terri — disse Jon.

— Soube que você é um *chef*. — Terri se aproximou dele e Maryellen percebeu que ela havia bebido demais. Mordeu o lábio, querendo sugerir que conversassem outra hora. — Também sei me virar na cozinha. Que tal mexermos alguma coisa juntos?

— Isto pode ser interessante — disse Jon, tomando mais um gole da cerveja e Maryellen podia ver que ele estava tentando esconder um sorriso.

— Maryellen disse que você também tira fotos.

— Faço um pouco disso também.

— Na verdade, Jon é um fotógrafo brilhante — apressou-se Maryellen a explicar, mortificada com o que ele poderia pensar.

Tentando não ser conspícua, afastou-se e voltou para seu canto protegido. Não demorou muito até Jon se juntar a ela.

— Então, Terri é a mulher com quem você queria que eu me encontrasse?

— Já fez alguma coisa de que se arrependesse? Acho que esta é uma dessas situações.

Ele acenou, mas não respondeu e ficaram em silêncio por alguns minutos.

Alguém ligou a música e diversos pares se dirigiram para a pista improvisada de dança. Jon fez um gesto em direção a ela.

— Vamos?

Jon não lhe deu oportunidade de recusar. Deixou a cerveja de lado e suavemente tomou-a nos braços.

Ele parecia forte e sólido contra seu corpo, mas Maryellen não queria nada disso.

— Acho que não devemos — disse ela, a postura rígida. Não queria que Jon a tomasse nos braços, não queria que seu relacionamento fosse nada mais do que profissional.

No entanto, reconheceu que havia violado a própria regra ao convidá-lo a vir aqui... um reconhecimento da atração que sentia por Jon Bowman.

— Relaxe — sussurrou ele junto à orelha dela.

— Não posso.

— Por que não?

Ela suspirou.

— É uma longa história. Jon, estou falando sério, isto não é uma boa ideia.

— Uma dança, certo? Pense nisso como um castigo por me jogar para a sua amiga.

Recusar seria indelicado.

— Está bem — concordou, relutante. Tentou manter distância, mas era difícil, com os braços de Jon em torno dela, puxando-a para mais perto. A canção era um clássico da música lenta, “Cherish”, e ela se sentiu emocionada. Se Jon não fosse tão gentil, caloroso e atencioso, teria sido muito mais fácil manter a reserva. Começou a relaxar nos braços dele.

— Melhor, agora está muito melhor — sussurrou ele, levando-a pela pista. Acariciava-lhe as costas num lento movimento circular que estava fazendo coisas estranhas com o pulso de Maryellen. A música terminou muito antes de ela estar preparada para parar.

— Não foi tão ruim, foi?

Ela piscou ao olhar para ele, sem perceber que havia fechado os olhos.

— Não.

Tinha sido maravilhoso e amedrontador ao mesmo tempo. Não *queria* sentir nada disto, alarmes tocavam em seu cérebro. Mesmo assim, quando começou a música seguinte, antes que ele convidasse, ela o enlaçou pelo pescoço e o corpo se inclinou para o dele.

Jon não disse nada, mas podia sentir que estava sorrindo e, para seu próprio espanto, sorria também.

Dançaram pelo que pareceram horas, uma música atrás da outra. Não conversavam, mas a comunicação entre eles era inegável: o modo como ele a segurava, tão perto, lhe dizia que estava interessado nela há algum tempo. E o modo como reagia ao toque dele dizia-lhe que achava o trabalho dele brilhante e belo e que se sentia intrigada por ele... como artista *e* como homem.

Queria saber por que respondia a uma pergunta com outra pergunta. Suspeitava que tinha segredos, afinal ela também tinha. Um segredo que guardava desde o começo de seu casamento. Ninguém o conhecia, nem mesmo sua mãe. Nem sua irmã. Ninguém. Talvez fosse isto que os aproximasse, talvez fosse isto que ele sentia nela e ela nele. De uma coisa Maryellen tinha certeza: segredos podiam ser perigosos.

A festa de Halloween estava acabando e Jon sugeriu levá-la até o seu carro e Maryellen concordou. Sabendo que seria difícil estacionar, deixara o

carro no estacionamento atrás da galeria de arte. Estaria escuro e deserto e ficou contente por Jon ter se oferecido para acompanhá-la.

— Eu me diverti — disse ele quando entraram na viela.

— Eu também. — A escuridão os engolfou, embora não estivessem nem a um metro da rua.

— Perdoo você por tentar me jogar para sua amiga.

O rosto de Maryellen ficou imediatamente vermelho e se sentiu grata por não haver luz suficiente para Jon ver.

— Foi um equívoco.

Ele riu.

— Se você diz.

Enquanto remexia na bolsa à procura das chaves do carro, Jon a fez parar.

— Há anos que gostaria de conhecê-la melhor — disse ele, a voz baixa.

Maryellen não conseguiu dizer uma palavra, mesmo se sua vida dependesse de sua resposta. Pensou em si mesma agradecendo-lhe de uma forma petulante, indiferente, então se virando e abrindo a porta do carro. Em vez disso, viu-se incapaz de falar, de se mover, podia apenas olhar para ele.

Ele ia beijá-la. Isto não podia acontecer; simplesmente não podia permitir. E, no entanto, enquanto uma objeção atrás da outra lhe passava pela mente, descobriu-se lentamente... contra qualquer ordem da razão... inclinando-se para ele, o rosto erguido, os olhos fechados.

Quando os lábios dele se encontraram com os dela, não foi o beijo lento, sedutor que antecipara. Jon ergueu-a do chão, até ela ficar na ponta dos pés. A boca de Jon era faminta, urgente, cheia de desejo, enquanto os lábios dele seduziam os dela. Sentiu a paixão na língua dele quando lhe invadiu a boca e o beijo continuou por muito tempo, até ela ter certeza de que desmaiaria.

Nenhum homem, nem mesmo seu marido, a havia beijado tão completamente, tão apaixonadamente. Quando ele ergueu a cabeça, Maryellen estava sem fôlego e sem fala e, se ele a soltasse, teria caído.

— Oh, não. — Quando conseguiu falar, estas foram as primeiras palavras que pronunciou.

— Não? — perguntou Jon.

— Oh... não.

— Meu ego está ficando ferido. Não pode fazer melhor do que isto?

— Jon. — Deu-se um momento para recuperar a compostura. — Isto foi...

— Maravilhoso, se me perguntar.

— Sim... foi. — Maryellen não conseguia começar a lhe explicar por que também fora um erro.

— Esperei por isto a noite toda — disse ele, o tom satisfeito.

Com os braços soltos ao lado do corpo, Maryellen se deixou cair de costas no carro. Ainda tinha dificuldade de respirar e, por algum motivo, sentiu que estava prestes a chorar.

— Acho que precisamos conversar.

— Conversaremos — prometeu Jon, beijando-a de novo. Embora estivesse esperando por isto, o toque dele a arrasou, deixou-a arquejante de choque e prazer.

— Em breve — disse ele, afastando os lábios dos dela. — Tudo bem?

— Certo — concordou, rouca, embora não conseguisse se lembrar do *que* aconteceria “em breve”.

Uma vez segura dentro do carro, pôs as mãos no volante. Estava tremendo tanto que não conseguiu inserir a chave na ignição. O que fizera? O que despertara nos dois?

DE JEANS e camiseta, Grace saiu de casa para olhar em torno da casa e da garagem. Não podia mais esperar para preparar a casa para o inverno. Dan sempre cuidava dessas tarefas; agora, pela primeira vez em seu casamento, Grace precisaria fazer todas essas coisas desconhecidas sozinha.

Felizmente, seu genro vinha sempre que precisava de ajuda. Ensinara-lhe como mudar o filtro da fornalha, consertar uma torneira que pingava e outras coisas assim. Mas Grace não podia continuar a depender de Paul, apesar de ele ser sempre gentil. Precisava aprender a lidar com estas coisas sozinha.

A primeira coisa que fez foi olhar fixamente para a porta aberta da garagem. Nas últimas duas semanas, a porta automática apresentara defeito. Grace conseguira abri-la e fechá-la manualmente, mas na noite anterior a porta ficara presa na posição aberta. Precisava consertá-la antes que alguém a considerasse um convite para lhe roubar o carro.

Parada em frente à garagem, usando as enormes luvas de Dan, as mãos nas cadeiras, Grace olhava para a porta da garagem como se ela fosse um dragão pronto para rugir, jogando-lhe fogo e fumaça.

— Vamos lá — disse a si mesma —, você consegue fazer isto. Fez tudo o mais... pode cuidar da porta da garagem também. — Certo, primeiro precisava achar o manual e as ferramentas necessárias. Dan sempre tivera orgulho de sua bancada de trabalho, tinha todas as ferramentas imagináveis. No entanto, não levava nenhuma delas quando fora embora. Como tudo o mais a respeito do desaparecimento dele, isto a deixava totalmente confusa.

Seria esta outra mulher tão incrível, tão maravilhosa que lhe dava tudo o que ele precisava? Ou as coisas que antes eram importantes para ele agora não eram mais? Deixara as roupas, as ferramentas, até a aliança. Não levava nada a não ser as roupas que vestia.

Grace não sabia onde encontrar o manual. Achava que Dan guardava todos os seus muitos livros de instruções numa caixa em algum lugar da garagem. Viu uma pilha de caixas sob o banco de trabalho; puxou uma delas. Ajoelhando-se no chão de concreto, abriu a tampa. Ao invés do manual, encontrou a camisa de lã que comprara para ele no último Natal.

Ergueu-a e arquejou. A camisa estava em tiras. Parecia que Dan pegara uma tesoura e cortara sistematicamente a camisa de 50 dólares. Tudo o que ficara intacto fora o colarinho e os punhos.

Grace se lembrou de ter perguntado a Dan sobre a camisa, lembrou-se de ele dizer que era sua predileta, mas nunca o vira usá-la. Depois de algum tempo, esquecera-se por completo da camisa.

Outra caixa revelou uma segunda surpresa desagradável. Kelly dera a Dan, como presente de aniversário, um livro muito informativo e ilustrado sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele agradecera muito e dissera que era exatamente o que queria ler. Mas não lera. Ao invés, o livro também fora destruído, as páginas, arrancadas.

Grace descobriu duas outras caixas de coisas destruídas. Era como se as tivesse deixado ali para ela descobri-las. Dan não poderia demonstrar seu ódio com maior veemência, mesmo se o gritasse diretamente, de pé diante dela.

Totalmente abalada, Grace jogou as caixas no lixo e se sentou nos degraus da varanda dos fundos. Sua primeira reação foi de raiva; como ele ousara fazer isto! Como ousara! Então sentiu uma necessidade enorme de chorar. As lágrimas lhe queimavam os olhos, mas se recusou a se entregar a elas. Recusava-se a dar ao marido o poder de reduzi-la a uma mulher fraca, chorosa e sem forças. Buttercup se aproximou, parecendo sentir o desespero de Grace.

— O que o levou a fazer isto? — perguntou à cadela.

Buttercup olhou-a com seus olhos grandes e pesarosos.

— Eu também não sei, menina, apenas não sei. — Precisando segurar alguma coisa, Grace abraçou o pescoço da cachorra e enterrou o rosto em seu pelo.

Não sabia por quanto tempo ficara sentada lá, sentindo uma raiva intensa, pesar e uma emoção que lhe fazia o sangue ferver. Depois de algum tempo, levantou-se. A porta da garagem não se consertaria sozinha.

No processo de busca na arrumada pilha de caixas, finalmente encontrou o manual. Abriu-o, procurou a informação que queria e leu. Disse a si mesma muitas vezes que conseguiria fazer isto.

Encostou a escada na parede e começava a subir quando uma picape estacionou na entrada da garagem. Grace reconheceu Cliff e hesitou, os pés no quarto degrau.

— Oi — chamou ele, saindo da picape, enquanto Buttercup corria para recebê-lo. Embora amigável, a golden retriever era muito protetora de Grace e não estava disposta a deixar estranhos entrarem no pátio. Para a surpresa de Grace, Buttercup recebeu Cliff como se ele fosse da família.

— Oi, — disse ela, desejando agora ter vestido um jeans mais novo e uma camiseta menos desbotada.

— Charlotte mencionou que você estava com um problema na porta da garagem — disse ele, abaixando-se para acariciar as orelhas da cachorra.

Grace piscou, sem saber como a mãe de Olivia tivera informações sobre seu problema, mas depois se lembrou de que Charlotte sempre encontrava um meio de descobrir tudo o que estava acontecendo na cidade.

Cliff se endireitou e pareceu esperar por um convite.

— Vim ver se posso ajudar.

Naquele momento, Grace não estava em condições de recusar ajuda.

— Ficaria grata se olhasse a porta. Estive lendo o manual, mas ainda não tive oportunidade de verificar o mecanismo.

— Tenho jeito para essas coisas. — Olhou em torno. — Também tenho jeito para tirar folhas mortas das calhas de chuva.

Grace riu.

— Você deve ser um anjo disfarçado.

— Acho que não. — Ajudou-a a descer da escada e, mesmo antes de Grace poder entrar em casa para preparar um bule de café, ele já havia consertado a porta da garagem.

— O que estava errado? — perguntou ela, atônita por ter sido tão fácil.

— As rodas ficaram fora do alinhamento, apenas as coloquei de novo nos trilhos. Nada de importante.

Enquanto Cliff levava a escada para os fundos da casa, Grace pegou o ancinho e começou a juntar as folhas mortas numa enorme pilha. Quando terminou, Cliff ajudou-a a colocá-las em sacos de plástico.

— Está pronto para aquele café? — perguntou, quando terminaram de amarrar o último saco.

— Isto seria ótimo.

Ela o convidou a entrar na cozinha e pegou duas canecas grandes.

— Não sei como lhe agradecer.

Ele a observou por um momento, depois sorriu como um menino.

— Vou pensar em alguma coisa.

— Aposto que sim — riu Grace... e de repente percebeu que, apenas duas horas antes, estava lutando para não chorar. O contraste ficou ainda mais evidente quando viu que Buttercup gostara de Cliff.

— Buttercup normalmente não gosta de estranhos — disse ela.

Cliff acariciou a cachorra, deitada aos pés dele.

— Provavelmente sentiu o cheiro dos cavalos.

Grace colocou os cotovelos na mesa.

— Tinha esquecido que você cria cavalos.

— Eles são uma parte muito importante da minha vida. Você cavalga?

Grace negou com a cabeça.

— Nunca tive muita oportunidade de viver perto de cavalos.

Conversaram por algum tempo, o fluxo da conversa completamente natural. Raramente Grace se sentira tão à vontade com um homem. Mais de uma vez, tivera que lembrar a si mesma que, legalmente, ainda estava casada com Dan. Embora ele tivesse fugido com outra mulher... ou de qualquer maneira, ido embora... ela pretendia ser fiel a seus votos.

Quando ele se preparava para sair, Grace viu Cliff olhar para a sala de estar. Uma foto da família num porta-retratos estava numa prateleira de uma estante.

— Aquele é Dan?

Ela assentiu.

Cliff foi até a estante e pegou a foto, que fora tirada havia quase 20 anos. As duas filhas eram, então, adolescentes e Kelly usava aparelho nos dentes. O olhar de Dan, dirigido diretamente para a câmera, era sombrio, sem

revelar qualquer emoção. Depois de um momento muito longo, Cliff pôs a foto de cores esmaecidas de novo na estante.

— Não sei por que ele foi embora — sussurrou Grace —, simplesmente não sei.

Cliff ficou calado.

— É não saber que torna tudo tão horrível.

— Eu imagino.

Ela engoliu com dificuldade e ele lhe tirou do rosto uma mecha de cabelo.

— Não quero que se sinta culpada por eu ter vindo aqui esta tarde. Não foi um encontro.

Grace sorriu, trêmula.

— Se vai ficar com remorso, então deve se preocupar com o quanto quero tomá-la nos braços agora mesmo. Se vai se sentir culpada, então sinta-se assim por eu ter tanta dificuldade em me controlar para não beijá-la.

Grace fechou os olhos, sabendo que, se olhasse para ele, Cliff perceberia que era isto que ela também queria.

Suspirando, ele roçou-lhe o rosto com os nós dos dedos antes de se virar. Com os olhos ainda fechados, ela o ouviu abrir a porta e sair.

Capítulo Seis

JANICE LAMOND tinha sido uma valiosa aquisição para o pessoal do escritório de Zach Cox. Assumira cada vez mais tarefas e desenvolvera um excelente relacionamento com os clientes. Ele gostava da atitude dela e de seu forte senso de ética no trabalho. Quando chegou o momento da sua avaliação de seis meses, Zach a chamou em seu escritório.

— Sente-se, Janice, — disse ele, indicando uma cadeira em frente à escrivaninha.

Janice se sentou na ponta da cadeira e encontrou-lhe o olhar com um sorriso inseguro, quase como estivesse nervosa com o que ele tinha a dizer.

— Você agora está na firma por um semestre.

— Tanto tempo assim?

Parecia que sempre fizera parte da equipe de seu escritório. Todos gostavam de Janice e ela se integrava bem ao grupo de funcionários. Ansiosa por agradar, não tinha pressa em sair no fim do horário de trabalho. Gostava dos esforços que fazia para os clientes que visitavam o escritório se sentirem bem-vindos.

— Como sabe, fazemos uma revisão do desempenho dos funcionários duas vezes por ano.

Janice apertou as mãos entre os joelhos.

— Há alguma área em que posso melhorar?

Se havia, Zach não sabia; era uma funcionária perfeita.

— Não, não, você tem feito um excelente trabalho.

— Obrigada — os olhos dela brilharam com o elogio. — É um prazer vir trabalhar todos os dias. Gosto do emprego.

Ela também tornava o trabalho um prazer para Zach. Janice era organizada, sua escrivaninha estava sempre impecável e mantinha os compromissos de Zach em perfeita ordem. Quando chegava ao escritório pela manhã, Janice já estava lá para recebê-lo, o café estava pronto e a

correspondência na escrivaninha dele. Era um contraste absoluto com sua vida em casa.

Com tantos compromissos com comitês, Rosie frequentemente deixava os pratos do jantar sobre a mesa ou os punha na pia até o dia seguinte. A casa era sempre desarrumada e até as tarefas mais simples nunca eram cumpridas. Mesmo assim, Rosie era sua esposa e ele a amava.

— Você receberá um aumento de dez por cento — disse Zach a Janice.
— Todos os sócios concordaram.

— Dez por cento? — repetiu, como se não tivesse compreendido bem.
— Depois de apenas seis meses?

— Descobrimos que, se queremos ter bons funcionários, precisamos compensá-los adequadamente. Estamos contentes com seu trabalho aqui em Smith, Cox and Jefferson. Esperamos que faça parte do nosso grupo por muitos anos ainda.

— Gostaria muito de continuar aqui.

Zach não tinha mais o que dizer; levantou-se, Janice também, e ele a acompanhou até a porta.

— Não posso lhe agradecer o bastante — disse ela.

— Eu é que devo lhe agradecer.

— Um aumento de dez por cento — disse ela, excitada, cobrindo a boca com as duas mãos. — Isto é *ótimo*.

Antes que ele pudesse reagir, Janice passou os braços pelo pescoço dele e o abraçou. Assim que percebeu o que havia feito, ficou ruborizada e saiu rapidamente. Zach imaginou que fora apenas um gesto impulsivo de uma mulher calorosa e emocionalmente generosa.

Mas Zach gostara do pequeno abraço e se descobriu sorrindo por alguns minutos.

Às 5h30 da tarde, quando o dia de trabalho tecnicamente terminava, ele ficou no escritório para terminar algumas tarefas. Nestes dias, não tinha pressa de voltar para casa. Rosie geralmente estava ocupada com alguns de seus projetos como voluntária e Allison e Eddie envolvidos com os amigos e atividades próprias. Janice desligava seu computador quando ele saiu do escritório às 6h.

— Não sabia que ainda estava aqui — disse ele, olhando o relógio.

— Quis rever aqueles números uma última vez antes de enviar o relatório da Mullens Company pelo correio.

Ele sorriu para ela. Era exatamente esta atenção aos detalhes que a fizera merecer o aumento.

— Boa noite, Janice.

— Boa noite, sr. Cox, e obrigada de novo.

Quando Zach saiu da Lighthouse Road e virou em direção à Pelican Court, o sorriso desapareceu. Duvidava que Rosie tivesse feito jantar. Com toda a probabilidade, estava se preparando para alguma função fora de casa. Parecia nunca se preparar com antecedência para esses eventos e, como resultado, ficava em pânico, jogando à mesa alguma coisa que passava por jantar. De modo geral, a refeição consistia de qualquer coisa empacotada que comprara no supermercado, algo que podia ser misturada sem esforço. Algumas vezes comprava o jantar na delicatessen. Não havia nada que detestasse mais do que comida chinesa que ficara exposta toda a tarde. O frango assado da delicatessen não era tão ruim, mas estava tão cansado disso como de pizza.

Zach estacionou o carro na garagem e afrouxou o nó da gravata enquanto entrava na cozinha.

— Você está atrasado — disse Rosie, correndo para pôr a mesa. — O jantar está pronto.

— O que vamos comer?

Ela estendeu a mão para um pacote na lata de lixo e leu o rótulo em voz alta.

— Lasanha.

— Está bem cozida desta vez? — Da última vez que servira lasanha, ainda estava congelada no meio.

— Deve estar, eu a deixei no micro-ondas por 20 minutos. — Então, sem uma pausa, virou a cabeça e gritou para os filhos: — Jantar!

— Você vai sair?

— Eu lhe disse de manhã que tenho clube do livro esta noite.

— Você leu o livro?

— Quem tem tempo? Mas quero ouvir o que os outros têm a dizer. — Havia uma tensão evidente na voz dela, como se desaprovasse o fato de ele duvidar de suas atividades.

Zach pegou a correspondência e começou a olhar. Parou quando viu a fatura do cartão de crédito VISA, que pagara um mês antes. Abrindo o envelope, encontrou, para seu espanto, uma cobrança de 300 dólares da Willows, Weeds & Flowers e perguntou a Rosie sobre a cobrança.

— Oh, sim, esqueci de lhe dizer, eu o usei para comprar flores para o almoço das senhoras voluntárias no hospital.

— Trezentos dólares de *flores*?

— O comitê vai me reembolsar.

— Quando?

— Não fale comigo neste tom de voz, Zach — disse, agressiva. — Tenho certeza de que terei o cheque até o fim da semana.

— Aquele cartão é só para emergências.

Rosie o encarou, a mão no quadril.

— Isto *foi* uma emergência. A loja entregou as peças para o centro da mesa do banquete e a tesoureira ainda não tinha chegado. Precisava pagar. Certamente você pode compreender isto?

— Então você se ofereceu para pagar? — Zach não compreendia por que sua mulher achava necessário salvar o mundo.

— Alguém tinha que fazer isto. Por que está tão aborrecido?

— É mais do que só este incidente — disse Zach. — É tudo. Estou cansado dos jantares que você improvisa por que está com pressa de ir a algum lugar. Estou doente de você sair todas as noites, doente de ver a casa tão desarrumada.

Lágrimas encheram os olhos de Rosie e suas faces ficaram vermelhas.

— Você não valoriza tudo o que faço aqui.

Zach a olhou fixamente.

— Tudo o que você faz? Diga-me exatamente o que faz o dia inteiro, além de correr de um trabalho não remunerado para outro? Enquanto isto, sua família está comendo lixo, nossa casa é uma bagunça e não a vi por mais de dez minutos a semana inteira.

— Está sugerindo que me importo mais com meus comitês do que com minha família?

— Não estou sugerindo nada, estou dizendo isto com todas as letras.

— Você não entende, não é?

— Errado — gritou ele. — Estou recebendo a mensagem e nossos filhos também. Os meninos e eu estamos num distante segundo lugar na sua vida. Você preenche seus dias com trabalho voluntário para se sentir valorizada e importante e, francamente, estou cansado disso.

De repente, ele viu que Allison e Eddie tinham entrado na cozinha e estavam congelados perto da porta. Zach detestava brigar na frente das

crianças, mas estas emoções negativas o estavam corroendo por um tempo longo demais.

Rosie olhou para ele como se lhe tivesse batido fisicamente, então começou a chorar e correu para o quarto de dormir. Por um momento atônito, Zach ficou parado lá, vendo a acusação nos olhos dos filhos. Não compreendia por que sua vida doméstica era um tumulto constante. Não era de admirar que preferisse estar no escritório, com seu ambiente bem organizado.

Precisando clarear os pensamentos, Zach tirou a gravata e começou a andar em direção à garagem.

— Onde você vai, papai? — perguntou Eddie.

Zach não sabia.

— Vou sair.

Nenhuma das crianças tentou impedi-lo e a verdade era que Zach não queria ser impedido. Quando entrou no carro, dirigiu por algum tempo sem destino até sentir fome. Almoçara fazia muito tempo, e voltar para casa e encontrar um alimento congelado meio cozido, não o atraía.

Eram quase 8h quando Zach parou no Taco Shack, na periferia da cidade. O restaurante mexicano não era melhor do que uma lanchonete de fast food, mas neste momento não se importava. Decidiu pedir dois tacos e comê-los no carro.

Quando chegou ao balcão, notou uma mulher sentada sozinha numa das mesas. Não pensou nada a respeito até perceber que ela parecia familiar, então se voltou e olhou-a de novo.

— Janice?

— Sr. Cox, o que está fazendo aqui? Quero dizer... não sabia que jantava aqui.

— Janto de vez em quando — disse ele.

A adolescente que trabalhava no balcão correu para receber seu pedido. Zach examinou o cardápio e decidiu por um *chili relleno* e uma bebida gelada. Enquanto esperava que lhe trouxessem a comida, foi até a mesa onde Janice estava.

— O que traz você ao Taco Shack numa noite de terça-feira?

Ela parecia doce e bonita quando sorriu para ele.

— Estou celebrando meu aumento.

— Sozinha?

Ela assentiu.

— Meu ex-marido fica com nosso filho nas noites de terça-feira e eu estava excitada demais para ficar em casa sozinha em frente a televisão.

O pedido de Zach chegou e ele foi apanhá-lo.

— Você se incomoda se eu me sentar com você?

— Não. Quero dizer, será ótimo.

Zach demorou-se no jantar e, depois, ambos pediram café. A tensão que sentira toda a noite desapareceu e se viu rindo e se divertindo com o encontro inesperado.

Quando Zach voltou para casa, eram quase 10h e Rosie tinha se deitado e fingia que dormia. Estava de lado, de costas para ele e, por um momento, Zach se perguntou se devia pedir desculpas.

Não, decidiu, não pediria mais desculpas, era ela quem precisava se desculpar. Mas, se preferia ignorá-lo, tudo bem para ele.

JACK ESTAVA sentado à escrivaninha do *The Cedar Cove Chronicle* e olhava fixamente para o monitor do computador. O cursor piscava acusadoramente para ele numa tela quase totalmente em branco. O artigo sobre o lançamento de bônus para o parque local deveria estar pronto há dois dias. Jack tinha opinião formada sobre o assunto e muito a dizer, e escreveria bem assim que espantasse Olivia de seus pensamentos.

Já se passara quase um mês desde que cancelara o jantar do aniversário dela. Tinham sido os mais longos 30 dias de sua vida. O fato de Eric ainda estar morando com ele complicava tudo. Sua rotina, sua duramente conquistada paz de espírito e sua produtividade haviam sido destruídas.

Era isto que Jack recebia por se sentir culpado. Queria ser um bom pai para Eric; ansiava por compensar os anos perdidos, e aqui estava a oportunidade, mas, infelizmente, o momento não podia ser pior.

Naturalmente Eric decidiria que precisava de um pai exatamente quando Jack estava se apaixonando e queria passar cada momento livre com Olivia Lockhart. Na primeira semana de Eric na casa, Jack ouvira durante horas as lamentações do filho. Parecia que Eric tinha pelo menos 15 anos de mágoas e dúvidas que precisava desabafar. Pacientemente, Jack ouvia e, quando podia, oferecia conforto e conselho.

Quando finalmente tivera uma oportunidade, telefonara a Olivia, louco para vê-la, louco para fugir dos problemas do filho. Esperara que uma hora com Olivia lhe revitalizasse o espírito. Mas chegou ao fundo do poço

quando ligou e viu que ela não estava em casa. Esperara toda a noite pelo telefonema de volta, mas ela só ligou na manhã seguinte e, naquele horário, Jack tinha saído para cobrir o Bazar de Natal para a seção *Vizinhos* do jornal.

Finalmente conseguiram se falar no começo da semana seguinte e Jack percebeu que os sentimentos de Olivia por ele pareciam estar esfriando. Não fora nada do que ela dissera, exatamente. O genro voltara do Alasca e ela estava trabalhando com Charlotte na organização de uma recepção de casamento para Seth e Justine.

Todas as vezes em que falara com Olivia desde então, ela estava ocupada. Ocupada demais para se encontrar com ele. Até mesmo suas noites de terça-feira juntos tinham sido deixadas de lado. Quanto trabalho era necessário, exatamente, para uma recepção de casamento? Parecia que Olivia sempre precisava correr para algum lugar ou conversar com alguém. Alguém que não era Jack.

Além do trabalho da recepção de casamento, o que preocupava Jack era a mudança da atitude dela em relação a ele. Sim, decididamente havia um esfriamento. Quando conseguiam conversar, Jack se preparava, temendo que ela acabasse com o relacionamento. Era esta expectativa... a sensação de que ela estava procurando um meio de lhe dizer que tudo estava acabado... que o impedia de lhe dar a pulseira. Temia que ela entendesse o presente caro como um meio de manipulá-la, então não o entregava, sem saber o que fazer.

O cursor na tela continuava a piscar e Jack virou a cadeira para o outro lado, olhando pela janela. Isto não ia funcionar. Precisava de um encontro dos AA e uma conversa com seu padrinho.

Descobriu uma reunião perto de Bangor, mas como estava em território desconhecido, sentou-se no fundo da sala e prestou atenção ao conferencista, que tinha 20 anos de sobriedade. No fim da sessão, quando o grupo se levantou e, de mãos dadas, rezou o Pai Nosso, seguido pela Prece pela Serenidade, a voz de Jack se ergueu e se misturou com as outras. Essas pessoas eram sua família. Podiam ser estranhos, mas todos partilhavam um problema que os ligava.

Na volta para a redação, Jack parou na Thyme and Tide, a pensão que oferecia cama e café da manhã, situada à beira-mar, e de propriedade de seu padrinho, Bob Beldon, e de sua mulher, Peggy.

Bob estava ocupado na garagem com um de seus projetos de madeira quando Jack estacionou o carro na entrada. Bob saiu da garagem para recebê-lo.

— Como estão as coisas? — perguntou Jack, ainda despreparado para falar sobre o motivo da visita.

— Bem, e com você?

Jack deu de ombros.

Bob sorriu, percebendo o problema.

— Acho que, se veio me ver no meio do dia, há alguma coisa. Quer falar sobre o assunto?

Jack suspirou, grato por não precisar tocar no assunto com delicadeza.

— Tem alguns minutos?

— Claro, entre. Peggy foi visitar a irmã, mas tenho certeza de que ainda há café no bule.

Jack ficou agradecido. Estava se sentindo inquieto e, mesmo depois de mais de dez anos sem beber, o impulso ainda era forte, especialmente em momentos como este. As reuniões ajudavam, mas conversar com Bob lhe daria um sentido de perspectiva. Havia muito tempo que não sentia tanta necessidade de uma bebida.

— Como estão as coisas com Eric? — perguntou Bob, dirigindo-se à cozinha.

Parou na varanda dos fundos e tirou o suéter, que pendurou num gancho. Então foi à frente até a cozinha, grande e espaçosa. Apesar do tamanho, a cozinha era quente e convidativa, com sua mesa de carvalho, seu tapete de lã no chão polido e molhos de ervas secando perto da janela.

— Eric ainda está comigo. Ele não gosta disso, assim como eu, mas pretende ficar até resolver a situação entre ele e Shelly.

— O que há entre ele e a moça?

Jack praguejou. Não sabia. Por duas vezes, por sugestão de Jack, Eric telefonara para Shelly. Jack se afastara para dar privacidade ao filho, mas não precisava ser um sensitivo para entender que a conversa, nas duas vezes, não terminara bem. Minutos depois de desligar, nas duas vezes, Eric parecia mais deprimido do que nunca.

— Não vim falar sobre Eric — disse Jack ao amigo. — Tenho um problema com Olivia.

— O que é? — Silenciosamente, Bob lhe ofereceu café, que Jack recusou. Aparentemente, Bob teve uma ideia melhor e pegou uma soda

gelada na geladeira, mas Jack também recusou.

— Sou louco por Olivia — admitiu Jack, embora isto não fosse novidade para Bob, que o encorajara a ter um relacionamento com ela desde o princípio.

— Eu sei. — Bob abriu a garrafa de soda e se debruçou na bancada da cozinha, esperando que Jack continuasse.

Jack também continuou em pé e logo estava andando pela cozinha.

— Costumava achar que ela sentia a mesma coisa por mim.

— O que a fez mudar?

— É exatamente isto — disse Jack. — Não *sei*. Tive que cancelar nosso encontro no aniversário dela, quando Eric chegou inesperadamente. Ela pareceu compreender, mas ultimamente... — Sacudiu a cabeça, sem saber ao certo como traduzir em palavras o que sentia. — Fico dizendo a mim mesmo que ela não gosta mais de mim e está apenas esperando o momento certo para me mandar para o inferno.

Bob pensou no que ele havia dito.

— Então está esperando, imaginando coisas e ficando louco, antecipando o fim... embora ela não tenha realmente dito nada sobre isto.

— Sim, acho que estou — concordou Jack.

— Não acha que seria melhor saber o que ela está pensando?

Jack pensou na pergunta e decidiu que, honestamente, não queria saber. Preferia imaginar que tinha uma chance com Olivia porque, maldição, estava se apaixonando por ela.

— Ela está preocupada com a recepção de casamento de Justine, — disse ele como justificativa.

— Você não respondeu à pergunta. Na verdade, está evitando falar no assunto e sei o motivo. Não quer enfrentar a verdade, se não for o que quer ouvir.

— Ela pode querer terminar tudo e eu não quero. Como lhe disse antes, acho que estou apaixonado por ela.

— Você tem razão... Olivia pode decidir terminar, mas, se o fizer, você tem de lidar com isso.

Bob tinha mais confiança em Jack do que o próprio Jack.

— Não quero perdê-la.

— Ficar sabendo não seria melhor do que todas estas dúvidas?

— Bem... sim, acho que sim. Talvez — resmungou.

A única maneira de descobrir seria perguntar diretamente a Olivia. Podia não gostar da resposta, como Bob dissera, mas esta ansiedade era malditamente difícil de suportar. Se ela pretendia rejeitá-lo, podia muito bem se acostumar com isso.

— Está certo, vou fazer isto, vou conversar com Olivia. — Parou de andar e olhou para o amigo. — Obrigado.

Bob acenou solenemente em resposta, tomou o resto da bebida e levou Jack até o carro.

Agora que tomara a decisão, Jack achou que devia agir imediatamente. Olhou o relógio: 4h30. Olivia devia ter voltado para casa depois de sair do tribunal.

Dirigiu diretamente para a casa dela na Lighthouse Road. Não telefonara a semana toda porque receava o que ela poderia dizer; ela também não lhe telefonara. Estacionando em frente à casa dela, amaldiçoou a própria fraqueza, a própria necessidade. Seria muito mais fácil se não se importasse tanto. De uma coisa tinha certeza: se ela terminasse tudo, ele não beberia.

Tocou a campainha e esperou.

Uma eternidade se passou até Olivia abrir a porta. Segurava o telefone na orelha, mas quando viu que era Jack, sorriu, destrancou a porta de tela e lhe fez um geto para entrar, ainda falando ao telefone.

— Lamento que Marge não possa vir, Stan, mas tenho certeza de que Justine compreenderá.

Ah, então estava falando com o ex-marido. Jack conhecera Stan meses atrás, antes de se apaixonar por Olivia. No que dizia respeito a Jack, o ex-marido de Olivia era um filho da mãe pomposo.

— Pode chegar antes das três? — Sorriu para Jack, desculpando-se, enquanto ele se sentava no sofá.

— É claro que sua tia Louise está convidada. — Virou os olhos e fez um gesto com a mão, como se ansiosa para desligar. — Tenho que desligar... recebi uma visita... Jack. Você se lembra de Jack, não lembra? Não lembra?

Mentiroso, pensou Jack. Sabia perfeitamente quem ele era.

Ela riu, mas Jack não podia saber o que era tão engraçado. Sem dúvida o velho Stan fizera algum comentário desagradável sobre ele.

— Tenho que desligar, Stan — disse ela de novo, desta vez um pouco mais alto. — Vejo você no próximo fim de semana com sua tia Louise. Recomendações a Marge e até logo.

Um segundo depois, desligou o celular e afundou no sofá ao lado de Jack.

— Tínhamos um encontro esta tarde?

— Ah... não, mas não vi você por muito tempo e estou com saudades.

— Também estou com saudades de você. Juro que esta recepção vai me matar. Mas Justine é minha única filha e quero que tudo seja perfeito para ela e Seth. — Franziu o cenho de leve. — Você recebeu o convite, não recebeu?

Jack acenou que sim. Já estava começando a se sentir melhor.

— Você parece exausta — disse ele.

Talvez ela percebesse que ele também estava exausto, mas emocionalmente. No entanto, não pretendia falar sobre Eric. Isto era sobre ele e Olivia, não sobre suas famílias e obrigações.

— *Estou* exausta — concordou —, não acredito quanto tempo e quanta organização uma simples recepção de casamento exige. Espero que você e Eric compareçam.

Era bom ser convidado.

— Se você quiser....

— É claro que quero vocês lá. Vou precisar de todo o apoio moral que conseguir. — O telefone na mão dela tocou e ela atendeu. — Mãe, desculpe, estou indo, sim, sim, diga aos fornecedores que chegarei em dez minutos. — Ela desligou, pulou do sofá e foi para a cozinha.

— Você está ocupada. — Jake se levantou, pensando que seria melhor ele sair.

— Lamento, Jack. — Voltou-se de repente para olhá-lo de frente. — Podemos nos encontrar mais tarde?

O coração dele apertou.

— Vou cobrir uma reunião da diretoria da escola esta noite.

Ela acenou, embora duvidasse que ela tivesse ouvido uma palavra.

— Espere — pediu ele e a segurou pelos ombros. Ela pareceu ligeiramente assustada, mas sorriu quando compreendeu que ele pretendia beijá-la. Enlaçou-o pelo pescoço e sua boca encontrou a dele. Lentamente, depois de terminar o beijo, ele ergueu um pouco a cabeça.

— Precisava disto.

Por um tempo curto demais, ela descansou a cabeça no ombro dele.

— Eu também.

Justine estava exausta mas jubilante, enquanto segurava a porta do apartamento aberta para Seth levar para dentro a última remessa de presentes de casamento. A recepção tinha sido maravilhosa — não podia acreditar que sua mãe e sua avó haviam conseguido fazer aquilo tudo. Toda a tarde fora perfeita, a comida incrível, a música adorável, a atmosfera festiva.

Conhecera os parentes de Seth e ele os dela. Os dele eram fáceis de localizar numa multidão: todos suecos grandes, robustos, extrovertidos, enquanto os dela eram, comparativamente, reservados e com a tendência de ficarem juntos.

— Não sei como a mãe e a avó conseguiram fazer tudo aquilo — disse Justine, sentando-se no sofá forrado com tecido azul claro e descansando os pés na banquetta da mesma cor. — Acho que foi o dia mais mágico da minha vida, depois do dia do nosso casamento, é claro. — Considerava que fugir para casar era muito romântico.

Seth sentou ao lado dela e descansou a cabeça nas costas dos sofá. Seus pés enormes, cruzados nos tornozelos, se juntaram aos dela na banquetta. Parecia tão cansado quanto Justine.

— Eu me sinto tão mimada — sussurrou. Seth passou os braços em torno dela.

— Não sabia que eu tinha tantos parentes — resmungou ele.

— Há anos que não via a tia Louise do papai.

Seth beijou-lhe o pescoço e puxou-a para mais perto.

— Arrependida?

— De jeito nenhum. E você?

— Nem um pouco, amo minha esposa.

Seth voltara do Alasca há três semanas e desde então a vida deles fora um redemoinho. Preparar a recepção lhes tomara muito do tempo de que precisavam para se ajustar um ao outro, o que fora um desafio maior do que Justine esperara. Seth trabalhava na marina e suas horas de trabalho mudavam de uma semana para outra.

Lentamente, ele começara a levar seus objetos pessoais para o apartamento dela. Viver juntos envolvia todos os tipos de acomodações, algumas delas deliciosamente fáceis e outras mais difíceis, já que nenhum dos dois estava acostumado a partilhar decisões e rotinas com outra pessoa.

Mesmo assim, todas as vezes em que Justine acordava e compreendia que o homem na cama ao lado dela era seu marido, ficava tão tonta de

felicidade que não conseguia dormir de novo. Descobriram formas extremamente agradáveis de se divertir naquelas horas da madrugada. Infelizmente, isto tornava o dia mais longo no banco e ela chegava em casa exausta, os olhos ardendo por falta de sono.

— Quem é aquele homem que estava com Grace Sherman? — perguntou Seth.

— Cliff Harding — disse Justine, então riu. — Ela se deu ao trabalho de me dizer que não estava se encontrando com ele, mas acho que está.

— Alguma notícia de Dan?

— Não que eu saiba. Minha mãe disse que o divórcio estará terminado na segunda-feira antes do Dia de Ação de Graças.

— Isto é na semana que vem.

— Eu sei.

A ideia de divórcio teve um efeito moderador sobre Justine. O pai fora à recepção, mas Marge não. Perguntou-se se havia alguma coisa errada entre o pai e a segunda esposa e, se houvesse, não queria saber. Talvez Marge tivesse ficado distante de propósito, percebendo que a situação seria desconfortável.

Jack Griffin tinha sido um dos primeiros a chegar e então ficou nos bastidores enquanto sua mãe e seu pai ocupavam o centro do palco. Deve ter sido difícil, desde que Olivia não tivera quase tempo para ficar com ele.

— Você está franzindo a testa.

Justine olhou para o marido e tudo o que viu era o amor dele. Não queria que isto mudasse, nunca.

— Espero que você me ame para sempre, Seth — murmurou.

— Jussie, como pode dizer uma coisa dessas? Vou amar você até minha última respiração.

— Promete?

— De todo o coração — disse ele, tomando-a nos braços.

— Não quero que aconteça conosco o que aconteceu com meus pais.

Seth beijou-lhe a testa.

— Não acontecerá, não deixaremos.

O divórcio dos pais tinha sido há muito tempo; mesmo assim, Justine continuava afetada por ele. Sabia que parecia insegura e emocionalmente carente, e atribuía o fato a estar tão cansada. Vendo os pais juntos, rindo e conversando com os convidados na recepção, lembrou a Justine a vida feliz que partilharam antes da morte de Jordan.

— Sinto falta da minha família — sussurrou Justine. — Pena que James não tenha vindo.

O irmão estava na Marinha, numa base em San Diego, e não pudera vir à recepção.

— Também gostaria que ele tivesse podido vir, mas não era de seu irmão que você estava falando, era?

— Não. Queria tanto que tudo voltasse a ser como era antes do verão de 1986. — Fez uma pausa, engolindo com dificuldade. — Eu me lembro como estava furiosa com Jordan aquela manhã por ele ter lido meu diário. E... e então, naquela tarde, meu irmão gêmeo estava morto e meus pais... toda a minha família nunca mais foi a mesma.

Justine se virou para olhar o marido, lágrimas nos olhos.

— Nenhum de nós nunca superou.

— Eu sei. — Seth roçou-lhe o rosto com a ponta do polegar, enxugando-lhe as lágrimas. Continuou a abraçá-la com força. — Sempre vou amar você — prometeu de novo.

Erguendo a cabeça, ela lhe procurou a boca. Os beijos rapidamente se tornaram mais profundos, cheios de uma urgência que já estava se tornando familiar.

Seth ergueu-se com ela nos braços, como se ela não pesasse nada. Levou-a para o quarto e ajudou-a a tirar o vestido, antes de se despir. Fizeram amor lenta e emocionadamente, e se abraçaram depois por muito tempo.

— Será sempre bom assim? — perguntou ela, beijando-lhe o ombro.

— Espero que sim — brincou ele.

— Seth?

— Humm?

— O que acha de filhos?

— Filhos? Quer dizer, de termos um bebê?

— Sim. — Era exatamente isto que queria dizer.

— Agora?

— Bem... logo.

— Logo quando?

Ela demorou um momento para pensar na pergunta.

— Estava pensando em bem depressa, em nove ou dez meses. Se você concordar. — Ela acariciou-lhe a perna com a dela, macia e sedosa. — Uma vez você me disse que não queria filhos.

— Mudei de ideia. O que acha de uma criança... ou duas?

— Ficarei encantada, mas só se você tiver certeza.

— Tenho certeza.

Seth beijou-lhe o pescoço, então deixou os lábios viajarem pelo ombro e descer. Justine arqueou as costas e gemeu de modo suave quando ele gentilmente lhe sugou o mamilo. Seth se moveu de um seio para o outro, fazendo uma pausa entre eles.

— Uma pergunta.

— Qualquer coisa — sussurrou ela, a respiração entrecortada, ansiosa para fazer amor com ele de novo.

— Gêmeos são comuns na sua família?

Justine riu.

— A cada geração.

Seth soltou um gemido exagerado.

— Estava com medo disso.

— Se tivermos um menino... — murmurou ela, enquanto ele continuava a lhe explorar o corpo. Passou as mãos sobre os ombros largos e suspirou com as sensações intensas que experimentava.

— Humm...

— Gostaria de dar a ele o nome do meu irmão.

Seth ergueu a cabeça e seus olhos se encontraram no quarto iluminado pela luz da lua.

— Eu também.

— Acho que Jordan se sentiria honrado por nosso filho ter o nome dele.

Os olhos de Seth pareceram brilhar.

— Acho que devemos começar o projeto bebê bem agora, não acha?

Um momento depois, ele se moveu sobre ela e Justine abriu o corpo e o coração para receber seu amor. A vida dela podia nunca mais voltar a ser como era antes daquele verão, 16 anos atrás. No entanto, pela primeira vez desde aquele dia, ela se sentiu realmente livre para criar uma nova felicidade.

Dela e de Seth.

Capítulo Sete

AGORA QUE o trabalho para a recepção de casamento de Justine e Seth terminara, Olivia podia se concentrar no Dia de Ação de Graças. Sentada em seu escritório depois de um dia no tribunal, decidindo problemas legais na vara de família, ela olhou o calendário e ficou assombrada ao ver como o feriado estava próximo. Para onde teriam ido os dias? Mal se lembrava quando fora a última vez que vira Jack. Seria culpa dela ou... não, era ele que a estava evitando, decidiu.

Olivia balançou a cabeça; não queria pensar no seu reacionamento, um dia intenso, no outro inexistente, com Jack Griffin.

Ouviu uma batida suave na porta, uma batida que Olivia reconheceu na mesma hora como a da mãe. Charlotte gostava de se sentar no tribunal de Olivia de vez em quando. Alegava que seu tricô ficava melhor quando o fazia ouvindo os casos de Olivia. Apenas raramente visitava Olivia no escritório e, quando o fazia, geralmente era porque tinha uma forte opinião sobre um dos casos da filha. Charlotte sempre conseguia expressar suas opiniões de forma inequívoca.

— Entre, mãe — chamou Olivia.

— Como sabia que era eu? — perguntou Charlotte, entrando na sala. Carregava sua bolsa de tricô, que era duas vezes maior do que sua enorme bolsa comum, e olhou com apreciação as escuras estantes de mogno que cobriam três paredes.

Olivia escondeu um sorriso.

— O que tem em mente, mãe?

Charlotte colocou a bolsa de tricô sobre o sofá de couro verde e se deixou cair nas almofadas macias.

— Você já percebeu que é quase o Dia de Ação de Graças?

— Agora mesmo. Juro que não sei o que aconteceu com este mês.

— Estava pensando que podíamos convidar Jack este ano. O que você acha?

Na verdade, Olivia achava ótimo. Independentemente de quem estava evitando quem, um convite para um jantar de Ação de Graças podia fazer muito para acabar com o distanciamento.

— É uma ideia maravilhosa.

A mãe sorriu de prazer.

— O filho ainda está vivendo com ele, assim precisamos incluir Eric também — lembrou Olivia.

— É claro — concordou logo Charlotte.

— E Cliff Harding? Ele estará sozinho?

Charlotte pegou a bolsa de tricô e a depositou no colo.

— Falei com ele no outro dia e ele vai para a Costa Leste, ficar com a filha e a família dela.

— Que bom.

Olivia gostava de Cliff e especialmente da maneira paciente como lidava com Charlotte, e com Grace também. Ficara contente por ele ter aceitado o convite para a recepção de Justine e Seth. Sua presença tornou o evento muito mais agradável para Grace, com quem ele passara a maior parte da tarde. Grace parecia voltar a ser o que era, quando Cliff estava por perto. Era tocante vê-la reagir às atenções de um homem. Quando Dan desaparecera, Grace presumira que lhe faltava alguma coisa. Por meses, culpara a si mesma, embora Olívia tivesse certeza de que, se havia culpa, não era dela.

— Vou fazer as tortas — disse Charlotte. — De frutas, de maçã, de abóbora e de pera. Adoro uma boa torta de peras.

— E rocambole? — perguntou Olivia, esperançosa. O rocambole de sua mãe era inesquecível.

— É claro, nem precisa dizer.

Completaram o cardápio e a lista de quem levaria o quê. Olivia ficou responsável pelo peru e seus acompanhamentos. Olivia pediria a Justine para providenciar a salada de frutas e o que quer que quisesse contribuir a mais. Jack e Eric seriam seus convidados e não teriam que levar nada.

Assim que a mãe saiu, Olivia pegou o telefone e ligou para o escritório do jornal. Foi conectada à linha dele imediatamente.

— Griffin — disse ríspido, parecendo preocupado.

— Lockhart — disse Olivia no mesmo tom.

— Olivia. — A voz ficou suave. — Oi.

— Oi para você também. O que está fazendo?

— Primeiro me diga o que está vestindo — a voz recuperara o tom brincalhão.

— Jack! Estou no tribunal.

— Está bem. Então me diga o que está vestindo sob a túnica.

— Quer parar?

Ele suspirou, como se fosse um esforço enorme se reprimir.

— O que há? Ficou com saudades de mim?

— Liguei para convidar você e Eric para o jantar de Ação de Graças com mamãe, Justine, Seth e eu.

— Mesmo? Quer dizer, claro, ótimo. Vamos adorar.

— Não tinha outros planos?

— Não — disse Jack. — Bem, eu ia comprar um peru congelado e assá-lo. Mas seu jantar é muito melhor, uma coisa para se esperar com prazer. Seria perfeito se apenas... — hesitou.

— Se o quê? — perguntou ela.

— Você se incomodaria de convidar mais uma pessoa?

— Quem?

— Há esta mulher com quem tenho saído nas últimas semanas e que ficará solitária e...

— Jack!

— Não acredita em mim?

— Nem por um momento — Olivia estava tendo dificuldade em não rir alto. Ficara preocupada com o relacionamento deles, mas parecia que tudo estava voltando ao normal.

— Estou falando sério sobre convidar outra pessoa — disse ele e não havia mais diversão em sua voz. — Você se importaria muito se eu convidasse Shelly Larson para ir conosco?

— A namorada de Eric? A que ele acha que está grávida de outro homem? — Olivia franziu a testa.

— Estou desesperado para aqueles dois se reconciliarem — disse Jack. — Meu filho se sente profundamente infeliz sem ela. Ele ama Shelly e acho que, se eles se encontrarem num lugar neutro, podem ser capazes de consertar as coisas. Sim, Eric terá que se ajustar, mas ele está disposto, se Shelly também estiver.

Olivia não queria se ver envolvida nesse conflito, mas percebeu que Jack não sabia mais o que fazer. Eric e Shelly estavam claramente num impasse... e Eric não dava sinais de que se mudaria da casa de Jack.

— Você faria isto, Olivia, para o bem da minha sanidade? — implorou Jack.

E para o bem do relacionamento deles, acrescentou Olivia silenciosamente.

— Com uma condição — disse ela. — Não acho que seja uma boa ideia surpreender Eric ou Shelly. Você terá que contar a Eric que a convidei.

— De acordo — prometeu. — Mas você falará com Shelly por mim? Por favor? Não quero parecer estar me intrometendo.

— Mas você está — salientou Olivia.

— Sim, mas não vejo alternativa. Parece que não conseguem resolver a situação sozinhos.

— Está bem, me dê o número do telefone dela — disse Olivia com um suspiro. Escreveu o número e desenhou algumas linhas em torno enquanto continuavam trabalhando.

— Vai fazer alguma coisa excitante esta noite? — perguntou Jack. A voz se aprofundou num sussurro sexy.

— Não sei, em que está pensando?

— A Câmara de Comércio vai se reunir hoje. Quer ir? — O tom sugestivo de Jack sugeria uma noite de amor apaixonado e não um evento de negócios bem insípido.

— Talvez eu consiga um tempo na minha agenda social ocupada.

— Posso pegá-la às sete?

— Sete horas está bom.

— Vista alguma coisa sexy.

— Para a Câmara de Comércio?

— Não, Olivia, para mim — disse suavemente.

O sorriso de Olivia continuou por muito tempo depois do fim da conversa. Assim que chegou em casa, telefonou para Shelly Larson.

Após uma longa explicação de quem era e por que estava telefonando, esperou por uma resposta ao convite.

— Eric sabe sobre isto? — perguntou Shelly.

A voz dela era suave e bem modulada. Olivia tentou combiná-la com a foto que Eric lhe mostrara. Lembrava-se que de Shelly era uma morena miúda que trabalhava numa agência de propaganda em Seattle. Vivera com Eric por quase dois anos.

— Jack sugeriu que eu a convidasse — disse Olivia. — Concordei com a condição de que vocês dois soubessem. Ele espera que você e Eric resolvam

logo essa situação.

Shelly não respondeu; aparentemente ainda estava considerando o convite.

— Você tem família por aqui? — perguntou Olivia, querendo ter alguma ideia do sistema de apoio de Shelly.

— Não... minha mãe morreu quando eu era bebê e meu pai nunca fez parte da minha vida. Fui criada pela minha avó, mas ela morreu há três anos.

— Então você não tem ninguém.

— Não. — Ela não parecia interessada em continuar falando sobre o assunto. Em vez disso, exclamou: — Não compreendo por que Eric não acredita que o bebê é dele. É um insulto a mim e a tudo em que acredito.

Olivia certamente não queria tomar partido. De acordo com Jack, seu filho era incapaz de gerar filhos, mas coisas estranhas aconteciam.

— Homens às vezes são estúpidos — disse ela, esperando demonstrar simpatia na voz.

— Agradeço muito o convite para o jantar — disse Shelly, a voz ganhando força e confiança —, mas tenho que recusar. Tudo acabou entre mim e Eric.

— Não se está grávida de um bebê dele — lembrou Olivia. — Nesse caso, o relacionamento está longe de ter terminado.

— Não tem importância. Eric não acredita em mim e, no que me diz respeito, a justiça lidará com isto. Não quero estragar seu Dia de Ação de Graças... não seria justo com você ou seus outros convidados. Foi muito gentil da parte de Jack querer me incluir, mas não vai funcionar.

Olivia não se sentiu confortável em interromper a conversa nesse ponto, agora que sabia que Shelly era sozinha no mundo.

— Gostaria de manter contato com você, Shelly, se não se importar.

— Acho que seria bom. Jack tem o direito de conhecer seu neto... ou neta.

Desligaram logo depois e Olivia ficou parada, pensando no que havia sido dito. A jovem mostrara um enorme bom senso ao recusar o convite, na opinião de Olivia. Podia sentir o quanto Shelly queria ser incluída na festa, mas recusara, sabendo que os outros ficariam desconfortáveis pela situação entre ela e Eric.

Jack chegou pontualmente às sete.

— Então? — perguntou, esperançoso. — Falou com Shelly?

— Falei, e ela recusou o convite.
— Não — gemeu Jack e passou os dedos pelo cabelo em frustração abjeta.
— O que disse Eric?
— Ele virá para o jantar se Shelly vier, mas, caso contrário, vai se reunir com alguns amigos em Kirkland, onde trabalha.
— Talvez seja melhor assim — disse Olivia.
— Não para mim — exclamou Jack.
E não para eles também, supôs Olivia.
— Maldição, estava esperando notícias melhores do que esta.
Ele se deixou cair numa cadeira, então pegou alguma coisa no bolso do paletó.
— Estou carregando isto por semanas, esperando a hora certa de lhe dar.
— O pequeno pacote que tinha nas mãos era embrulhado num papel alegre.
— É seu presente de aniversário.
Olhou para ele, atônita, sem saber o que dizer.
— Vamos, abra — pediu ele.
Olivia pegou o presente e sentou ao lado de Jack para desamarrar a fita.
— Desculpe por lhe dar com tanto atraso — disse ele, observando-a ansiosamente.
Ela desembulhou e ergueu a tampa da pequena caixa de veludo cinza. No momento em que viu o *tennis bracelet* de brilhantes, arquejou.
— Você gostou?
— Jack, eu... não sei o que dizer.
— Queria que soubesse o quanto você é importante para mim, Olivia.
— Oh, Jack... — Tentou encontrar palavras para lhe dizer como estava emocionada e então decidiu que palavras não eram necessárias. Com grande cuidado, pôs a caixa de lado e passou os braços em torno do pescoço de Jack, beijando-o de uma forma que não deixava dúvidas sobre o quanto gostara.

O DIA de Ação de Graças seria um dia calmo para Grace, com apenas Maryellen por companhia. O divórcio tinha sido declarado na segunda-feira. Não precisou ir ao tribunal; Mark Spellman telefonara no fim da tarde para lhe dizer que tudo tinha corrido bem. A partir da tarde de segunda-feira, não estava mais casada com Dan. Todos os papéis tinham sido

assinados, selados e registrados em cartório; era uma mulher solteira de novo.

Na manhã do Dia de Ação de Graças, Grace acordou cedo. Exatamente como um ano atrás. Mas no último Dia de Ação de Graças, comprara um peru de dez quilos. Enquanto o preparava para assar, Dan brincara com ela, depois saíra para cortar lenha para a lareira. Mais tarde, Kelly e Paul chegaram para jantar e Maryellen também. Tinha sido um dia agradável, um dia da família, cheio de risos e calor.

Este ano, Kelly e Paul foram para a casa dos pais dele. Dan desaparecera e o peru de dez quilos foi substituído por um pequeno peito de peru e uma torta de abóbora comprada pronta.

Grace achava impossível sufocar suas emoções. A casa nunca lhe parecera tão grande e vazia. Sentindo sua depressão, Buttercup ficou ao lado de Grace enquanto ela andava sem destino de um aposento para o outro.

Pouco depois de pedir o divórcio, Grace limpou o lado do closet destinado a Dan. Embora tivesse feito buscas nas roupas dele antes, desesperada para encontrar algum indício do motivo por que o marido havia desaparecido e para onde fora, verificara de novo cada bolso de camisa e calça, depois repetira a busca uma terceira vez. Então dobrara as roupas e as deixara de lado para doar para caridade. Estavam cuidadosamente arrumadas em malas e caixas, deixadas, por enquanto, num dos quartos de dormir vazios.

O telefone tocou e, olhando o relógio, Grace viu que ainda não eram 7h.

— Alô — disse ela, perguntando-se quem telefonaria tão cedo. Ouviu apenas o som alto de estática. — Alô — repetiu, mais alto desta vez. Teve uma sensação de inquietude quando a linha subitamente caiu.

Desligou, mas ficou algum tempo com a mão sobre o aparelho. Que... estranho! Era o tipo de brincadeira que Dan faria. Deus do céu, *poderia* ter sido ele? Estaria ele também pensando sobre o dia de Ação de Graças um ano atrás? Talvez sentisse saudade dela; talvez tivesse lido sobre o divórcio na seção legal do jornal.

Deus do céu, isto era loucura! Totalmente absurdo. *Tinha* que se esquecer de Dan, de parar de pensar nele. Seu casamento acabara e precisava seguir em frente com sua vida.

Maryellen chegou por volta do meio-dia. A esta hora, Grace já havia posto as batatas para cozinhar e o peito de peru estava assando muito bem.

Pretendia amassar as batatas com alho e servir brócolis e uma pequena salada.

— O cheiro está maravilhoso — disse a filha quando entrou na cozinha.

Maryellen pôs no meio da mesa um pequeno vaso de crisântemos cor-de-bronze e beijou o rosto de Grace.

— Fiz aquele tempero de laranja e uva de que você gosta tanto — disse Grace.

— Oh, mãe, isto é ótimo. Não pareceria o Dia de Ação de Graças sem o seu tempero. — Abriu a geladeira e olhou. — Céus, quanto dele você fez?

— Apenas o que a receita diz. — A pergunta de Maryellen lembrou-a mais uma vez que, este ano, seriam apenas as duas no jantar. — Se acha muito, leve o quanto você quiser para casa.

— Certo. — Maryellen andou, inquieta, pela cozinha. — Precisa de mim para alguma coisa?

— Tudo está sob controle.

A filha desceu o corredor, para o quarto que antes ocupara. Voltou dois minutos depois.

— Vi que você empacotou as coisas do papai. — Lágrimas encheram os olhos de Grace e ela acenou.

— O divórcio saiu na segunda-feira.

— Eu sei. — Maryellen apertou gentilmente o braço da mãe. — Como está enfrentando tudo isso?

— Mais ou menos como você quando se divorciou.

Maryellen suspirou profundamente.

— Tão ruim assim?

Grace desviou o olhar, determinada a não permitir que este dia de dar graças se tornasse um dia de pesar e raiva. O telefone tocou e Grace fez um gesto para Maryellen atender, temendo que, se falasse agora, sua voz tremeria.

— Alô — disse Maryellen e então franziu a testa. — Alô? Alô? — Depois de um momento, desligou o telefone. — Estranho, não havia ninguém do outro lado.

— Recebi uma chamada assim mais cedo — disse Grace. — Também ninguém respondeu.

Maryellen olhou para ela, a expressão chocada.

— Você... acha que era papai?

Grace havia pensado exatamente isso, mas não tinha como ter certeza. Diminuir as despesas era importante e, logo depois do desaparecimento de Dan, cancelara o serviço de identificação de chamada e todos os outros serviços que a companhia telefônica oferecia.

— Por que ele faria uma coisa dessas? — perguntou Maryellen, parecendo irritada. — Por que não fica longe de nossas vidas em vez de pregar essas peças estúpidas?

— Suponho que sente saudades de nós — disse Grace. Era o único motivo que podia encontrar.

— Se sente tanta falta de nós, por que não volta para casa? — gritou Maryellen. — Vou lhe dizer isto. — Pegou o telefone e começou a apertar números.

— Para quem está telefonando?

— Star 69.

— Não vai funcionar — disse Grace, a voz apertada. — Não podia pagar todos aqueles extras.... Dan deve saber disso, deve ter imaginado que não poderia descobrir quem chamou. — Fechou os olhos num esforço fútil de recuperar o equilíbrio emocional. — De vez em quando, tenho ódio dele por fazer isto conosco.

— Mãe, está tudo bem, não vamos deixá-lo estragar o nosso dia....

— Seu pai e eu fomos casados por mais de 35 anos. — Suas pernas ficaram trêmulas e precisou se sentar numa das cadeiras da cozinha.

O telefone tocou de novo.

— Não atenda! — disse Grace. — Não lhe dê esta satisfação, deixe tocar, deixe tocar.

No quinto toque, a secretária eletrônica atendeu e mais uma vez só se ouviu o som de estática.

Maryellen puxou uma cadeira, sentou em frente a Grace e lhe tomou as mãos, apertando-as.

— Não sei por que papai foi embora — sussurrou —, mas qualquer que tenha sido o motivo, não foi por nada do que você fez ou deixou de fazer. Você é uma mãe maravilhosa e uma boa esposa.

Grace baixou a cabeça, as lágrimas pingando na mesa.

— Obrigada, querida.

Queria poder acreditar em Maryellen, mas achava que um homem não abandonaria um casamento de muitos anos se estivesse contente. Fungou e

fez um esforço para esquecer os telefonemas. Maryellen libertou-lhe as mãos e lhe estendeu um lenço de papel.

— Queria que Cliff Harding estivesse aqui — disse Maryellen com veemência. — Isto abalaria papai. Seria bom ele ouvir um homem atender o telefone.

Grace sorriu, trêmula.

— Com certeza seria.

A água da batata começou a ferver e Grace se apressou em desligar a trempe. Usou aqueles poucos segundos para recuperar a compostura e, quando voltou à mesa, estava sorrindo.

— Mãe — disse Maryellen, hesitante. — Como estão as coisas entre você e o sr. Harding? Vão começar a sair juntos, agora que está divorciada?

Grace pensara nisto por semanas, incapaz de tomar uma decisão firme. De fato, já recusara um convite de Cliff.

— Provavelmente não — disse à filha.

— Mas devia — aconselhou Maryellen. — Gosto dele. Sei que Kelly pode demorar a aceitar outro homem na sua vida, mas acabará se acostumando.

— Não é por causa do que Kelly pode dizer... ou qualquer outra pessoa — admitiu Grace. — Não me entenda mal, gosto de Cliff, mas não estou pronta para ter encontros.

— Mas, mãe...

— É cedo demais, ainda me sinto muito ferida. Pensei... tive esperanças de encerrar o assunto com o divórcio, mas vejo agora que não vai acontecer. Preciso *saber*, Maryellen, preciso de respostas. Onde está seu pai? Por que não pode me dizer para onde foi ou por quê? Que segredo profundo e obscuro está escondendo de nós?

Grace sabia muito bem que a vida nem sempre dava as respostas. Talvez um dia ela conseguisse encontrar a paz, mas por enquanto não havia nenhuma. Só havia incerteza e a raiva e o pesar que lhe atormentavam a mente e o coração, tão fortes como no dia em que o marido desaparecera. Não que não houvesse felicidade em sua vida ou que não tivesse muita coisa pela qual ser grata. Tinha as filhas, os amigos, o emprego, mas...

— Você *precisa* ter encontros, mãe. Precisa.

Maryellen falou com tanta veemência que Grace não soube como responder.

— Se não tiver, receio que acabe como eu.

— E o que, exatamente, há de errado com você? — perguntou Grace asperamente.

— Olhe para mim! — exclamou Maryellen. — Tenho 35 anos e fico apavorada de pensar que posso me apaixonar de novo. Não confio no meu próprio julgamento. Praticamente tenho um ataque de pânico se um homem quiser me beijar. Tenho tanto medo do que pode acontecer que me recuso a permitir que qualquer homem se aproxime de mim. Olho para Kelly e Paul e eles parecem tão felizes, tão normais. Por que meu casamento não pôde ser como o deles?

— Oh, Maryellen... — Grace não sabia o que dizer à filha. Maryellen falava tão raramente sobre o casamento que se sentia perdida, sem saber como confortá-la.

— Gosto tanto de Tyler, e nunca terei um filho meu.

— Não diga isto, você ainda é jovem — insistiu Grace.

Maryellen balançou a cabeça.

— Não deixe seu divórcio fazer com você o que o meu fez comigo — repetiu. — Por favor, mãe, você tem muitos bons anos à frente. Se tiver outra oportunidade de amar, agarre-a! Prometa que vai agarrá-la... e ser feliz. Se não, acho que nunca encontrarei alegria na vida.

O Dia de Ação de Graças com a mãe tinha sido um dos dias mais perturbadores de sua vida, pensou Maryellen quando abriu a galeria na manhã de sexta-feira. Ainda se sentia emocionalmente drenada por causa dele. Se pudesse tirar o dia de folga, tiraria. Mas sabia que haveria uma multidão de fregueses no que era, tradicionalmente, o melhor dia do ano para o comércio.

Com tantas pessoas passando pela galeria o tempo todo, eram quase 2h quando conseguiu uma folga para comer o sanduíche de peru que levara da casa da mãe. Só ficou aquele momento sozinha, pois sua assistente, Lois Habbersmith, concordara em trabalhar à tarde com ela.

Os donos da galeria, os Webbers, viviam na Califórnia e confiavam em Maryellen para lidar com todos os aspectos do negócio.

Sentada num tamborete na sala dos fundos, Maryellen cruzou as pernas. Acabara de dar a primeira mordida no sanduíche quando Jon Bowman entrou.

— Jon... — Não o esperava, e seu coração já estava disparado. Ele ligara duas vezes desde a festa de Halloween e ela evitara falar com ele nas duas vezes.

— Ainda fugindo? — perguntou ele.

— Não sei o que quer dizer — mentiu ela.

Ele sorriu, deixando-a perceber que não o enganara.

— Quer mais algumas fotos?

— Sim — disse ela, ansiosa por ter o todo o trabalho dele que estivesse disposto a lhe entregar. — As últimas foram todas vendidas.

— Posso entregá-las a você esta noite?

Ela se perguntou por que não as trouxera agora.

— Sim, isto seria ótimo. A que horas?

— Sete.

A galeria fechava às 6h.

— Posso esperar por você aqui — disse ela. Penduraria as fotos imediatamente para estarem prontas para as vendas no dia seguinte.

— Quero que as pegue na minha casa — disse ele com toda a calma. — Eu prometo, sua ida até lá vai valer a pena.

Maryellen franziu a testa, pensando em como fora inteligente ao se certificar antes de que ela não tinha um compromisso.

— Prefiro que as traga aqui. — Era assim que o arranjo deles sempre funcionara antes.

— Sei que prefere, mas não desta vez. Vou fazer um jantar para você. Se quiser as fotos, esteja na minha casa às sete.

Ela começou a discutir, a dizer que não seria chantageada, mas ele não lhe deu oportunidade, simplesmente virou-lhe as costas e foi embora. Se quisesse discutir, teria que segui-lo até a galeria lotada e ele sabia que não faria isto.

Duas vezes, naquela mesma tarde, clientes perguntaram a Maryellen pelas fotos de Jon, e se viu respondendo que estariam disponíveis no dia seguinte. Suas fotos vendiam quase tão depressa quanto as pendurava nas paredes. Se quisesse mais, ele deixara claro que teria que buscá-las pessoalmente.

Às sete, resmungando, Maryellen estava dirigindo pela escura estrada vicinal, usando uma lanterna para ver o endereço nas caixas de correio, procurando pela entrada de carros de Jon. Quando finalmente a encontrou, entrou no caminho de terra e cascalho e dirigiu mais um quilômetro e meio. Estava prestes a desistir quando viu a casa de dois andares.

Estacionou nos fundos, saiu do carro e olhou para as luzes brilhantes de Seattle, piscando do outro lado de Puget Sound. A casa dele devia ser perto

do litoral. Uma barca, as luzes brilhando, passou pela água à distância.

— Estava imaginando se você viria — disse Jon de algum lugar na escuridão. Saiu das sombras para recebê-la.

— Você não me deixou escolha. — Não estava satisfeita com isto e queria que ele soubesse.

— Não, não deixei — concordou. — Venha para dentro.

— Eu... eu não posso ficar para jantar. Espero que não tenha se dado ao trabalho de preparar.

— Tive um trabalho enorme e gostaria que você ficasse, por favor.

— Mas... — Ele não lhe deu escolha a não ser segui-lo para dentro da casa.

O interior estava apenas parcialmente pronto, ela observou. Peças de mobília descansavam sobre o piso sem acabamento. As paredes estavam erguidas, mas ainda não haviam sido pintadas. A cozinha tinha aparelhos novos e bancadas de ladrilho, mas o chão ainda não recebera a última cobertura. Havia uma mesa posta, coberta por uma toalha branca e candelabros, no que deveria ser a sala de estar. A luz era fraca, vindo apenas de dois abajures sobre pequenas mesas laterais ao sofá e de uma réstia de luz da cozinha. Grandes janelas mostravam uma vista maravilhosa de Seattle.

— Deixe-me guardar seu casaco — disse Jon.

Maryellen queria resistir, realmente queria, mas apenas deixou o casaco escorregar dos ombros. Jon o pegou e foi até um closet sem portas e pendurou-o num cabide.

— Gostaria de ver minha casa?

Ela assentiu.

— Quem é o construtor?

— Eu — disse ele, rindo. — Estou fazendo tudo eu mesmo.

Ela se lembrou de que Jon dissera a Terri que era um faz-tudo. Agora percebia como fora precisa a definição. O único aposento com porta era o banheiro. O quarto principal era no andar superior e tinha uma varanda debruçada sobre a água.

— Tomo meu café da manhã aqui no verão — disse Jon.

Maryellen podia imaginar... a paz e o silêncio, a beleza clara e pura de Puget Sound no começo da manhã.

— Tenho dois hectares de terra — continuou. — Antes que imagine como pude conseguir esta propriedade, devo dizer que pertenceu ao meu

avô. Ele a comprou na década de 1950 por um valor mínimo. Quando morreu, deixou para mim. — Um alarme soou na cozinha. — O jantar está pronto.

Ele a ajudou a descer a escada, andando na frente e segurando-lhe a mão. Uma vez na parte principal da casa, levou-a até a mesa e puxou uma cadeira.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou ela.

— Não — garantiu Jon.

Primeiro ele acendeu as velas, depois serviu o vinho, um Gewürztraminer. Depois disso, pegou a salada, alface com peras frescas em fatias, pedaços pequenos de queijo Roquefort e maravilhosas nozes assadas cobertas de mel. O molho era um delicado vinagrete de framboesa.

— Oh, céus — murmurou Maryellen, depois de provar. — Isto é incrível.

— É apenas o começo — prometeu Jon.

Tomaram um cálice de vinho com a salada e outro antes do prato principal, um salmão assado com molho de endro tão cremoso que Maryellen fechou os olhos para saborear a primeira mordida. A sobremesa foi uma torta de maçã e tâmara.

Entre os pratos, Jon encheu-lhe a taça de vinho, abrindo uma segunda garrafa e, quando terminaram de jantar, Maryellen se sentia quente e ligeiramente tonta. Ele a levou para um sofá confortável e um CD clássico, ela reconheceu as *Quatro estações*, de Vivaldi — tocava ao fundo.

— Vou precisar tomar muito café — disse ela.

— Já está sendo preparado.

Podia sentir o rico aroma do café. Sentindo-se plena e completamente contente, apoiou a cabeça nas costas do sofá e apreciou a vista deslumbrante. Luzes brilhavam como pirilampos à distância e a água escura refletia a lua quase cheia. Jon apagara as luzes e ela pode ver a própria imagem no vidro da janela; nada interferia com a vista.

Ele se sentou ao lado dela.

— Não é tão ruim assim, é? — Então, como se ela pudesse não compreender a pergunta, acrescentou: — Quero dizer, estar aqui comigo.

— Tem sido muito... agradável.

— Admita, não sou tão amedrontador, sou?

Ela se virou de lado para olhar para ele e sorriu.

— Você pode ser.

— Quando?

— Quando me beijar. — Devia ser o vinho falando, no entanto era a verdade.

Jon tomou-lhe a mão e examinou os longos e delicados dedos.

— Isto pode ser uma surpresa para você, mas seus beijos também me assustam.

— Eu o assusto? — Não foi tão surpreendente, foi mais divertido, pensou Maryellen.

Como se quisesse provar o que dissera, ele se debruçou e pressionou a boca na de Maryellen. Foi um beijo gentil, nada exigente, mas que prometia muito mais.

— Está vendo? — disse ele em voz baixa, parecendo diferente. Espalmou a mão dela contra o peito. — Sinta meu coração.

— Sim... está batendo com força. — O dela também estava.

Querendo mostrar o que os beijos dele faziam com ela, Maryellen se debruçou e encostou a boca na dele. O beijo foi mais profundo, mais longo, mais envolvente. Quando terminou, a cabeça de Maryellen estava rodando.

— Sinta meu coração — sussurrou ela.

Jon pôs a grande mão sobre o peito dela e então, como se não conseguisse resistir, empalmou-lhe o seio. Deu-lhe ampla oportunidade para fazê-lo parar, mas ela não conseguiu. As sensações que o toque dele despertaram eram excitantes demais, atraentes demais. Os dedos de Jon estavam nos botões da blusa enquanto continuava a beijá-la. Mesmo antes de ele terminar, Maryellen estendeu as mãos para trás e desabotoou o sutiã, deixando os seios nus. Jon tomou-os nas duas mãos e gemeu quando ela se debruçou mais e passou a língua na margem interna da orelha dele.

Depois disso, tudo aconteceu tão depressa que Maryellen não percebeu quem despiu quem. Tudo o que sabia era que estavam no sofá e que Jon ia fazer amor com ela. Seus olhos prenderam os de Maryellen enquanto ele se deitava sobre ela.

— Você quer? — perguntou ele.

Ela fechou os olhos e acenou, tão ansiosa que passou os braços pelo corpo dele e puxou-lhe a boca para a sua.

— Diga — insistiu ele.

— Sim, por favor.

Fizeram amor longa e lentamente. E foi requintado, diferente de tudo o que ela já experimentara. Em algum momento durante a noite, subiram para o quarto dele. Exausta, Maryellen caiu num sono profundo, com o corpo de

Jon enroscado no seu, o braço sobre a cintura, a mão pressionando-a junto a ele.

Pouco antes do amanhecer, os raios do sol apenas começando a clarear o céu, ela se mexeu. Assustada, quase inconsciente do ambiente em torno, Maryellen acordou abruptamente e se sentou.

— Onde estou? — perguntou.

— Você está comigo — disse Jon, e puxou-a de novo para os braços. Beijou-a de novo e ela se virou para fitá-lo.

Na segunda vez em que fizeram amor, ela se sentara sobre ele, seus longos cabelos se espalhando pelos ombros e os seios.

Pela manhã, Maryellen acordou primeiro e ficou deitada nos braços dele, quieta, por um longo momento, pensando no que havia feito. Jon Bowman a seduzira... e ela deixara. Ele lhe dera vinho e jantar e então a atraíra para a cama dele... e ela deixara. Fora uma participante voluntária, sem pensar em controle de natalidade ou em qualquer tipo de proteção. Pura insanidade.

Com cuidado para não perturbá-lo, saiu da cama, embaraçada ao perceber que estava completamente nua. Desceu a escada na ponta dos pés, recolheu a roupa peça por peça e segurou-as de encontro ao peito. Vestira a lingerie e estava pondo a calça de lã quando Jon apareceu no alto da escada, nu da cintura para cima.

— Está fugindo? — perguntou.

Ela não respondeu. Sua intenção era óbvia e não incluía café da manhã e jornal.

— Isto não devia ter acontecido.

— Mas aconteceu. Vai fingir que não?

O rosto dela queimava, vermelho.

— Sim.

— Maryellen, seja sensata.

— Não... temos um relacionamento profissional, não pode ser mais nada.

— Por que não?

Não tinha uma resposta sem as explicações que não queria dar.

— Porque não. Lamento, mas é assim que tem de ser.

— Você me deve mais do que isto.

— Não lhe devo nada. — Continuou a se vestir o mais depressa que pôde, fechando o zíper da calça. — Você planejou esta pequena sedução. O vinho, o jantar, a música...

— Droga, não fiz nada disso! Você me queria tanto quanto eu a queria. Se vai ficar zangada, tudo bem, mas pelo menos seja honesta.

— Sim, quis, mas nunca teria dormido com você se não tivesse me chantageado para vir aqui. Tinha tudo planejado... até os três calices de vinho, não tinha? — Jogou o cabelo para trás, pegou a blusa e vestiu, sem se dar ao trabalho de abotoar. Foi até o closet e arrancou o casaco com força, deixando o cabide balançando.

— Maryellen — pediu ele —, não vá embora assim. Não minta para mim e não minta para si mesma. Não planejei o que aconteceu.

— É evidente que planejou. — Quando era jovem, ingênua e virgem, Clint a atraía para a cama com vinho e promessas. Fizeram sexo sem responsabilidade, sem pensar na possibilidade de uma gravidez, exatamente como agora. Em todos os anos desde seu casamento e divórcio, aparentemente não aprendera nada.

— Tudo bem — disse ele, irritado. — Acredite no que quiser, mas eu sei a verdade e você também.

Maryellen saiu da casa sem dizer mais nada e só quando estava no meio do caminho se lembrou das fotos.

Capítulo Oito

JACK NÃO sabia quanto tempo mais suportaria a presença de Eric em sua casa, que era muito *pequena*. Quando foi tomar o café da manhã, descobriu que o pacote de pão estava vazio, que Eric comera tudo o que havia. Este era apenas o exemplo mais recente do egoísmo do filho. Perguntou-se como Shelly lidava com comportamento desordeiro de Eric, praguejando enquanto jogava pratos e xícaras na pia.

Tentando controlar sua irritação, Jack decidiu que podia passar sem sua torrada matinal, seria bom para diminuir sua cintura. Entretanto, seu humor não melhorou quando descobriu que Eric usara quase toda a água quente para tomar banho e depois lavara algumas peças de roupa com a que sobrara. Sem saber que o tanque de água quente estava vazio, Jack entrou no boxe e abriu a torneira, tomando um jato de água gelada. Gritando, bateu a porta de vidro e agarrou uma toalha. Infelizmente, estava úmida do banho de Eric, que usara as duas toalhas, sem deixar uma seca para Jack.

— Isto é o fim! — gritou, jogando a toalha longe.

Quando Eric viera morar com ele, pensara que seria apenas por alguns dias. Já haviam se passado semanas e Jack já não aguentava mais. Iria pôr um fim nisto.

Sua disposição estava rapidamente se transformando de irritação para fúria enquanto tentava se vestir, ainda molhado do chuveiro. Teve que parar duas vezes para respirar fundo e acalmar o coração disparado. Até onde podia ver, Eric e Shelly estavam num impasse e nenhum dos dois cederia. Jack tinha esperado que as coisas se resolvessem no jantar do Dia de Ação de Graças na casa de Olivia, mas, infelizmente, Shelly recusara o convite.

Eric tentara esconder seus sentimentos, mas eram transparentes demais. O filho esperara ver Shelly no feriado e a recusa dela o abalara profundamente. Agora se convencera de que ela estava envolvida com outro homem. Foi quando Jack convencera Eric a fazer uma consulta numa

clínica de fertilidade. Depois da consulta, Eric sofrera de profunda depressão por muitos dias.

Sem saber mais o que fazer, Jack sentiu que não tinha escolha a não ser cuidar pessoalmente do assunto. Quando chegou à redação do jornal, já desenvolvera um plano de ação. Telefonaria para Shelly. Tinha o telefone do seu trabalho e, quando ela atendeu, sugeriu que se encontrassem para jantar. Shelly concordou e combinaram uma hora, escolhendo um lugar no litoral de Seattle. As coisas tinham que mudar, e depressa. Pelo bem do filho e pelo próprio bem deles.

Às 6h30 daquele mesmo dia, Shelly se encontrou com Jack num restaurante de luxo que servia frutos do mar. Ela já estava sentada, esperando por ele. Ainda não o vira e ele aproveitou para observá-la. Shelly era uma moça bonita, pequena e de aparência frágil, especialmente agora. Jack ficou surpreso ao ver que já estava usando roupas de grávida.

— Oi, Shelly — disse ele, beijando-a no rosto antes de se sentar em frente a ela.

— Sr. Griffin.

— Por favor — insistiu —, me chame de Jack.

— Está bem. — Ela abaixou os olhos, aparentemente lendo o cardápio, mas Jack teve a sensação de que já sabia o que ia pedir. *Ele* sabia o que queria, os bolos de caranguejo eram excelentes. Mas este encontro não era sobre bolos de caranguejo ou qualquer outro item do cardápio.

— Acho que está imaginando por que a convidei — disse Jack enquanto punha o cardápio de lado.

— Presumi que fosse sobre Eric. — Então, como se não pudesse evitar, ela perguntou: — Como ele está?

— Nada bem, tem saudades de você.

Shelly olhou em direção ao pier e à água negra como tinta além.

— Também tenho saudades dele. — A voz dela era suave.

— Meu filho sempre foi tão relaxado? — Jack perguntou de repente, esperando que o humor ficasse mais leve. Eric bem podia ter sido sempre assim por natureza. A própria falta de ordem de Jack não o incomodava muito, mas a de Eric estava enlouquecendo-o. Além disso, Eric ganhava com folga de Jack numa competição sobre relaxamento.

— Sempre — disse Shelly com o esboço de um sorriso. — Eu sou a organizada. Ele está comendo bem?

Provavelmente não era uma boa ideia dizer a ela que o filho estava comendo tudo o que via pela frente.

— Parece que está bem nesse departamento. E você?

Shelly abriu um pouco mais o sorriso e Jack percebeu como estava pálida.

— Tenho fome o tempo todo. Nunca tive um apetite assim na vida. Tomo o desjejum e no meio da manhã estou tão faminta que tenho que tomar outro.

Isto explicava por que já estava usando roupas de grávida. A pobre moça tinha se voltado para a comida para ajudá-la a passar por esta fase difícil e Jack desejou saber o que dizer.

— Conversou com Eric recentemente? — perguntou, abordando com cuidado o assunto.

— Não... não nos falamos desde a semana anterior ao Dia de Ação de Graças.

— Então você não sabe. — O coração de Jack apertou. Eric não contara a ela.

— Não sei o quê?

— Convenci Eric a fazer uma consulta numa dessas clínicas de fertilidade para fazer um teste de esperma. Você diz que este bebê é dele e Eric diz que não pode ser por causa do que um médico nos disse há muitos anos.

Shelly imediatamente se mostrou animada.

— Esta foi uma ótima ideia. Então ele sabe que o bebê é dele.

— Infelizmente, não. — Jack olhou em volta, surpreso por ainda não ter visto um garçom. Como se tivesse lido sua mente, um garçom apareceu e Jack pediu café e bolo de caranguejo e Shelly pediu uma salada verde com molho extra, galinha, fettuccini Alfredo, mais uma porção de pão com queijo e alho. Jack acreditou que, se a sobremesa também estivesse listada no cardápio, ela a pediria.

— Explique o que disse sobre Eric. Se ele foi à clínica, então *tem* de saber que é o pai do bebê — pressionou Shelly.

Ela abriu o guardanapo no colo e alisou-o vigorosamente, como se uma ruga fosse inaceitável. Seu rosto estava tenso de ansiedade.

— De acordo com o laudo, a probabilidade de Eric gerar filhos é extremamente pequena. — Jack odiava ser o mensageiro de más notícias, mas presumira que Eric havia contado a ela. Imaginara que a conversa

subsequente fora a causa da depressão do filho. — Li o resultado do exame. O número de espermatozóides é muito baixo. *Há* uma possibilidade extremamente pequena de ele gerar um filho, mas ele não parece ver isso. Tudo o que ficou na cabeça dele foi a expressão *extremamente improvável*.

Shelly baixou a vista e Jack se perguntou se ela estava lutando para não chorar.

— Isto explica muita coisa — sussurrou.

— Oh? — Jack não queria ser indiscreto, mas se ela desse uma informação voluntariamente...

— Isto explica por que ele não me telefonou. Não acredita que o bebê seja dele. É evidente que pensa que o enganei e se ressentido. Sua falta de confiança em mim é muito dolorosa, Jack. — Ela olhou fixamente para a mesa. — Mas, apesar de tudo, ele continua a pagar o aluguel do apartamento, sabe que não posso com o que ganho.

Jack teve vontade de gemer. Embora gostasse de saber que Eric era generoso, isto também significava que Eric poderia ficar com ele por anos. Jack estava preso ao filho.

— Disse a Eric para não pagar, que eu mesma pagaria, mas ele ainda é responsável pelo aluguel. — Fez uma pausa e balançou a cabeça. — Estou grata, não sei como seria se tivesse que pagar o aluguel, além de todas as outras despesas.

— Desculpe por ser tão direto — disse Jack —, mas preciso saber da verdade. Eric é o pai do seu bebê?

Pela primeira vez os olhos de Shelly encontraram os dele.

— O bebê é do seu filho. Assim que ele nascer, poderei provar sem deixar dúvidas. Até lá, não acho que seja bom que Eric e eu nos encontremos.

Isto respondeu à outra pergunta de Jack mesmo antes de ele ter a oportunidade de fazê-la.

— Compreendo.

— Obrigada por sua preocupação, Jack — disse ela calmamente. — Significa muito para mim. Mas não importa o resultado da clínica, porque sei a verdade. Em menos de cinco meses a prova vai nascer.

No fim do jantar, Jack não sentiu que estava mais perto de uma solução. Quando chegou em casa, Eric estava sentado em frente à TV, comendo batatas fritas de um grande pacote.

— Você chegou tarde, — disse o filho, mantendo os olhos na tela.

— Jantei com Shelly em Seattle.

Eric pegou o controle remoto e desligou a televisão.

— Você estava com Shelly? — Franziu a testa para Jack, como se esperasse que ele lhe desse mais informações. — Ela lhe telefonou? — perguntou finalmente.

— Eu telefonei para ela. — Jack tirou a capa de chuva e pensou na melhor maneira de abordar o dilema.

— Contou a ela o resultado do exame de esperma? — perguntou Eric, um pouco de violência na voz.

Eric se levantou, a raiva brilhando nos olhos.

— O pão tinha acabado quando fui tomar café da manhã — disse Jack — e toda a água quente foi usada e as duas toalhas estavam molhadas e...

— Você traiu minha confiança porque comi o último pedaço de pão velho que havia na casa? É isto que está me dizendo?

— Não... tinha a esperança de, se conversasse com Shelly, pudesse esclarecer tudo de uma vez por todas.

— Se quer que eu vá embora, tudo o que tem a fazer é dizer. — Eric saiu da sala com raiva e foi para o que antes era um quarto vazio.

— Não disse que quero que vá embora — replicou Jack, mas suas palavras não mostravam convicção.

— Sem problema, pai — disse Eric, saindo do quarto um minuto depois com a mala malfeita, roupas sobrando pelos lados. — Vou embora. Você não foi pai quando era criança e precisei de um. Não sei o que me fez pensar que seria diferente agora.

Jack gemeu de frustração. Fizera uma confusão, quando tudo o que pretendia era ter a vida deles de volta ao normal.

— Eric, escute, lamento muito.

— *Lamenta?* — repetiu Eric, como se este fosse o comentário mais ridículo que já ouvira. — É tarde demais e não se preocupe. Não vou incomodá-lo mais.

Com isto, ele saiu e Jack se perguntou quando saberia de novo do filho.

CEDAR COVE era um lugar maravilhoso na época de Natal, pensou Maryellen quando abriu a galeria no dia primeiro de dezembro. Arbustos de sempre-verde tinham sido espalhados pelos dois lados da Harbor Street e grandes e coloridas bengalas doces estavam penduradas em cada poste.

A galeria também estava decorada, com pequenas luzes brancas e grinaldas elegantes de espruce que perfumavam o ar. Era o cheiro do Natal para Maryellen, o cheiro que associava aos feriados da infância... e ao pai. Teve uma forte lembrança dele, levando uma árvore de Natal para casa, batendo as botas para tirar a neve. Maryellen piscou para evitar lágrimas inesperadas.

Por algum motivo, encontrou-se pensando em Jon. Já haviam se passado duas semanas desde que o vira pela última vez, mas suspeitava de que ele não demoraria a aparecer na galeria com algumas fotos. Especialmente porque não as trouxera quando deixara a casa dele. Maryellen tentara se preparar emocionalmente para o próximo confronto. Não podia permitir que o que acontecera abalasse seu relacionamento profissional.

Mil vezes tivera vontade de bater em si mesma por se entregar aos instintos mais básicos. Encontrara centenas de desculpas para justificar suas ações, mas o tempo e a verdade destruíram todas. Não fora o vinho ou o luar, nem podia culpar Jon por seduzi-la. Envolvera-se completamente.

Quase como se estivesse consciente de que pensava nele, Jon apareceu pouco depois de a galeria estar oficialmente aberta. Maryellen estava ocupada com uma cliente quando ele entrou no grande salão aberto. Percebeu que trazia duas fotografias emolduradas e adivinhou que havia mais no carro dele.

Maryellen ainda ocupava-se ocupada com a cliente quando Jon fez uma segunda e depois uma terceira viagem, levando as fotos para a sala dos fundos.

— Vou pensar — disse a sra. Whitfield.

Maryellen levou um minuto para compreender que a mulher do médico se referia à aquarela que estava considerando como um presente de Natal para o marido.

— Está tudo bem — disse Maryellen. Então, depressa demais, estava sozinha com Jon na sala dos fundos.

— Oi — disse ela, rígida, fazendo o melhor que podia para ser cordial e educada. Antes de deixar a casa dele, dissera que o relacionamento deles seria estritamente profissional e, para ela, esta era a verdade.

— Oi. — Os olhos dele a observavam com tanta intensidade que ela desviou os olhos.

— É uma linda manhã, não é? — murmurou ela. — O céu está carregado de nuvens cinzentas e está ameaçando chover. — Sorriu, sem animação.

Evidentemente, conversa leve não estava funcionando, mas nunca funcionara mesmo com ele. — Estou vendo que trouxe algumas fotos.

— Estas são as que deixou na minha casa. Se não estivesse com tanta pressa...

— Agradeço por tê-las trazido — disse ela, cortando o que ele estava dizendo antes que a lembrasse daquela noite.

— Vim por outro motivo — disse ele, pondo as duas mãos nos bolsos traseiros do jeans.

Andava pela sala, o que a fazia ficar nervosa, então subitamente percebeu que ele também estava nervoso. De repente, parou e olhou para ela.

— Está livre na tarde de domingo? Há um trem restaurante que sempre quis conhecer e espero que concorde em vir como minha convidada.

Era isto exatamente que Maryellen temia que acontecesse. Segurou a respiração por tanto tempo que seus pulmões doeram.

— Obrigada, mas não.

— Não? — Ele parecia magoado e confuso.

— Eu falei sério antes. É importante que nosso relacionamento não se torne pessoal.

Ele franziu a testa.

— Um pouco tarde para isto — resmungou ele.

Ela ignorou a observação.

— Não estou interessada em me encontrar com você fora da galeria. — Não podia ser mais clara do que isto.

— Foi você quem me convidou para a festa de Halloween.

— Eu sei, e foi um erro, o primeiro de muitos. Escute, Jon, isto é constrangedor e desagradável, mas consideraria um favor se você esquecesse o que aconteceu.

As rugas na testa dele se aprofundaram.

— É isto realmente o que quer?

— Por favor.

Por um momento, pareceu que ele ia discutir, então balançou a cabeça.

— Não tenho escolha, tenho?

— Eu sei e, de novo, lamento.

— Certo, como você quiser.

Maryellen fez o recibo das fotos e estendeu-o para ele. Um momento desconfortável se passou antes de ele pegá-lo, virar-se e sair da galeria.

Assim que ele saiu, Maryellen fechou os olhos e liberou a grande tensão que sentia com um suspiro profundo.

Ela se sentou na banquetta e tentou recuperar a compostura.

— Só um minuto — disse Jon, invadindo a sala. — Não sou bom em fingir. Talvez *você* possa esquecer o que aconteceu, mas eu não posso. Maldição, Maryellen, o que tivemos foi bom, será que você pode compreender?

— Não, não posso. Por favor, não torne as coisas mais difíceis do que já são. — Devia saber que ele não deixaria as coisas como estavam.

— Não sou eu que estou tornando as coisas difíceis... você está. Vamos nos encontrar e discutir isto. Você decide quando e onde.

— Não há nada a discutir.

— Não compreendo você — disse Jon, andando de novo pela sala. As tábuas antigas do piso estalavam enquanto ele andava em torno de um belo vaso de porcelana azul que ela estava preparando para expor. — Se quer fingir que não aconteceu, ótimo, faça como quiser, mas eu não posso. Por Deus, gostaria de poder. Só que não consigo deixar de pensar em você, em nós....

— Tenha a certeza de que não penso mais no assunto.

Ele resfolegou, sabendo que era mentira.

— Se nos desse uma chance — argumentou —, poderia descobrir que temos alguma coisa muito valiosa.

— Duvido — disse ela com a indiferença possível, pretendendo que ele pensasse que a conversa a aborrecia. — Temo que tenha se equivocado sobre a situação.

Olhou-a fixamente.

— Você faz este tipo de coisa regularmente?

Ela riu, esperando parecer divertida quando, na realidade, se sentia humilhada e envergonhada.

— Não há algum tempo... Jon. Lamento que nossa noite juntos tenha significado mais para você do que deveria, porém...

— Eu sei, eu sei — disse ele e ergueu as mãos para interrompê-la. — Já entendi tudo. — Ela sinceramente esperava que sim. — Nosso relacionamento é estritamente de negócios.

Ela assentiu, obrigando-se a sorrir, o que provavelmente parecia mais uma careta.

Ele observou lentamente a sala dos fundos da galeria.

— Sendo assim, não vou mais incomodá-la.

— Agradeço muito, Jon.

— Pode me enviar um cheque quando as fotos forem vendidas?

Maryellen não compreendeu imediatamente a ligação.

— Enviar um cheque para você pelo correio? Isto significa que não virá mais aqui?

— Não acho que seja uma boa ideia eu vir — disse ele, a expressão fechada.

— Ah... — agora ela ficou perturbada. — Era exatamente por isto que queria manter o lado pessoal fora disto! Não há necessidade de acabar com nosso relacionamento profissional, há? Quero dizer, suas fotos são maravilhosas, realmente maravilhosas e... Você vai entregá-las para outra pessoa vender, não vai?

A pergunta ficou entre eles por alguns segundos tensos. Enquanto esperava que ele pensasse sobre a solução que sugerira, Maryellen fechou as mãos em punhos nas costas. Tinha orgulho de exibir as fotos dele. Seu trabalho atraía clientes e as fotos vendiam bem, por um bom preço. Era um relacionamento mutuamente benéfico, um relacionamento de *negócios*.

Jon segurou-lhe o olhar e, no dele, ela viu raiva e pesar.

— Acho que está na hora de eu fazer arranjos com outra galeria — disse ele, erguendo os ombros num gesto que parecia tudo menos casual.

Maryellen engoliu as palavras que ia dizer, pedindo a ele que reconsiderasse, que ficasse. Numa voz baixa, conseguiu dizer:

— Se é isto que prefere, então posso apenas lhe desejar sorte.

— Não é o que eu prefiro — disse ele, a voz sem emoção. — É o que você quer. Adeus, Maryellen.

Um nó se formou na sua garganta quando Jon se virou pela segunda vez e começou a sair.

— Oh, inferno — resmungou ele, voltando-se e andando rapidamente até ela. — Não se preocupe — disse, segurando-lhe os ombros. — Como falei, não pretendo aborrecê-la de novo, mas gostaria de uma última lembrança antes de ir.

— O quê? — perguntou ela, a voz trêmula, reagindo ao choque do toque dele.

— Isto — disse, rouco.

Então beijou-a como se fosse a única coisa em que pensara desde o momento em que ela saíra da casa dele. O beijo foi forte, quente e

insuportavelmente lento. Quando ela ergueu a boca, o sangue lhe pulsava com força no ouvido.

Maryellen tentou se impedir de lhe dar a satisfação de uma resposta, mas quando a libertou, ela recuou e arquejou, e a mão subiu para o pescoço, numa reação instintiva.

Resmungando alguma coisa que ela não conseguiu ouvir, Jon saiu, e desta vez ela soube que era para sempre. Suas pernas estavam fracas e Maryellen se sentiu prestes a chorar. Conseguiu chegar até a bandeja de café e se serviu, e ficou chocada como suas mãos tremiam enquanto enchia a caneca.

Ele a beijara assim por que queria que ela se lembrasse dele. Lembrasse a noite que haviam passado juntos. Sua manobra funcionara bem demais. Maryellen fechou os olhos e se lembrou do amor lento e sedutor que tinham feito. Lembrou-se como a tocara, da sensação das mãos fortes e masculinas explorando-lhe o corpo, acariciando-a primeiro com os dedos e então com a língua. Lembrou-se com detalhes vívidos da sensação que experimentara quando fizera amor com ela. Quisera-o com uma paixão tão intensa que era difícil renunciar a ela. Não tivera a intenção de magoar Jon, mas via que magoara. No processo, magoara a si mesma também.

Jon não compreendia por que ela o rejeitara. Ele não sabia, e nunca saberia. Mandara-o embora por um motivo profundamente enraizado nela. Andara por esta estrada uma vez e ainda tinha as cicatrizes. Algumas vezes, feridas emocionais eram mais difíceis de sarar do que as físicas. Algumas vezes nunca saravam.

FIOS DE luzes de árvore de Natal estavam espalhados pela sala de estar quando Zach acordou no sábado de manhã.

— Oi, papai — disse Eddie, quando Zach ergueu os olhos, bocejando, a caminho da cozinha. O filho estava sentado em meio às luzes, desembaraçando os longos fios e colocando-os nas costas do sofá.

— O que está fazendo com isto? — Rosie gostava de decorar a frente da casa com luzes de Natal, mas ele sempre achara isto um aborrecimento.

Olhou o relógio e viu que ainda não eram sete horas. Aparentemente, Rosie já estava de pé.

— Mamãe já as tirou da caixa — explicou Eddie e ligou os fios na tomada. As luzes brilharam na mesma hora, quase cegando Zach.

Suspeitava que esta era a insinuação nada sutil de Rosie de que queria que ele colocasse os fios esta manhã. Maravilha, exatamente uma maravilha. Podia ter pedido antes, mas não estavam nos melhores termos estes dias.

Continuar sendo educado durante o Natal seria muito difícil, se o Dia de Ação de Graças fosse uma indicação. De alguma forma, haviam passado o dia sem uma grande briga... provavelmente por que Rosie passara grande parte da tarde com a irmã, sem dúvida se queixando dele.

— Onde está sua mãe? — perguntou, irritado.

— Saiu.

— Saiu? — Zach olhou as horas de novo. — Para onde foi agora?

— O bazar de Natal na escola.

— O que ela está fazendo lá?

Eddie deu de ombros.

— Ela não me disse. Podemos ir ao McDonald's para o café da manhã? Estou ficando enjoado de Pop-Tarts.

Zach olhou o filho fixamente. Este menino de 9 anos de idade realmente acreditava que a alternativa para Pop-Tarts era uma refeição fora de casa. Rosie ficara tão relaxada no desempenho de suas responsabilidades como esposa e mãe em tempo integral que seus filhos nem sabiam que a maioria das famílias fazia refeições juntas em torno de uma mesa.

— Papai?

O grito urgente do filho lhe cortou os pensamentos.

— Olhe! — Apontou para a tela da TV. — É isto que quero no Natal.

Zach estudou a tela e observou um enorme caminhão de controle remoto se jogar contra um grande monte de terra com um barulho ensurdecedor.

— Mamãe disse que posso ter um.

— Ela disse?

Zach conversaria com Rosie sobre isto. Não ia gastar 200 dólares num brinquedo estúpido. Seguindo para a cozinha, descobriu que não havia café pronto, mas Rosie deixara um bilhete para ele perto da máquina de café.

Vou trabalhar até as 4h no bazar. Coloque as lâmpadas, está bem? Allison dormiu fora com um grupo de amigas e vai precisar de uma carona para casa. Se tiver oportunidade, pode comprar a árvore de Natal? Vejo você mais tarde. Rosie

A esposa esquecera de lhe contar que trabalharia no bazar e isto era previsível. Mas ele esperara que, pelo menos uma vez, tivessem um dia

juntos, sem obrigações ou exigências. Ou melhor, comprar a árvore de Natal era um evento familiar; todos iriam juntos e cada um podia dar um palpite. Decorar a árvore era divertido, com música tocando ao fundo e depois comiam pipoca e tomavam sidra quente. Agora, comprar a árvore e decorá-la era um aborrecimento que tinha que ser encaixado de qualquer maneira na agenda ocupada de Rosie.

— Podemos ir ao McDonald's para o café da manhã? — perguntou Eddie de novo.

Zach não respondeu.

— Papai?

— É claro — resmungou, observando que não havia leite na geladeira. Rosie não só lhe deixara uma lista de tarefas, mas também a casa vazia de alimentos.

Zach ficou furioso a manhã inteira com a falta de atenção da esposa para com a família. Lembrou-se do que Janice Lamond lhe contara sobre o sábado especial que planejara para o filho. Claramente, era uma mãe que fazia do filho uma prioridade.

Depois do café da manhã no McDonald's, Zach pegou Allison na casa da amiga e então, com a ajuda de Eddie, começou a colocar as luzes de Natal na frente da casa.

— Vamos comprar nossa árvore hoje? — perguntou Eddie enquanto Zach estava na escada, prendendo as luzes ao longo da linha do telhado da casa. Olhou para o filho, que o observava, ansioso.

— Pergunte a sua irmã se ela quer ir — disse Zach.

— Certo. — Eddie correu para dentro de casa e voltou quinze segundos depois. — Allison disse que irá se tiver que ir. Não precisamos dela, precisamos, papai?

— Diga-lhe que precisamos dela.

Eddie olhou o pai, o rosto uma pintura de incredulidade e repulsa. Zach não pode deixar de rir.

Com uma fígada de pesar, compreendeu que fora a primeira vez que rira o dia todo. Não era culpa das crianças que Rosie preferisse passar o dia com estranhos e não com a família. Quando ela chegasse, Zach pretendia ter uma longa conversa com a esposa.

Comprar a árvore de Natal foi mais um episódio aborrecido num dia que começara muito mal e ficara pior com a passagem das horas. Quando voltaram para casa, os meninos estavam implicando um com o outro e com

fome. Quando Zach estacionou na garagem, viu que o carro de Rosie estava lá.

— Compramos a árvore, mãe — anunciou Eddie enquanto corria para a cozinha.

— Oi — disse Zach, determinado a se mostrar feliz até ter um momento a sós com a esposa. — Como foi o seu dia?

Rosie se sentou no sofá com os pés para cima.

— Estou exausta. Como foi tudo aqui em casa?

— Ótimo — disse Eddie. — Papai e eu colocamos as luzes de Natal. Fomos tomar o café da manhã no McDonald's e então paramos na mercearia para comprar leite.

— Você fez compras? — perguntou Rosie, uma expressão de alívio nos olhos.

— Apenas leite e pão. — Novamente foi Eddie quem respondeu. — Papai pensou que devíamos fazer uma sopa de tomate e sanduíches de queijo assado para o almoço, e precisamos das coisas para isto.

— Parece que vocês, meninos, tiveram um ótimo dia.

— Vamos decorar a árvore esta noite? — perguntou Allison, a expressão aborrecida.

— Claro — disse Zach.

— Não esta noite, doçura — respondeu Rosie simultaneamente.

Allison olhou de Zach para Rosie.

— Acabei de passar nove horas em pé — disse Rosie. — A última coisa que quero agora é decorar uma árvore. Podemos fazer isto amanhã depois da igreja.

— Não posso — queixou-se Allison. — O Clube de Francês vai fazer a venda de bolos no shopping, lembra?

— Oh, certo. — Rosie passou uma das mãos sobre os olhos. — Não esperam que eu ajude, esperam?

— Ah, mãe... — A filha pareceu magoada e ofendida.

— Certo, certo.

— E o jantar? — perguntou Zach.

Já haviam comprado pizza uma vez naquela semana e galinha assada na outra noite. Zach compreendia que esta era uma época especialmente trabalhosa do ano, mas lhe parecia importante terem pelo menos uma refeição por semana como uma família.

— Quem quer o quê? — perguntou Rosie.

— Pizza — gritou Eddie.

— Não estou com fome — garantiu Allison.

Zach franziu a testa.

— Suponho que você quer bolo de carne e com purê — resmungou Rosie alto o bastante para Zach ouvir.

— Isto seria ótimo — disse ele e então acrescentou: — pelo menos uma vez.

— Vamos decorar a árvore ou não? — perguntou Allison, caindo no sofá ao lado da mãe.

— Aparentemente não — disse Zach.

— Se é isto que seu pai quer... — Suas vozes se misturaram quando, mais uma vez, falaram ao mesmo tempo.

Allison se levantou e foi em direção ao corredor.

— Vocês dois cheguem a um acordo e, quando decidirem o que fazer, me digam. Vou para meu quarto.

Como se também sentisse que uma briga ia começar, Eddie desapareceu logo depois no quarto dele.

O silêncio na sala, depois que eles saíram, foi ensurdecedor.

— Você podia ter me dito que planejava passar o dia todo fora — disse Zach, incapaz de conter seu ressentimento.

— Eu disse — afirmou Rosie, furiosa.

— Quando?

— Na noite de segunda-feira, lembra?

— Se eu me lembrasse, não estaria falando disso agora, estaria?

Rosie se levantou do sofá e marchou para a cozinha.

— Não quero discutir sobre isto.

— Ótimo, porque também não quero discutir, mas estou cansado disso, Rosie.

— O que há com você? — perguntou ela, voltando-se de repente. — Não conseguimos mais conversar.

— Tudo o que eu disse é que não me lembro de você me contar que ficaria fora o dia todo hoje.

— E eu disse...

— Sei o que você disse. — Ele estava perdendo a calma com rapidez. — Podia ter me lembrado.

— Por quê? Para ouvir você reclamar?

Ah, então era isso, ela o via como um homem que reclamava o tempo todo. O dedo acusador fora erguido e apontava na direção dele.

— Vou fazer uma lista de tarefas para você — disse ele, ríspido, pegando caneta e papel. — Primeiro, precisamos de alimentos.

— Você esteve na mercearia. Podia ter comprado mais do que apenas leite e pão.

— Trabalho 40 horas por semana.

— E eu não? — gritou ela.

— Olhe em volta e responda mesma à pergunta. Se *está* empregada, exatamente para quem você trabalha? Não para sua família, não para mim, não para nossos filhos. Um bazar de Natal é mais importante do que um sábado com sua família. Uma venda de bolos no shopping vale mais do que decorar uma árvore de Natal.

Rosie jogou meio quilo de hambúrgueres congelados no micro-ondas.

— Não se faça de mártir neste casamento, Zachary Cox. Se acha que é tão perfeito, então podia começar a ajudar mais aqui. Quem disse que é só *minha* a responsabilidade de comprar alimentos? Você parece pensar que, porque não tenho um emprego de 9h às 5h, pode governar meu tempo. Tenho uma vida também, você sabe.

— Não gritem! — exclamou Eddie. — Parem de gritar! — Ele estava parado na entrada da cozinha, lágrimas nos olhos, as mãos cobrindo as orelhas.

— Eddie, desculpe, lamento muito — disse Rosie, também prestes a chorar. Debruçou-se para abraçar o filho e lançou um olhar acusador a Zach. — Agora veja o que você fez.

— Eu? — Engraçado como tudo parecia ser culpa dele.

Zach esperou até depois do jantar — um pote de *chili* misturado em cerca de 20 minutos, mas mesmo assim um pouco melhor do que as últimas refeições — antes de se aproximar de novo da esposa.

— É evidente que temos muitas questões que precisam ser esclarecidas — começou ele, enquanto ela assistia a um episódio reprisado de *Buffy, a caça-vampiros*.

— Muitas questões — repetiu ela. — Você parece um advogado.

— Então, eu pareço um advogado. Vamos esperar passar os feriados, as crianças estão ficando magoadas.

— Eu também, Zach.

— E eu não estou exatamente cheio de felicidade.

Saiu da sala de estar e foi para o quarto, onde havia outro aparelho de televisão. Ligou no History Channel e assistiu a um documentário sobre Napoleão.

Rosie entrou no quarto uma hora depois.

— Quer falar sobre isto?

Ele olhou para ela e, francamente, não viu vantagem em discussão nenhuma.

— Não particularmente.

Ela ficou calada por um momento.

— Foi o que pensei, mas apenas se lembre de que tentei, Zach. Sinceramente tentei, mas você é impossível.

Se estava tentando tanto, então devia estar com a família, onde era o lugar dela, pensou Zach, e endureceu o coração para não se submeter. Rosie estava errada, e não deixaria o assunto de lado enquanto ela não reconhecesse suas faltas.

Capítulo Nove

GRACE NÃO estava dormindo bem desde o Dia de Ação de Graças. Quanto mais pensava nos telefonemas, mais acreditava que era Dan do outro lado da linha. Por algum motivo, seu ex-marido sentia a necessidade de destruir o pouco de paz que conquistara nos meses posteriores ao seu desaparecimento. Ocorreu-lhe até mesmo que poderia haver alguém lhe dando informações sobre a vida dela. Isto explicaria o horário das chamadas.

Nas últimas três semanas, acordara todas as noites às 4h da madrugada, o momento mais escuro da noite. Não conseguia voltar a dormir e ficava deitada, dominada pela culpa e o medo e a dor. Sentia raiva também, enquanto imaginava onde ele estaria e com quem, imaginava-o rindo dela. Fora assim no começo, mas gradualmente superara o choque que as ações de Dan causara. Agora, depois dos telefonemas, era tão ruim de novo, tão ruim como nas primeiras semanas.

Quando Grace chegou à biblioteca na segunda-feira de manhã, seus olhos queimavam por falta de sono e se sentia arrasada. O único sentimento positivo que tinha sobre os feriados eram ligados ao neto. O pequeno Tyler tinha agora quase quatro meses de idade e era a luz da vida dela. Os problemas do mundo desapareciam quando segurava o neto.

Cliff Harding entrou na biblioteca pouco antes do meio-dia e Grace sentiu a presença dele mesmo antes de vê-lo. Devolveu um livro e então casualmente caminhou em direção a sua escrivaninha. Olhava-a com um sorriso tranquilo e caloroso que a emocionou. A boca de Grace ressecou e, a contragosto, ela ficou aturdida. Sabia que fora passar o Dia de Ação de Graças com a filha na Costa Leste, mas não tivera notícias dele desde então e ficara grata por isto.

— Se eu a convidar para almoçar comigo, você virá? — sussurrou ele, debruçando-se sobre a escrivaninha. Antes que ela respondesse,

acrescentou: — Charlotte me disse que seu divórcio saiu na semana do Dia de Ação de Graças.

— Saiu. — Ela engoliu em seco, insegura, sem saber como lhe contar o que havia em seu coração.

Não estava pronta para se envolver em outro relacionamento. E não sabia quando estaria. O divórcio podia ser o ponto final do seu casamento, mas as perguntas, as dúvidas e medos continuavam a atormentá-la. Legalmente estava livre, mas emocionalmente permanecia ligada ao passado.

— Almoço? — repetiu ele.

— Acho que não.... Lamento.

— E que tal uma caminhada à beira mar? Há sol e uma caminhada tranquila fará bem a nós dois.

Grace concordou; parecia um compromisso razoável.

— Espere até eu falar com Loretta.

A assistente estava mais do que disposta a trocar a hora de almoço. Grace pegou o casaco e as luvas e se encontrou com ele em frente à biblioteca. Cliff estava observando o mural quando ela chegou. A pintura era uma de suas favoritas; o artista pintara uma cena do litoral no final do século XIX, com uma família fazendo um piquenique ao fundo.

— Como foi sua visita a Lisa? — perguntou ela.

Em conversas anteriores, Grace descobrira que a filha dele tinha 28 anos e era casada com um conselheiro financeiro em Maryland.

— Maravilhosa. Ela me perguntou se já estou tendo encontros. — Olhou significativamente para ela.

— E o que disse a ela? — perguntou Grace.

Ela pôs as mãos nos bolsos do longo casaco de lã enquanto caminhava ao lado dele em direção à área de piquenique e do mirante, onde se realizavam concertos a cada quinta-feira, durante o verão. Agora, em meados de dezembro, todo o parque estava vazio e triste. Tinham por visitantes apenas as gaivotas que voavam em círculos, procurando comida. Seus gritos fortes, discordantes, ecoavam no ar.

— Disse a Lisa que ainda não, mas que já escolhi a garota. — Observou Grace de novo. — E estou apenas esperando que ela me veja.

Vê-lo? Grace quase riu alto. Tinha visto Cliff muito bem. Mas estava congelada, um pé na vida passada e o outro se estendendo involuntariamente para a nova vida.

— Vai me deixar esperando por muito tempo, Grace Sherman? — Queria ter uma resposta para ele. — Não diga nada, prometi a mim mesmo que não a pressionaria. — Exalou e sua respiração criou uma pequena nuvem de vapor no ar frio e claro. — Você me perguntou sobre minha visita a Lisa e posso lhe dizer que foi definitivamente uma experiência.

— Como?

— No dia seguinte à minha chegada houve uma tempestade de neve.

— Ouvi as notícias — disse Grace, lembrando-se do noticiário sobre a nevasca que caíra sobre a Costa Leste na semana do dia de Ação de Graças. — Vocês ficaram sem eletricidade?

— Bem durante o preparo do jantar de Ação de Graças. Naturalmente, o peru estava meio cru. Sugeri que o servissem como *sushi*, mas ninguém parecia interessado.

— E o que vocês fizeram?

— O que qualquer pessoa com expediente faria. O peru foi assado como churrasco no meio da tempestade.

Grace riu, vendo na mente Cliff todo agasalhado, debruçando-se sobre uma churrasqueira com o vento e a neve girando em torno dele.

— E como foi seu Dia de Ação de Graças?

— Calmo, apenas eu e Maryellen.

Ela mordeu o lábio inferior, perguntando-se se deveria mencionar os telefonemas de Dan, mas decidiu que não.

Então, sentindo-se culpada e inquieta sobre o que precisava dizer a ele, sentou-se na ponta de um banco de piquenique.

— Escute, Cliff, talvez isto não seja uma boa ideia.

— O quê? Nós darmos uma caminhada?

— Não... Sua filha está ansiosa para você ter encontros de novo e você me parece pronto para isto. Quero começar, mas não acho que seja certo para mim ainda.

Ele franziu a testa, como se ela não tivesse entendido.

— O que aparentemente não compreende, Grace, é que você é a única mulher em quem estou interessado.

Grace balançou a cabeça.

— Ora, Cliff... não acredito nisto. Peça a Charlotte para recomendar alguém. Ela conhece praticamente todo mundo na cidade e, depois que você tiver se encontrado com algumas mulheres, pode decidir se ainda se sente da mesma forma.

As rugas surgiram de novo na testa dele.

— Então devo entender que você não é do tipo ciumenta?

Um ano antes, sua resposta seria automática. Não havia uma célula ciumenta em seu corpo, diria. Mas não podia mais dizer isto. Até alguns meses atrás, não tinha se considerado possessiva. Então descobrira que Dan fora visto com outra mulher. Ficara com tanta raiva que praticamente destruíra seu quarto e jogara as roupas de Dan na varanda da frente e no pátio.

— Acho que não — disse ela. — Acho que a maioria das pessoas é capaz de sentir ciúmes. De qualquer maneira, quero que me prometa que pelo menos vai pensar em se encontrar com outras mulheres. Será bom para você, Cliff. — E talvez bom para ela também.

Ele foi até o meio do grande mirante, ficou parado lá por um momento, então voltou, decidido.

— Certo, já pensei nisto.

Grace riu, balançando a cabeça.

— Você não está me levando a sério.

— Oh, mas estou. — Cliff se sentou no banco ao seu lado. — Não quero me encontrar com nenhuma outra mulher, Grace. Vou esperar por você. Como já lhe disse, sou um homem paciente. Não se preocupe, não vou pressioná-la, mas posso lembrar a você gentilmente de vez em quando.

Grace não sabia por que ele continuava tão persistente. Não lhe dera nenhum encorajamento. E, até agora, ela fora a única a se beneficiar do relacionamento... ela e a porta da sua garagem.

— Gostaria de lhe mostrar minha casa um dia desses — disse Cliff. — Você pode ir com Charlotte. Na verdade, gostaria muito se vocês duas fossem. Não haverá ameaça nenhuma — concluiu, sorrindo. — Você pode até levar Buttercup, se quiser.

Grace pensou sobre o convite. Tinha imaginado a casa dele e estava curiosa para saber se a realidade combinava com suas expectativas.

Ela assentiu.

— Gostaria de fazer uma visita — disse ela.

— Quando estiver pronta para aprender a andar a cavalo, aprenderá com Brownie tudo o que precisa saber. Ela é gentil como o dia é longo e é perfeita para uma iniciante.

— Ela concorda com isso?

— Claro que sim. — Os olhos de Cliff dançaram. — Então, vamos marcar sua ida à minha casa este mês?

Dezembro geralmente era um mês cheio de compromissos, mas em seu atual estado de espírito, Grace não tinha vontade de vida social. A perspectiva de visitar o rancho de Cliff lhe pareceu muito atraente.

— Estou livre na tarde de sábado, se Charlotte estiver.

Cliff pareceu satisfeito.

— Vou descobrir e lhe digo.

— Você falou sério sobre Buttercup poder ir também?

A cachorra era uma parte importante de sua vida e Grace gostava da ideia da golden retriever acompanhá-la.

— É claro.

Cliff segurou-lhe uma das mãos enluvadas. Os olhos dele se encontraram com os dela e ele sorriu.

— Repito que sou paciente, Grace, e é verdade. Estou disposto a esperar pelo que quero. — Então ele virou-lhe a mão e beijou o lado interno do pulso dela.

Grace fechou os olhos para saborear o momento. Ela também queria, tanto quanto ele, talvez mais, porém mas primeiro tinha que tirar Dan da cabeça. E do coração. Por que, a despeito de tudo, ele ainda tinha um lugar ali.

MARYELLEN NÃO precisava do teste de gravidez para lhe dizer o que já sabia. Sentada na beirada da banheira, olhou para a pequena faixa azul e sentiu as pernas e os braços amortecidos. Já fazia quase mês, e tentara ignorar o que estava se tornando cada vez mais evidente. Batendo a mão na testa, fechou os olhos.

— Burra, burra, burra.

O pânico aumentou até ela ter certeza de que ia desmaiar. Recuperar o controle sobre suas emoções exigiu um esforço monumental. Quando conseguiu, ficou em pé e estudou seu reflexo no espelho do banheiro. Como estava pálida! Isto explicava um comentário que ouvira mais cedo. Uma antiga cliente passara pela galeria, olhara para Maryellen e lhe perguntara se estava gripada.

Uma gripe forte seria bem-vinda, comparada com o confronto da verdade de sua situação.

O que faria? A pergunta se repetia em sua mente como um pedaço de pedra rolando numa lata. Por mais difícil que fosse, tentara por algum tempo fingir que nada estava errado. Mas, depois de aquecer uma refeição congelada no micro-ondas, sentou-se à mesa da cozinha e dedicou-se a compreender suas emoções.

Uma coisa era clara. Não diria nada a Jon Bowman. Ele não fazia parte do quadro, no que lhe dizia respeito. Não havia motivo para contar a ele, nenhum motivo. O trabalho de Jon agora era representado por outra galeria. Nunca precisaria saber sobre sua gravidez até o bebê nascer, e então sem dúvida presumiria que o pai era outro homem. Era exatamente o que Maryellen queria.

A ideia de que talvez ele tivesse o direito de saber era uma coisa que não podia aceitar no momento. O pensamento de que ele, talvez, também tivesse responsabilidade pelo bebê... não. Rejeitou a ideia depois de considerá-la profundamente.

Outra preocupação surgiu: a necessidade de manter a gravidez em segredo de sua família e amigos pelo maior tempo possível. Um ano antes, quando Kelly ficara grávida, praticamente não parecia. Até o sétimo mês de gravidez, usara suas roupas comuns.

Maryellen também esperava poder esconder sua condição até lá. Usaria apenas roupas soltas, deixando de lado as justas. Esconder a gravidez era um desafio, mas faria isto até quando pudesse.

Teria que arranjar espaço no apartamento para o bebê. A gravidez não planejada era um choque, mas havia se ajustado rapidamente a ela. Esta criança, *sua* criança, estava se formando em seu útero e, por um momento, ficou quase tonta de felicidade. Então a realidade a atingiu.

Em pouco menos de oito meses seria mãe. A vida estava lhe dando uma segunda oportunidade e desta vez não repetiria os erros do passado. Desta vez não deixaria que um homem controlasse sua vida... e a vida do seu bebê.

Dominada pela emoção e cheia de planos ainda mal formulados, Maryellen constatou que ficar em casa era muito pouco atraente. A temporada de compras de Natal estava em sua plenitude e, se algum dia tinha precisado de uma noite de alegria e divertimento, era esta.

Dirigiu-se ao shopping center no Cedar Cove Drive, perto do teatro. Havia no shopping diversas lojas pequenas, uma Wal-Mart, uma enorme loja de arte e uma loja de ferragens. O estacionamento estava quase cheio.

Maryellen se dirigiu aos cinemas e olhou a programação de cada um, mas nenhum dos filmes em exibição lhe agradou. Andar pela loja de ferragens lhe pareceu mais interessante.

Quando passava pelo estacionamento para pegar o carro, viu Jon caminhando em sua direção e, instintivamente, congelou. Jon a viu e também parou, e cada um parecia estar esperando que o outro fizesse o primeiro movimento. Maryellen se recuperou primeiro e conseguiu até sorrir enquanto continuava a andar em direção a ele.

— Feliz Natal, Jon.

— Oi, Maryellen. — Sua expressão era cautelosa, fechada. — Compras de Natal?

— Só olhando. — Terminara de fazer as compras meses antes.

Ele apenas assentiu.

— Soube que levou suas fotos para Seattle.

Os boatos logo chegaram a ela de que o trabalho dele agora estava sendo exibido numa grande galeria de Seattle. Era muito bom para ele e ficou feliz ao saber, embora a galeria da Harbor Street sentisse falta do dinheiro que seu trabalho produzia.

Ele assentiu de novo.

— Parabéns, Jon. — Era muito sincera.

— Obrigado.

Não havia necessidade de ficar em pé no meio do estacionamento.

— Bem, foi bom ver você. — Isto era exagerar um pouco a verdade, mas não seria educado dizer qualquer outra coisa. Começou a passar por ele quando a chamou.

— Maryellen.

— Sim? — A voz era impaciente.

— Sobre aquela noite.

Ela fechou os olhos sem querer ouvir.

— Já não conversamos tudo o que havia para conversar sobre isto?

— Não planejei o que aconteceu.

— Assim diz você. — Não ousava olhar para ele.

— O que estou tentando dizer é que não a protegi, se entende o que quero dizer. — Deu de ombros quando ela não respondeu. — Quer que eu seja mais claro?

— Não. — Uma explicação era a última coisa de que precisava.

Não quando sabia melhor do que ele exatamente quais podiam ter sido as consequências daquela noite... o que, na verdade, foram.

— Você ficará bem? Quero dizer, há uma possibilidade de que... você sabe.

A preocupação dele era evidente em sua expressão ansiosa.

Ela forçou um sorriso.

— Não se preocupe com isto.

— Estou preocupado. — Os olhos dele ficaram nublados. — Preciso saber... ter certeza.

Por um momento aterrorizador, Maryellen receou que ele tivesse adivinhado.

— Estou bem, Jon, agradeço sua preocupação, mas a situação está sob controle.

Seu alívio era evidente quando a tensão desapareceu dos ombros dele.

— Tem certeza?

— Positiva.

Ele lhe segurou os olhos por alguns segundos, então abruptamente se virou e saiu andando.

Agora Maryellen finalmente podia relaxar. Deixou escapar a respiração que prendia e correu para a Tulips and Things Craft Store.

Na sexta-feira, cinco dias antes do Natal, Maryellen almoçou no Potbelly Deli, que servia sopas maravilhosas e sanduíches criativos. O restaurante era um dos seus favoritos e ia lá sempre que podia. Estava tomando uma sopa de mariscos, sentada sozinha num canto e lendo uma revista de arte, quando a mãe entrou.

— Pensei que a encontraria aqui — disse Grace. — Você se incomoda se me sentar com você?

— Vou adorar. — Embora vivessem e trabalhassem na mesma cidade, podiam ficar uma semana sem a oportunidade de se verem ou se falarem.

Grace pediu um prato de sopa de tomate e crustáceos e uma xícara de café, então se sentou na cadeira diante de Maryellen.

— Recebi uma visita há pouco tempo.

Não foi preciso muito tempo para Maryellen adivinhar.

— Cliff Harding?

Ruborizando, Grace assentiu.

— Ele convidou a mim e a Buttercup para conhecer seu rancho de criação de cavalos e fui lá no sábado. — Ela mexeu na sopa e não ergueu os

olhos. — Charlotte também ia, mas não estava se sentindo bem. Então éramos apenas Cliff, eu, Buttercup e os cavalos. Ele tem cavalos magníficos. — Depois de uma pausa ligeira, continuou a fazer comentários sobre a casa de madeira de dois andares e das pastagens, matas e até um riacho.

Maryellen não se lembrava de ter visto a mãe tão animada por alguma coisa há muito tempo.

— Parece maravilhoso. — Era um passo na direção certa, se sua mãe concordasse em ter encontros com Cliff.

Grace provou a sopa, abriu um pacote de bolachas secas de ostra e jogou-as na sopa. Quando ergueu o olhar, fixou-o em Maryellen por um momento, os olhos semicerrados.

— Meu Deus, você está terrivelmente pálida — disse ela. — Está se sentindo mal?

— Estou pálida? — Tentou fingir que era novidade.

— Você parece anêmica.

— Estou bem, mãe.

Grace estudou-a, franzindo a testa ligeiramente.

— Quero que me prometa que fará uma consulta médica.

— Não preciso ir a um médico — disse ela, tentando descartar a preocupação de Grace. — Daqui a pouco vai me fazer um sermão sobre comer passas, como a sra. Jefferson sempre fazia.

Grace tomou mais um pouco de sopa.

— Se não marcar uma consulta, eu marco. Não me lembro de já ter visto você pálida assim. Se não a conhecesse bem, diria que está grávida.

As palavras chocaram tanto Maryellen que ela engasgou com a sopa. Tossiu e espirrou, lágrimas lhe correram pelo rosto e Grace se levantou depressa e bateu com força em suas costas.

— Você está bem?

Maryellen pegou o copo de água e bebeu.

— Estou ótima... acho.

Um minuto se passou e Maryellen pôde sentir a mãe observando-a. Quando Grace finalmente falou, a voz era baixa.

— Seu pai sempre foi mais próximo de Kelly — disse ela — e você é a filha com quem mais me identifiquei. Somos muito parecidas, você percebe isso, não é? Meu cabelo tinha a mesma tonalidade que o seu tem agora e meus olhos são castanho-escuros como os seus.

Maryellen não sabia para onde esta conversa estava levando, mas suspeitava.

— Você é minha mãe — disse, o tom leve —, é claro que me pareço com você.

A voz de Grace se tornou um sussurro.

— Estava no último ano do ensino médio quando descobri que estava grávida de você.

Maryellen engoliu com dificuldade. Os detalhes do seu nascimento nunca haviam sido discutidos abertamente, embora adivinhasse, no fim da adolescência, que a mãe ficara grávida enquanto ainda estava na escola.

— contei a Dan e não sabíamos o que fazer. Era importante esperarmos até a formatura antes contarmos aos nossos pais, mas minha mãe soube. Nunca precisei contar a ela sobre você, e sabe por quê?

Os olhos de Maryellen se encheram de lágrimas e ela pegou o guardanapo, amarrotando-o nas mãos.

— Porque você estava tão pálida?

A mãe assentiu.

— Estava anêmica, também. Embora fosse jovem e saudável, a gravidez me drenou e fiquei mortalmente pálida. Não foi um caso grave, apenas precisei de uma receita para comprimidos de ferro.

Não disse mais nada, não pressionou Maryellen ou fez perguntas; apenas esperou.

— Então você sabe — disse Maryellen após um momento, lutando para não chorar em público.

— O pai?

— Fora de cena — disse ela, sem querer mencionar o nome de Jon.

— Oh, Maryellen...

— Ficarei bem — disse ela, tentando se mostrar corajosa —, realmente ficarei. Mãe, tenho quase 36 anos de idade, posso cuidar de mim mesma.

— Mas...

— Precisei me acostumar à ideia, mas agora que aceitei, estou feliz. — A alegria estava decididamente ausente agora, com as lágrimas lhe escorrendo pelas faces.

— Nós sempre tivemos esta ligação, Maryellen — disse Grace. — Eu soube, de alguma forma, eu soube.

— Nem sempre tivemos esta ligação, mãe.

Grace olhou para ela.

— Se tivéssemos esta ligação especial 15 anos atrás, então você também saberia.

Grace fitou-a com olhos enormes, incrédulos.

Pronto, dissera... uma parte da verdade que presumira ficar enterrada para sempre. Seu pecado, sua dor, a culpa que carregara por todos estes anos.

— Você ficou grávida antes?

O nó na garganta de Maryellen era tão grande que só conseguiu responder com um aceno.

— Só você mesmo para esperar até o último minuto para preparar a árvore — brincou Olivia com Jack quando ele tirou a primeira caixa de bolas decorativas de uma sacola de compras.

Na verdade, Olivia achava que era um gesto muito delicado de Jack. Eric fora embora, mas voltara, para profundo alívio de Jack. Comprara a árvore num esforço de alegrar o filho durante os feriados e Olivia concordara em ajudar a decorá-la. Para isto, precisaram comprar luzes e enfeites, já que, desde o divórcio, Jack não dera muita atenção ao Natal.

Eric ficara cada vez mais deprimido com a aproximação do Natal. Jack fizera de tudo para tirar o filho da melancolia, mas de nada adiantara. Dois dias antes do Natal, pedira a Olivia para ajudar a decorar a árvore enquanto Eric estava fora. Esperavam que a surpresa melhorasse seu estado de espírito.

— Eu até que gosto desta árvore estranha — disse Jack, recuando para examiná-la. Os galhos pareciam ter ficado apenas de um lado, enquanto o outro estava quase sem nada.

— É uma árvore de Natal tipo Charlie Brown, com certeza.

Na opinião de Olivia, esta era a árvore mais feia de todas, mas concordava que tinha uma certa atração. Trouxera de casa alguns ornamentos que haviam sobrado e um CD de músicas de Natal, e estavam ocupados decorando-a.

A voz de Andy Williams enchia a pequena sala e a lareira estava acesa.

— E então? — perguntou Jack, mudando um pouco a disposição de um fio de luzes brilhantes. — Vai fazer alguma coisa especial quando terminarmos?

— Estava pensando em deixar você me levar para jantar.

— O Taco Shack?

Olivia suspirou. Este era o restaurante que Jack escolhia noventa por cento das vezes.

— Eles ainda lhe devem a propaganda?

— Posso comer lá pelos próximos 20 anos.

— Era disso que estava com medo.

Jack pendurou um Papai Noel de plástico num galho caído.

— Você gosta de comida mexicana, não gosta?

— Claro... mas gosto mais da companhia.

Rindo, Jack tomou-a pela cintura, preparando-se para beijá-la e Olivia certamente não fazia objeção, mas então a porta se abriu e Jack parou de repente. Solto Olívia, que quase caiu, recuperando o equilíbrio com dificuldade.

— Eric — disse Jack, parecendo assustado. — Não esperava por você agora.

O filho entrou na sala, parecendo completamente arrasado. Parecia não ter percebido que Olivia e Jack estavam se beijando.

— Você pegou a correspondência?

Eric assentiu.

— O que aconteceu? — perguntou Olivia. O rapaz parecia chocado.

Eric se arrastou à frente e jogou a correspondência na mesa de centro.

— Tive notícias de Shelly.

— Ela escreveu para você? — Jack parecia satisfeito com isto.

— Não... — Eric cobriu o rosto com as mãos. — Ela me mandou uma foto.

— Uma foto? — Jack franziu a testa. — De quê?

— Do bebê — explicou Eric. Então se endireitou e olhou os dois diretamente no rosto. — Correção, dos bebês. Shelly vai ter gêmeos.

— Gêmeos! — Jack caiu sentado no sofá.

Eric pegou um envelope no alto da pilha e tirou um papel dobrado.

— Veja você mesmo.

Jack se levantou, pegou o papel e examinou-o, com Olivia olhando por cima do ombro dele.

A foto imprecisa revelava dois fetos. Estavam numa posição que mostrava claramente o sexo.

— Ambos meninos, pelo que parece — anunciou Jack.

— Shelly não incluiu um bilhete com os resultados do ultrassom?

— Não — disse Eric —, mas, quando recebi isto, pensei que devíamos conversar, assim fui até o apartamento...

— E? — pressionou Jack.

Eric passou a mão no rosto e parecia não saber por onde começar.

— O negócio é que amo Shelly. Esses últimos meses têm sido um inferno, nós dois separados assim.

— Foram um inferno para mim também — resmungou Jack e Olivia lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Conseguiu conversar com Shelly? — perguntou ela, solidária.

— Contei a ela a verdade — disse Eric. — Que eu a amo, sempre a amei, sempre vou amar. Não me importo se o bebê... se os bebês são meus ou não, quero ficar com ela. — Esfregou o rosto mais uma vez e Olivia pensou que ele ia chorar. — Não posso fazer melhor do que isso, posso? Já lhe dei meu coração e ofereci o perdão, também. O que mais posso fazer?

Olivia gemeu.

— Ela não precisa do seu perdão, Eric.

— Eles *não podem* ser meus bebês — exclamou Eric —, mas estou disposto a torná-los meus, se ela deixar.

— Ela recusou? — Jack estava claramente indignado. — Essa mulher precisa de um psiquiatra! Vocês dois precisam!

— Jack! Seu filho não precisa de um sermão agora; já está deprimido. Não vai ajudar se você jogar mais culpa e censura em seus ombros já sobrecarregados.

— Shelly não quis falar comigo, me mandou embora.

— Do seu próprio apartamento? — Jack estava praticamente rosnando. — A mulher é insuportável!

— Jack! — Olivia deu-lhe outra cotovelada. Ele estava tornando as coisas piores, não melhores. — Deixe o rapaz nos contar tudo ao jeito dele.

— Desculpe — disse Jack, mas não parecia lamentar o que dissera.

— Fui tentar resolver as coisas com Shelly. Queria que ela soubesse que não me importo quem é o pai: seja eu, este novo cara com quem ela trabalha, qualquer homem.

A expressão do rosto dele se tornou dura e, embora dissesse as palavras, Olivia achou difícil acreditar nelas.

— E ela o expulsou? — Novamente a voz de Jack se ergueu em incredulidade.

— Shelly estava chorando tanto que não consegui entender o que ela dizia, mas uma coisa ficou clara — murmurou Eric. — Queria que eu fosse embora.

— Mulheres — resmungou Jack. — Não se pode viver com elas, não se pode viver sem elas.

— Quer parar? — exigiu Olivia. — Corte os clichês e os comentários desagradáveis, está bem?

Jack lançou-lhe um pedido de desculpas com o olhar.

— Shelly disse que seria melhor eu me manter completamente fora da vida dela. — Eric falou num tom tão desolado que sua tristeza fez doer o coração de Olivia.

— E os bebês? — perguntou ela.

— Ela disse... que é tarde demais.

— Tarde demais? O que ela quer dizer com *isto*? — gritou Jack.

— Ela não quer mais saber de mim. — Parecia ainda mais perto das lágrimas. — Pelo menos, acho que foi isto que ela disse.

— Ela pode ter dito outra coisa — disse Jack desesperadamente. — Talvez você não tenha compreendido....

— Compreendi a porta que ela bateu na minha cara — disse Eric. — Tudo acabou entre nós, agora sei.

— Não vamos nos apressar — disse Jack. — Vamos...

— Eric, sente-se — interferiu Olivia, ignorando Jack. — Vou fazer café e então nós três vamos discutir isto.

— O que há para discutir? — perguntou Eric, sem esperanças.

— Muita coisa, na verdade, porque estes bebês vão precisar do pai e... — fez uma pausa e olhou significativamente para Jack — do avô também.

— O que mais posso fazer? — perguntou Eric de novo, seguindo Olivia até a cozinha.

— Não se preocupe — disse ela com confiança, abraçando-o. — A vida tem um jeito de tornar as coisas melhores. Se sua mãe estivesse aqui, e não em Kansas City, lhe diria a mesma coisa. É doloroso agora, mas seja paciente. Shelly procurará você no fim, ela precisa de você, Eric, e o quer de volta na vida dela.

— Você acha mesmo? — Sua ansiedade em acreditar tornou sua expressão, tão vulnerável e esperançosa, dolorosa de ver.

— Acho.

Olivia assentiu, acreditando sinceramente no que dizia. Em sua experiência, uma mulher não mantinha tanto contato como Shelly mantivera... jantando com Jack, enviando as fotos do ultrassom... se quisesse romper todas as relações com um homem. O que dissera a Jack, sugerindo que ela e Eric se veriam depois do nascimento dos bebês, também parecera promissor a Olivia.

— De verdade? — perguntou Jack. — Quanto tempo você acha que vai levar?

— Sim — ecoou Eric. — Quanto tempo?

— Isto eu não posso responder — disse ela e teve vontade de bater em Jack por fazer a pergunta.

— Você é uma pessoa muito sábia, não é? — disse Eric, olhando-a com admiração. Finalmente ele parecia estar relaxando um pouco.

— Ela é ótima — concordou Jack.

— Agora, que tal nos ajudar a decorar esta árvore de Natal tipo Charlie Brown? — convidou Olivia.

Eric hesitou, então abriu-lhes um grande sorriso.

— Está bem!

No fundo do coração, Olivia estava convencida de que tudo acabaria bem para Shelly, Eric e os bebês... não importando quem fosse o pai.

Capítulo Dez

POR ALGUNS anos, Olivia fizera conferências. Tentava evitar aceitar os convites, mas sua posição como juíza eleita tornava-os inevitáveis. Esta era a primeira vez que fora convidada a falar no Henry M. Jackson Senior Center e admitia estar nervosa.

Os almoços ali eram realizados na primeira segunda-feira de cada mês. Em junho último, Mary Berger convidara Olivia a ser a oradora de janeiro. Seis meses nunca haviam passado tão rapidamente. Olivia anotara o compromisso na agenda e logo o esquecera. Só quando abriu a agenda para o Ano-Novo se lembrou, assustada.

Naturalmente, sua mãe estava empolgada por “minha filha, a juíza”, falar para seus amigos. Conhecendo Charlotte, sabia que havia se exibido por um mês antes da conferência. Olivia agradecia o apoio da mãe, mas achava o orgulho que tinha da filha excessivo e um pouco constrangedor. Charlotte usava qualquer oportunidade para dizer a amigos e estranhos que sua única filha era uma juíza; pior, tinha a tendência de contar em detalhes os diversos julgamentos que Olivia presidira, completos, com comentários pessoais.

Enquanto Olivia se vestia para o almoço, fez uma pausa, de pé dentro do closet, e franziu a testa quando pensou sobre a mãe. Charlotte trabalhara demais nos feriados, cozinhando para amigos, fazendo-lhes visitas e supervisionando os eventos no Senior Center e escrevendo a coluna dos idosos toda semana.

No dia de Natal, Charlotte estava exausta. Geralmente, nada a fazia diminuir o ritmo mas, pela primeira vez, Olivia percebeu que a idade da mãe estava começando a pesar. Charlotte não era mais o que costumava ser, embora tentasse corajosamente esconder o cansaço.

Na tarde do Natal, quando a família se reunia na casa de sua mãe, Charlotte parecia pálida, exausta. Assim que o jantar terminou, Olivia insistiu para ela descansar e Charlotte, é claro, tinha se recusado. Olivia se

perguntou como convenceria a mãe a aceitar menos responsabilidades no novo ano.

Olivia escolheu um vestido de camurça leve, na cor-de-bronze suave, com uma echarpe marrom e dourada, e chegou ao Senior Center alguns minutos antes da hora marcada. Charlotte e sua melhor amiga, Laura, esperavam por ela à porta. Sorrindo de orgulho, a mãe imediatamente abraçou Olivia como se não a visse há meses... e não alguns dias.

— Você se lembra de Laura, não lembra? — perguntou a mãe desnecessariamente, levando Olivia para uma sala grande, cheia de mesas para oito pessoas, uma área de bufê e uma plataforma baixa onde ficava o pódio do orador, além da mesa principal.

— É claro que me lembro — disse Olivia, sorrindo calorosamente para a amiga e companheira de tricô da mãe. Charlotte e Laura eram as responsáveis pela formação do crescente grupo de tricô das senhoras idosas. A entusiástica Laura tricotava extremamente bem e Olivia suspeitava que ela poderia convencer o mundo inteiro de que a paz era possível se todos usassem agulhas de tricô no lugar de canhões.

— Estou tão contente por você ter podido aceitar nosso convite — disse Mary Berger, a diretora social do Center, quando se aproximou de Olivia. — Estamos ansiosos para ouvir o que você tem a nos dizer.

Olivia sorriu, um pouco sem graça. Já estava nervosa e esperava cumprir a tarefa sem errar, humilhando a si mesma, e sua mãe, no processo.

— Você quer que nossa hóspede de honra se sente com você? — perguntou Mary a Charlotte, então debruçou-se um pouco para Olivia e disse em voz baixa: — Sua mãe gosta que os oradores que conhece se sentem com ela e as amigas, e não na mesa principal.

Olivia se lembrou que Jack Griffin falara para os idosos no ano anterior e aparentemente sua mãe conseguira levá-lo para a mesa dela. Mas pagara um preço, quando Jack a convencera a escrever uma coluna para o *The Cedar Cove Chronicle*.

— Mãe? Gostaria que eu me sentasse com você e Laura e os outros? — perguntou Olivia.

Charlotte enrijeceu e jogou o queixo para cima como se a pergunta a houvesse ofendido.

— Acho que você deve se sentar à mesa principal.

— Também acho — disse Mary, severamente.

E então Mary se virou e andou elegantemente em direção ao palco. Olivia começara a segui-la quando Charlotte lhe segurou o braço.

— Pegue sua sobremesa logo — disse ela num sussurro.

— Sobremesa?

— Se não a pegar logo, tudo terá terminado quando você entrar na fila do bufê. Assim, sirva-se primeiro da sobremesa. É assim que fazemos as coisas aqui. Não aprovo, sabe, mas ninguém se importa com o que penso sobre isto.

— Está bem, mãe — sussurrou Olivia em resposta.

Mary mostrou-lhe seu lugar à mesa e Olivia pegou o prato de sobremesa, como a mãe instruíra. As mesas do bufê ofereciam uma variedade de pratos realmente impressionante. Ela escolheu um pedaço de bolo de limão e voltou a se sentar no momento em que Mary ia começar a dizer algumas palavras de boas-vindas. A diretora social do Senior Center deixou escapar um ligeiro som de reprovação quando Charlotte passou.

— Sua mãe pode não aprovar este comportamento, mas isto não a impede de fazer a mesma coisa, não é? — disse Mary, debruçando-se do pódio.

— Ela sabe que, se não pegar a sobremesa antes, não haverá nada para ela depois — disse Olivia com calma, descansando o pedaço de bolo de limão perto do prato vazio.

Olivia tentou não sorrir. De muitas maneiras, sua mãe era uma rebelde, mas uma rebelde muito amada. Havia dias em que Charlotte a enlouquecia, mas, ao mesmo tempo, Olivia a admirava profundamente. Charlotte se envolvia totalmente com a vida; engajava-se num grande número de atividades criativas e tinha um compromisso genuíno com o bem-estar dos outros. Olivia esperava ser como ela dentro de 20 anos. O fato de a infatigável Charlotte parecer estar perdendo energia preocupava a todos na família e Olivia resolveu conversar com ela sobre fazer uma consulta médica.

Quando os idosos sentados a uma mesa mais próxima da parede se levantaram para formar uma longa fila para o bufê, Olivia viu Justine e Seth no fundo do salão. A filha e o genro tinham vindo para ouvi-la. Charlotte chegou primeiro a eles e levou-os para sua mesa. Olivia observou-a apresentar o jovem casal aos amigos, que estavam claramente encantados, especialmente com Seth. Em pouco tempo abriram espaço junto de Charlotte e os dois se sentaram. Laura fez Seth se levantar um momento

depois, levando-o até as mesas do bufê para fazer pratos para ele e para Justine.

Justine e Seth não foram os únicos convidados de surpresa. Olivia viu Jack chegar ao fundo do salão exatamente quando ela subiu ao pódio para fazer a conferência. Fez uma pausa quando o viu e foi encorajada por seu grande sorriso e uma piscada. Sorrindo também, ela começou a falar sobre a criatividade das pessoas mais velhas e o quanto contribuíam para a sociedade. Depois Olivia não conseguiu se lembrar de uma palavra do que dissera, mas aparentemente correria tudo bem, por que foi muito aplaudida quando terminou.

Mary anunciou que Bob Beldon, dono do Thyme and Tide B and B, seria o conferencista de fevereiro, deu algumas informações sobre as próximas atividades da entidade e a reunião terminou. Para espanto de Olivia, uma pequena multidão cercou a mesa principal para agradecer a ela por ter ido.

Charlotte se apressou a chegar à mesa, parar junto de Olivia, segurar-lhe o braço e dizer a todos que Olivia era sua filha... como se isto fosse uma novidade! Mary havia revelado o fato antes, mas aparentemente não fora o suficiente para satisfazer sua mãe.

Justine e Seth esperaram até os admiradores se afastarem.

— Você foi ótima, mãe — disse Justine. — Compreendo por que vovó é tão orgulhosa de você.

Isto foi um grande elogio, vindo da filha. Por um momento, Olivia ficou emocionada demais para falar. Seu relacionamento com Justine nem sempre era fácil, embora Deus soubesse que ela tentava. O lado mais difícil de ser mãe de uma filha adulta era segurar a língua, como descobrira.

— Foi maravilhoso você e Seth estarem aqui.

Seth era uma cabeça mais alto do que qualquer outra pessoa no salão.

— Esplêndido discurso, Olivia — disse ele, com um aceno respeitoso.

— Viemos também para convidar você para jantar esta noite — disse Justine. — E eu vou cozinhar.

Este foi o primeiro convite que recebera da filha e Olivia não sabia bem o que significava.

— Obrigada, vou adorar. — Então, porque achava, e esperava, que houvesse alguma coisa a mais no convite, perguntou: — Alguma razão em especial?

Seth riu.

— Não se preocupe, não vamos pedir um empréstimo ou qualquer coisa assim.

— Confie em mim, não estou preocupada, apenas curiosa.

Estava emocionada em ver a filha tão feliz. Nunca vira Justine tão em paz consigo mesma e era evidente, para Olivia, que o casamento trouxera alegria à filha. Não sabia o que acontecera com Warren Saget, mas aparentemente ele estava fora da vida de Justine e isto não aborrecia Olivia nem um pouco.

— Então você aceita?

— É claro.

Enquanto Charlotte a levava até a porta, disse:

— Laura e eu vamos até a loja Silverdale para comprar maisovelos de lã e de linha esta tarde. — Charlotte precisava tanto de maisovelos do que o deserto precisa de areia, mas Olivia não disse. Se comprarovelos de cada tipo e cor fazia a mãe feliz, Olivia só podia aprovar.

— Vou levar você até seu carro — disse Jack, aparecendo atrás dela. — Oi, Charlotte. — Beijou a mãe de Olivia no rosto, então passou o braço sobre o ombro de Olivia. — Discurso excelente. Fiz muitas anotações.

— Jack! — exclamou. — Você não vai publicar nada disso no jornal, vai?

— É claro que vou.

— Não, não vai — disse Charlotte com severidade, chocando os dois. — Eu vou. Olivia é minha filha e escrevo a coluna dos idosos. Ela falou para o Senior Center, assim não invada meu território. Não me importo se você é o editor, este artigo é meu.

— Certo, certo. — Jack ergueu as duas mãos, em simulacro de rendição, mas os olhos brilhavam.

Jack manteve o braço nos ombros de Oliva quando saíram.

— Isso não foi tão ruim, foi?

— Sim, foi — disse Olivia —, mas sobrevivi.

Jack olhou as horas e fez uma careta.

— Estou atrasado com o artigo sobre a reunião dos vereadores. Eu lhe telefonarei, certo?

— Sim, faça isto.

Ele a beijou, e foi mais do que apenas um curto beijo de despedida. Estava lhe dizendo que sentia sua falta, sentia falta de seus encontros para

jantar nas noites de terça-feira. Ela lhe disse que sentia falta dele também. Impressionante o quanto um simples beijo pode dizer, pensou Olivia.

Eles se separaram. Jack se virou com relutância e cruzou a rua até seu velho carro. Olivia detestou se separar dele. Suspirando, voltou ao tribunal para as audiências da tarde.

Aquela noite, enquanto dirigia até o apartamento de Justine e Seth, Olivia começou a se perguntar qual seria o motivo para este convite inesperado; eles lhe dariam alguma notícia?

Justine abriu a porta, parecendo tão radiantemente feliz que tudo que Olivia pôde fazer foi olhar para ela fixamente. Estivera no apartamento deles apenas uma vez, quando havia presentes de casamento e caixas espalhados por todo lado.

Justine tinha feito um trabalho maravilhoso incorporando as coisas de Seth ao ambiente totalmente feminino, fazendo do apartamento o lar *dele*, também.

Seth apareceu com uma garrafa de vinho enquanto Justine pendurava o casaco de Olivia.

— Estamos celebrando alguma coisa? — perguntou Olivia, sentando-se numa poltrona delicada com almofadas bordadas.

— Temos notícias — disse Justine, sorrindo calorosamente para o marido.

Seth deixou a garrafa de vinho no aparador e sentou-se no sofá perto de Justine.

— Quando voltei da última pescaria, Justine e eu decidimos que não queremos viver separados a metade do ano.

— É difícil demais para nós dois — acrescentou Justine.

Era esta a notícia?

— Você vai desistir de pescar? — perguntou Olivia.

A pesca estava no sangue de Seth. A família Gunderson tinha um longo histórico como pescadores havia quatro ou cinco gerações.

— Seth e eu vamos comprar um restaurante — anunciou Justine. — The Captain's Galley está à venda há dois meses e fizemos uma oferta, que o dono aceitou.

Certo, não era bem isto que Olivia queria ouvir, mas não era nada mau.

— Isto é ótimo!

— Ainda não decidimos o novo nome — acrescentou Justine —, mas estamos muito animados. — Olhou para o marido e ele lhe pegou a mão.

Olivia relaxou.

— Estou entusiasmada por vocês. Terão muito trabalho, mas vocês já sabem disso.

— Seth tem economizado por anos para uma coisa assim. — De novo a filha olhou com orgulho para o marido. — Vou continuar no meu emprego no banco por enquanto, mas depois passarei a trabalhar apenas no restaurante.

— Vocês vão manter o pessoal que trabalha lá ou vão contratar novos funcionários? — perguntou Olivia, pensando em Cecilia Randall, que trabalhava meio expediente como recepcionista do Captain's Galley.

— Ainda não conhecemos nenhum dos funcionários — disse Seth. — Isto é ainda muito recente. Só soubemos que nossa oferta foi aceita há uma hora.

— Na verdade, convidamos você para jantar *antes* de termos notícias do corretor da propriedade.

— Oh? Quer dizer que há mais?

— Mamãe — disse Justine, debruçando-se e segurando as duas mãos de Olivia.

A filha só a chamava assim quando se sentia muito emocionada; havia anos que Olivia não ouvia dizer a palavra terna. Os belos olhos azuis de Justine estavam cheios de lágrimas enquanto sorria para Olivia.

— Seth e eu estamos grávidos.

Olivia deixou escapar um pequeno grito de pura felicidade e se ergueu num pulo. Justine e Seth também se levantaram e Olivia passou os braços em torno deles, enquanto lágrimas lhe desciam pelo rosto. *Esta* era a notícia que esperava ouvir.

CLIFF HARDING estava sentado, as longas pernas esticadas, vendo TV. A comédia familiar o aborrecia, mas não culpava o enredo nem os atores. Estivera inquieto o dia todo.

Que jeito mais infernal de passar uma noite de sexta-feira. O que realmente queria era ver Grace. Deliberadamente, não a procurara desde antes do Natal. Estava cansado de ser sempre ele a fazer contato com ela; desta vez, decidiu, ela teria que lhe telefonar. O novo ano já estava no décimo dia, mas parecia mais do que dez vidas, e sua decisão estava enfraquecendo. Dissera-lhe que era um homem paciente, mas isto era esticar um pouco a verdade.

Podia ser paciente, mas não gostava disso nem um pouco. Talvez ela estivesse certa e ele devesse sair com outras mulheres. O problema era que nenhuma o interessava tanto quanto Grace. Gostava de tudo nela, seu sorriso, sua risada, o modo gentil como tratava as crianças e os animais. Não era convencionalmente bonita, mas tinha beleza em abundância. Gostava do seu cabelo com a mistura natural de preto e branco e aprovava o estilo mais curto do que o longo que usava nas fotos de família. Embora tivesse envelhecido desde então, os anos apenas lhe acrescentaram profundidade e maturidade.

Cliff acreditava na importância da lealdade, uma convicção que o divórcio apenas confirmara, e não queria estar com uma mulher que desse as costas com facilidade a 35 anos de casamento. Mas já haviam se passado nove meses desde o desaparecimento de Dan e a escolha de abandonar o casamento tinha sido dele.

Tudo o que ouvira provava que o ex-marido de Grace estava envolvido com outra mulher. Na tarde que Grace passara em seu rancho, ela lhe havia contado um pouco sobre as primeiras semanas depois do desaparecimento de Dan. Quando mencionara um anel comprado numa joalheria com o cartão de crédito, ficara com os olhos cheios de lágrimas. Seu último ordenado, enviado pelo empregador, fora o suficiente para pagar a fatura do cartão de crédito.

O que mais magoara Grace tinha sido o fato de que, além da simples aliança de casamento, Dan nunca lhe dera um anel. Mas parecia que comprara um para outra mulher, e isto atingira Grace no fundo do coração.

Cliff desligou a TV, foi para o escritório e pegou um livro, o mais recente policial de um autor de quem gostava muito. Mas, mesmo antes de voltar para a sala de estar, soube que seria inútil. Sua mente estava em Grace, não num programa idiota de TV e nem mesmo no enredo complexo de um livro de mistério e assassinato.

A última vez em que a vira fora na semana de Natal. Novamente, por iniciativa dele. Depois da viagem ao rancho, ela lhe escrevera um bilhete. Três linhas, um simples obrigada, e no entanto ele lera o bilhete diversas vezes, procurando por alguma mensagem secreta, algum encorajamento.

Esperara até a véspera do Natal, então fora à biblioteca de Cedar Cove levar-lhe um presente. Não fora nada muito criativo ou caro, apenas uma lembrança para dizer-lhe que pensava nela.

Percebera, pelo bilhete que lhe mandara, que usava uma caneta-tinteiro. Ele também gostava mais de canetas-tinteiro. Comprara uma da sua marca preferida, mandara embrulhar para presente e levava-a imediatamente para ela na biblioteca. Ela pareceu surpresa e grata, mas também constrangida por não ter comprado nada para ele.

Ele percebeu que ela não tinha dinheiro para isto. O desaparecimento do ex-marido certamente criara dificuldades financeiras; vivera até então com um orçamento de dois salários e agora havia apenas um. No dia em que fora à biblioteca levar o presente, conversaram pouco, mas ele podia ler nas entrelinhas. Este Natal fora difícil para ela, e não apenas porque era o primeiro depois do divórcio.

Cliff tivera uma esperança secreta de que o convidaria para a ceia de Natal, mas ela ia passar o feriado com a filha mais nova. Esperara que ela telefonasse na véspera do Ano-Novo, talvez para sugerir um encontro para uma bebida. Mas isto também não acontecera.

Agora Cliff estava começando a ter dúvidas sobre si mesmo... e sobre Grace. Talvez ela nunca se recuperasse do desaparecimento de Dan. Mesmo se tivessem um envolvimento, temia que ficasse sempre olhando por sobre o ombro, tentando encontrar Dan. Talvez a melhor coisa a fazer era se afastar e esquecer que a conhecera.

Devia ser fácil, nunca tinham nem mesmo se beijado. Está bem, uma vez, no rosto. Ficaram de mãos dadas algumas vezes, mas nada havia de sensual nisto. Cliff não era santo e, sempre que estavam juntos, a tentação de tomá-la nos braços e beijá-la, *realmente* beijá-la, era cada vez mais forte.

O telefone tocou, assustando-o e tirando-o do seu devaneio. Jamais gostara de conversas longas pelo telefone. Sua voz áspera, hostil, geralmente assustava os funcionários de telemarketing, o que ele considerava uma vantagem.

— Harding — disse, irritado.

Ninguém falou e Cliff começara a desligar quando ouviu a saudação tímida de Grace. Imediatamente pôs o aparelho no ouvido de novo.

— Grace?

— Oi, Cliff. Espero que não se incomode de eu estar ligando assim de repente.

— Oi, Grace. — Manteve a voz apenas um pouco impaciente.

— Queria lhe agradecer pela caneta-tinteiro. Gosto muito de escrever com ela.

O problema, decidiu Cliff, era que estava ansioso demais, o que fora o motivo de adotar a estratégia de esperar para ver, o motivo de não entrar em contato desde o Natal. Se fosse um pouco mais distante, ela talvez gostasse mais dele, procurasse mais sua companhia. Aparentemente, o plano funcionara, embora apenas segundos antes ele estivesse pronto para esquecer tudo a respeito do relacionamento deles.

O distante Cliff, este era ele.

— Quando você foi à biblioteca, sugeri que podíamos sair para jantar uma noite dessas.

— Sugerir? — perguntou casualmente, embora soubesse muito bem que sugerira.

— Sim. — Ela parecia muito insegura. — Estava pensando em aceitar seu convite... se você ainda estiver interessado.

Ele realmente estava interessado e se tornava cada vez mais difícil fingir que não estava.

— Quando?

— Eu... não sei. Quando será um dia bom para você?

— Deixe eu ver minha agenda. — Ele folheou o livro perto do telefone, como se tivesse de consultar uma agenda cheia de compromissos sociais. — Que tal amanhã à noite? Às sete?

Ela suspirou, claramente aliviada.

— Será perfeito.

Cliff passou todo o dia de sábado num estado de expectativa, nervoso. Fez a barba, tomou um banho de chuveiro e se vestiu e estava pronto às 6h. Podia sair agora, mas o tráfego da noite era fraco e ele levaria apenas 15 minutos para ir do rancho à casa de Grace. Mas preferia chegar cedo demais do que ficar parado em casa.

Mesmo dirigindo muito devagar, chegou à casa de Grace meia hora antes, o que o fez temer que Grace tivesse uma impressão errada. Mas, para sua agradável surpresa, ela parecia tão nervosa como ele.

— Pensei em irmos a Tacoma — disse ele. Queria que Grace se sentisse bem e não tinha certeza se isso seria possível se ela ficasse o tempo todo preocupada sobre quem os veria juntos. — Há um ótimo restaurante italiano de que gosto muito, do outro lado da ponte. — Os Narrows separavam a península Kitsap de Tacoma e a ponte ligava as duas comunidades. — Adoro comida italiana.

Cliff telefonara antes e fizera uma reserva. A ida até o restaurante foi tranquila, a conversa se alternando com silêncios amistosos. A refeição levou quase duas horas, já que se demoraram com o alimento e o vinho e depois com café e sobremesa. Cliff não tinha pressa de sair, mas o restaurante estava ficando lotado e não pareceu certo ocuparem uma mesa a noite toda.

De volta a Cedar Cove, aproximaram-se da ponte. Quando o tráfego permitiu, Cliff olhou para Grace e viu que ela repousara a cabeça nas costas do assento e estava com os olhos fechados.

— Você parece em paz.

— Eu me sinto maravilhosamente bem. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Foi um noite adorável.

A comida estava excelente, uma das melhores de que se lembrava, mas esperava sinceramente que Grace estivesse se referindo à companhia, e não à refeição.

— Eu me sinto... livre — disse ela, ainda de olhos fechados. — Presumi que, se concordasse em jantar com você, passaria a noite toda me sentindo culpada.

— Você não tem nada de que se sentir culpada... ainda.

— Ainda? — Ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

— Vou beijar você, Grace — disse ele, os olhos na estrada. — E quando o fizer, vai sentir o beijo no corpo todo, até os dedos dos pés.

— Ah...

— Será um beijo que a deixará totalmente aturdida... e um pouco mais.

— Cliff, eu...

— Tem alguma objeção? — perguntou, a voz áspera, temendo a rejeição.

— Apenas uma — sussurrou Grace, pondo uma das mãos no joelho dele.

— E qual é?

— Pare este maldito carro e apenas me beije.

Cliff ficou mais do que feliz em obedecer.

A SITUAÇÃO entre Rosie e Zach foi tensa nos feriados de Natal e nada parecia ter melhorado no Ano-Novo. Rosie tentou, realmente tentou, mas Zach estava cada vez mais exigente e irracional.

Viviam constantemente se insultando, constantemente um contra o outro. Algumas vezes ela pensava que o casamento deles tinha sido um erro; Zach não queria uma esposa, queria uma empregada.

Rosie tentara atender às expectativas dele, mas quando conseguia adaptar sua agenda às tarefas domésticas, sempre dava errado. O café da manhã era um bom exemplo. Aparentemente, ele queria vê-la amarrada ao fogão, no entanto, ninguém estava interessado no que cozinhava.

Pouco antes do Natal, num espírito conciliador, fizera um bolo de carne com purê e até molho. Eddie detestou o bolo de carne e Allison reclamou do purê. Rosie poderia ter suportado a insatisfação dos filhos se Zach tivesse mostrado um pouco de agradecimento por seus esforços. Ao contrário, reclamou que batatas de verdade não vinham numa caixa e que a mãe dele nunca usara molho enlatado.

Bem, não era a mãe dele e lhe disse isto. Zach resmungara:

— Pode dizer isto de novo. — Rosie achou o comentário insultante e ferino.

Hoje, porém, tudo parecia ter sido explicado. Naquela manhã, Zach esquecera a pasta em casa. A caminho da reunião do comitê da biblioteca da igreja, Rosie a levara ao escritório.

Ao ver Janice Lamond com Zach, os olhos dela se abriram. Não era de admirar que ele estivesse insatisfeito com a vida em casa. Zach e esta mulher tinham um envolvimento. Podiam não estar tendo um caso, ou estavam?, mas havia *alguma coisa* entre eles.

Rosie pensou no assunto durante toda a reunião. Não se ofereceu como voluntária para a escola aquela tarde. Durante todo o dia a raiva a consumiu. Com um impulso raro de energia, limpou o lixo acumulado da casa, passou o aspirador e lavou toda a roupa suja, o que significara usar a máquina cinco vezes seguidas. O jantar estava no forno quando Zach voltou para casa.

Em pé junto à porta da cozinha, uma das mãos nos quadris, olhou para ele com firmeza quando Zach entrou.

— O que é? — perguntou ele, depois de dar dois passos dentro de casa.

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê? — Ele afrouxou o nó da gravata, parecendo cansado.

— Quero saber sobre Janice Lamond.

— Que relação ela tem com qualquer coisa? — perguntou Zach, exaltado.

Como se ele não soubesse. Virando-se, Rosie jogou um prato na máquina de lavar louça.

— Acho que seria melhor se conversássemos sobre isto depois que as crianças dormirem.

Zach desapareceu por cinco minutos, então voltou.

— Se você tem um problema, quero saber agora.

— Certo. — Rosie abriu com força a gaveta de talheres e tirou facas e garfos para a refeição da noite.

— Fui ao seu escritório esta manhã, se você se lembra.

— Sim. — Cruzou os braços e se debruçou sobre a bancada da cozinha.

— Então o quê?

— Vi como sua assistente olhava para você... e como você olhava para ela.

Zach franziu a testa.

— Você está imaginando coisas.

— O diabo que estou. — Quanto mais Rosie pensava a respeito, mais raiva sentia. Durante todo o dia, tinha se perguntado exatamente o que estava acontecendo entre o marido e aquela mulher. Estava tão magoada, tão furiosa, que mal podia pensar com exatidão.

— Não há nada acontecendo entre mim e Janice — afirmou Zach depois de um silêncio carregado de tensão.

— Ótimo. Quero que se livre dela.

— O *quê*? — Zach quase explodiu.

— Se o que está dizendo é verdade, o que, francamente, duvido, então não se importará de ter uma nova assistente.

— Só porque você está paranoica com relação a outra mulher? Acho que não. — O queixo estava duro e aquela expressão de teimosia lhe tomava o rosto. — Está com ciúmes....

— Tenho olhos, Zach, *vi* como ela olha para você.

— Ah, me deixe em paz, — As mãos dele agora estavam fechadas em punhos.

— Não é de admirar que nada do que faço satisfaz mais você. Está se afastando de mim há meses. Não sou uma dona de casa boa o bastante e nossas refeições estão muito abaixo de seus altos padrões. Foi assim que começou, não foi?

— Nunca tinha percebido como sua imaginação é ativa — disse ele, e embora as palavras não fossem insultuosas, seu tom era. — Está tão enganada que dá pena. — Circulou a mesa como se achasse difícil ficar imóvel.

— Quero que ela seja demitida do seu escritório.

Zach segurou as costas de uma das cadeiras da cozinha com as duas mãos, os nós dos dedos brancos.

— Esqueça.

Movendo-se também para trás de uma cadeira, Rosie imitou a postura dele. Olhou para Zach do outro lado da mesa, os olhos semicerrados. Olhando para ele agora, o rosto contorcido de raiva, perguntou-se se já tinham um caso. Nunca imaginara que algo assim aconteceria entre ela e Zach.

— Você se recusa a demiti-la?

— Maldição, me recuso! Primeiro, isto não é da sua conta. Segundo, Janice Lamond é organizada e eficiente e é uma alegria tê-la no escritório. Não vou demiti-la porque minha mulher é ciumenta. Se há alguma coisa a fazer, você poderia lhe pedir que lhe ensinasse como manter a casa limpa e organizada.

As palavras a atingiram com a força de um golpe físico.

— Se é assim que você se sente... — disse ela, chocada como a própria voz soava fria e sem emoção.

— É exatamente assim que eu me sinto.

— Então, talvez fosse uma boa ideia nos separarmos.

Zach olhou para ela intensamente.

— É isto o que quer, Rosie? Tenha a certeza antes de começar qualquer coisa.

— Não vou admitir que você tenha um caso. — Queria ser perfeitamente clara.

— Pela última vez, não estou tendo um caso com Janice Lamond e você sugerir que estou é um insulto tanto a mim quanto a Janice.

— Talvez vocês ainda não estejam fisicamente envolvidos, mas estão emocionalmente. Acha que não sei? Você honestamente acredita que sou tão cega a ponto de não ver o que está acontecendo bem debaixo dos meus olhos?

— Não sei se você é capaz de reconhecer a verdade.

Rosie mordeu o lábio.

— Então é você que está cego. Quero que ela seja demitida.

Zach riu com desdém.

— Como eu disse, isto não vai acontecer.

— Quer dizer que prefere perder nosso casamento, sua esposa, seus filhos e sua casa para manter sua assistente? É tão importante assim para você? Veja bem o que isto me diz, Zach.

Allison surgiu na porta da cozinha e ficou lá, hesitante.

— Vocês dois estão brigando de novo?

— Não — disse Rosie, suavizando a voz.

— Sim — contradisse Zach, quase gritando de raiva.

Nunca vira os olhos dele tão frios. Rosie não se importava; não voltaria atrás. Estava sendo contraditório de propósito, tentando criar mais confusão do que já havia.

— Não quero discutir com você diante das crianças — disse Rosie.

— Você começou isto e vamos terminar, bem aqui e agora. — Ele bateu a mão com força na mesa, fazendo os talheres balançarem.

— Mãe? Pai? — Eddie estava de pé ao lado da irmã.

Rosie se virou e disse:

— O jantar estará pronto em dez minutos. Vão lavar as mãos.

As duas crianças ficaram onde estavam.

— Façam como sua mãe disse — ordenou Zach.

Relutantes, as duas crianças saíram da cozinha e Rosie ouviu-os conversando. Embora não compreendesse o que diziam, a palavra *divórcio* foi clara.

— É isto mesmo o que você quer? — perguntou Zach.

— É isto que *você* quer? Afastar-se de sua família por causa da sua assistente?

Ele ignorou o comentário.

— Uma separação pode não ser uma ideia tão ruim assim. Não quero meus filhos submetidos a sua paranoia.

Rosie tentou engolir o nó na garganta.

— Se quer tanto, então sugiro que consulte um advogado — resmungou ele.

— Consultarei — respondeu ela.

O coração de Rosie parecia entorpecido e a sensação se espalhava por todo o corpo. Olhando para a frente, impotente, segurou a cadeira com tanta força que as unhas arranharam a madeira.

Zach ficou lá por mais um momento, então se virou, pegou a pasta e andou em direção à porta que ligava a cozinha à garagem.

— Para onde vai? — perguntou ela.

Ele hesitou por apenas um segundo.

— Se estamos planejando nos separar, então vou precisar alugar um apartamento. — Sem olhar para ela, foi embora.

Rosie ficou onde estava, quase incapaz de respirar, quase incapaz de acreditar que seu casamento chegara a isto.

Capítulo Onze

O VENTO UIVAVA e a chuva caía com força sobre a casa quando Bob e Peggy Beldon se preparavam para dormir. O movimento era pouco nos meses de inverno na pensão de cama e café da manhã. Seu último hóspede partira três dias antes.

Este negócio era seu projeto de aposentadoria, mas no momento Bob não fazia objeções à escassez de hóspedes pagantes. Isto dava a Peggy e a ele uma folga e a oportunidade de ter a casa só para eles.

O vento fez os galhos secos baterem contra as janelas quando Bob desligou a TV, depois de assistir ao noticiário das 11h. As luzes piscaram.

— Parece que vamos ter uma noite daquelas — disse ele. — Melhor deixar à mão algumas lanternas.

Peggy assentiu, pegando suas canecas de café e se dirigindo à cozinha.

Bob começava a subir a escada dos fundos quando percebeu os faróis e um carro virou em direção à casa.

— Não estamos esperando hóspedes, estamos? — Sabia a resposta, mas perguntou assim mesmo porque Peggy podia ter feito reservas para alguém e esquecido de mencionar.

— Não até o fim de semana. — Peggy pôs as duas canecas na máquina de lavar pratos.

— Parece que alguém está vindo.

Peggy abriu as cortinas e olhou para fora.

— Não é ninguém que conhecemos, é?

— Difícil de dizer com esta chuva, mas não reconheço o carro.

Bob já se dirigia para a porta da frente quando a campainha tocou. Ele acendeu as luzes da varanda e destrancou a porta. Um homem estava em pé do outro lado, vestindo uma capa de chuva e um chapéu de aba caída. Segurava uma pequena mala em uma das mãos. A cabeça estava abaixada, nas sombras, tornando impossível ver-lhe o rosto claramente.

— Vi o anúncio da estrada. Têm um quarto disponível para a noite? — perguntou o homem numa voz baixa, rouca.

— Temos — disse Bob e se deu um momento para avaliar o estranho.

Estava no meio da casa dos 50 anos, adivinhou Bob, mas era difícil ter certeza. O homem mantinha os ombros jogados para a frente enquanto entrava na casa. No entanto, Bob achou que era vagamente familiar.

Sempre calorosa e hospitaleira, Peggy levou o hóspede para a cozinha, onde ficavam os registros. O homem olhou para o formulário que Peggy lhe estendeu.

— Vou pagar agora — disse ele, tirando dinheiro vivo do bolso.

— Precisamos que você preencha a ficha de identificação — disse Bob. Tinha uma sensação estranha sobre o homem, embora não conseguisse identificá-la. — Sou Bob Beldon — disse ele. — Esta pode parecer uma pergunta estranha, mas já nos encontramos?

O estranho não respondeu.

— Querido, não atrase nosso hóspede com perguntas — sussurrou Peggy.

Irritado, Bob franziu ligeiramente a testa. Não podia deixar de se perguntar por que o estranho havia escolhido uma pensão de cama e café da manhã relativamente remota, em vez de um dos hotéis mais convenientes ao longo da rodovia.

— Posso lhe dar alguma coisa quente para beber? — perguntou Peggy.

— Não, obrigado. — Sua resposta foi áspera, quase inamistosa.

— O que o traz aqui, numa noite como esta? — pressionou Bob. — Não estamos exatamente no caminho da praia.

— Nada disto é importante agora — disse Peggy, olhando para Bob com um pouco de perplexidade.

Bob percebia pela atitude dela que Peggy estava aborrecida, mas ele definitivamente tinha uma sensação de inquietude. O estranho ignorou a pergunta.

— Se me mostrasse meu quarto, ficaria grato.

— É claro. — Peggy saiu à frente, em direção ao longo corredor que ligava a cozinha à sala de estar. — Você pode escolher, temos dois quartos Goldfinch e o...

— O primeiro é ótimo. — Ele parecia impaciente para ficar sozinho e cuidar dos próprios assuntos, o que quer que fossem. — Amanhã lhe entregarei o formulário de registro preenchido.

Ele abriu a porta e pôs a mala dentro, então, de costas para eles, disse:

— Espero que não se importem que eu me recolha. Foi um longo dia.

Bob estava prestes a dizer que precisava preencher o formulário primeiro, mas Peggy falou antes dele.

— O café da manhã é servido das oito às dez. Durma bem.

— Obrigado. — Ele fechou a porta com força e eles ouviram o som da chave girando.

Bob esperou até chegarem ao andar superior antes de falar.

— Não gosto do jeito dele.

— Não seja ridículo — disse Peggy enquanto se dirigia para o banheiro da suíte máster para tirar a maquiagem. — É um hóspede e está pagando, não precisa gostar dele. Acho que sairá amanhã bem cedo e isto será o fim.

— Talvez — resmungou Bob, mas tinha a sensação muito desagradável de que não seria assim.

A tempestade continuava e Bob ficou à janela do quarto que se debruçava sobre as águas escuras da enseada. O farol na ponta da península podia ser visto à distância, alertando os navios sobre os perigos à frente. Teve uma sensação estranha e forte. Mais de uma vez se perguntara se era bom este negócio de permitir estranhos em casa. Não gostara do homem no quarto no andar inferior, embora não pudesse dizer exatamente por quê. Tudo o que sabia era que seu instinto lhe dizia que o estranho era problema.

Peggy era uma pessoa tão calorosa que tudo o que via era o sofrimento de uma pessoa apanhada no meio de uma tempestade, procurando abrigo por uma noite. Bob gostaria de sentir a mesma coisa.

— Não vem se deitar? — perguntou Peggy, abrindo o edredom e se recolhendo aos lençóis limpos e cheirosos.

Talvez Peggy estivesse certa, geralmente estava. O homem no andar de baixo era apenas mais uma pessoa de passagem. Pela manhã continuaria sua viagem e nunca mais o veriam. O estranho já havia pago o preço total e, se estava relutante em preencher o formulário, era sua prerrogativa.

Na manhã seguinte, Bob foi acordado pela luz do sol. Ergueu-se, totalmente acordado, surpreso por já ser dia claro. Peggy já estava na cozinha; podia ouvi-la cantar acompanhando a música do rádio enquanto assava bolinhos ingleses de vacínio. Eram sua especialidade, e os vacínios eram produção caseira, seus arbustos plantados no pequeno pedaço de terra perto do jardim de ervas, o orgulho de Peggy.

O aroma de café fresco chegou até o quarto. Bob passou a mão no rosto, lembrando-se de fragmentos de um pesadelo familiar. Não tanto imagens, mas sentimentos, impressões, e estas coisas não tinham sido agradáveis. Depois de se deitar, caíra num sono leve, inquieto. Por mais que tentasse, porém, não conseguia se lembrar de nada dos sonhos que tivera.

Normalmente se levantava antes de Peggy e fazia o café. Sentindo-se culpado por dormir até tão tarde, vestiu-se depressa. Então se lembrou e foi até a janela. Estava certo, o Ford branco ainda estava estacionado embaixo. Então o hóspede não tinha saído às escondidas, como Bob havia meio suspeitado, e meio esperado, que ele fizesse. Talvez esta manhã o hóspede se sentisse um pouco mais afável do que tinha sido na noite anterior e Bob poderia descobrir o que havia nele que lhe parecera familiar.

Peggy sorriu quando o viu.

— Bom dia, doçura, há muitos anos que não dorme até tão tarde.

— Eu sei, e não compreendo o motivo.

Sua mulher hesitou.

— Você teve outro dos seus pesadelos.

— Eu realmente não me lembro....

— Está se sentindo bem esta manhã? — O rosto dela estava contraído com linhas de preocupação enquanto o observava.

— Estou bem — murmurou. — Eu não me levantei... levantei?

Durante todos aqueles anos, Bob acordara duas vezes em algum lugar fora do quarto de dormir. A única explicação era o sonambulismo.

— Você estava na cama quando acordou, não estava? — brincou ela.

Ele assentiu e ficou imediatamente aliviado. Então se serviu de uma caneca de café. Pegando seu *Grande livro* dos Alcoólicos Anônimos, foi até o solário e se sentou para ler. Tinha 20 anos de sobriedade, mas ainda vivia um dia de cada vez. Era um alcoólatra a um copo da ruína, e não permitia que se passasse um dia sem se lembrar.

Vinte minutos depois, Peggy tirou os bolinhos ingleses do forno. Sua rotina matinal foi cumprida e eram quase 10h quando se lembrou de que não tinham visto o hóspede, embora o carro dele continuasse estacionado na frente da casa.

A curiosidade levou Bob a olhar pela janela do motorista. Um mapa estava aberto no assento do passageiro e havia uma garrafa meio cheia de água no porta-bebidas, mas não viu nada fora do comum.

— Eu disse a ele que o café da manhã era de oito às dez, não disse? — perguntou ela a Bob quando ele voltou para dentro da casa.

— Talvez esteja apenas dormindo até tarde, disse que teve um dia difícil ontem.

— Já passa de onze — murmurou Peggy um pouco depois.

— É um sujeito esquisito. — Bob não mudaria sua opinião sobre ele.

Meia hora mais tarde, Peggy se mostrou mais preocupada.

— Talvez seja bom vermos se ele está bem.

— Deixe-o dormir — insistiu Bob. — Por tudo o que sabemos, ele pode estar trabalhando no quarto. Ele tinha um laptop, não tinha?

— Não me lembro.

De acordo com o modo de pensar de Bob, se o estranho queria privacidade, ele a teria.

A esposa lançou-lhe um olhar indagador, então deu de ombros e voltou a trabalhar no acolchoado que começara recentemente. Bob foi para sua oficina na garagem; quando se aposentara, começara a trabalhar com madeira e gostava de fazer peças de mobília. Nos últimos anos, criara algumas peças bonitas e bem acabadas, que lhe davam orgulho. Estava terminando de fazer uma cômoda e, depois de ter dado a última camada de verniz, voltou para a casa. Já era 12h30 e o carro do estranho ainda estava estacionado em frente à casa.

Bob preparou um sanduíche de presunto e recomeçou a trabalhar na garagem. Alguns minutos depois, Peggy o procurou.

— Acho que vamos ter que entrar no quarto dele — disse ela. — Bati na porta, mas ele não respondeu.

Bob decidiu que Peggy estava certa. Seguindo-a para dentro de casa, bateu com força na porta do quarto do estranho.

— Está acordado? — perguntou, a voz alta.

— Não precisa gritar — sussurrou Peggy.

Ela parecia nervosa e, francamente, Bob estava começando a se sentir assim também. Tinham a pensão havia dez anos e esta era a primeira vez que passavam por uma experiência, ou um hóspede, assim.

— Estou com a chave — disse Peggy quando não houve resposta.

— Certo.

— Devo chamar Troy Davis? — perguntou ela.

O xerife era um bom amigo, mas Bob não queria desperdiçar o tempo de Troy se houvesse uma explicação lógica.

— Ainda não.

— Mas alguma coisa deve estar errada.

— Não tire conclusões apressadas, Peg. — Queria agora ter seguido seu instinto e dito ao estranho que procurasse outro lugar para passar a noite.

Peggy lhe entregou a chave e, com relutância, Bob a inseriu na fechadura. Lentamente virou a maçaneta e abriu a porta. O hóspede estava dormindo no meio da cama. Sua capa de chuva estava pendurada no closet, com o chapéu repousando na prateleira diretamente acima. A mala estava aberta, mas parecia que um cirurgião a havia feito. Tudo estava firmemente dobrado e compacto. Ele parecia não ter mexido na mala.

— Ele pode estar doente — disse Peggy, segurando o braço do marido.

Bob duvidava muito. Conhecia aquele cheiro e sua pele se arrepiou com lembranças de guerra nas florestas quase 40 anos antes. Ninguém esquecia o cheiro da morte.

Qualquer que fosse o objetivo do estranho em Cedar Cove, agora provavelmente continuaria a ser um mistério.

Bob foi até a cama e olhou para ele. Na noite anterior, o rosto do estranho tinha ficado meio escondido pelo chapéu, com a aba bem abaixada. Parecia mais jovem, agora que Bob podia vê-lo claramente.

Mais jovem e completamente em paz.

— Ele está... morto? — perguntou Peggy, seu medo palpável.

Embora já soubesse a resposta, Bob procurou sentir o pulso no pescoço do homem: nada.

— Acho que é hora de telefonarmos para Troy — disse ele.

Quinze minutos depois, o pátio estava lotado de veículos de emergência. Paramédicos, policiais e o legista encheram a casa. Bob respondeu a muitas perguntas, mas foi incapaz de fornecer a Troy ou a Joe Mitchell, o legista, muita informação.

— Terá que ser feita uma autópsia — disse Troy.

— Vocês vão tirá-lo daqui logo? — perguntou Peggy.

Bob percebia como ela estava abalada por tudo isto e, para dizer a verdade, ele também.

O legista saiu do quarto e tirou as luvas de plástico.

— Tem alguma ideia do que o matou? — perguntou Bob.

— Ainda não — disse Joe, a testa franzida. — Pela carteira de motorista, o nome dele é Whitcomb, James Whitcomb, e é da Flórida. Significa alguma coisa para você?

— Não. — Bob tinha certeza, apesar da impressão de familiaridade que tivera na noite anterior. — Nunca o vi na vida.

A testa de Joe continuou franzida.

— Ele fez uma grande cirurgia plástica.

Bob não soube o que dizer.

— Há alguma coisa diferente acontecendo aqui — disse Joe, seguindo o corpo que estava sendo tirado do quarto e levado para fora da casa.

A POPULARIDADE de Maryellen no Get Nailed diminuía consideravelmente depois da festa de Halloween. Rachel, sua manicura, conhecera o ex-namorado de Terri que gostava de trabalhar com carros. As coisas pareceram promissoras por algum tempo.

Durante os meses de novembro e dezembro, Rachel só tinha elogios para Larry e por tudo que estava fazendo com o carro dela. Primeiro, substituiu os freios defeituosos, e a uma fração do custo que uma oficina teria cobrado; então, consertou as luzes internas que não acendiam. Consequira até mesmo consertar seu toca-fitas. Rachel se sentira grata, e se convencera de que estava começando a se apaixonar por ele. Como podia deixar de amar um homem que a fazia economizar centenas de dólares?

Então o transmissor do carro deu um problema. Era um conserto complexo, mas o herói de Rachel tinha certeza de que poderia fazê-lo, evitando que ela tivesse que comprar um novo transmissor. Infelizmente, Larry havia superestimado suas habilidades. Não só fez um péssimo trabalho como Rachel tivera que levar o carro para uma oficina e pagar duas vezes pelo conserto. Para piorar, Larry lhe apresentara uma conta por todo o trabalho que fizera e pelas peças que comprara para pôr no carro. Não foi preciso dizer que o relacionamento acabou muito mal.

A experiência de Jane não foi muito melhor. Procurava um homem que desse valor ao dinheiro. Jeannie saíra uma vez com um conselheiro financeiro muito educado mas muito maçante e o apresentara a Jane na festa de Halloween. Jane e Geoff tinham se sentido atraídos um pelo outro imediatamente. Jane insistira que Geoff não era tão aborrecido como Jeannie dissera. Mas então ele lhe deu um palpite sobre ações da bolsa que eram quase uma informação privilegiada. Jane investira toda as suas economias e quase imediatamente as ações caíram oito por cento.

— O que aprendi com tudo isto — disse Rachel enquanto terminava de fazer as unhas de Maryellen — é que, se uma de nós se livra de um homem,

é por um motivo malditamente bom.

— Pode dizer isto de novo — disse Jane.

— E o homem que você encontrou? — perguntou Jeannie a Maryellen.

Ela piscou, fingindo não ter compreendido a pergunta.

— Não encontrei ninguém.

— Aquele homem que você levou ficou grudado em você como cola — gritou Terri do outro lado do salão, onde trabalhava nas unhas de uma mulher mais velha. — Estava de olho nele o tempo todo, mas não quis saber de mim.

— Tenho certeza de que está imaginando coisas. — A última pessoa que queria discutir com as amigas era Jon Bowman.

— De jeito nenhum — resmungou Terri, em pé diante da prateleira de esmaltes. Pegou um vidro e sugeriu à cliente: — Que tal este aqui?

Felizmente, a atenção foi desviada de Maryellen.

— Está saindo com ele? — perguntou Rachel, emboscando-a com a pergunta. — Você pode não ter percebido como aquele homem estava louco por você, mas nós todas certamente percebemos.

— Não o vejo desde antes do Natal, mas se o vir, quer que lhe dê o número do seu telefone?

Esta foi a única maneira que encontrou para convencer Rachel de que não estava interessada em sair com Jon.

— De jeito nenhum. Já estive com caras que estavam apaixonados por outra mulher. É deprimente, se sabe o que quero dizer. — Passando esmalte na última unha, Rachel acendeu a luz sobre as mãos de Maryellen para secar as unhas perfeitamente rosadas.

Assim que secaram, Maryellen se apressou em sair do salão. Ia se encontrar com a mãe para jantar no Pancake Palace. Toda a sua agenda ficara atrapalhada devido a um encontro com os proprietários da galeria, que haviam chegado inesperadamente. Por sorte, Rachel pôde atendê-la no fim da tarde.

Temendo perguntas, Maryellen estava evitando a família. Kelly, ocupada demais com Tyler, aceitara suas desculpas facilmente, mas Grace, não. Sem alternativa, Maryellen concordara em se encontrar com ela no Palace, onde a comida era farta e barata.

Grace já estava lá quando Maryellen chegou. Sentou-se em frente à mãe e pegou o cardápio.

— Como está se sentindo? — perguntou a mãe imediatamente.

— Maravilhosa.

Era mentira, mas Maryellen não queria que a mãe se preocupasse com a situação. Até agora somente a mãe sabia da gravidez; não estava pronta para contar a Kelly ou a nenhum de seus amigos, especialmente enquanto se sentia mal.

Todos os dias, no último mês, Maryellen acordara com náuseas. Invariavelmente, pouco tempo depois, estava debruçada sobre o toalete. Não se lembrava de Kelly sofrer tanto desconforto enquanto estava grávida. De qualquer maneira, se a irmã tivesse sofrido de enjoos matinais, Paul estava lá para amá-la e encorajá-la e lhe entregar uma toalha úmida. Raramente Maryellen tinha se sentido tão solitária.

Grace pôs o cardápio de lado.

— Então, está com a saúde perfeita? Ora, não acredito nisto nem por um segundo.

— Mãe — disse Maryellen, fazendo o possível para se manter cordial. — Não, por favor, não.

— Não o quê? — exigiu Grace, então pareceu mudar de ideia. — Vamos começar tudo de novo, está bem?

— Por favor. Conte-me como as coisas estão indo com você. Por favor, mãe, apenas desta vez, não me faça perguntas que não quero responder. — Mordeu o lábio e rezou para a mãe atender ao pedido.

Grace olhou para ela, claramente infeliz com o pedido da filha.

— Está bem — disse lentamente. — Há muitas outras novidades para discutirmos.

— Como o quê? — perguntou Maryellen, grata.

— Bem, para começar — disse Grace, segurando o copo de água com as duas mãos —, fui jantar com Cliff Harding no último sábado.

Bem, *esta* era uma notícia que Maryellen esperava ouvir.

— Cliff lhe telefonou? — Na opinião dela, ele fora paciente demais.

Grace ficou ruborizada e olhou o cardápio.

— Na verdade, telefonei para ele. — Disse isto como se tivesse cometido uma horrível gafe.

— Mãe, isto é ótimo!

— Nunca tinha telefonado para um homem na vida. — Mesmo agora, Grace parecia não ter certeza de ter feito a coisa certa.

— O que a convenceu a fazer a ligação?

— Olivia — disse a mãe sem hesitar. — E duas taças de vinho. Ela me convenceu de que Cliff estava perdendo o interesse... e, oh, estava me sentindo tão solitária e infeliz.

Maryellen ergueu uma sobrancelha.

— O vinho certamente faz uma pessoa perder suas inibições. — Sabia muito bem disso.

— Olivia e eu estávamos celebrando — continuou Grace a explicar. — Seth e Justine estão esperando um bebê. E você sabia que eles compraram um restaurante? É tudo tão excitante para eles.

— Sim, ouvi falar sobre o Captain's Galley. Tenho certeza de que se sairão bem e eu...

Uma garçonete aflita chegou para receber os pedidos e Maryellen esperou a moça se afastar.

— Você não mencionou nada sobre mim, mencionou?

— Não — murmurou Grace —, mas fiquei tentada.

— Mãe, ninguém pode saber.

— Mas por que...

— Tenho meus motivos.

— Quero conversar com você sobre isto, Maryellen, mas cada vez que tento você se fecha e fica na defensiva. Sou sua mãe, acha que não percebo que está me evitando? Queria saber o motivo.

Isto devia ser óbvio.

— Queria não ter lhe contado... Sabia que ia me arrepender e me arrependo.

— É mais do que a gravidez — sussurrou Grace. — É o que você disse no almoço no outro dia.

— Mãe, não. — O nó na garganta estava crescendo. — Por favor, não, não posso falar sobre isto.

— Você disse que ficou grávida antes, 15 anos atrás, você disse. Foi antes de você se casar ou...

Maryellen balançou a cabeça, recusando-se a falar sobre a época mais dolorosa de sua vida.

— Então, me conte sobre seu encontro para jantar — disse ela, mudando de assunto.

Grace olhou para a filha, os olhos cheios de tristeza.

— Algum dia você me contará?

Não se Maryellen conseguisse evitar. Toda a sua vida mudara por causa daquela gravidez. A mulher que era hoje, e que sempre seria, era um resultado de ter concebido o bebê de Clint Jorstad. De outra forma, podia nunca ter se casado, nunca ter percorrido um caminho que hoje sabia ter sido tão errado. Porém, por mais que quisesse culpar o ex-marido, Maryellen estava muito consciente das próprias faltas.

Era fácil inventar desculpas, racionalizar o que fizera. Era jovem demais e vulnerável e tão incrivelmente ingênua.

— Você me *contará* algum dia? — repetiu a mãe.

— Talvez. — Esta gravidez era uma segunda chance... uma oportunidade que nunca esperara ter. Desta vez, seguiria seu coração.

— Já contou a Kelly? — A mãe insistia em fazer perguntas que Maryellen não queria responder.

— Ainda não, mas contarei.

— Quando?

— Mãe... contarei a Kelly quando estiver pronta para deixar outras pessoas saberem.

Maryellen amava a irmã, mas Kelly simplesmente não conseguia manter um segredo. No momento em que ela soubesse, a cidade inteira saberia.

— Conte-me sobre seu jantar com Cliff — disse Maryellen de novo, ansiosa para saber os detalhes do primeiro encontro oficial de sua mãe depois do divórcio.

— Jantamos num maravilhoso restaurante italiano em Tacoma.

— Longe de olhos curiosos — Maryellen assentiu. — Isto foi atencioso. E ele a beijou?

A cor quente que cobriu o rosto de Grace foi resposta suficiente.

— Sim. — Pegou o garfo e examinou-o cuidadosamente.

— Mãe, você está ruborizada.

— O único homem que me beijou nos últimos 37 anos foi seu pai. Até sábado, claro.

— E como foi?

Maryellen sabia que era errado gostar de ver a mãe assim tão agitada. Resistiu à vontade de rir abertamente, mas estava sinceramente feliz pelo fato de Cliff ter planejado uma noite tão romântica e pela reação inocente da mãe a ela.

— O beijo foi bom, muito bom.

— Vai vê-lo de novo? — perguntou Maryellen.

— Você é tão ruim como Olivia.

— Bem, vai? — pressionou.

— Provavelmente, embora ele não tenha me convidado.

A garçonete chegou com duas saladas.

— Querem mais alguma coisa? — perguntou, deixando a conta na mesa sem esperar pela resposta.

Maryellen observou a garçonete se afastar.

— Acho que não.

— Temo que você e Olivia estejam vendo mais neste jantar com Cliff do que deveriam. — Pegou um guardanapo. — Foi apenas um único jantar e não combinamos outro.

— Mas você irá de novo, se ele convidar.

— Sim... Oh, não sei... ter encontros me amedronta. Todo mundo parece pensar que é a coisa certa a fazer, mas se é verdade, então por que me sinto tão malditamente culpada?

— Não deveria, você está divorciada.

Grace suspirou.

— Você e Olivia me encorajaram a ver Cliff, mas não tenho certeza se devo....

— Por que não?

— Oh, querida, você não percebe? — O rosto de Grace estava tenso. — Preciso saber o que aconteceu com seu pai. Há este nó em minha garganta desde que ele desapareceu. — Começou a rasgar o guardanapo de papel. — Depois que saí para jantar com Cliff eu me senti bem, como se estivesse livre. Mas não durou, quase não dormi aquela noite.

— Mãe, você está divorciada, *está* livre.

— Talvez legalmente, mas ainda me sinto casada. Apesar de tudo, sinto que pertenço a seu pai. Não sei se isto mudará até eu descobrir onde ele está e o que o fez desaparecer.

— Mãe — a mão de Maryellen cobriu a de Grace. — Talvez nunca venhamos a saber.

— Compreendo, mas não muda o modo como me sinto.

Charlotte estava sentada na sala de espera do dr. Fred Stevens, tricotando furiosamente enquanto os minutos se passavam. Consultara-se com o dr. Fred nos últimos 20 anos e tinha total confiança nele. Fora o médico de Clyde e o marido também confiara nele completamente.

— O doutor vai vê-la agora, Charlotte — disse Pamela Johnson, em pé junto à porta que levava à sala de exame.

Charlotte guardou a peça que tricotava na bolsa e seguiu a enfermeira. Quando pararam na balança, Charlotte tirou os sapatos e subiu, os olhos fechados e a respiração presa. Era melhor não saber algumas coisas.

— Você emagreceu mais de dois quilos — informou Pamela.

— É mesmo?

Mas isto era de se esperar, já que não tinha apetite havia semanas. No começo, presumira que era devido ao estresse dos feriados, então Charlotte percebera como se sentia cansada no fim do dia. Ultimamente, subir escadas parecia um esforço excessivo e, além disso, havia aquele problema constrangedor de precisar ir logo ao banheiro.

Pamela levou-a à primeira sala de exames. Fez algumas perguntas e tirou a pressão sanguínea de Charlotte. Depois de fazer anotações em seu cartão, colocou-o numa fenda da porta externa.

— Vá em frente, tire a roupa e vista este avental — instruiu a enfermeira e saiu.

Charlotte examinou o suave avental azul de papel. Era ridículo pensar que uma coisa daquelas a cobriria. Raramente precisava fazer uma consulta além de seu exame anual, que não conseguia se lembrar se o avental deveria ficar aberto na frente ou nas costas.

— Oi, Lottie — disse o dr. Fred ao entrar na sala cinco minutos depois.

Tão poucas pessoas a chamavam assim que ficou chocada por um momento. Naturalmente, o dr. Fred usava o apelido porque era assim que Clyde sempre a chamara.

— Oi, dr. Fred.

O médico se sentou num tamborete enquanto lia sua ficha. Charlotte estava sentada numa posição mais alta, na mesa de exame, os pés pendurados. Olhando os dedos dos pés, ficou aborrecida ao ver que as unhas precisavam de uma camada nova de esmalte. Oh, céus, isto era constrangedor. Tentou cobrir um pé com o outro.

— Qual é o problema? — perguntou o dr. Fred. Aparentemente, não percebera as unhas dos pés.

Charlotte descreveu seus sintomas. Cansaço, explicou ela, falta de energia e aquele problema desagradável com o intestino. Quanto mais falava, mais alarmada ficava.

— Parece que eu deveria ter vindo vê-lo há algumas semanas.

— Concordo — disse o dr. Fred com severidade.

— Estive tão ocupada, e então houve o Natal.... — A voz desapareceu. Todas as suas justificativas pareciam falsas, até mesmo para ela.

Depois de um exame de rotina, o dr. Fred pediu a Pamela para tirar diversos frascos de sangue. Quando terminou, ele voltou à sala de exames. Felizmente Charlotte já estava vestida e preparada para o veredito.

— Bem? — murmurou ela, sem saber o que pensar. Talvez tudo o que ele faria seria lhe prescrever alguns tablets de ferro e poderia retomar a sua vida normal.

— Não saberei de nada até o resultado dos exames de sangue.

— Tem alguma suspeita? — perguntou, querendo respostas.

— Tenho algumas ideias, mas vou esperar a confirmação.

— Você era assim também com Clyde — disse ela, impaciente.

— Seria irresponsável se fizesse especulações, não seria?

— Bem... suponho que sim — concordou ela, relutante.

O dr. Fred riu.

— Acho que você não trouxe torta de carne moída com tomate verde para mim, trouxe?

— Você não tem vergonha.

— Não tenho mesmo! — Ele olhou dentro da bolsa de tricô.

Charlotte lhe deu um tapa na mão, então tirou um jarro alto cheio com sua mistura predileta para torta de carne moída.

— Você é o meu amor.

— Enquanto trazer recheio de torta de carne moída para você — disse Charlotte, sorrindo.

— Eu lhe telefonarei assim que receber os resultados — disse ele, acompanhando-a até a porta.

Embora ainda não tivesse respostas, Charlotte se sentiu melhor nos dias seguintes. Ignorara a saúde por muito tempo e agora, que dera um passo positivo para descobrir o que estava errado, ficou mais animada.

Recebeu um telefonema do consultório do dr. Fred no começo da semana seguinte; ele pedira uma quantidade enorme de testes. Um deles, colonoscopia, exigia uma viagem ao Harrison Hospital, em Bremerton. Sem querer alarmar Olivia, Charlotte pediu à amiga Laura para levá-la de carro.

— Já fiz esse procedimento — disse-lhe Laura quando chegou para apanhá-la. Bess e Evelyn também tinham vindo para lhe dar apoio moral.

— Vamos mimar você — informou Bess, sentada no banco de trás.

— Vocês estão fazendo eu me sentir uma velha — protestou Charlotte, mas não com muita ênfase. Na verdade, estava grata pela presença das amigas.

Evelyn riu.

— Charlotte, se você ainda não notou, nós *somos* velhas. Agora, amarre o cinto e pare de se queixar.

Embora tivesse tomado anestesia, Charlotte ficou acordada por alguns minutos durante o procedimento. Ouviu a equipe médica sussurrando entre si, chamando outro médico, mostrando uma área na tela. Não estava segura do que tudo aquilo significava e esperou o resultado com ansiedade.

Quando o dr. Fred se juntou aos colegas, viu pela expressão dele que era sério. Quando ele finalmente disse alguma coisa, ela ouviu apenas uma palavra e isto foi o suficiente para fazer seu mundo girar.

As amigas de Charlotte conversaram durante toda a viagem de volta, mas sua cabeça estava rodando e prestou pouca atenção ao que diziam. Quando chegaram em casa, Laura entrou.

— Quer que eu telefone para Olivia? — perguntou.

— Não... não quero perturbá-la, ela é tão ocupada.

— Ela precisa saber.

— Vou contar a ela logo — prometeu Charlotte.

Laura tomou algumas providências por alguns momentos e então, sendo a boa amiga que era, percebeu que Charlotte queria ficar sozinha. Abraçou-a com força antes de sair.

Sentada em sua cadeira com Harry no colo, Charlotte passou em revista suas opções. Não esperava viver para sempre, mas sentia que ainda tinha muita vida dentro de si. Quando finalmente se sentiu pronta para falar, não foi para Olivia que telefonou, mas para o filho, Will, que vivia em Atlanta.

— Mãe! — Will ficara claramente surpreso ao receber seu telefonema.
— Como você está?

— Ótima — mentiu. — Imagino que você está se perguntando por que estou ligando para você no trabalho no meio do dia, quando as taxas são mais altas.

— O pensamento cruzou minha mente — disse Will.

Como parecia com Clyde, seu filho, o engenheiro nuclear. Como tinha orgulho dele e de Olivia também. De repente, Charlotte se descobriu tremendo.

— Mãe, o que está errado?

Will parecia sempre saber quando alguma coisa a perturbava.

— Fui fazer uma consulta com o dr. Fred semana passada.

Seguiu-se uma pausa.

— Quando falei com Olivia a última vez, ela disse que você tem estado cansada.

— Sim, bem, é verdade, estou.

— Cansada o bastante para decidir consultar o dr. Fred.

— Sim, bem, você sabe como ele gosta do meu recheio de torta de carne moída com tomates verdes. Normalmente eu teria lhe levado uma torta, mas desta vez apenas lhe levei um jarro do recheio. Apanhei muitos tomates verdes da horta este ano.

— Mãe, você não me telefonou para falar sobre tortas, telefonou?

— Não...

— O que o dr. Fred disse?

— Bem, não muito, quis que eu fizesse alguns exames. — Ela pressionou o telefone com força na orelha.

— E você fez?

— Oh, sim, ele insistiu muito. O mais invasivo foi esta manhã, no Harrison Hospital.

— Olivia foi com você?

— Oh, não, não podia incomodá-la numa quinta-feira, especialmente no fim do mês. Você sabe como a agenda dela fica cheia.

— Em outras palavras, Olivia não sabe nada sobre isto?

— Ainda não.

— Você já recebeu os resultados dos exames?

Charlotte sentiu as lágrimas lhe encherem os olhos e ficou grata por Harry estar deitado em seu colo. Acariciá-lo a acalmava e exatamente agora, com o medo dominando-a, precisava dele.

— Mãe? — disse Will, desta vez em tom de voz mais alto. — Ainda está na linha?

— Estou aqui.

— O que o médico disse?

Ela hesitou.

— Will, sei que será terrivelmente inconveniente para você e Georgia, mas estava pensando se você poderia vir a Cedar Cove em breve.

— Mãe, o *que* o dr. Fred lhe disse?

Charlotte mordeu com força o lábio inferior.

— Acho que estou com câncer.

Capítulo Doze

ZACH NÃO queria a separação, mas Rosie não lhe deixara alternativa. Sua muito em breve ex-esposa é que era a irracional. Ficara chocado e magoado quando ela lhe mandara os papéis do divórcio. Basicamente, tinha 24 horas para sair da casa da família. Ficou estupefato por ela ter procurado um advogado e começado o processo. Sim, tinham conversado sobre isto, mas tinha sido no meio de uma forte discussão. Certamente não esperava que ela o pusesse para fora da própria casa.

Uma vez que ela estava claramente determinada a conseguir o divórcio, Zach esperava que pelo menos cuidassem de tudo de uma forma civilizada. Nada do que dissera ou fizera convencera Rosie de que não estava envolvido com Janice. Desistira de tentar conversar com ela de forma razoável. Se sua mulher tinha tão pouca confiança nele, ficaria melhor longe dela.

Mas encontrar um apartamento a uma distância aceitável da casa se mostrou um desafio. Felizmente Janice pudera ajudá-lo a procurar; de outra maneira, não tinha certeza do que faria. Rosie conhecia seu horário de trabalho melhor do que ninguém, e esperava que ela compreendesse que, com os impostos trimestrais a ser pagos e a correria com as contabilidades do fim do ano, que precisava fazer para seus clientes, seu tempo livre era muito limitado.

Estava enganado nesta esperança. Rosie parecia não se importar. Zach estava tentando com todas as forças manter uma atitude positiva em benefício dos filhos. Seu relacionamento com Allison e Eddie era a coisa mais importante para ele. Pretendia fazer parte da vida deles, não importando os termos do divórcio.

— Você tem que ir embora? — perguntou Eddie, parecendo infeliz.

O filho estava sentado nos pés da cama do quarto principal enquanto Zach esvaziava a sua metade do closet para fazer as malas.

— No momento, será melhor.

Zach se recusava a incluir os filhos em seus problemas com Rosie. Eram inocentes, a culpada era Rosie. Vinha agindo como uma megera ciumenta há semanas, embora imaginasse que isto era apenas um sintoma de insegurança... uma insegurança que nada fizera para causar.

— Quero que você e Allison me visitem no meu apartamento, certo?

— Para ficar?

Isto era difícil.

— Sua mãe e eu ainda temos que combinar. Agora quero só que você veja onde eu moro.

— Certo. — Parecia que Eddie estava se esforçando para não chorar. — Posso ir sempre que eu quiser?

— É claro! Meu apartamento também é sua casa.

Eddie se mexeu no colchão e se sentou sobre as mãos.

— Você ainda ama mamãe?

— É claro que amo.

Zach colocou uma camisa de trabalho sobre a pilha que já existia no meio da cama, então sentou ao lado do filho. Pôs um braço em torno dos ombros de Eddie e tentou achar as palavras certas.

— Algumas vezes, duas pessoas que se amam não concordam mais sobre algumas coisas, e quando isto acontece é melhor elas viverem separadas.

Eddie baixou a cabeça.

— Mamãe disse a mesma coisa.

Engraçado que pudessem concordar mais com as razões para o divórcio do que em qualquer coisa relacionada ao seu casamento. Não tinham se falado muito nas últimas semanas. Todas as comunicações eram feitas por meio de seus advogados, o que era ridículo no que se referia a Zach, já que ele continuara a viver em casa.

— Allison diz que tudo sobre este divórcio é uma fraude.

Zach, que não respondeu, já observara que *fraude* era atualmente uma das palavras favoritas da filha.

— Você vai conversar com mamãe?

Não se pudesse evitar, pensou Zach. Não brigavam mais, e era grato por isto. Na verdade, Rosie fazia um esforço enorme para ser polida. Era quase como se fossem estranhos. Sua mulher, porém, tinha muito a dizer a sua advogada. Seus pecados estavam descritos em muitas páginas de documentos legais.

Sabendo que se zangaria se lesse além da página do título, Zach deixou tudo para o seu advogado. Conhecia Otto Benson há muitos anos, trabalhara frequentemente com ele, e confiava que Otto o representaria com habilidade.

— Pronto para me ajudar a levar tudo isto para o carro? — perguntou ao filho.

— Claro. — Eddie não demonstrou muito entusiasmo. Escorregou da cama e saiu com Zach do quarto, carregando as roupas nos braços estendidos. Zach arrumou as camisas engomadas no banco traseiro do carro e pegou a pilha que Eddie levara.

— Quer conhecer meu apartamento? — perguntou Zach a Allison quando voltou à cozinha.

A filha tirou os fones de ouvido e desligou seu aparelho de CD portátil. Olhou para ele por um minuto como se não tivesse ouvido. Finalmente, resmungou:

— Vai *realmente* embora, papai?

— Temo que sim, doçura.

— Mas você jurou amar mamãe para sempre.

— Eu sei e isto é difícil, mas você vê que tudo que sua mãe e eu fazemos é brigar. Isto não é bom. Vamos nos divorciar por vocês, crianças, para impedir que vocês...

— Estão fazendo isto por mim e Eddie? Acho que não, papai. Parece que você e mamãe estão fazendo isto por vocês mesmos. Acontece que Eddie e eu estamos no meio, e eu odeio isto, realmente odeio isto. — Estava gritando quando terminou.

Antes que Zach pudesse responder, Allison tornou a colocar os fones de ouvido, bloqueando as palavras dele.

Zach viu lágrimas nos olhos da filha e seu coração doeu. Queria lhe dizer que as dificuldades entre ele e Rosie nada tinham a ver com ela ou Eddie, que não era culpa *deles*.

Talvez ele e Rosie tivessem se cansado um do outro. Isto fora alguma coisa que lera num artigo sobre o fim de um casamento que Janice lhe dera. Ela tirara uma xerox de uma revista feminina. Talvez ele e Rosie não tivessem mais nada em comum a não ser as crianças e a casa, sugeria o artigo. Talvez porque estavam em boas condições financeiras tivessem perdido aquele senso de ser *parceiros*, de enfrentarem juntos o mundo, de criarem sonhos juntos.

Ultimamente, havia apenas amargura e ressentimento no casamento. Tudo o que faziam era um tornar o outro infeliz, e isto não era uma forma de viver e certamente não criava um ambiente saudável para criar os filhos.

Olhando em torno da casa uma última vez, Zach acabou de encher o carro com seus objetos pessoais. Por motivos óbvios, Rosie estivera ausente quase todo o dia.

Isto não era de surpreender, já que, de qualquer maneira, passava a maior parte de todos os fins de semana com outras pessoas, e não com a família. Nem se aborreceu quando viu que os pratos do café da manhã ainda estavam na pia, sem lavar.

Isto fazia parte do todo. Ele também tinha sua lista dos pecados que a esposa cometia, mas, a menos que ela tornasse isso impossível, não levaria esses assuntos para o tribunal.

— Quer conhecer meu novo apartamento? — perguntou a Eddie, tentando mostrar um pouco de entusiasmo.

— Acho que sim.

— Terá seu quarto nele, você sabe.

Um segundo quarto era necessário se pretendia que as crianças passassem dias com ele, e Zach pretendia. Não podia comprar camas agora, mas as compraria o mais cedo possível.

— Não quero dormir com Allison no mesmo quarto — reclamou.

— Você pode dormir no meu quarto, se quiser.

— Posso?

— É claro.

Isto pareceu consolar Eddie no momento.

Antes de sair, Zach perguntou de novo a Allison se ela queria conhecer seu novo apartamento, mas ela ficou sentada com os fones de ouvido e fingiu que não o ouvira. Estava zangada e Zach compreendia como se sentia. Finalmente se acostumaria e seriam capazes de conversar sobre isto. Allison sempre fora mais chegada a ele do que a Rosie.

O apartamento de dois quartos ficava a menos de cinco quilômetros da casa em Pelican Court. Não era grande, mas podia sustentar as duas casas, mesmo que com muita dificuldade. Queria um apartamento de três quartos, mas não conseguiu encontrar um dentro dos limites de seu orçamento. Escolhera este para que as crianças continuassem na mesma escola distrital. Otto estava trabalhando com a advogada de Rosie para chegarem a um acordo sobre os cuidados de cada um dos pais com as crianças.

Quando chegou ao apartamento, Zach abriu a porta para o filho. Eddie entrou na sala de estar e olhou em volta, a testa franzida.

— Onde está a TV?

— Vou trazer a que está no quarto.

Ele e Rosie já estavam no processo de dividir tudo, mas a maior parte da mobília ainda precisava ser transportada. Até agora, Rosie não se mostrara difícil sobre a divisão dos bens da casa e Zach esperava que ela continuasse com essa atitude. Considerando que ele pagara por tudo na casa da família, era apenas justo que levasse o que precisasse para sua nova moradia.

Aparentemente não ocorrera a Rosie que teria de procurar um emprego. Zach tinha uma retirada respeitável na firma, mas não poderia pagar sozinho todas as despesas de duas casas. Pela primeira vez desde que as crianças haviam nascido, Rosie seria obrigada a trabalhar.

— Veja o outro quarto — disse Zach a Eddie enquanto levava uma pilha de roupas para o maior dos dois quartos. O quarto com o carpete novo estava vazio e árido, mas tudo isto seria resolvido em breve. Logo, pensou Zach, se sentiria tão à vontade aqui como se sentia na casa da família.

— Oi — Uma batida leve se seguiu à voz suave que Zach reconheceu de imediato.

— Janice. — Zach não esperara uma visita de sua assistente, especialmente num fim de semana. — Oi — respondeu.

Timidamente, ela entrou no apartamento seguida por um menino da idade de Eddie.

— Este é meu filho, Chris — apresentou, um braço em torno dos ombros do menino.

— Este é Eddie.

— Oi — disse Eddie, parecendo cauteloso.

— Pensei em passar para ver se você tem tudo de que precisa — disse Janice. — Sei quanto trabalho dá uma mudança e queria ver se há alguma coisa que eu possa fazer.

Ela sempre fora prestativa e Zach apreciava seus esforços mais do que nunca. Trouxera uma sacola e a deixou sobre a bancada da cozinha.

— Eddie, por que não mostra o apartamento a Chris? — sugeriu Zach, e quase imediatamente os dois meninos desapareceram no quarto dos fundos.

— Trouxe um presente para sua nova casa — disse Janice e então começou a tirar da sacola uma máquina de fazer café.

— Não precisava fazer isto. — Zach permaneceu do outro lado da cozinha, um pouco desconfortável com a generosidade dela.

— Eu sei... Pode me mandar embora, se quiser, mas sabia que estava se mudando hoje. Sei pela minha experiência como tudo isto é difícil e espero que a transição seja fácil para você e sua esposa.

— Obrigado. — Zach preferia manter sua vida profissional separada da pessoal, mas sem a ajuda de Janice nesta crise recente, não sabia como teria feito tudo.

Uma hora depois, quando levou Eddie de volta para casa, a primeira coisa que notou foi o carro de Rosie estacionado no pátio. A expressão de Eddie ficou alegre assim que o viu. Abriu a porta do carro e correu em direção à casa. Zach o seguiu com muito menos entusiasmo. Esperara ter acabado de tirar todas as suas coisas pessoais antes da volta de Rosie.

Ainda havia livros e CDs e...

— Oi — disse Rosie, o rosto tenso, mas não hostil. — Vejo que está fazendo as malas.

Zach assentiu.

— Fiz um amigo novo — contou Eddie, abraçando a cintura da mãe.

— Isto é ótimo, terá amigos aqui e na casa de seu pai.

— Chris não mora no edifício do apartamento. A mãe dele é assistente do papai e foram até lá para levar um presente para a casa nova.

Com isto, os olhos de Rosie se fecharam em duas tiras finas e zangadas.

— Aposto que sim — resmungou ela baixinho, depois saiu da cozinha com raiva.

Os ombros de Zach caíram numa postura de derrota. Isto era uma coisa que Rosie tentaria usar contra ele quando chegassem ao tribunal. O gesto inocente de Janice e seu apoio se transformariam em “provas”.

CLIFF HARDING tinha um bom pressentimento sobre este encontro com Grace na tarde de sábado. Três semanas haviam se passado desde que jantaram juntos e haviam conversado de vez em quando pelo telefone. Podia ver que Grace ainda tinha reservas sobre seu relacionamento. Alguma coisa acontecera nas últimas três semanas. Não sabia com certeza o quê, mas quando conversavam ela parecia abalada e inquieta. Quando lhe perguntava o que havia, ela dava desculpas e rapidamente desligava o telefone.

Sob circunstâncias normais, perguntaria a Charlotte, que era sua melhor fonte de informações no que se referia a Grace, mas sua amiga já estava sob pressão muito grande. Logo faria uma grande cirurgia, seguida de tratamento de quimioterapia, o que era difícil para qualquer pessoa, tanto física quanto emocionalmente. Vira o próprio pai ser devastado por um câncer de pulmão. Naturalmente, naquela época, não havia os atuais tratamentos eficazes contra o câncer, mas mesmo assim...

Portanto, não, não podia perguntar a Charlotte o que estava acontecendo com Grace, a amiga já tinha problemas suficientes. Mas Cliff tinha certeza estava convencido de que estava ligado a Dan. Ela queria respostas sobre o que acontecera ao ex-marido, e ainda não compreendera que a paz que procurava tinha que vir de dentro dela.

Entretanto, ficou encorajado por um convite para almoçar. Talvez agora ele pudesse descobrir o que a fizera recuar de um começo tão promissor.

Era um dia tempestuoso, de ventos fortes, do primeiro fim de semana de fevereiro, quando Cliff dirigiu até a cidade. O céu estava nublado, ameaçando chuva.

Buttercup anunciou sua chegada com um latido forte, então foi até a varanda onde Cliff esperava. A cadela sacudiu a cauda e, depois que tocou a campainha da porta da frente, Cliff se debruçou e acariciou seu pelo macio. Pelo menos conseguira conquistá-la.

— Oi, Cliff — disse Grace, numa entonação rígida e reservada.

Destrancou a porta de tela para deixá-lo entrar.

— Um dia típico de fevereiro, não é?

Ele concordou, achando que ela estava maravilhosa num suéter de gola alta e jeans apertados. O cheiro de chili quente numa panela na bancada da cozinha o alcançou e respirou fundo, apreciando-o.

— O cheiro é ótimo.

— É meu chili. — Os olhos dela se desviavam dos dele.

— Quer se sentar? — Movimentou a mão em direção à sala de estar.

— Claro.

Grace esperou até ele estar sentado, depois se sentou em frente a ele.

— Tenho sido grosseira ultimamente e pensei que devia lhe explicar o que está acontecendo.

— Por favor.

Ele esperou pacientemente, recostando-se na poltrona gasta, confortável. Percebeu que Grace não sabia o que fazer com as mãos. Primeiro encostou

uma à outra, como se estivesse rezando, depois as colocou entre os joelhos. Buttercup se deitou aos pés de Grace, que parecia acanhada.

— Você não sabe o que fazer com as mãos.

— É tão evidente assim?

Ele apenas deu de ombros com um pequeno sorriso.

— Não tenho a *intenção* de ser grosseira, é apenas que, cada vez que me convenço de que me encontrar com você é a coisa certa, acontece algo que me faz ter dúvidas sobre mim mesma. — Olhou para as próprias mãos.

— O que foi desta vez?

Grace gentilmente acariciou a cabeça de Buttercup.

— Você se lembra de quando veio aqui num sábado do outono passado e consertou a porta da garagem e limpou as calhas para mim? Fiquei grata em mais de uma forma. Pela primeira vez desde que Dan foi embora, senti que *podia* continuar com a minha vida... que podia deixar de lado meu casamento.

Cliff também ficara encorajado aquele dia. Esperara que seria a primeira de muitas visitas como aquela....

— Então, pouco depois... no Dia de Ação de Graças... soube de Dan.

Agora Cliff estava completamente confuso. Por tudo o que sabia, Dan desaparecera em abril do ano anterior. Ninguém ouvira falar dele desde então, nem Grace, nem as filhas, nem qualquer amigo ou membro da família. Aparentemente, alguém o vira em maio, mas fora apenas isto.

— Você conversou com Dan?

— Não — esclareceu ela. — Mas ele telefonou para cá. Não disse nada, apenas... me fez saber que estava lá.

— Como pode ter certeza de que era ele?

— Não posso provar — disse ela, endireitando-se e juntando as mãos de novo. — É instintivo. Na manhã do Dia de Ação de Graças, o telefone tocou e não havia ninguém do outro lado da linha. Era Dan... sei que era.

Já era ruim o bastante para Cliff lidar com um ex-marido que desaparecera; agora tinha que enfrentar também um fantasma.

— Então, depois que fomos jantar em Tacoma, me senti tão bem por ter me encontrado com você. Realmente acreditei que pudéssemos ter um relacionamento.

— Eu também — insistiu Cliff. — É certo estarmos juntos.

— Pensei... oh, Cliff, aquela noite foi mágica, gostei de tudo sobre ela.

— Os beijos? — Seu ego exigia que ela admitisse que gostara tanto dos beijos quanto ele.

— Isso mais do que tudo — sussurrou ela.

A reação de Cliff tinha sido a mesma. Ele a deixara em casa e se sentira no paraíso, cheio de expectativa, ansioso por um novo encontro. Então, silêncio, seguido de diversas desculpas pouco convincentes. Não soubera o que pensar.

— Pouco mais de uma semana atrás, outra coisa aconteceu. Esta questão de Dan se recusa a desaparecer.

— Ele telefonou de novo?

— Não... desta vez recebi um chamado de Joe Mitchell, o médico legista. Recentemente, um homem morreu enquanto estava hospedado na pensão Thyme and Tide.

Cliff se lembrou de ter lido sobre isso no *The Cedar Cove Chronicle*. Era uma história estranha, que não fazia muito sentido. Aparentemente, o homem ainda não fora identificado.

— Ele tinha uma identidade falsa, não é?

— Sim. Joe disse também que o homem havia feito uma grande cirurgia plástica.

— Alterou a aparência?

Grace assentiu.

— Joe viu que era mais ou menos da idade de Dan e tinha uma estrutura física parecida. Teve uma ideia e entrou em contato comigo.

Ele compreendeu imediatamente.

— O médico legista pensou que poderia ser Dan?

Ela fechou os olhos por um momento e Cliff percebeu como ficara traumatizada com um telefonema assim.

— Joe achou que eu poderia identificá-lo. — Estremeceu visivelmente.

— Foi horrível ir ao necrotério. Horrível...

Cliff escorregou para a beirada da almofada.

— Mas não era Dan, era?

Grace baixou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não. — Engoliu com força. — Que Deus me perdoe, queria que fosse... não que eu queira que esteja morto, mas preciso de respostas, preciso saber por que foi embora e se pretende voltar.

Os nós dos dedos de Grace estavam brancos e foi difícil para Cliff ficar onde estava. O impulso de abraçá-la crescia a cada minuto.

— Primeiro as chamadas no Dia de Ação de Graças, agora isto. É quase como se...

— Chamadas? — repetiu Cliff. — Houve mais de uma?

— Na verdade foram três e, cada vez que atendia, tudo o que ouvia era estática. Tive a sensação mais estranha e soube que tinha que ser Dan. *Tinha* que ser. Quem mais ligaria três vezes e então não diria absolutamente nada?

— Espere um pouco. — Cliff ergueu a mão, seus pensamentos girando freneticamente. — Quem mais? — Repetiu. — E quanto a mim?

— O quê?

Cliff limpou a garganta.

— Fui eu.

— Você telefonou... e não disse nada? — A voz se ergueu numa acusação.

— Você se lembra da tempestade de neve de que lhe falei? Tentei lhe telefonar o dia todo e consegui uma ligação em três diferentes momentos. Mas, nas primeiras duas vezes, tudo o que ouvi foi estática. Da terceira vez ninguém atendeu e não deixei uma mensagem na secretária eletrônica.

— Foi *você*? — Grace pressionou as mãos sobre os lábios. — Mas pensei... acreditei que fosse Dan.

Lágrimas lhe encheram os olhos e Cliff deixou de se importar com o que ela pensaria, tinha que abraçá-la. Sentando-se no sofá ao lado de Grace, tomou-a nos braços.

— Lamento muito. Devia ter mencionado isto antes, mas não sabia.

— Senti como se Dan estivesse estendendo os braços para mim... como se estivesse me dizendo o quanto lamentava. Um ano antes, tivemos um maravilhoso Dia de Ação de Graças e este ano... este ano éramos apenas Maryellen e eu e...

Cliff apertou-a mais e descansou o queixo delicadamente na sua cabeça. Grace era quente e macia em seus braços. Mais do que isto, parecia tão certo abraçá-la. Ele saboreou estes momentos, guardou-os na lembrança como um tesouro. Ansiava por virar-lhe a cabeça, o rosto voltado para si, para baixar a boca sobre a dela, mas não queria que Grace se voltasse para ele num momento de pesar. Quando a beijasse de novo, queria que fosse uma descoberta, uma paixão mútua, uma afeição partilhada.

A porta da frente se abriu de repente, o que assustou os dois. Grace se afastou num pulo e inalou com força.

— Kelly...

A filha mais nova ficou de pé na sala, segurando o carrinho de bebê de Tyler, os olhos enormes e furiosos.

— O que *ele* está fazendo aqui? — perguntou, exigente.

— Kelly, este é Cliff Harding, o homem com quem tenho me encontrado, como lhe falei — disse Grace, recuperando-se rapidamente. Levantou-se do sofá e debruçou-se para ver o neto, que estava dormindo.

— Sua mãe me convidou para almoçar — acrescentou Cliff, querendo deixar claro que não estava ali sem um motivo.

Kelly continuou tensa, olhando fixamente para os dois.

— Por favor, querida, sente-se.

Embora a filha estivesse claramente furiosa, Grace continuou polida.

Kelly sentou, com relutância.

— Por que não me contou sobre Maryellen?

Grace suspirou e desviou o olhar.

— Não era minha a decisão de lhe contar, era de Maryellen.

— Minha própria *irmã* está grávida e ninguém me conta?

Isto era novidade para Cliff também, mas esta não era a hora para mencionar isto.

— Sugiro que resolva isto com Maryellen — disse Grace. — A última coisa que quero é ficar entre vocês duas. Posso dizer que não concordei com Maryellen, mas a escolha foi dela.

— Mas ela lhe contou, — a mágoa de Kelly era evidente. — Não confiou em mim. Deixou que eu adivinhasse sozinha, como... como se eu não tivesse importância!

— Lamento, mas foi a escolha de sua irmã — repetiu Grace.

— Quantas pessoas já sabem? Sou a única que não sabia?

— Eu adivinhei que ela está grávida — admitiu Grace. — Ela não me contou voluntariamente.

Cliff percebeu que Grace e a filha precisavam conversar e sua presença não estava ajudando.

— Vou sair por algum tempo, está bem?

Grace segurou-lhe a mão e olhou para ele, nos olhos uma expressão de apelo.

— Você voltará?

— Se você quiser.

— Dê-nos uma hora — pediu ela.

Cliff assentiu e, depois de dizer adeus a Kelly, tomou o rumo da porta. Estava na metade do caminho quando ouviu Kelly atacar a mãe.

— Como pode ter encontros de novo? — acusou a filha. — Não sabemos o que aconteceu com papai e você já arranjou um namorado! Não posso *acreditar* nisto. Primeiro Maryellen esconde de mim sua gravidez, depois descubro que minha mãe também tem segredos. O que aconteceu com nossa família? Nada mais está certo desde que papai se foi, nada.

Então pareceu que Kelly começou a chorar.

NA TARDE de domingo, Olivia estava no terminal principal do Aeroporto Sea-Tac, esperando a chegada do irmão. Olhou o relógio; o voo de Will deveria chegar às 3h e ainda tinha muito tempo.

Depois de diversas conversas pelo telefone, ficou combinado que o irmão viria para a cirurgia da mãe, que estava marcada para a manhã seguinte.

Olivia tinha um bom relacionamento com o irmão mais velho. Mantiveram contato frequente a vida toda e ele fora muito solidário naquele terrível verão de 1986. Will ficara tão chocado quanto Olivia quando Stan se casara tão depressa depois do divórcio. Ultimamente, porém, parecia que, com suas carreiras ocupadas, a irmã e o irmão se falavam mais raramente. Começaram a trocar e-mails, mas esta forma de comunicação parecia apenas um meio de partilhar brincadeiras, artigos noticiosos e estatísticas; quase nada tinham de pessoal.

O câncer de Charlotte abalou Olivia profundamente. Sua mãe sempre fora saudável, vigorosa, cheia de energia. Nos últimos meses, vira Charlotte enfraquecer bem diante de seus olhos, mas estava tão envolvida na própria vida que não percebera a seriedade do que estava acontecendo. Atribuíra a crescente fragilidade da mãe à idade.

Exatamente na hora em que era esperado, Will passou pela área de segurança do aeroporto. Parou e olhou em volta. Quando a viu, os olhos brilharam e ele caminhou até os braços abertos da irmã.

— Você está tão bonita como sempre — disse ele.

— E você sempre foi um mentiroso — respondeu Olivia. Já se sentia melhor, sabendo que Will estaria com ela no dia seguinte. — Como está Georgia? — Seu irmão era casado havia mais de 30 anos. Georgia tinha uma carreira, era uma executiva de uma agência de propaganda, e não quisera ter filhos. Will aceitara com relutância e Olivia se perguntava se lamentava a decisão. Se fosse assim, nunca falara disso com ela.

— Tal como eu, minha mulher tem uma vida ocupada.

As palavras estranhamente frias incomodaram Olivia, tanto quanto o tom distante. Suspeitava de problemas, mas este não era o momento para fazer perguntas. Sentia que Will não estava bem, ou, pelo menos, seu casamento não estava.

Depois que pegaram a bagagem de Will e pagaram pelo estacionamento, saíram do aeroporto e tomaram a direção da estrada que levava a Cedar Cove.

— Ora, ora — comentou Will quando saíam do estacionamento do aeroporto. — Onde conseguiu esta pulseira?

Olivia hesitara antes de usar a pulseira que Jack lhe dera, temendo as perguntas inevitáveis.

— Foi um presente de aniversário de Jack Griffin.

— O jornalista? Mamãe me disse que você está se encontrando com ele.

— Olhou para ela deliberadamente. — Mas de você não ouvi nada sobre o assunto.

Olivia não sabia bem o que sentia sobre Jack e não tinha certeza sobre o que dizer do relacionamento deles.

— Na verdade, gosto muito dele. — Sentiu o irmão analisando-a e tirou os olhos da estrada por um segundo para encontrar os dele.

— Se a pulseira é uma indicação, ele se sente da mesma maneira.

— Espero que sim. — Sentindo-se mais confortável para falar sobre Jack, acrescentou: — O filho está morando com ele no momento e isto tem sido um desafio. — Eric parecia viver em constante tumulto, infeliz num momento, eufórico no outro.

— Estou contente por Justine estar casada e feliz — disse Will. — Não faz mundo tempo, ela riu de mim quando mencionei a palavra casamento. Alegou que não estava interessada.

— Não apenas casada, está grávida.

— Está brincando! Se me lembro bem, a risada dela ficou mais alta quando sugeri que um dia iria querer uma família.

Olivia sorriu para ele.

— Nunca a vi tão feliz. Amo Seth mais ainda por causa disso. Oh, Will, quero que o conheça.

— E o casamento de James vai bem?

Ela assentiu.

— Stan e eu ficamos chocados ao ver como tudo foi rápido, mas conheci Selina e ela é uma boa companheira para ele. Vou aborrecer você com as últimas fotos de Isabella Dolores assim que tiver uma oportunidade.

— Estou ansioso para vê-las.

Entraram na autopista e Will pegou o celular. Apertou um número, pôs o celular no ouvido por um momento, então desligou.

— Pensei em dizer a Georgia que já cheguei. Ela deve ter saído. — Falou como se não estivesse surpreendido, mas Olivia se perguntou por que não deixara uma mensagem. Mais tarde, depois da operação de Charlotte, conversaria com ele sobre isto.

— Mamãe está emocionalmente preparada para a cirurgia? — perguntou Will.

Olivia não sabia dizer. A julgar pela aparência, Charlotte estava calma e confiante. Mas, uns dias antes, Olivia tivera uma breve visão sob a máscara que sua mãe apresentava ao mundo e percebera o medo.

— Sabia que vovó Munson morreu do mesmo tipo de câncer? — perguntou Olivia.

Charlotte dera a informação no dia em que estava tão preocupada e Olivia soube que estava aterrorizada, temendo que a história se repetisse.

— Mal me lembro da vovó Munson — disse Will.

— Mamãe está se mostrando forte, mas sei que está com medo.

— Está com medo de que o câncer de cólon a mate também?

— Acho que sim — disse Olivia. — Ela quer ser forte. É engraçado, mas quando me contou sobre o câncer, entrei em pânico e foi mamãe que me confortou. Ela me deu informações que imprimiu de pesquisas na Internet.

— Mamãe navega na internet?

— De vez em quando. Uma das senhoras do clube de tricô com quem se encontra no Senior Center tomou aulas sobre computador. Assim que Bess soube que mamãe estava com câncer, convidou-a para fazerem uma pesquisa e descobrirem tudo o que havia disponível sobre câncer de cólon.

— Mamãe certamente é única — disse Will. — Lembra-se de toda aquela confusão sobre o Caubói Cantor... como ela pegou tudo o que era dele e escondeu na gaveta de sua roupa de baixo?

Olivia riu, e se sentiu bem por estar com o irmão.

— Como vai Grace? — perguntou subitamente. — Alguma notícia sobre o desaparecimento de Dan? Ele nunca voltou?

— Grace acha que ele foi à casa deles umas duas vezes, mas isto foi bem no começo.

— Como ela soube?

— Trabalhando na floresta por tantos anos, Dan tinha o cheiro de sempre-verde. Duas vezes, quando Grace voltou do trabalho, o interior da casa estava com o cheiro de árvore de Natal. Isto só poderia ter acontecido se Dan tivesse entrado na casa.

— Nada depois disso?

— Nem um sinal. Ela pensou que ele tinha telefonado no Dia de Ação de Graças, mas depois descobriu que era Cliff. É um amigo de mamãe, com quem tem saído de vez em quando.

— Um amigo de mamãe — repetiu Will. — Acho que é velho demais para Grace.

— Oh, não... Cliff é o neto de Tom Harding, o Caubói Cantor.

— Certo, tinha esquecido o nome dele.

Houve um pequeno silêncio, então Olivia disse:

— Sabe, quando éramos adolescentes, sempre achei que você tinha uma queda por Grace.

— Eu tinha.

— Mas você nunca a convidou para sair.

— Não, mas foi por que eu era tímido.

— Você! — Olivia não acreditou por um momento. — Eu sei que ela teria adorado se a tivesse convidado. — *E talvez as coisas tivessem sido diferentes para vocês dois.*

— Você está brincando. — Will pareceu surpreso. — Acho que Grace é uma das mulheres mais incríveis que já conheci.

Sua admiração era sincera, como a de Olivia.

— Também acho. Mesmo com toda esta loucura sobre Dan, ela tem sido forte como uma rocha.

— Alguém sabe o que aconteceu a Dan? Algum indício?

Olivia balançou a cabeça.

— Gostaria que houvesse, mas não.

— E que tal um palpite?

— A verdade? — Ela afastou o olhar da estrada, voltando-o para ele para ver sua reação. — Todos presumem que há outra mulher envolvida. Ele comprou um anel pouco antes de desaparecer e, mais tarde, foi visto na

cidade com uma mulher. Quase como se estivesse exibindo seu caso com outra mulher.

— Mas não é isto que você pensa?

— Não — disse ela —, não faz sentido.

— Por que não?

— Bem, Dan não era exatamente o sr. Personalidade. Nunca foi o mesmo depois do Vietnã. Algumas vezes, por nenhum motivo claro, ele caía numa daquelas depressões e se fechava para o mundo. Era completamente distante... algumas vezes até cruel. Quando ficava assim, tornava a vida de Grace muito infeliz.

— Por que ela ficou com ele estes anos todos?

Olivia não sabia ao certo, mas tinha uma teoria, baseada na longa amizade com Grace

— Ela é uma mulher honrada. Quando fez seus votos, acreditava completamente neles. *Para o melhor ou para o pior*. Mas Grace teve o *pior* muito mais vezes do que o *melhor*.... E com muito mais frequência do que qualquer um de nós jamais saberá. Mesmo assim, amava Dan e, a seu modo, ele a amava também.

Olivia saiu da autopista na segunda rampa em direção a Cedar Cove e tomou a direção da casa da mãe.

— Quando chegarmos à casa da mamãe, cuidado com Harry. Ele é muito protetor em relação a ela.

Will riu.

— Não me diga que mamãe tem um homem vivendo com ela.

Agora foi a vez de Olivia sorrir.

— Espere e veja.

Capítulo Treze

ENQUANTO LIA o exemplar de 7 de fevereiro do jornal de Bremerton, Jack observava o filho com o canto do olho. Tinham acabado de jantar uma lasanha aquecida no micro-ondas e sorvete. Imediatamente depois, Eric começara a andar pela pequena sala de estar da casa alugada de Jack, situada no litoral, como se fosse impossível para ele ficar imóvel.

O rapaz estava dando nos nervos de Jack havia semanas. Tiveram mais de um confronto verbal durante os meses em que Eric morava com ele. Ironicamente, em vez de separá-los, suas discussões pareciam ter cimentado o relacionamento de pai e filho.

Quando Eric chegara, ambos eram cuidadosos, cada qual temendo fazer ou dizer alguma coisa que aborrecesse o outro. O constrangimento logo acabou quando o que deveria ser uma visita de alguns dias se tornou uma estada de quase cinco meses. Havia definitivamente um grau de irritação, mas pelo menos era honesta e eles acabaram se entendendo além das relações superficiais.

— Quer parar de andar? — gritou Jack quando não pôde mais suportar. Fechou o jornal e jogou-o na banquetta enquanto Eric o olhava com raiva do outro lado da sala.

— Não consigo — resmungou Eric. — Penso melhor quando estou andando.

Jack expirou com força, sua paciência no fim nestes dias. Pensou como os colegas de Eric suportavam seus arroubos de energia nervosa.

Queria estar com Olivia para ter um pouco de felicidade, mas ela estava ocupada com a mãe. Se não estava no hospital, ficava distraindo o irmão mais velho. Jack não a vira em quase uma semana e, maldição, sentia sua falta.

— Qual é o seu problema *agora*? — perguntou Jack asperamente.

Eric olhou-o de volta com teimosia e não disse nada.

Não precisava que lhe dissesse que a preocupação dele se relacionava a Shelly e aos gêmeos. Jack nunca vira ninguém sofrer tanto por uma mulher como o filho.

— Vai mandar alguma coisa para ela no Dia dos Namorados, na próxima semana? — perguntou Jack.

Eric se virou depressa.

— Acha que devo?

— Quando foi a última vez que conversou com ela?

Eric desviou o olhar.

— Há uma semana. Fui à casa dela para saber como estava.

— Pensei que você decidira se afastar.

Jack não concordava com esta decisão, mas esta era a vida do filho, não a sua. Queria apoiar Eric em qualquer decisão que tomasse sobre Shelly e os dois bebês. Mas, no que se referia a Jack, não importava que Eric fosse ou não o pai dos gêmeos; estas crianças precisariam de um pai. Depois de se encontrar com Shelly e passar a conhecê-la, estava convencido que os bebês *eram* de Eric, apesar da evidência médica ao contrário. Shelly simplesmente não era o tipo de mulher promíscua e era claro que ainda amava Eric, apesar de tudo o que acontecera.

— *Tentei* esquecê-la — disse Eric, áspero —, mas não consigo parar de pensar nela.

Jack sentiu que tinha de ajudar o filho.

— Você sabe, Eric — disse com calma —, estes bebês *podem* ser seus.

— Já dissera isto antes; afinal, o médico da clínica de fertilidade reconheceu que havia uma pequena... uma minúscula... chance. Mas ainda era uma chance.

Eric se jogou no sofá e enterrou o rosto nas mãos.

— Acha que não rezei por isto? Gostaria de nunca ter feito o maldito teste de esperma. — Hesitou, os ombros jogados à frente, e, quando falou, a voz era tão baixa que Jack precisou se esforçar para ouvir. — Semana passada, quando conversei com Shelly, sugeri que nos casássemos e criássemos os bebês juntos.

— Isto é maravilhoso — disse Jack antes de compreender que Shelly obviamente lhe dissera não. De outra forma, o filho não estaria andando pela casa, tão infeliz como sempre.

— Teria sido maravilhoso se ela tivesse aceitado. — A voz de Eric tremia de dor.

Jack quis bater em si mesmo por ser tão insensível.

— Lamento. — Debruçou-se, descansando os cotovelos nos joelhos. — Mulheres podem ser muito pouco razoáveis.

— Está dizendo isto para mim?

Jack riu.

— Mas você e Olivia parecem estar bem. Gosto dela, pai, ela é boa para você.

— Gosto dela também. — Davam-se extraordinariamente bem... ou tinham se dado até recentemente. Nos últimos meses, parecia que a vida estava sempre dando um jeito de impedir o desenvolvimento de seu relacionamento.

— Escute, pai — disse Eric, endireitando-se. — É hora de seguir com a minha vida. Shelly deixou claro que está tudo acabado. Pensei que ela podia se tornar mais sensata e que resolveríamos tudo, mas isto não vai acontecer.

— Não por você deixar de tentar. — Embora Jack gostasse muito de Shelly, achava que ela estava sendo teimosa demais. Compreendia os sentimentos dela, ao se sentir ofendida por Eric tê-la acusado de dormir com outro homem, mas seu filho fizera o possível para apaziguá-la. Aparentemente, nada do que dissera ou fizera fora o bastante para satisfazer Shelly.

— Nada disso tem mais importância.

Jack observou o filho. Havia agora uma força e determinação em sua voz que Jack não ouvira por um longo tempo.

— O que quer dizer?

— Pedi transferência na empresa.

— Para onde?

— Reno, Nevada.

Subitamente tenso, Jack crispou os punhos.

— E conseguiu?

— Ainda não, mas sou o primeiro da lista. Devo saber em dois meses. Assim que souber, pode ter sua casa de volta só para você. — Havia impertinência na voz. — Tenho certeza de que será um grande alívio.

— É verdade... e não é verdade. — Jack não queria nenhum mal-entendido; sentia falta de sua privacidade, mas estava grato pela oportunidade de conhecer melhor o filho. — Gostei de ter você comigo, embora me enlouqueça.

— Enlouqueço outras pessoas também, mas foi bom. Devo muito a você, papai.

Abraçaram-se rapidamente e Eric caminhou em direção ao quarto.

— Sei que não vai fazer diferença, mas vou mandar flores para Shelly no Dia dos Namorados.

— Flores — repetiu Jack. — Mandaria um grande buquê para Olivia também. Era um presente tradicional.

— Deixarei o cartão em branco — acrescentou Eric. — Ela saberá que fui eu que mandei. — E depois desapareceu no quarto.

Então Eric se mudaria e, pelo que dissera, a transferência sairia logo. Jack afundou no sofá e fechou os olhos. Decididamente, tinha sentimentos contraditórios sobre isto, mas havia pelo menos uma *grande* vantagem: poderia pôr em ordem sua vida amorosa.

Gostava de tudo em Olivia; sua aparência, sua inteligência, sua classe. Adorava o modo como ela ria de suas brincadeiras idiotas e de como o fazia se sentir quando estava em sua companhia. Certo, certo, admitia que sempre pensava em fazer amor com ela. Ainda não acontecera, mas...

A excitação lhe encheu o corpo à perspectiva de retomar o relacionamento, recomeçando de onde haviam parado. Aprendera há muito tempo que Olivia valorizava a honestidade acima de qualquer coisa. Sabendo disso, planejava ser completamente franco com ela: confessaria seus sentimentos e lhe perguntaria qual o futuro de seu relacionamento... qual o futuro ela gostaria que tivessem. Levantou-se e pegou o casaco.

— Vou sair um pouco — gritou para Eric.

Pensar em Olivia aumentou a saudade que sentia. Haviam se falado apenas uma vez naquela semana, e muito brevemente.

Quando fora visitar Charlotte no hospital, Olivia não estava lá. Jack não achava que devia pressionar Charlotte para saber onde estava Olivia, mas *ficara* curioso. Então, quando estava saindo, encontrou-se com ela no lobby do hospital; estava com o irmão e os apresentara, mas fora um encontro rápido demais e a mente dela estava claramente em outro lugar.

Provavelmente não seria de bom tom aparecer sem avisar, especialmente num momento tão estressante como este, mas ele tinha uma boa justificativa. Charlotte escrevia sua coluna toda semana e fazia um trabalho fabuloso. Sua amiga Laura a substituíra voluntariamente, mas Jack precisava saber o prognóstico de Charlotte e quando ela poderia voltar a

escrever. Não podia perguntar diretamente a Charlotte, é claro, assim usaria isto como uma desculpa para visitar Olivia.

Enquanto dirigia pela Lighthouse Road, Jack assobiava, de bom humor. A situação entre Eric e Shelly não era a ideal, mas o filho fizera o possível para salvar o relacionamento. Não culpava o menino por querê-la de volta à vida dele.

Jack amava a casa fora de moda de Olivia, com sua água furtada e as janelas da frente com as vidraças quadriculadas e a varanda fechada. Luzes brilhavam pelas janelas, espalhando uma claridade calorosa na varanda. Seu coração se encheu de alegria enquanto antecipava o momento em que ela abriria a porta, seu sorriso, seu beijo....

Jack estacionou e subiu rapidamente a escada da frente. Recostou-se no umbral da porta no que esperava ser uma pose sexy e tocou a campainha.

Apenas alguns segundos se passaram até a porta se abrir, e Jack se viu diante de Stan Lockhart, ex-marido de Olivia. Jack se endireitou imediatamente. Conhecera Stan em maio do ano anterior e antipatizara com ele à primeira vista. Pelo olhar que Stan lhe deu, o sentimento era recíproco.

— Quem é? — perguntou Olivia à distância. Provavelmente estava na cozinha. Ao fundo, a música de Credence Clearwater Revival.

— Seu namorado está aqui — respondeu Stan, virando ligeiramente a cabeça.

Jack foi deixado esperando na varanda. Quando Olivia chegou, abriu a porta e o cumprimentou efusivamente. Segurando-lhe as mãos, puxou-o para dentro da casa.

— Não tenho a intenção de me intrometer — disse ele, sentindo-se um intruso. Percebeu que ela usava a pulseira que lhe dera e se sentiu melhor.

— Não está — insistiu ela, passando o braço pelo dele. — Você já conheceu meu irmão, Will.

Desajeitado, Jack assentiu para Will.

— E, é claro, você conhece Stan.

Novamente, assentiu de leve.

— Estamos celebrando a alta de mamãe. Ela está muito bem, muito melhor do que esperávamos. Vai deixar o hospital amanhã de manhã e voltar para casa! Os médicos nos garantiram que tiraram todo o câncer, o que é um grande alívio. Ela ainda terá que fazer quimioterapia por precaução, mas tudo parece muito esperançoso.

— Notícia maravilhosa — disse Jack.

Seus olhos se estreitaram quando focalizou a atenção em Stan.

— Stan e eu somos velhos amigos — explicou Will. — Esta é a única vez que nos encontramos antes de eu voltar para Atlanta.

Jack gostou da explicação.

— Não vou tomar seu tempo — disse ele a Olivia. — Só parei num impulso para saber de Charlotte.

— Por favor, fique — convidou Olivia.

Ele balançou a cabeça, inventou uma desculpa e saiu o mais depressa que pôde. Olivia o acompanhou até o carro, mas ele viu que Stan a observava. Um frio lhe percorreu a espinha, deixando-o gelado. Naquele segundo, Jack compreendeu o olhar do outro homem.

Stan Lockhart estava apaixonado por Olivia e a queria de volta.

GRACE PEGOU suas roupas de ginástica e foi à ACM para sua aula normal das quartas-feiras. Por causa da cirurgia de Charlotte, Olivia faltara nas duas últimas semanas, mas prometara estar lá hoje.

Charlotte saíra do hospital fazia dois dias, mas ficara na casa de Olivia; voltaria para sua casa na sexta-feira. Grace estava ansiosa para ver a amiga; tinham se falado mais cedo pelo telefone e Olivia parecia de mau humor, o que não era comum.

Era evidente que alguma coisa incômoda acontecera, mas Olivia não tivera tempo de explicar. Grace esperava que não fosse alguma coisa relacionada a Charlotte.

Esperou no estacionamento, encostada no carro, até Olivia estacionar ao lado. A amiga desceu do carro e pegou sua sacola de ginástica do banco da frente.

— O que aconteceu? — perguntou Grace.

— Jack e eu brigamos hoje, — resmungou.

— Você e Jack? Mas pensei...

— Pensou errado — cortou Olivia. — Tentei conversar com ele, mas foi impossível. — O rosto ficou vermelho.

— Mas o que aconteceu? Por que discutiram?

— Ele foi a minha casa bem cedo esta manhã e você não vai *acreditar* no que ele me disse.

Grace praticamente teve que correr para ficar ao lado dela enquanto se encaminhavam para a academia.

— O que ele disse?

— Está com ciúme de Stan. Deus do céu, Stan e eu estamos divorciados há 16 anos! Está casado com Marge quase o mesmo tempo. Mas isto não é nem a metade.

Dando vazão à raiva e frustração, abriu com força a porta da academia. Então parou e cruzou os braços.

— Chega! Não posso mais falar sobre isto. Cada vez que me lembro, fico ainda mais zangada.

Como sempre, a academia estava cheia de pessoas dedicadas a diversos tipos de atividades. Passando pela entrada lotada, Grace seguiu Olivia até o vestiário, onde trocaram as roupas. Grace se sentou num banco e calçou o tênis. Olivia arrancou o suéter e a calça, que cobriam a malha justa. Apertou com força o cinto e Grace se encolheu, diante da raiva da amiga. Então Olivia puxou a faixa para a testa, desarrumando o cabelo.

— Como estão Justine e Seth? — perguntou Grace para desviar a mente da amiga. Não sabia o que mais Jack dissera, mas certamente a briga fora feia.

Olivia se sentou no banco.

— A pobre Justine está doente de preocupação com o restaurante. Anda trabalhando demais e a única pessoa que ouve é Seth. Estou muito feliz por ela estar grávida, mas acho que podiam ter esperado mais alguns meses.

Grace compreendia a preocupação de Olivia. Não estavam casados há muito tempo e já haviam começado uma família e um negócio. Para complicar suas vidas, Justine continuava a trabalhar no banco e Seth ainda estava empregado na marina. Além disso, ambos estavam fazendo uma ampla reforma no restaurante. Entre compras para a reforma e os encontros com os empreiteiros, o jovem casal estava assoberbado.

— Sua mãe vai bem? — perguntou Grace depois.

Olivia acenou.

— Mamãe está fraca e dorme muito, mas está se recuperando muito bem.

Grace ficou aliviada em saber disso. Olivia olhou para ela e disse:

— Cliff mandou um arranjo de flores maravilhoso. Ele é realmente muito atencioso.

Grace não queria falar sobre Cliff Harding. Não o via desde aquele sábado em que foram interrompidos por Kelly. A filha fora grosseira e hostil e Grace ficara envergonhada pela forma como Kelly o tratara. Cliff voltara mais tarde, mas o clima desaparecera. Quisera se desculpar, dizer a ele o quanto lamentava a intrusão de Kelly. Mas não abordara o assunto, da

mesma maneira como deixara tantos assuntos sem discussão durante seu casamento.

Cliff também não falara sobre o que havia acontecido e a questão ficara pendente entre eles, como uma briga sem solução.

— Quando Will vai voltar?

— Voltou esta tarde. Vou sentir falta dele. — Olivia suspirou fundo. — Apesar das circunstâncias, foi bom ele ter vindo. Havia muito tempo que não nos encontrávamos.

— Talvez ele decida tirar férias aqui com mais frequência — disse Grace.

— Espero que sim. Will é um homem maravilhoso.

— Também acho.

Olivia se levantou e ficou parada por um momento, a testa franzida.

— O que significa esta expressão?

— Nada. — Balançou a cabeça, como se quisesse espantar os pensamentos. — Vamos fazer ginástica — disse, puxando Grace em direção à sala em que eram feitos os exercícios aeróbicos.

Na maioria das vezes Grace gostava das aulas. Concordara com Olivia com relutância quando fora convidada por ela um ano antes; não tinha inclinação para esportes e jamais gostara de fazer exercícios. O que tornava as aulas toleráveis era a possibilidade de ver a amiga pelo menos uma vez por semana. Mas como as aulas eram exigentes, as únicas oportunidades que tinham para conversar eram antes e depois dos exercícios. Algumas vezes, ficavam no estacionamento depois das aulas e conversavam por uma hora ou mais.

Naquela noite, quando a aula acabou, Grace estava exausta e se sentiu grata pelos exercícios de relaxamento; seu coração estava disparado. O rosto de Olivia estava vermelho e o cabelo molhado de suor. Havia se dedicado mais do que nunca, provavelmente para se livrar das frustrações com Jack, pensou Grace.

— Precisava disto — disse Olivia enquanto seguiam para o vestiário. — Ainda estou com muita raiva de Jack.

— Não é só Jack — disse Grace. — É tudo. Você está preocupada com Justine e o bebê. Sua mãe fez uma operação arriscada; e há todo o tumulto emocional que cerca uma cirurgia assim. Agora Jack está agindo como um menino magoado porque descobriu que você, Will e Stan estavam jantando uma noite e ele não foi convidado. — Olivia enxugou o rosto e pegou o

xampu. — Você está sendo empurrada de todos os lados — continuou Grace — sua mãe, sua filha e Jack.

— Tem razão, estou — admitiu Olivia. Enrolou a toalha em torno do pescoço. — É exatamente assim que me sinto. — Sentou-se no banco e suspirou. — Estou realmente preocupada com Justine, mas ela não me ouve, acha que sou uma velha enxerida por que digo que ela está trabalhando demais durante os primeiros meses de gravidez.

— E há Jack.

— Ah, sim, Jack. — A voz de Olivia ficou um pouco mais suave. — Estou me sentindo mal pela briga, fiquei com raiva demais.

— Ligue para ele — disse Grace. — Tenho certeza de que vai ficar emocionado por saber de você.

Olivia pensou na sugestão por um momento, então balançou a cabeça.

— Ainda não. Preciso de tempo para me acalmar e posso reconsiderar.

— Quer ir jantar comigo? — Não teria convidado, já que seu orçamento era apertado, mas sabia que Olivia ainda precisava conversar.

— Vamos para minha casa. Tenho muita comida pronta. As amigas de mamãe fizeram refeições suficientes para durar um mês. Há uma enorme travessa de lasanha de brócolis.

— Então vamos. — Grace fazia comida tão raramente agora que qualquer coisa caseira parecia maravilhosa.

Duas horas mais tarde, acalmadas por uma refeição saborosa, uma taça de vinho e a doce *alto voice* de Anne Murray, estavam sentadas na sala de estar de Olivia. Charlotte dormia profundamente no quarto de hóspedes.

Relaxada, Grace aceitou uma segunda taça de vinho e fechou os olhos.

— O que acha de eu telefonar para Jack? — perguntou Grace. — Costumávamos fazer isto no colegial, lembra? Se eu tinha uma briga com meu namorado, você telefonava para ele e amaciava o caminho para mim.

Olivia riu suavemente, sentando-se ao lado de Grace no sofá.

— É claro que me lembro, mas isto parece um pouco infantil, não acha?

— E seu argumento é...?

Olivia riu.

— Vá em frente, veja o que ele diz.

Grace não esperou que ela repetisse. Era tolo, mas engraçado também.

Olivia lhe deu o celular e Grace encontrou o número de Jack. Ligou e esperou que o telefone tocasse. Assim que Jack atendeu, ela mudou de ideia e passou o telefone para Olivia.

— Não sei o que dizer.

Estava com medo de Olivia cortar a ligação, mas a amiga segurou o telefone perto do ouvido.

— Sou eu — disse ela. — Queria pedir desculpas por explodir com você esta tarde.

Olivia ficou calada por diversos segundos, então sorriu lentamente.

— Você também está perdoado. — Riu de alguma coisa que ele disse. — Pode agradecer a Grace. Foi ela quem insistiu comigo para lhe telefonar. Como sempre, minha amiga estava certa.

Logo depois, Olivia desligou e olhou para Grace.

— Obrigada — sussurrou.

Grace se sentiu bem.

— De nada.

— Quer que eu ligue para Cliff para você?

Grace sacudiu a cabeça, mas Olivia ignorou-a.

— O número dele?

— Olivia!

— Não me obrigue a procurar — disse ela. — E não me diga que também não sabe.

— Oh, está bem.

Para sua surpresa, Olivia não lhe entregou o celular imediatamente. Esperou Cliff atender, então disse:

— Oi, Cliff, aqui é Olivia Lockhart. Queria lhe agradecer pelas flores que mandou para mamãe. Elas são absolutamente adoráveis. — Depois de uma breve conversa sobre o prognóstico de Charlotte, disse: — Há alguém aqui que quer dizer alô para você. — Entregou o celular para Grace.

Grace respirou fundo e tentou relaxar enquanto levava o celular ao ouvido.

— Alô, Cliff.

— Grace. — Ele pareceu surpreso e contente. — Pensei que Olivia estava com a mãe dela.

— Não exatamente... Charlotte está aqui. Mas assim que voltar para a casa dela, as amigas vão se revezar para passar as noites com ela. Estou aqui por que Olivia e eu tivemos aula de ginástica, depois viemos jantar e tomar um pouco de vinho.

— Ah, isto explica tudo. Você está se sentindo corajosa o bastante para falar comigo.

- Alguma coisa assim.
- Nunca terminamos nossa conversa naquele sábado, não é?
- Não — admitiu Grace.
- Está disposta a tentar de novo?
- Era como se ela realmente fosse uma adolescente de novo.
- Gostaria muito — disse, tímida.
- Eu também — disse Cliff, e então repetiu: — Eu também.

SHARON CASTOR, advogada de Rosie Cox para o divórcio de Zach, explicara que o passo seguinte seria uma audiência de conciliação. As duas partes se encontrariam com os advogados num lugar que ambos aceitassem para discutir os detalhes finais do caso, incluindo a custódia das crianças.

Marcaram para se encontrar na biblioteca do tribunal. O problema principal era relacionado às crianças. Se não concordassem com a custódia e a divisão de bens, teriam que comparecer diante um juiz para uma audiência informal.

Sharon dissera que não precisavam obrigatoriamente aceitar a decisão do juiz, mas com toda a probabilidade teriam que ir a uma audiência formal. Encontrar o juiz informalmente lhes economizaria tempo e dinheiro, o que Rosie achava muito bom. Queria terminar tudo o mais depressa possível. Agora que o processo estava em andamento, ansiava para sair daquele casamento desastroso.

Pela primeira vez desde que Zach se tornara sócio da firma de contadores, sentia falta de dinheiro. Enquanto eram casados, viviam com um orçamento generoso e Rosie tinha sido eficiente em manter as despesas dentro dele. De repente, tinha que viver com menos da metade do dinheiro que tinha antes e era difícil cobrir todas as despesas.

As dificuldades financeiras que experimentava desde que Zach se mudara já eram ruins o bastante, mas ele também levava metade da mobília e metade da roupa de cama e mesa e a metade de tudo o mais. Dezenas de vezes por dia ela procurava alguma coisa e descobria que não estava mais lá. Era uma forma dura de se lembrar da ausência do marido na casa da família.

Sharon Castor e Rosie já estavam sentadas na biblioteca quando Zach e seu advogado chegaram. Rosie encontrara o número do telefone de Sharon na lista telefônica. Escolhera-a sem referências e sem recomendações porque ficara envergonhada demais para admitir às amigas que precisava de

um advogado. Queria uma mulher e gostou do nome Castor. Rosie não era uma mulher vingativa, mas queria que Zach sentisse que havia levado uma bofetada quando ela acabasse com ele. Não merecia menos, depois do que fizera com a família deles.

Rosie e Sharon esperaram em silêncio enquanto Zach e Otto se sentavam em frente a elas.

Rosie pôs as mãos em punhos sobre a mesa e Zach também. Ela evitou o contato do olhar de Zach e de seu advogado. Uma sensação ruim lhe invadiu o estômago. Começara a senti-la pela manhã e piorara progressivamente o dia todo.

— Vocês preencheram seu plano de custódia? — perguntou Otto Benson a Sharon.

— Preenchemos. — Sharon empurrou os papéis para Zach e seu advogado lerem.

O que espantava Rosie era a forma civilizada com que todos agiam. Sua vida estava sendo destruída e, por orgulho, tinha que ficar sentada lá como um saco de farinha e fingir que tudo estava bem.

Zach e Otto juntaram as cabeças e começaram a sussurrar entre si.

— Isto não vai funcionar — disse Otto sem emoção. — Meu cliente ama os filhos e acredita que não receberão atenção suficiente se ficarem sob a custódia única da mãe.

— Você certamente não pode acreditar nisto! — explodiu Rose.

Zach estava dizendo que ela não era uma mãe adequada. Sharon Castor descansou uma das mãos no braço de Rosie.

— Você quer dizer que seu cliente acredita que as crianças ficarão em melhores condições se viverem com ele?

— Sim — respondeu Otto por Zach.

— Num apartamento de dois quartos? — perguntou Rosie, furiosa.

Isto era uma piada; tinha que ser. Estava atônita por Zach até mesmo sugerir uma coisa dessas. Então tudo se esclareceu em sua mente. Zach queria que ela deixasse a casa, queria expulsá-la da própria casa. Tirá-la de lá e, provavelmente em pouco tempo, instalar na casa Janice Lamond. O pensamento a enfureceu.

— Poderia alugar um apartamento maior se não fosse obrigado a pagar todas as suas despesas. Ajudaria se você arranjasse um emprego. — A voz de Zach era quase um rosnado.

Rosie olhou fixamente para ele, com dificuldade para acreditar que uma vez amara este homem. Amara-o o bastante para abandonar sua carreira e criar seus filhos. Agora, apenas olhar para ele a deixava doente.

— Isto levanta uma questão que quero discutir — disse Sharon Castor com tão pouca emoção como Benson mostrara. Rosie ficou maravilhada com a calma da mulher, mas supostamente ela estava acostumada a este tipo de situação. — Rosie vai precisar de aulas de treinamento e atualização de suas habilidades como professora.

— O inferno que precisa — disse Zach, e bateu na mesa com os punhos com tanta força que os papéis quase escorregaram para o chão. — Rosie tem um diploma universitário. Do que mais ela precisa?

Rosie se assustou com a violência que viu nele. Ficou chocada, mas supunha que não devia. Também nunca acreditara que o marido, com quem vivera dezesseis anos, poderia enganá-la. Embora não tivesse provas de que Janice Lamond estava dormindo com Zach, certamente tinha suspeitas.

— É verdade que minha cliente tem um diploma em Pedagogia, mas faz muitos anos que se formou. Seria impossível para ela conseguir um emprego na escola distrital sem alguns cursos de atualização.

— Que você quer que eu pague — disse Zach, ríspido. Seu advogado lhe sussurrou alguma coisa. Parecia que Zach ia argumentar, mas depois de um momento fez um aceno resignado.

Rosie viu que ele não gostara. Apesar da mesquinhez do sentimento, ficou contente. Nunca pensara que fosse capaz de sentir este tipo de emoção, mas estava tão magoada que queria que ele sentisse um pouco da agonia que sofrera nas últimas seis semanas.

Otto se endireitou na cadeira.

— O sr. Cox concorda em pagar pelos cursos de atualização, mas eles devem ser completados num prazo predeterminado.

— Minha preocupação principal é sustentar meus filhos e construir uma vida nova para mim — disse Rosie.

— Você tem reuniões e compromissos para trabalho voluntário todas as noites da semana — implicou Zach. — Se as crianças viverem comigo, não vão jantar comida de pacote.

— Você pretende cozinhar e cuidar de tudo, ou vai contratar sua assistente para fazer isto por você? — Rosie estava se levantando da cadeira, tão indignada que tinha vontade de gritar.

— Por favor — disse Sharon Castor, de novo pondo a mão sobre o braço de Rosie para acalmá-la. — Gritar não resolve nada.

— Quero meus filhos comigo — insistiu Zach.

— Allison e Edward vão morar comigo, — reagiu Rosie.

Sharon Castor e Otto Benson trocaram olhares.

— Em questões como estas, quando pai e mãe têm sentimentos fortes sobre a custódia dos filhos, é melhor fazer um plano de custódia conjunta.

— Otto falou primeiro, fazendo a sugestão para Rosie e Zach estudarem.

— Como funcionaria? — perguntou Zach mais calmo.

A indignação de Rosie também diminuiu um pouco, embora odiasse a ideia de seus filhos ficarem expostos à presença da namorada de Zach. Custódia conjunta não era um conceito novo, mas ela nem queria pensar nisso. Francamente, presumira que Zach preferiria não ter as crianças atrapalhando seu novo relacionamento. Também presumira que sua declaração contra a custódia plena para ela fosse um meio de insultá-la.

— Recomendo que as crianças passem quatro dias com Rosie — disse Sharon Castor — e três com Zach.

— E na semana seguinte — completou Otto Benson — ficarão quatro dias com Zach e três com Rosie.

Sharon concordou com um aceno de cabeça.

— E sobre as despesas com as crianças? — perguntou Zach.

Típico de Zach falar em dinheiro, pensou Rosie.

Otto explicou que, em situações como a descrita, não haveria pagamento para as despesas com as crianças; todas as despesas com tratamento médico e dentário, acampamentos de verão e roupas seriam partilhadas.

No começo, Rosie não gostou de Zach ousar tocar no assunto de despesas, mas quanto mais pensava no assunto, melhor se sentia. Era uma oportunidade de provar a Zach que não precisava dele. Mas logo ele veria que precisava *dela*, pensou; nunca dera valor ao que ela fizera por ele. Seria livre para construir uma nova vida sem precisar depender dele para nada e era assim mesmo que queria. Talvez a custódia conjunta *fosse* afinal uma boa ideia.

Capítulo

Quatorze

GRACE NÃO podia pagar uma noite num hotel de luxo no centro de Seattle, muito menos duas, mas fez reservas mesmo assim, usando um cupom de desconto. Depois foi visitar Maryellen na galeria. A filha a estava evitando desde o Natal e Grace não suportaria isto mais.

— Oi, querida — disse ela, satisfeita por Maryellen estar sozinha na galeria.

Maryellen pareceu ligeiramente apreensiva e Grace sabia que estava procurando uma desculpa para encurtar a visita da mãe.

— Oi, mãe. — Apenas fez um ligeiro aceno de cabeça, sem se aproximar de Grace. — A que devo este prazer inesperado?

— Vim trazer um galho de oliveira.

A filha olhou-a, desconfiada.

— Por quê? Nós brigamos?

— Não exatamente, mas ultimamente, sempre que estamos juntas, tentei extorquir informações sobre o pai do bebê e sobre seus planos. Foi um erro meu.

Maryellen se recusara a responder a todas as perguntas dela e Grace suspeitava que, quem quer que fosse o pai da criança, não sabia da gravidez. Seu medo maior era que fosse um homem casado. A reação de Maryellen às suas perguntas a fez supeitar exatamente disso.

Maryellen sorriu. Não estava tão pálida como um mês atrás e qualquer um, olhando para ela, provavelmente não adivinharia que estava grávida. Mas Grace percebia em cem diferentes maneiras e se espantava por, de alguma forma, não ter sabido sobre a primeira gravidez da filha. Além daquela única e breve referência, Maryellen não a mencionara de novo. Às vezes Grace se perguntava se tinha imaginado tudo.

— Reservei um quarto de hotel para nós em Seattle — disse Grace, explicando o motivo da visita.

— Um quarto de hotel? Para quê?

— Nosso... assim espero... primeiro encontro anual de um fim de semana entre mãe e filhas.

Maryellen ergueu as sobrancelhas.

— Kelly irá também?

— Espero que sim.

Grace sabia que as irmãs não mantinham exatamente as melhores relações. Kelly ficara magoada e zangada por Maryellen não ter lhe contado sobre o bebê. Grace adotara o costume de não se intrometer nas desavenças entre as filhas, mas agora era diferente porque Kelly estava zangada com ela também.

Kelly sempre defendera Dan. Sentira-se traída pelo pai. E agora que Grace estava se encontrando com Cliff Harding, considerava a atitude da mãe outra traição. A decisão de Maryellen, de manter sua gravidez em segredo, fora a ofensa final aos olhos de Kelly.

— Se Kelly concordar, então eu também concordo — disse Maryellen.

— Era isto que esperava que você dissesse.

Naquela noite, ligou para a filha caçula. Não foi fácil convencer Kelly a passar um fim de semana em Seattle, mas Paul a encorajou. O marido, sabendo que Kelly estava infeliz, insistiu que seria um momento de encontro entre ele e o filho. No fim, para a alegria de Grace, Kelly concordou.

Na noite de sexta-feira, as três tomaram a balsa de Bremerton para Seattle e pegaram um táxi na estação de barcas. O jovem motorista, evidentemente um imigrante recente, saiu rapidamente do carro e abriu a porta para elas, então correu de volta para o banco do motorista. Isto era uma aventura para Grace e estava determinada a passar um fim de semana memorável com suas duas belas filhas.

— É um prazer ter um motorista tão cavalheiresco — disse Grace, alegre.

— Obrigada, senhora — respondeu ele enquanto se afastava das docas.

Seu inglês era ruim, mas as três se esfoçaram para compreender seus comentários e perguntas sobre a cidade. Ele dirigiu até o hotel na Fourth Avenue, parou no meio fio e o porteiro se adiantou para abrir a porta do carro.

Grace pagou a corrida e deu uma boa gorjeta.

— Bem-vindo à América — disse ela.

— Obrigado — disse ele, com uma mesura. — Deus abençoe a América.

— Deus abençoe a América — repetiu ela.

O saguão do hotel era grande e luxuoso, com um enorme pedestal de mármore no centro, onde se exibia o maior arranjo de flores que Grace jamais vira. Caminharam com calma até o balcão de registro e preencheram a ficha; Grace tentou não se encolher quando entregou seu cartão VISA. Alguns minutos depois, foram levadas ao quarto pelo carregador.

Depois de Kelly telefonar para saber sobre Tyler, ela relaxou. Esta era a primeira vez que ficava longe do filho por mais do que algumas horas e sentia falta do bebê. Sentada em uma das três grandes camas, passou os braços em torno dos joelhos erguidos.

— Já escolheu algum nome? — perguntou à irmã.

Houve um momento de tenso silêncio antes de Maryellen responder.

— Não, realmente não... Na verdade, tenho esperança de ser uma menina e, se for, pensei em chamá-la Catherine Grace.

— É um belo nome.

Grace sentiu lágrimas lhe arderem nos olhos, mas piscou com força para afastá-las. Não estragaria a noite sendo sentimental e chorosa. Queria tanto que este fim de semana fosse perfeito. Queria rir com as filhas, conversar com elas e ter de volta a proximidade que uma vez partilharam.

Quando Dan desaparecera, as três haviam perdido mais do que um marido e um pai; seu sentimento de família e segurança também fora abalado. Por si mesma, Grace precisava de respostas e, neste momento, não importava quais fossem, desde que as tivesse.

Enquanto as respostas não vinham, era como se as três estivessem segurando a respiração. Tinham ficado suspensas entre o que sabiam e o que não sabiam. Não havia explicações para o desaparecimento de Dan... apenas dúvidas e perguntas. Por causa disso, um distanciamento lento começara entre elas e Grace queria acabar com ele.

Acordaram cedo na manhã seguinte, animadas para explorar a cidade e brincar de turistas. Começaram com o Pike Place Market, comendo rocambole quente e tomando misturas exóticas de café na rua. Caminharam entre as grandes barracas, exibindo todo tipo de frutas e vegetais. Grace gostou mais das barracas de frutos do mar. Peixes, caranguejos, camarões, moluscos e ostras eram exibidos em bandejas de gelo picado. Aplaudiram

com o resto da multidão quando peixeiros jogaram grandes salmões uns para os outros.

Almoçaram à beira mar sob céus cinzentos, nublados. Depois foram até o Seattle Aquarium e viram o filme Imax da erupção do vulcão do monte Saint Helens, um favorito dos turistas. No fim do dia, estavam tontas de cansaço. Nenhuma delas queria sair de novo, assim pediram pizza, que foi entregue no quarto do hotel. Sentaram-se nas camas, comeram com as mãos e riram ao ver que uma soda do minibar custava a exorbitância de três dólares.

Apesar de cansadas, ficaram acordadas e, vestidas com pijamas e roupões, coversaram quase a noite toda. Evitaram o assunto de Dan e todas as conjecturas sobre seu desaparecimento. Também não discutiram a gravidez de Maryellen, a não ser sugerir nomes se ela tivesse um menino. No entanto, os dois assuntos estavam muito presentes em suas mentes. Como Grace, nenhuma das filhas estava disposta a arriscar a paz frágil que tinham acabado de descobrir.

No domingo, quando deixaram o hotel, Grace estava cansada e com pena de seu tempo juntas ter acabado. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se feliz por ter partilhado este fim de semana especial com suas filhas. Tudo correra como esperava.

— Vamos fazer isto de novo — disse ela enquanto estavam sentadas no terminal das barcas, esperando para tomar uma delas.

— Não será fácil no ano que vem — disse Maryellen. — Pelo menos, não para mim, já terei o bebê.

— Traga a menina com você — insistiu Kelly.

— A menina? — brincou Maryellen. — Parece que tem certeza de que vou ter uma filha.

— É uma menina — disse Kelly, confiante.

— Como pode saber?

— Apenas sei. — Cruzou os braços e esticou as pernas, recostando-se no duro banco de madeira. — Em meu coração, sabia que Tyler seria um menino muito antes dele nascer, e tenho a mais forte sensação de que você terá sua pequena Catherine Grace.

Grace não tinha ideia se sua filha estava apenas adivinhando ou se realmente tinha “uma forte sensação”. De qualquer maneira, tinha cinquenta por cento de chance de estar certa. Porém o mais importante para ela era ver

as filhas rindo e brincando juntas, quando apenas alguns dias antes temera que isto nunca aconteceria.

Quando reservara o quarto no hotel, o lado racional de Grace dissera a ela que não podia pagar por ele; agora sabia que tinha valido cada centavo.

ROY MCAFEE desviou o olhar da tela do computador e passou-o pela pasta de Sherman sobre a escrivaninha, uma pasta que engrossava a cada semana. Meses antes, Grace Sherman o contratara para descobrir o que pudesse sobre seu marido desaparecido. Até agora nada encontrara. Levantara algumas pistas promissoras, que não levaram a nada. Roy tomou o caso como um assunto pessoal e se sentia decididamente frustrado por sua falta de sucesso.

Em 20 anos na força policial de Seattle, Roy alcançara o posto de detetive. Depois de sofrer um ferimento grave na coluna, quando lutava com um suspeito, aceitara uma aposentadoria antecipada. O momento era bom; seus dois filhos tinham se formado na universidade e viviam as próprias vidas.

Ele e Corrie tinham se mudado para Cedar Cove, onde o custo de vida não era tão proibitivo e o valor das propriedades permanecia razoável. Roy esperara se adaptar bem à aposentadoria. O que Roy *não* esperara era se sentir tão entediado apenas ficando em casa. Dezoito meses depois de sua mudança para Cedar Cove, começara uma nova profissão: investigador particular. Corrie lidara com trabalho policial a vida inteira e se tornou sua assistente e secretária.

Quando instalara o escritório, Roy presumira que lidaria principalmente com investigações sobre o passado de empregados e casos de seguro, mas a surpreendente variedade de casos que chegara às suas mãos lhe dera um novo interesse na vida. Seu caso mais difícil e confuso era o desaparecimento de Dan Sherman. O homem sumira tão completamente que, se Roy não tivesse as informações certas, suspeitaria que Dan se tornara parte do Programa de Proteção às Testemunhas.

Corrie entrou no escritório trazendo-lhe uma caneca de café fresco. Acenou para a tela do computador.

— Dan Sherman?

Roy deu de ombros. Corrie não precisou dizer, mas ambos sabiam que ele não conseguia deixar de pensar no caso. As horas que atualmente passava estudando o caso não eram pagas. Grace dera-lhe um orçamento e o dinheiro acabara muito antes de ele encontrar as respostas.

— Troy Davis telefonou — disse Corrie. — Marcou uma hora para esta tarde.

Ora, isto era interessante. O xerife local era apenas um conhecido distante. Roy conversara com ele poucas vezes e ocasionalmente seus caminhos se cruzavam. Gostava de Davis, mas o xerife parecia não ter muita certeza sobre ele. Reservando sua opinião, supunha Roy, dependendo de mais evidências.

— Ele disse o que queria?

Corrie balançou a cabeça.

— Não, apenas que pode ter um trabalho para você.

Pontualmente na hora marcada, 3h da tarde, Troy chegou e Corrie levou-o ao escritório de Roy, que se levantou para cumprimentar o xerife. Troy era uns cinco centímetros mais alto do que Roy, que media mais de 1,80m, e começava a criar uma barriga. Horas demais passadas atrás da escrivaninha, pensou Roy. Cumprimentaram-se e sentaram.

Troy cruzou uma perna sobre o joelho, tirou um palito do bolso da camisa e colocou-o no canto da boca. Esperou um momento e perguntou:

— Você se lembra de que há algum tempo houve uma morte na Thyme and Tide? A pensão de cama e café da manhã dos Beldons?

Roy se lembrava de ter lido sobre o assunto. A história era quase um clássico. Um estranho aparecia no meio de uma noite tempestuosa, alugava um quarto e era encontrado morto na manhã seguinte. Sem causa aparente. Depois de ser artigo de primeira página no *The Cedar Cove Chronicle*, Roy não lera mais nada sobre o misterioso estranho, embora se lembrasse de um detalhe adicional. O artigo dizia que ele tinha uma identificação falsa... uma licença de motorista em nome de James Whitcomb, de algum lugar na Flórida.

— Ainda não temos um nome para este João-ninguém?

Troy franziu a testa.

— Por algum tempo, Joe Mitchell pensou que pudesse ser Dan Sherman.

— Dan? Certamente alguém o teria reconhecido.

— Nosso homem fez uma ampla cirurgia plástica. Tem a mesma estrutura óssea e o colorido de Dan e por isso chamamos Grace para vê-lo. Não gostei de fazê-lo, foi muito traumático para ela, mas é uma mulher forte. Admiro isto nela.

— Então, *não* era Dan. — Roy achou melhor declarar o óbvio.

— Não. — A resposta áspera de Troy mostrava seu mau humor. Mudou o palito para o outro lado da boca. — Teria sido fácil demais.

— O que descobriu com as impressões digitais do homem?

Troy pôs a perna no chão e se debruçou à frente.

— Infelizmente, nem uma maldita coisa. Não tinha impressões digitais. Aparentemente perdeu-as no mesmo acidente que resultou na cirurgia plástica.

— Apenas azar? Ou você acha que as removeu de propósito?

Esta era outra possibilidade, embora, na época do DNA, pouco provável. Mas a tecnologia do DNA era relativamente nova. Troy ergueu os ombros, resignado.

— Sua adivinhação é tão boa quanto a minha. Tudo o que sei é que a identidade é falsa. Ele chega à cidade, fica numa pensão e aparece morto. A autópsia não determinou nada conclusivo. Não é o cenário costumeiro de um assassinato.

Agora era Roy que franzia a testa.

— Você acha que ele pode fazer parte do Programa de Proteção à Testemunha?

Engraçado que tivesse pensado a mesma coisa sobre Dan Sherman apenas algumas horas antes.

— Também pensei nisso. Só há uma forma de descobrir, então entrei em contato com o agente local do FBI.

— Estavam dispostos a ajudar?

Ele assentiu.

— Dei-lhes tudo o que tínhamos e eles me responderam há uma semana com um não.

Bem, uma possibilidade descartada.

— E o carro?

— Alugado.

— Mitchell tem pelo menos uma ideia sobre a causa da morte?

Troy mordeu o palito.

— Como eu disse, nada neste caso é fácil. Francamente, não sabemos. De tudo o que Bob e Peggy nos disseram, ele parecia perfeitamente saudável quando foi se deitar. Bob disse que parecia ansioso em ir para o quarto, mas Peggy atribuiu esta atitude ao cansaço. Era tarde e tinha dirigido no meio de uma tempestade.

— Então, o que Mitchell acha?

— Ele não encontrou nada de extraordinário. Já descartou quase tudo. Não foi o coração. Nem todos os exames toxicológicos estão prontos, mas não foi nenhum dos venenos mais comuns. Basicamente, não sabemos o que o matou. Saudável num minuto e no outro está morto.

— Hora da morte?

— De acordo com Joe, parece que morreu dormindo, logo depois de chegar à pensão dos Beldons.

Roy teve que admitir que estava mais do que curioso agora; o caso era fascinante.

— Acho que você não marcou hora comigo apenas para discutir suas ideias. Como posso ajudá-lo?

Troy Davis tirou o palito da boca e o jogou na lata de lixo perto da escrivaninha de Roy.

— Não posso classificar esta morte como homicídio, mas nada mais faz sentido. Ele tinha uma identidade falsa, mas muita gente tem. — Suspirou com força. — Não tenho pessoal para investigar este caso. Estava esperando contratá-lo como um investigador independente para nos ajudar a identificar nosso homem. E, se conseguir outras informações, melhor ainda. Ficariamos gratos por qualquer coisa que encontrasse.

— O que mais pode me contar? — perguntou Roy.

Já tomara a decisão, este era o tipo de trabalho de que gostava, mas gostaria de saber exatamente o que precisava fazer antes de aceitar.

— Apenas que nosso João-ninguém era metódico em tudo o que fazia. Suas roupas estavam cuidadosamente guardadas na mala. Parecia alguma coisa saída de uma escola militar. As roupas eram da melhor qualidade, caras. Sua capa de chuva é de uma marca italiana que nem consigo pronunciar. Custa mais do que recebo de salário por mês.

— Que tipo de carro ele alugou?

— Coisa engraçada... você esperaria um Lexus ou alguma coisa assim, considerando as roupas caras, mas era um Ford Taurus. Interessante, não é? Você presumiria que podia alugar o carro que quisesse, mas escolheu o veículo mais comum que há.

Isto levantava outra pergunta.

— Quanto dinheiro ele tinha?

— Apenas uns 200 dólares, nada fora do comum.

— Certo — disse Roy com firmeza. — Pode contar comigo.

— Ótimo. — Troy se levantou e estendeu a mão a Roy. — Passe na central e lhe darei uma cópia dos nossos arquivos. Pode continuar a partir deles.

Roy mal podia esperar. Assim que Troy saiu, Corrie entrou no escritório, uma pergunta nos olhos.

— Ele tinha um caso para você?

— Não só apenas um caso, *o caso* — disse Roy.

Ficou em pé junto à janela, observando o xerife sair do edifício e se dirigir para o carro de patrulha estacionado. Este João-ninguém era o caso mais intrigante que jamais tivera.

OLIVIA ESTAVA assanho bolinhos ingleses... receita da mãe dela... e cantava, acompanhando uma fita do musical da Broadway *O rei e eu* enquanto lavava pratos. A campainha da porta tocou e ela sacudiu o sabão das mãos enquanto ia atender. Não baixou o volume.

Ainda cantando, ela abriu a porta e viu Jack Griffin. Estava horas adiantado.

— Alô, jovens amantes, onde quer que estejam — cantou ela, abrindo mais a porta e fazendo-lhe um gesto para entrar.

— *Amantes?* Ouvi alguém mencionar a palavra *amantes*? — Ele ergueu as sobrancelhas, brincando, então entrou na casa. A música os envolveu e, tomando Olivia pela cintura, deitou-a teatralmente no braço, depois a trouxe de volta, endireitando-lhe o corpo.

— Oh, céus — disse ela, entrando na brincadeira. — Você realmente faz meu coração bater mais depressa.

Tomando-a pelos ombros, Jack olhou-a no rosto e o sorriso lentamente desapareceu.

— Quero que volte à palavra *amantes*.

— É *jovens amantes*.

— Não — disse ele, tomando nos braços completamente agora. — Esqueça *jovens*. A palavra é apenas *amantes*, como você e eu.

Seus olhos cinzentos ficaram mais escuros e intensos. Olivia percebeu que isto não era mais uma brincadeira, mas uma pergunta que Jack, o homem que gostava de brincar, que dava tudo por uma risada, lhe fazia.

— Eu...

De repente, a vida lhe pareceu muito complicada. Jack telefonara mais cedo e sugerira que se encontrassem; queria conversar.

Parecia alegre pela primeira vez em meses.

Olivia adivinhou que tinha alguma coisa a ver com Eric. Algumas semanas atrás, Jack mencionara que o filho pedira uma transferência no trabalho e logo se mudaria. Dissera que sentiria falta do rapaz, mas parecia contente com a decisão de Eric e com sua energia renovada... e não menos contente em ter a casa só para si mesmo de novo.

Antes que fosse obrigada a responder, o marcador de tempo do forno tocou, oferecendo a Olivia a justificativa perfeita para escapar de Jack e suas perguntas.

— Os bolinhos — disse ela e correu para a cozinha. Pegou duas luvas grossas de cozinha e tirou a assadeira do forno, colocando-a sobre a bancada para esfriar.

Quando se voltou, Jack estava à porta da cozinha. Os olhos deles se encontraram.

— Eric vai se mudar neste fim de semana.

— Pensei que devia ser isto.

— Não pretendia começar com aquela pergunta sobre nós, mas você me deu a abertura perfeita quando valsou até a porta, cantando sobre amantes.

Estava envolvida na música e não tivera a intenção de sugerir que fossem juntos para a cama.

— Olivia, escute — disse Jack, avançando lentamente em direção a ela.
— Adoro você.

Ela se sentia da mesma maneira sobre ele, mas também tinha medo. Não tivera um amante desde o divórcio, 16 anos antes, e tremia diante do pensamento da intimidade sexual. Sua hesitação a apavorava, também; se não estava pronta depois de todos aqueles anos, então nunca estaria. E, no entanto, *queria* a paixão e este tipo de proximidade.

Sentindo que era agora ou nunca, ela abriu os braços.

— Beije-me, seu bobo — entoou, dramaticamente. De repente, sua vida se transformara numa canção de um musical da Broadway... e ela estava adorando.

Jack tomou-a nos braços e seus lábios se encontraram num beijo selvagem e completamente apaixonado. As pernas dela ficaram bambas e a cabeça girava. Havia muito tempo que não se beijavam com tanto abandono, quase como se ambos compreendessem que sua intimidade seria inevitável. Fazer amor significava que tudo entre eles mudaria....

Jack estremeceu enquanto a abraçava completamente. A música terminara e, quando o celular tocou, os dois se assustaram. Ele o ignorou e, em vez disso, beijou-a de novo, com a mesma necessidade frenética de antes.

— Venha para a minha casa — sussurrou, rouco. — Troquei os lençóis esta manhã.

— Jack! — Supunha ele que isto era sedutor?

— Sonhei conosco lá, apreciando a enseada, fazendo amor.

O telefone tocou mais cinco vezes e parou.

O silêncio pareceu mais barulhento do que o toque do celular.

Olivia tomou-lhe o rosto nas mãos e olhou-o profundamente nos olhos.

— Isto tem alguma relação com Stan? — perguntou, precisando saber.

Tinham brigado por causa de Stan e, na opinião dela, Jack estava sendo totalmente irracional. Parecia achar que Stan a queria de volta... o que seria novidade para Marge, com quem estava casado havia mais de 15 anos.

— Não — disse ele, beijando-a de novo. — Tem relação com você e eu. Deixe Stan fora disso.

— Por que agora?

— Por que *não* agora?

Não tinha certeza de como responder. Enquanto tentava pensar com clareza, sair do nevoeiro dos beijos e da música, a campainha da porta da frente tocou. Salva pelo gongo... de novo.

Quando correu para abrir a porta, encontrou o filho de Jack, parecendo agitado, ainda apertando a campainha.

— Papai? — gritou com urgência.

— Eric, o que foi? — perguntou Jack, aparecendo atrás de Olivia.

— Shelly. Está em trabalho de parto. Não tem ninguém.

— Ela lhe telefonou?

— Não, uma amiga dela. A bolsa rompeu a noite passada e os bebês estão prestes a nascer. Pode ser a qualquer momento agora. A amiga não pode ficar com ela. — Fez uma pausa. — Eu devia estar lá, não acha? Ela pode precisar de mim.

— Verdade — concordou Jack.

— Mas ela não me quer por perto, pelo menos foi o que disse da última vez que conversamos. — Passou os dedos pelos cabelos. — Preciso estar lá, sinto isto.

— Então vá.

— Já fiz as malas, estou pronto para viajar para Reno.

— Sim, eu sei.

Eric parecia estar querendo pedir alguma coisa e Olivia sabia o que era, mesmo se Jack não soubesse.

— Você quer que seu pai vá com você?

— Você iria, pai?

Olivia amou Jack ainda mais pela forma como respondeu. Abraçou o filho, lançou um olhar que era um pedido de desculpas a Olivia e disse:

— Vamos. — Voltou-se para ela e estendeu a mão. — Quer ir também?

Ela pensou por um momento, então decidiu não ir.

— Vocês dois vão. Telefonem quando os bebês nascerem. — Contento por Jack ter posto as necessidades do filho acima das dele, tomou-lhe a mão e lhe deu um aperto encorajador.

Três horas mais tarde, o telefone tocou e era Jack, ligando do hospital.

— Dois meninos gêmeos idênticos — disse, triunfalmente. — Eric está com Shelly e ela ficou feliz por ele ter vindo. Os dois meninos são fortes e saudáveis.

— Parabéns, vovô.

— Eu *sou* o avô deles. Os bebês são a imagem de Eric. Ninguém mais vai ter dúvidas sobre quem é o pai, especialmente meu filho.

— O que ele vai fazer sobre o emprego?

Eric pedira a transferência e devia começar em seu novo cargo em Reno no prazo de uma semana.

— Não sei, a decisão é dele. Felizmente tem alguns dias antes de se decidir.

Seth e Justine resolveram chamar seu restaurante The Lighthouse — O Farol. Justine gostava do nome porque lhe lembrava a casa onde crescera, na Lighthouse Road. O farol no final da enseada era um dos mais característicos marcos da comunidade. Seth aprovou o nome porque sublinhava o fato de que o restaurante seria especializado em alimentos marinhos.

Tivera a ideia de abrir um restaurante por anos, mas adorava pescar e ganhava bem demais para deixar a profissão. Vivendo num barco, suas despesas eram mínimas e investira bem suas economias. Depois de se casar com Justine, compreendeu que as longas separações que a pesca exigia não lhe agradavam. Agora, com um bebê a caminho, era a hora de começar um

novo negócio. O pai concordara e se oferecera para investir no restaurante como sócio sem interferência.

Era uma iniciativa ousada. Seth fizera uma boa pesquisa e estava consciente de que quase a metade dos novos restaurantes fracassava no primeiro ano. Estava determinado a minimizar os riscos, a fazer tudo certo. Cardápio, pessoal, preços, decoração, promoção... ele e Justine haviam pensado em tudo com profundidade.

Seth era um bom cozinheiro, mas não tinha a especialização e o conhecimento necessários para administrar uma grande cozinha. Anunciou no jornal que precisaria de pessoal de cozinha e pediu conselhos a outros donos de restaurante. Logo descobriu que Jon Bowman tinha uma excelente reputação.

Quando Jon se candidatou ao cargo de *chef*, Seth estudou seu currículo, então telefonou e marcou uma entrevista. Na segunda sexta-feira de março, Jon Bowman chegou e entrou no restaurante em construção.

As modernizações estavam apenas parcialmente terminadas. Um grupo de carpinteiros construía as novas cabines, enquanto eletricitas instalavam as luminárias. O piso fora renovado, as paredes tinham recebido sua primeira camada de tinta e as janelas haviam sido substituídas. Seth e Justine decidiram manter o bar original de mogno, que era um clássico.

Seth levou Jon para a sala que seria seu escritório e fez um gesto em direção à cadeira.

— Gosto do que fez aqui — disse Jon enquanto se sentava. — Quando pretende abrir?

— Temos esperança de abrir na primeira semana de maio.

Jon olhou em torno, como se calculasse o quanto ainda precisava ser feito.

— Tudo deverá estar pronto nesta ocasião — disse com confiança.

— Como você sabe, estamos procurando um *chef* que administre o cardápio e trabalhe de perto conosco enquanto crescemos.

— É por isto que estou aqui. Cozinho no André's há três anos. Criei seus pratos, com ênfase em comida marinha.

— E antes disso? — Seth já havia revisto o currículo, mas queria que Jon lhe desse os detalhes.

Ele e Justine haviam se dado ao trabalho de jantar no André's duas vezes para provar os pratos inventados por Jon.

— Trabalhei no VFW, em Olympia. Tenho referências, se quiser. — Estendeu a Seth uma folha com uma lista de nomes e números de telefone.

— Onde fez seu treinamento? — O currículo praticamente não tocava no assunto. Jon ficou um pouco tenso, mas isto podia ser imaginação de Seth.

— Aprendi um pouco aqui, um pouco ali. Não tenho muita educação formal. Comecei como cozinheiro de um restaurante para café da manhã em Tacoma e fui aprendendo até me tornar *chef*. Não vou ter meu próprio programa de TV, se é este tipo de *chef* que está procurando.

— Não é — garantiu Seth. De qualquer maneira, não podia pagar o salário de um chef famoso. Continuava curioso sobre os antecedentes de Jon, mas não pressionou.

— Soube que você também é fotógrafo.

Jon acenou.

— Sou um *chef* muito bom, mas minha paixão é a câmera.

Não escondeu o amor por seu trabalho e isto agradava a Seth.

— Se estiver disposto a me dar uma oportunidade, não se arrependerá — disse Jon.

Cada instinto de Seth lhe dizia para contratar o homem.

— Vou começar a fazer as compras para a cozinha dentro de um mês. Estaria pronto para assumir?

Jon acenou.

Discutiram salário, benefícios, receitas e outros detalhes. Quando terminaram, Seth o levou para ver o restaurante e ficou satisfeito quando Jon fez sugestões sobre design e decoração. Gostou de suas ideias e falou sobre elas com Justine naquela noite.

— Tenho a impressão de que Jon Bowman vai ser o escolhido — disse ela a Seth enquanto ele trabalhava na cozinha, preparando o jantar.

— Também tive esta impressão.

Justine estava sentada na sala de estar, as pernas para cima para diminuir a inchação nos tornozelos. Com seis meses de gravidez, a inchação era pequena, mas, mesmo assim, uma preocupação. Seth havia tomado conta da cozinha e era inventivo na eliminação do sal.

— Eu me sinto como uma vaca marinha — reclamou, colocando as mãos sobre o pequeno monte em seu abdome.

Seth debruçou-se sobre as costas do sofá e beijou-lhe o pescoço.

— Você está tão linda — murmurou. — Nem um pouco como uma vaca marinha... embora elas também tenham seus charmes.

— Fale sério, Seth.

— Estou falando sério.

Ela virou o rosto e se beijaram e ele percebeu, como fazia todos os dias, o quanto amava sua mulher.

— Conte-me o que sabe sobre Bowman — disse ele alguns minutos depois, quando serviu um fettuccine.

— Como o quê?

— Seus antecedentes. Sabe alguma coisa sobre eles?

Justine precisou pensar.

— Não muito. Ele costumava vender suas fotos através da galeria na Harbor Street. Por quê?

— Ele pareceu um pouco... tenso, quando perguntei sobre isto.

— Onde ele estudou?

— Não disse, mas conversei com duas de suas referências. Ambas eram gerentes de restaurantes onde ele trabalhou e foram muito elogiosos.

— Você já viu as fotos dele?

Justine foi para a mesa, onde Seth segurava uma cadeira para ela.

— Maryellen me mostrou algumas antes do Natal. São absolutamente fabulosas. Você sente a emoção e a beleza.

— Humm. Talvez eu deva comprar algumas e pendurá-las na entrada. O que você acha?

— Acho que meu brilhante marido acabou de ter outra ideia maravilhosa. Sorriram um para o outro, plenamente satisfeitos com suas vidas.

Capítulo

Quinze

ROSIE TINHA a casa completamente para si mesma. Cem vezes, durante todos os anos de casamento, ansiara por algumas horas sozinha, especialmente antes de um grande feriado.

Zach nunca compreendera quanto trabalho estas celebrações familiares davam. Na Páscoa, havia o jantar para preparar, para o qual geralmente convidavam amigos e outra família, embora as coisas fossem diferentes este ano. Então havia os ovos para pintar e fazer as cestas de Páscoa para as crianças. Embora Allison e Eddie fossem mais velhos, Rosie se sentiu obrigada a manter a tradição.

Agora que tinha tempo para fazer tudo sem interrupção, viu-se combatendo uma sensação de melancolia. As crianças estavam passando o dia com o pai e não precisava adivinhar que Janice Lamond encontraria alguma forma de se juntar a eles.

Embora curiosa, Rosie se recusava a fazer perguntas às crianças sobre a outra mulher. Naturalmente estava louca para saber se Janice e o filho estavam no apartamento ao mesmo tempo que seus filhos. Mas se recusava a incluir as crianças no processo de divórcio, não importava o quanto queria saber o que pudesse sobre a outra mulher.

Rosie preparou a salada de gelatina favorita de Eddie e colocou-a na geladeira. Na Páscoa, sempre servia presunto, mas apenas porque era o que Zach preferia. Como não tinha mais que fazer o que o marido gostava, comprara uma peça de carne de primeira. Era um pequeno gesto de desafio, que a fez se sentir, só um pouco, uma mulher independente, que fazia as próprias escolhas.

Começou a preparar o bolo de Páscoa que fazia todos os anos. Não estava entusiasmada com o trabalho, mas perseverou, pelo bem das crianças. Com o processo de divórcio em andamento, já tinham bastante

tumulto em suas vidas e não precisavam que ela os submetesse a mais mudanças. A carne assada já era um desvio suficiente da tradição este ano, mas na próxima Páscoa tentaria fazer alguma coisa completamente diferente, como uma viagem.

O bolo branco em formato de coelho era o predileto de Allison. Usando duas formas redondas de bolo, cortou cuidadosamente uma das camadas para imitar orelhas; o pedaço do centro formou uma gravata borboleta. Depois de gelar o bolo, usou pequenas lascas de alcaçuz para os bigodes e pequenas bolotas de chocolate para os olhos. Nos anos anteriores, as crianças a ajudavam a decorar o bolo.

Sentia falta deles, a despeito de, finalmente, ter o tempo para si mesma pelo qual sempre ansiara, o que a deixava confusa. Também estava preocupada com a influência que a namorada do pai podia ter sobre os filhos. Não era ciúme, disse a si mesma; era uma reação sensata.

Na hora em que Zach deixou as crianças na calçada da casa, Rosie pensara tanto no assunto que estava completamente dominada pelo mau humor, odiando a mais que perfeita assistente do marido, competente em todos os assuntos. Ele devia estar com pressa de se livrar das crianças, porque não ficou parado um momento a mais do que o necessário, observou ela, ressentida, olhando pela janela da sala de estar. No instante em que as crianças desceram do carro, ele saiu.

— Chegamos — gritou Eddie quando entraram pela porta da frente. Ele tirou a mochila e deixou-a no chão da entrada.

Allison o seguiu, as orelhas cobertas pelos fones de ouvido enquanto ouvia um CD. Parecia estar fazendo isto o tempo todo, pensou Rosie com desaprovação. Queria saber exatamente que tipo de música Allison estava ouvindo, mas não estava preparada para o desafio de um confronto com a filha. Finalmente decidiu que, se Allison precisava de seus CDs, podia tê-los, pelo menos por enquanto.

— Vocês se divertiram? — perguntou Rosie, conseguindo mostrar algum entusiasmo na voz.

Eddie deu de ombros.

— Ficamos na casa do papai quase o dia todo.

— E a caçada aos Ovos de Páscoa que o Rotary Club promoveu?

— Isto é para crianças — informou Allison, removendo os fones de ouvido o tempo suficiente para resmungar a resposta desdenhosa. Caiu

sentada no sofá da sala e Eddie pegou seu Game Boy e se deitou no tapete em frente à TV.

Está bem, pensou Rosie. Aparentemente não queriam falar com ela. Bem, estava ótimo, já que também não estava com vontade de conversar.

Os olhos de Allison se fecharam e sua cabeça se moveu no ritmo da música, qualquer que fosse. Depois de um minuto ou dois, olhou para a mãe.

— O que tem para jantar?

— Seu pai não alimentou vocês?

A filha olhou para ela como se aquele fosse a pergunta mais estúpida que já ouvira.

— Papai não cozinha.

— Vocês passaram a noite com ele. Quer dizer que não lhes preparou uma única refeição? — E este era o homem que *a* criticava por não fazer jantares em casa!

— Tomamos o café da manhã no McDonald's.

— Ele levou vocês lá para todas as refeições? — perguntou Rosie.

— Não — disse Eddie.

Allison não se deu ao trabalho de responder.

— Papai disse que devemos comer bastante presunto por ele amanhã — disse Eddie, mantendo os olhos na tela da TV.

— Não vamos ter presunto.

Os olhos de Allison se abriram muito e ela tirou os fones do ouvido.

— Está dizendo que não teremos presunto?

— Não, comprei carne para assar.

— *Odeio* carne assada — gritou ela.

— Allison...

— Sempre comemos presunto na Páscoa!

O coração de Rosie apertou.

— Pensei em comermos carne assada este ano no lugar de presunto.

Allison levantou-se num pulo e olhou zangada para Rosie.

— Você fez isto de propósito!

— Fiz o quê? — perguntou Rosie, mal controlando a raiva.

— Você sabe exatamente o que fez — disse Allison e correu para o quarto. A casa reverberou com o som da porta batendo.

Rosie olhou para o filho esperando uma explicação. Eddie rolou de lado e olhou para ela.

— Papai gosta de presunto.

— Mas seu pai não vai jantar conosco. Pensei em fazer um jantar um pouco diferente este ano. Não achei que Allison se importasse.

— Ela não se importa — disse Eddie, deitando-se de novo sobre a barriga. Sem uma pausa, voltou para seu jogo. — Está apenas aborrecida com você e papai por causa do divórcio.

Rosie se sentou no sofá.

— Tivemos um grande almoço — continuou Eddie —, assim, não estamos realmente com fome para jantar.

Na mesma hora, as suspeitas de Rosie cresceram.

— Almoço? — perguntou, quase mordendo a língua no esforço de evitar perguntar sobre Janice Lamond.

— Papai levou Allison, Chris e eu para um rodízio de pizza, sabe, em que você pode comer o que aguentar, tudo pelo mesmo preço.

Rosie sorriu, bondosa, escondendo sua indignação. Chris era o filho de Janice Lamond e, se ele estava no apartamento, ela também estava.

— Preciso sair um pouco — disse Rosie, esforçando-se para manter a voz calma.

Eddie desviou os olhos da televisão para ela e perguntou:

— Vai comprar um presunto para Allie?

— Sim — respondeu, embora a ideia não lhe tivesse ocorrido até Eddie mencionar o assunto. Seu destino era o apartamento de Zach... para lhe dizer o que pensava dele. A caminho de casa, pararia na mercearia Albertson's para comprar uma pequena lata de presunto e pacificar Allison.

Rosie sentiu que explodiria antes de chegar ao edifício de Zach. Normalmente, deixaria este tipo de coisa desagradável nas mãos capazes de sua advogada, mas isto não podia esperar por Sharon Castor.

Nenhum soldado jamais marchou com um objetivo tão forte quanto Rosie quando andou pelo estacionamento do edifício de Zach. Reuniu as forças, pensando que Janice Lamond poderia estar com ele naquele exato momento. Os dois podiam até estar na cama juntos. O pensamento a deixou doente, mas não parou para pensar por que.

Quando Zach abriu a porta depois de suas fortes batidas, pareceu atônito ao vê-la.

— Rosie! O que está fazendo aqui?

— Precisamos conversar — disse, ríspida.

— Agora?

— Qual é o problema, Zach, você tem visitas?

Ele se moveu para o lado, deixando-a entrar no apartamento. Rosie entrou e seu estômago deu um nó de dor. O apartamento estava escassamente mobiliado e o que havia fora tirado da casa *deles*.

Seu marido trouxera aquela outra mulher para seu apartamento, para se sentar na mobília que Rosie comprara, para usar os pratos que *ela* escolhera e dos quais gostava tanto, mas que fora obrigada a lhe entregar.

— O que você quer? — perguntou Zach, a voz desconfiada.

— Como um favor pessoal a mim — disse ela cuidadosamente — gostaria que não recebesse sua namorada quando as crianças estiverem aqui... pelo menos, até o fim do divórcio.

— De que diabos está falando? — Zach olhou-a com tanta fúria que ela mal reconheceu seu rosto.

— Janice estava com você esta tarde.

— O que você fez? Interrogou as crianças sobre minhas atividades? — perguntou ele.

— Não, não perguntei. Eddie disse que não queria jantar depois de toda a pizza que comeu no almoço com Chris.

— E aonde você quer chegar?

— Acho que já deixei muito claro. Se for preciso levantar esse assunto com Sharon, então o farei.

— Vá em frente — disse Zach, um ar de desdém no rosto. — Faça um papel de idiota maior do que já fez. Pessoalmente, não me incomodo nem um pouco.

Rosie se recusava a ficar lá, trocando insultos com ele, mas não estava abaixo dela dar uma ferroadinha final quando se virou e se dirigiu à porta.

— Teria que me esforçar muito para superar você.

Zach bateu a porta depois que ela saiu e Rosie se dirigiu ao estacionamento. Quando entrou no carro, suas mãos tremiam tanto que precisou se acalmar antes de dirigir. Segurou com força o volante e fechou os olhos bem apertados, num esforço para não chorar.

MARYELLEN VESTIU a saia em formato de “A”, suspendendo-a até a cintura só para descobrir que não lhe servia mais. Ainda não estava no sexto mês de gravidez e não cabia em suas roupas normais. Era evidente que precisava comprar algumas roupas de gravidez.

— Quer que a cidade inteira fique sabendo? — perguntou ao bebê, colocando a mão sobre o pequeno monte na barriga.

Seu médico estava dando uma atenção especial a esta gravidez por causa da idade de Maryellen. Aos 35 anos, era mais velha do que a maioria das pacientes de primeiro filho do dr. Abner.

Não era apenas seu guarda-roupa que estava prestes a mudar, mas toda a sua vida. Olhou em volta da casa e imaginou como seria em um ano. Onde estava sua estante agora, haveria um balanço de bebê ou um cercadinho para brincar; ainda não decidira qual.

Teria que encontrar um lugar na cozinha apertada para uma cadeira alta. Seu segundo quarto, que usava agora como escritório e sala de trabalho, seria transformado no quarto do bebê.

Teve uma sensação de euforia, diferente de tudo o que já experimentara. Este era *seu* bebê, seu próprio filho. Desta vez, faria tudo certo. Desta vez, não havia um homem atrapalhando seu caminho.

Cheia de entusiasmo, pegou o telefone e ligou para a irmã. Sentia-se mais perto de Kelly do que se sentira em anos. Aquele fim de semana juntos uniu-as de novo, as três. Como sua mãe fora sábia ao promovê-lo.

— Não acordei você, acordei? — perguntou quando a irmã atendeu.

Tyler gritou ao fundo.

— Está brincando, não está?

Maryellen sorriu.

— Vai fazer alguma coisa especial para o almoço?

— Nada em particular. Qual é a sua ideia?

— Pode me encontrar na Potbelly Deli?

— Claro.

Kelly tinha o luxo de ser uma mãe que não precisava trabalhar fora de casa. Paul e Kelly haviam esperado anos por este bebê e estavam determinados a fazer quaisquer sacrifícios necessários pelo bem-estar dele. A opção, ficar em casa com o bebê, não estava disponível para Maryellen. Teria que encontrar uma boa creche e não sabia nem por onde começar a procurar.

Pouco antes do meio-dia, Kelly chegou à galeria, empurrando Tyler no carrinho de bebê. Com nove meses, o menino se sentava com as costas retas, acenando com as mãos gordinhas, balbuciando com felicidade e dirigindo o mundo de sua cadeira.

— Vamos pegar sopa na delicatessen e tomá-la à beira-mar — sugeriu Kelly. Era um adorável dia de primavera depois de uma semana de chuva e o ar fresco faria bem a todos.

— Parece uma ótima ideia — disse Maryellen. Prática, também, já que seria mais fácil distrair Tyler no parque do que num restaurante logrado.

Maryellen fez o pedido e a irmã foi na frente para garantir uma das mesas de piquenique. Diversas outras pessoas haviam tido a mesma ideia, mas Kelly já havia conseguido uma mesa quando Maryellen chegou.

Sentando-se em frente à irmã, Maryellen abriu a embalagem de canja e mexeu-a com uma colher de plástico. Gaivotas circulavam acima de suas cabeças delas, gritando por comida, mas Maryellen e Kelly as ignoraram.

— Queria lhe perguntar algumas coisas sobre gravidez — disse Maryellen. — Se não se importar.

— Pergunte. — Kelly lambeu sua colher, parecendo infantil e madura ao mesmo tempo. Removeu a tampa de plástico de seu pacote de bolachas de ostra e deu uma delas para o filho, que ergueu uma pequena e ansiosa mão, pegou e imediatamente a colocou inteira na boca.

Maryellen não sabia por onde começar. Durante anos, vira as amigas casarem e criarem filhos. Todas pareciam tão relaxadas, tão naturais. Não sentia nada disso; embora estivesse excitada e eufórica com a perspectiva de ser mãe, não partilhava a confiança das outras mulheres. Kelly esperara anos por um bebê; certamente compreenderia.

— Você tinha... medo? — perguntou Maryellen.

— Fiquei aterrorizada — admitiu Kelly. — Li todos os livros que pude encontrar.

— Eu também. — Grace havia feito uma busca nas prateleiras da biblioteca e dado a Maryellen um suprimento constante dos livros mais recentes sobre gravidez e parto.

— O que aconteceu quando levou Tyler para casa quando saiu do hospital?

Kelly riu e sacudiu a cabeça.

— Vá para a pergunta seguinte.

— Por quê?

— Porque Paul e eu não concordávamos em nada.

Maryellen pegou uma pequena bolacha e comeu-a.

— Não terei este problema.

— Exatamente. Como estão suas roupas? Tenho algumas blusas de maternidade muito elegantes. Gostaria de algumas emprestadas?

Maryellen assentiu.

— Eu as trarei neste fim de semana.

— Isto será ótimo. — O coração de Maryellen se encheu de amor pela irmã.

— E creches? Você precisa começar a pensar nisso, especialmente sendo solteira e tudo.

Esta era, é claro, outra preocupação importante. Tinha que pensar seriamente em entrevistar pessoas e analisar centros de cuidados com crianças.

— Escute — disse Kelly, descansando o cotovelo na mesa. — Posso fazer isto nos primeiros dois anos.

Maryellen ficou sem fala. Quando conseguiu encontrar a voz, sussurrou:

— Você faria?

— Preciso primeiro conversar com Paul, é claro, mas não vejo por que não. Outro bebê não me dará muito trabalho extra e, de qualquer maneira, estou em casa. Gostaria de ajudar você, Maryellen. Para que servem as irmãs?

Os olhos de Maryellen se encheram de lágrimas. Este oferecimento tinha sido completamente inesperado. Desviou o olhar, sem querer que a irmã soubesse que estava tentando controlar a emoção.

— Sabe o que percebi outro dia? — perguntou Maryellen quando teve certeza de que a voz não trairia as lágrimas. — Estava sentada na minha cozinha, lendo uma revista que mamãe recomendara, e de repente descobri que... estava feliz.

Kelly lhe tomou a mão.

— Também vejo isto em você, sinto isto.

— Quero tanto este bebê. — Pressionou a palma contra o ventre e fechou os olhos. Abaixando a cabeça, sussurrou: — Queria meu primeiro bebê também.

Suas palavras foram recebidas com um silêncio atônito.

— Seu *primeiro* bebê? — perguntou Kelly, também num sussurro.

— Eu... eu estava grávida quando Clint e eu nos casamos. Oh, Kelly, era tão jovem e tão incrivelmente estúpida. Foi um acidente, mas deveríamos saber que poderia acontecer por que éramos tão descuidados. Mesmo assim... foi um choque.

— O que aconteceu com a gravidez?

Maryellen ergueu o olhar para as águas azuis e encapeladas da Cove.

— Clint quis que eu fizesse um aborto. Jurou que me amava, mas não estava pronto para ser pai.

— Como ele pode ele sugerir uma coisa dessas?

A garganta de Maryellen se fechou, tornando quase impossível falar.

— Não podia acreditar que ele queria se livrar do nosso bebê, mas naquela época de nossas vidas ele achou que o bebê seria... um aborrecimento.

— E mesmo assim você se casou com ele.

Maryellen assentiu, sentindo-se doente de culpa e pesar pelo que havia feito.

— Eu... eu amava Clint, ou pensava que amava. Disse a ele que não podia fazer um aborto e que não importava se iríamos nos casar ou não. Ia ter meu bebê. Em retrospecto, acho que ele estava apavorado por ter que pagar pela manutenção da criança, assim ele... ele sugeriu que nos casássemos.

— Não compreendo.

— Ele se casaria comigo se eu concordasse em pôr fim à gravidez. Esta seria sua forma de me provar seu amor, de me mostrar que levava a sério nosso relacionamento. Insistiu que haveria outros bebês.

Não acrescentou que Clint a obrigara a escolher entre ele e a gravidez. Ou ela se casava com ele imediatamente e depois faria o aborto, ou o relacionamento estaria terminado. Mesmo agora, tantos anos depois, Maryellen não conseguia contar a ninguém como se permitira ser manipulada.

— Então você concordou.

Maryellen acenou, o longo cabelo caindo nos ombros.

— Não queria fazer aquilo, mas amava Clint e acreditava que ele também me amava. Assim, fugimos e imediatamente depois que um juiz de paz nos casou, fomos para uma clínica de aborto. O tempo todo, Clint ficou me dizendo que seria melhor assim e que estávamos tomando a decisão certa.

— Oh, Maryellen, você deve ter se sentido tão dividida!

— Não *era* a decisão certa para mim e, mesmo enquanto estava na clínica, sabia disso, mas de qualquer maneira fui até o fim. Ficava me dizendo que não teria o bebê, mas teria Clint.

Não muito mais tarde, compreendera que escolha errada fizera. Clint era controlador e manipulador e, antes de um ano de casamento, Maryellen soube que teria que se separar.

— Jamais gostei de Clint e agora sei por que — disse Kelly, ainda segurando com força a mão de Maryellen.

— Este é o motivo por que evitava ficar perto de crianças. Este é o motivo por que sempre fui a primeira, em qualquer grupo, a fazer comentários desagradáveis sobre filhos. Fingia que era sofisticada demais, madura demais para querer participar de qualquer coisa relacionada a crianças, quando meu coração doía o tempo todo pelo que eu fizera. O que perdera....

— Lamento tanto.

— Carreguei esta culpa e esta vergonha por todos estes anos.

Ninguém mais sabia, nem sua mãe, nem ninguém. Maryellen escondera com sucesso seu feio segredo. A criança que carregava agora era tão accidental como a primeira, mas desta vez não repetiria os erros. Não envolveria o pai da criança. Jon não queria um filho, deixara isto claro antes do Natal, quando lhe perguntara sobre a possibilidade de uma gravidez. Vira alívio nos olhos dele quando lhe garantira que tudo estava limpo. Desta vez protegeria seu bebê que ainda não nascera.

JACK ESTAVA à escrivania numa tarde de quinta-feira, revisando um artigo de Charlotte Jefferson. Parecia-lhe que as opiniões dela estavam se tornando cada vez mais políticas. Desde a operação, Charlotte se engajara numa missão para conseguir uma clínica de saúde gratuita em Cedar Cove. Tinha que admitir; ela descobria um modo de mencionar a necessidade de uma clínica assim em cada artigo.

Com o lápis na mão, começou a fazer mudanças, cortando palavras, rearrumando frases para maior clareza e dando polimento ao artigo. Charlotte não tinha um talento natural para escrever, mas suas habilidades haviam aumentado muito no último ano.

O telefone tocou e distraidamente Jack o pegou.

— Griffin.

— Papai, quero que cante no telefone.

— Você quer que eu faça o *quê*? — Eric havia feito alguns pedidos muito estranhos nos últimos meses, mas este foi o mais estranho de todos.

— Cante. Lembra-se de como costumava cantar para mim quando eu era criança?

Como se Jack pudesse esquecer. Cantara para Eric quando o menino estava preso a uma cama de hospital, incrivelmente fraco pela devastação da doença. Na época, os remédios que tomara ainda eram experimentais, mas a única chance de Eric derrotar a leucemia.

— Apenas cante! Estamos desesperados.

Jack podia ouvir os dois bebês berrando ao fundo e sorriu. Olhando em torno para ter certeza de que ninguém estava ouvindo, começou a cantarolar uma canção que aprendera quando criança.

— Dois irlandeses, dois irlandeses... — Os gritos aumentaram e Eric voltou ao telefone.

— Você não está ajudando.

— O que está fazendo na cidade? — perguntou Jack.

— Shelly precisou de mim. — Pelo som, Tedd e Todd, também. — Você não faz ideia o trabalho que dois bebês dão.

— Você não devia estar em Reno?

O filho sofrera devido à decisão de se mudar depois que a transferência para Nevada, que ele mesmo pedira, fora concedida. Assim que os bebês nasceram, Eric quisera ficar no apartamento com eles e Shelly. Tirou duas semanas de férias a que tinha direito, mas não podia mais adiar a posse no novo cargo. Agora voltava para casa todos os fins de semana. Por insistência de Shelly, os bebês fizeram um teste de DNA e, o que era óbvio para Jack no minuto em que nasceram, agora tornou-se oficial. Eric era o pai.

— Papai! — gritou, para ser ouvido acima do choro forte dos gêmeos. — Ainda está aí?

— Estou aqui — garantiu Jack.

— Acha que pode convencer Olivia a casar?

— Só um minuto, filho, se alguém vai se casar com Olivia sou eu.

Sorriu ao ouvir a gargalhada do filho.

— Então, você e Shelly decidiram se casar?

— Sim, e não é sem tempo, não acha? — perguntou Eric.

— Mais ou menos dez meses depois do que deveria, mas você não pediu minha opinião.

— Shelly está preparando tudo para se mudar para Reno, para ficar comigo.

Jack detestava a ideia de se separar de novo do filho, detestava a ideia de ficar longe dos netos, mas aprovava Shelly como nora de todo o coração.

— Então vocês vão levar meus netos para longe de mim.

— Pode nos visitar quando quiser.

— Conte com isto.

Terminaram a conversa alguns minutos mais tarde, depois que Jack concordou em pedir a Olivia que oficiasse a cerimônia de casamento de Eric e Shelly. Na verdade, estava grato por um motivo tão bom para visitar sua juíza favorita.

Estavam passando muito tempo juntos ultimamente e esta era uma tendência que ele queria que continuasse.

Assim que saiu do escritório, foi para a casa de Olivia. Encontrou-a no jardim de rosas dos fundos. Recentemente, plantara uma fileira de roseiras, que mimava demais, pelo menos, na opinião dele. Mas acreditava que plantas deviam cuidar de si mesmas.

— Como ervas daninhas? — perguntara ela com desdém quando ele lhe expôs sua filosofia de jardineiro.

Hoje ela usava um grande chapéu de palha que lhe fazia sombra nos olhos, um jeans velho e desbotado e uma camisa de homem. Jack parou para admirar a visão dela dobrada sobre as roseiras.

— Gostaria que me mimasse tanto quanto mima estas suas rosas.

— Silêncio — ordenou ela. — Acabei de plantar estas aqui e precisam de minha atenção.

— Eu também, — reclamou Jack.

— Fique por perto e eu lhe darei jantar.

Ele sorriu, contente com o convite. Seu relacionamento com Olivia era complicado. Se os gêmeos não tivessem decidido nascer quando nasceram, poderia tê-la convencido a ir para a cama com ele.

Mas, quando voltara do hospital, ela tivera tempo de pensar e avaliar se este era o passo certo para eles. Sua decisão foi que, sim, finalmente isto aconteceria... mas, ao contrário de Jack, não estava com pressa.

Nas semanas seguintes, fizera o melhor que podia para lhe mostrar seu amor, muito parecido com o que ela fazia com estas rosas que plantara.

— Eric me telefonou esta tarde — disse ele. — Perguntou se você está disposta a casá-lo com Shelly.

— É claro. — Olivia pegou um regador e começou a molhar a terra recentemente fertilizada. — Ele disse quando quer se casar?

— Não, mas isto é um detalhe menor, não acha?

— Depois de ver quanto tempo ele precisou para chegar a este ponto, tenho de concordar. — Ergueu a mão para o rosto, para afastar alguns fios de cabelo e, ao fazê-lo, sujou a face com terra. Jack escondeu um sorriso.

— Deve haver alguma coisa no ar, por que tive notícias do meu filho hoje também — disse ela casualmente. — James e Selina virão me visitar no mês que vem.

— Isto é ótimo. Estou ansioso para conhecê-los.

— Mal posso esperar para pegar Isabella no colo. Sabe que ela fará um ano este mês? Juro que não sei aonde foi parar o último ano. Ela mal conhece Stan e eu.

À menção do ex-marido, Jack ficou tenso.

— Suponho que Stan vai querer ver James.

— É claro! — Ela endireitou o corpo, as mãos nos quadris, então olhou para ele de uma forma que ele teve vontade de se esconder. — Não me diga que vai ter outro ataque de ciúme.

— Quem, eu? — perguntou, mas a verdade é que não gostava da ideia de Stan ficar perto de Olivia. Compreendia muito bem as intenções do ex-marido e não gostava delas. Stan Lockhart podia estar casado com outra mulher, mas ele definitivamente tinha interesses fora de casa. Stan também não gostava de ver Jack rodeando Olivia. Naturalmente, ela não percebia. Embora nunca tivesse perguntado, Jack tinha a sensação de que Stan fizera o que podia para desencorajar o relacionamento de Olivia com ele.

— O que há para jantar? — perguntou, decidindo evitar o único assunto que causava problemas entre eles.

— Estava pensando em fazer uma salada de galinha oriental.

— É aquela com uvas e macarrão chinês de que gostei tanto na última vez que jantei aqui com você?

— É fácil agradar a você — disse ela, sorrindo.

Como era verdade. Depois de anos vivendo sozinho e comendo *fast food* demais, as refeições que Olivia cozinhava eram divinas. Apesar disso, por mais que gostasse da comida, era Olivia que ele vinha ver, era com Olivia que ansiava ficar, e era Olivia que amava.

Não dissera a ela ainda como se sentia. Para um homem que trabalhava com a palavra, Jack sabia como era estranhamente inadequado para expressar suas emoções. Quando se tratava de uma questão política ou de

persuasão moral, podia expressar seus pensamentos de modo claro e direto. Mas sentimentos...

— Você parece preocupado — murmurou Olivia, tirando as luvas de jardinagem.

Ele deu de ombros e subiu atrás dela a escada da varanda dos fundos, onde ela guardava seus instrumentos de jardinagem, e depois para a cozinha.

— Alguma coisa especial em sua mente?

— Não, realmente não — disse ele e percebeu que tinha respondido depressa demais.

Olivia estudou-o por um momento enquanto lavava as mãos. Depois que as enxugou, abriu a geladeira e tirou uma grande cabeça de alface.

— Alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou Jack, sentindo-se um acessório desnecessário. Queria dizer a ela como se sentia, mas temia que pudesse ser embaraçoso ou inadequado; assim, deixou o assunto morrer.

— Nada agora, obrigada.

Ele caminhou até a sala de estar, mas não conseguia ficar parado. Começou a andar, a mente em tumulto e as mãos coçando para fazer alguma coisa, segurar alguma coisa. A necessidade de uma bebida o invadiu. Acontecia assim de vez em quando, embora essas ocasiões fossem cada vez mais raras depois de quase 11 anos de sobriedade. Precisava ir a um encontro e precisava falar com seu padrinho.

— Olivia — disse ele, parecendo mais ansioso do que queria. — Não vou poder ficar.

— Não pode? — Ela ficou parada na porta que dava da cozinha para a sala de estar, parecendo perplexa.

— Tenho que ir a um outro lugar... lamento, tinha esquecido. Bem, realmente não é que tenha esquecido, é apenas que preciso de uma reunião. Você não se incomoda, não é?

— Uma reunião? Oh, você quer dizer dos AA. — Foi para a sala de estar. — Está tudo bem?

— Não sei, acho que sim. Peço desculpas, mas as reuniões me ajudam a clarear a mente e a me livrar de pensamentos que não quero ter.

— Está tendo pensamentos negativos agora?

— Não, estou pensando como é bom o gosto de uma cerveja gelada. Isto é um pensamento perigoso e uma reunião é o melhor lugar para mim. Há uma no centro da cidade onde vou às vezes. Começa em 15 minutos.

— Então vá — encorajou ela.

Ele já estava a meio caminho da porta.

— Obrigado por compreender.

— Jack?

Ele a ouviu chamar e parou, a mão na maçaneta da porta.

— Você telefona mais tarde?

— É claro.

Capítulo *Dezesseis*

APESAR DA determinação de Maryellen de manter Jon fora de sua vida, estava curiosa sobre ele. Era pouco saudável, mas a curiosidade continuava. Supunha que isto se devia ao talento dele.

Felizmente, não se encontrara mais com ele desde aquele infeliz incidente antes do Natal. Nem tivera notícias dele desde então. Estava grata mas também desapontada, o que a deixava confusa.

A Bernard Gallery, situada na Pioneer Square, no centro de Seattle, agora vendia seus trabalhos. Tinha certeza de que ele se sairia bem e que merecia uma exposição mais ampla, mas a verdade é que sentia falta de suas visitas pouco frequentes, de suas conversas sobre negócios, mas, principalmente, sentia falta de suas fotos. Seu talento era imenso.

Quando soube que haveria uma exposição do trabalho dele em Seattle, Maryellen decidiu ir ao lançamento. Não temia encontrar Jon; a experiência lhe ensinara que ele evitava esses eventos. Alegava que a pretensão dessas ocasiões era não só insuportável mas também trazia à tona o que havia de pior nele. Dissera a Maryellen que comentários sobre suas “desconstruções de fenômenos naturais” ou sobre sua “capacidade de desvendar o não-ser” o faziam ter vontade de pular no mesmo lugar e gritar como um macaco.

A tarde de domingo em que a exposição seria aberta era o Dia das Mães e Maryellen sentiu que era o dia adequado para se dar uma alegria. Passara a manhã com Grace e a levava para um brunch no D.D.’s, na Cove. Num raro momento sentimental, Maryellen lhe disse que esperava ser uma mãe tão boa para seu bebê como Grace fora para ela. E antes de ir para o terminal das barcas, Maryellen passara na casa de Kelly para lhe dar um presente.

Quando chegou à Bernard Gallery, a exposição já começara e o salão estava cheio. Usando um vestido preto solto com meias pretas e um colar de

pérolas, sentia-se bem elegante. Logo estava com uma taça de vinho com suco de maçã e começou a andar pela galeria para ver o trabalho de Jon.

Encontrou o próprio sr. Bernard de pé diante das fotos de Jon. Ele conversava com um casal de meia idade que aparentemente estava entusiasmado com as fotos.

— O sr. Bowman é um recluso — dizia o dono da galeria. — Tentei convencê-lo a vir aqui hoje, para a abertura da exposição, mas infelizmente ele se recusou.

Maryellen sorriu para si mesma; tinha acertado. Se houvesse qualquer chance de Jon comparecer, não teria se arriscado. Não podia permitir que ele soubesse de sua gravidez.

A Bernard Gallery expusera suas fotos pendurando-as do teto. Estavam com belas molduras e formavam conjuntos temáticos; cada uma era assinada e numerada. Movendo-se de uma foto para outra, Maryellen parou para admirar suas fotos da natureza. Um campo de flores azuis silvestres contra o fundo do monte Rainier era tão intensamente vívido que ela sentiu um nó na garganta. Diversas imagens das Olympics, com seus picos nevados refletindo-se nas águas puras de Puget Sound, mostravam a força das montanhas.

A série seguinte de fotos mostrava um novo lado do talento de Jon. Em preto e branco, haviam sido todas tiradas na marina ou em torno dela. Em uma delas, uma neblina do começo da manhã escondia o estaleiro Puget Sound do outro lado da enseada. Barcos a vela, com mastros levemente escondidos, erguiam-se em direção a um céu invisível. Era adorável, serena e misteriosa.

A segunda foto que viu era completamente diferente de tudo o que conhecia do trabalho de Jon. Uma etiqueta pregada no canto dizia que aquela foto não estava à venda. Maryellen parou e observou cuidadosamente a foto de uma mulher no fim do píer, debruçada sobre a enseada.

Os picos nevados das Olympics podiam ser vistos ao longe. O dia era ensolarado e a mulher, de costas para a câmera, estava na ponta dos pés, debruçando-se levemente sobre a cerca, jogando pipocas para o ar, para as gaivotas pegarem. As gaivotas voavam em direção a ela, as asas batendo.

Então agora Jon estava tirando fotos de pessoas. Por um momento, perguntou-se quem seria a mulher que capturara tão completamente a atenção dele e sentiu uma inesperada e indesejável onda de ciúme.

O encantamento com o talento dele rapidamente superou seus sentimentos ambivalentes enquanto estudava a foto. Não era necessário ver o rosto da mulher para partilhar a alegria simples e total que sentia ao alimentar as aves. A própria Maryellen havia jogado pipocas para as gaivotas e sabia como podia ser estimulante. Ficara no fim daquele mesmo píer e...

Espere um minuto!

Esta não era apenas uma mulher... era *ela*. Jon tirara uma foto dela no píer. Apressando-se para ver a foto seguinte percebeu, para grande alívio, que havia apenas uma foto dela.

Em vez de se sentir contente com o passeio, Maryellen descobriu que estava deprimida quando tomou a barca para a viagem de 50 minutos até Bremerton. Aquela única foto lhe contou mais sobre ele do que gostaria de saber. Jon a vira no píer sem que ela estivesse consciente da presença dele.

Quando? Era evidente que fora depois de seu encontro no Natal... provavelmente durante o mês de março, a julgar pelo casaco que vestia. Algumas vezes fora alimentar as gaivotas em seu horário de almoço, e ele obviamente a vira. O fato de ter tirado esta foto, esta única foto de uma pessoa, sugeria que tinha sentimentos genuínos por ela. Talvez ainda tivesse. E, no entanto, não podia se permitir corresponder a esses sentimentos, nem podia agir de acordo com a própria e profunda atração que sentia por ele. Simplesmente não *podia*.

Em vez de dirigir diretamente para casa, Maryellen se surpreendeu ao ver que estava a caminho da casa da mãe. Grace estava na cozinha, fazendo sua comida semanal. Recentemente, adquirira o hábito de preparar, congelar e guardar todo o alimento de que precisaria nos seis dias seguintes, até o domingo seguinte, quando recomeçava o ciclo.

— Estou tentando algumas receitas novas — disse a Maryellen, ocupada em colocar vegetais, latas e outros ingredientes sobre a bancada. — Já jantou?

— Ainda não, ainda não digeri o *brunch*. — Seu apetite desaparecera, mas isto se devia muito mais a seus pensamentos tumultuosos do que ao estômago vazio.

— O que está errado? — perguntou a mãe.

— O que a faz pensar que há alguma coisa errada? É Dia das Mães e gostaria de passar mais algum tempo com minha mãe. Isto não significa que há alguma coisa errada, não é?

Grace rasgou um pedaço de papel de alumínio da caixa e cobriu uma pequena forma que acabara de tirar do forno.

— Se não se importa de eu dizer, você parece na defensiva.

— Talvez deva ir para casa. — Constatou que não fora uma boa ideia vir aqui; sua mãe a compreendia bem demais.

— Você o viu? — Sentiu um choque com a pergunta de Grace.

Maryellen não se deu ao trabalho de perguntar a quem se referia. Era evidente.

— Não — disse. — Não — repetiu e, para enfatizar, sacudiu a cabeça.

Colocando a chaleira no fogão, Grace ferveu água. Parecia que, todas as vezes em que tinham que discutir alguma coisa importante, sua mãe fazia chá. Isto mostrava que a mãe considerava significativo o que quer que se seguisse, alguma coisa que exigisse a atenção total da filha.

— Mãe...

— Sente-se e não discuta comigo — disse a mãe rapidamente. Puxou uma cadeira da mesa da cozinha e fez Maryellen se sentar.

Em pouco tempo o chá estava pronto, o pote no centro da mesa.

— Você já sabe que eu estava grávida de você quando seu pai e eu nos casamos.

Maryellen sabia e não estava interessada em descobrir se seus pais teriam se casado se a mãe não estivesse grávida.

— Naquela época, a solução era casar.

— Os tempo mudaram — Maryellen se sentiu obrigada a lembrar a ela. As estatísticas diziam que um terço de todas as crianças do país agora nasciam fora do casamento. Outras mulheres criavam seus filhos sozinhas e ela faria a mesma coisa.

— Ele é um artista, não é?

— Mãe. — As perguntas a exasperavam. — Já lhe disse que não vou responder a nenhuma pergunta sobre o pai do bebê, então, por favor, não pergunte.

— Você está certa, está absolutamente certa. — Grace bateu com os dedos na mesa, como se estivesse zangada consigo mesma por se intrometer. — Não tinha a intenção de fazer isto.... Na verdade, pretendia falar sobre seu pai e eu. Passamos mais de 35 anos juntos e... bem, não sei se fui a melhor esposa para ele. Acho que teria sido mais feliz com outra mulher. Por tudo o que sei, este pode ser o motivo pelo qual ele foi embora.

— Duvido — disse Maryellen, grata pela oportunidade de falar francamente sobre o pai. Não podia fazer isto com Kelly, que o considerava praticamente um santo, sem uma falha sequer. Kelly se recusara a reconhecer a verdade sobre o pai delas; por algum motivo, era incapaz de vê-lo de qualquer outra maneira. — Você sabe, mal posso me lembrar de uma época em que papai parecesse feliz. Tinha aqueles horríveis humores e Kelly e eu aprendemos a ficar longe dele nessas ocasiões.

Grace assentiu.

— Ele parecia ficar tão envolvido em si mesmo. — As lembranças que Maryellen tinha do pai não eram todas más, mas desde que ele desaparecera estas eram as que lhe vinham à mente. — Não pode se culpar, mãe.

— Não me culpo — disse Grace, parecendo abalada. — O que estou tentando dizer, e me saindo muito mal, é isto. — Deixou escapar um suspiro profundo. — No que se refere ao pai do seu bebê, meu conselho é que siga seus instintos. Não faça o que os outros pensam que é o melhor, faça o que seu coração mandar.

— Estou fazendo, mãe, estou fazendo.

— Então, isto é tudo o que peço.

Maryellen sorriu e debruçou-se sobre a mesa para segurar a mão de Grace.

— Obrigada, mãe... precisava ouvir isto. Agora, que tal um pouco de daquela massa que está ali? De repente senti fome.

QUASE UMA semana depois, na tarde de sexta-feira, Grace ainda estava pensando em sua conversa com Maryellen. Rezava para ter dito as coisas certas. Se Maryellen decidira manter o pai do bebê fora de sua vida, certamente havia um motivo. Às vezes, sentia uma incerteza na filha... como se duvidasse de sua decisão... mas, se fosse assim, Maryellen não queria discutir o assunto com ela. Depois do nascimento do bebê, Maryellen podia mudar de ideia.

Sua assistente, Loretta Bailey, chegou cedo à biblioteca para que Grace pudesse sair e atender ao que vagamente chamara de um “compromisso”. Assim que Loretta chegou, Grace pegou o suéter, ansiosa por sair antes de ser atropelada por perguntas desnecessárias.

— Obrigada, Loretta — disse enquanto se dirigia à porta.

— Oh, sem problema. Vai se encontrar com aquele simpático amigo seu?

Devia ter alguma etiqueta presa na testa, pensou Grace com um suspiro, porque Maryellen perguntara a mesma coisa antes, quando se encontraram para almoçar.

— Cliff me pediu para levá-lo ao aeroporto. — Depois de tudo o que ele fizera por ela nos últimos meses, era um favor pequeno que pedira. — Ele vai levar algumas das lembranças do avô para um museu no Arizona.

— Oh, é isto, o avô foi um famoso caubói de Hollywood, não foi?

— O Caubói Cantor, o próprio Tom Houston.

— Sou jovem demais para lembrar de seu programa na TV, mas me lembro muito bem de ouvir falar sobre ele — disse Loretta. — Meus irmãos tentavam cantar como ele, mas tudo o que conseguiam era assustar os gatos da vizinhança.

Grace riu e foi para o estacionamento reservado aos funcionários da biblioteca.

Quando chegou à casa de Cliff, ele já fizera as malas e estava pronto. Os vizinhos cuidariam de seus cavalos e Cliff devolveria o favor cuidando dos deles quando tivessem que viajar.

Estava alguns minutos adiantada, então se dirigiu até o cercado onde diversos cavalos pastavam. Quando parou junto à cerca, uma adorável égua castanha trotou em direção a ela.

— Oi, Brownie — disse ela, acariciando o longo pescoço da égua.

— Você poderia fazê-la comer na sua mão se quisesse — disse Cliff atrás de Grace. — Exatamente como poderia fazer comigo.

Ele dizia coisas assim apenas para fazê-la ruborizar; Grace estava convencida disso.

— Pronto para ir? — perguntou ela, virando as costas para Brownie. Era mais fácil ignorar o comentário do que responder a ele.

— Na hora em que você quiser.

Ele guardou a bagagem no porta-malas, depois se sentou no banco do passageiro. Grace saiu do pátio, deixando uma nuvem de poeira atrás do carro. Dois cavalos galoparam ao longo da cerca, acompanhando-a, e ela admirou sua velocidade e beleza.

Grace compreendia por que Cliff vivia tão longe da cidade. Sentia uma grande serenidade sempre que visitava seu pequeno rancho. Subitamente, percebeu que, depois de passar a vida inteira na cidade, não se incomodaria de viver no campo. Nunca esperara se sentir assim, nem mesmo havia pensado nisso.

— Obrigado por me levar ao aeroporto — disse Cliff quando ela entrou na estrada asfaltada.

— É o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que fez por mim.

Sem perder um segundo, Cliff disse:

— Se você se sente grata, então sugiro que pense seriamente no nosso relacionamento... sobre para onde podemos ir.

Ele falou de modo brincalhão e ela respondeu da mesma forma:

— Estamos indo para o aeroporto. E agora quer parar com isso?

— Provavelmente não. Gostaria, se eu parasse?

Ela sorriu e manteve o olhar fixo na estrada.

— Provavelmente não.

Cliff riu.

— Como está Maryellen?

— Usando roupas de grávida agora. Não seria a minha escolha para ela, mas fico impressionada ao ver como está feliz. Está muito excitada com o bebê. — Fez uma pausa e então, como se pensasse em voz alta, disse: — Tenho quase certeza de que o pai é um dos artistas que ela conhece. — Não tivera a intenção de fazer isto, mas se viu contando a conversa com Maryellen no domingo.

Cliff ouviu com atenção.

— Admiro a forma como é aberta e franca com suas filhas.

— Você não é com Lisa?

Cliff não respondeu imediatamente.

— Na verdade, não. Evitamos falar sobre a mãe dela. É como se Susan fosse um fantasma. Acho que Lisa teme dizer alguma coisa que me magoe, embora duvide muito que minha ex-mulher tenha mais este poder.

— O que quer dizer? — Embora Grace não quisesse ser indiscreta, estava curiosa sobre o casamento dele.

De vez em quando, ele fazia um comentário, mas nada que lhe desse uma ideia clara de como sua vida tinha sido antes do divórcio. De alguma forma, informações sobre casamentos, e divórcios, de outros a ajudavam a pôr seu casamento em perspectiva.

— Acho que uma das razões por que você me atraiu foi por causa de Susan.

Instantaneamente, Grace ficou alarmada.

— Quer dizer que me pareço com ela?

— Nem um pouco. Você não podia ser mais diferente. Fisicamente, por exemplo. Ela é alta e magra, enquanto você é pequena e... agradavelmente redonda.

— Muito obrigada — resmungou Grace.

Sabia que não tivera a intenção de ser insultuoso, mas um homem não compreendia os esforços que uma mulher fazia para manter o peso abaixo do “agradavelmente redonda”. Olhou-o e viu que a observava com um brilho de divertimento nos olhos.

— São meus quadris, não são?

Ele riu com vontade.

— É uma pena que você esteja dirigindo, de outra forma encontraria uma desculpa para beijá-la bem agora.

— Com certeza não fará isto!

— Não por falta de vontade. — Balançou a cabeça. — Não sabe como você me atrai?

As mãos dela apertaram o volante com mais força.

— Apenas explique aquele comentário sobre Susan.

— Tudo o que quis dizer é que você e eu temos muito em comum.

— O quê, exatamente?

— Bem, para começar, sei como é quando a pessoa que você ama se envolve com outro. É uma experiência que causa profundos ferimentos emocionais... como se cada defeito, cada dúvida que jamais tive sobre mim mesmo fosse verdadeira. Se Susan teve um caso, foi porque havia alguma coisa que faltava em mim.

Ela dirigiu o carro para o meio do tráfego em direção à Narrows Bridge. Diminuiu a velocidade quando entrou na ponte de quase dois quilômetros de extensão.

— Quer dizer que um homem também se sente assim? — perguntou, surpreendida com a revelação.

— É claro, mas então fazemos o possível para compensar em outras áreas.

— Tais como?

Ele deu de ombros.

— No meu caso, me envolvi com cavalos. Ignorei o que estava acontecendo às minhas costas por que esta era a única maneira que encontrei para lidar com isto. Um homem supostamente não deve sentir mágoa, sabia? — acrescentou, cansado.

— Isto é ridículo!

— Sim, bem, aprendi que a dor chega de uma forma ou outra. Acho que, se Susan e eu continuássemos como estávamos, a situação acabaria me matando. Ela foi mais corajosa do que eu e decidiu pôr um fim no nosso casamento. O lado engraçado foi que na verdade me senti grato.

— O que isto tem a ver comigo? — perguntou Grace.

— Oh, sim... este é o motivo desta conversa, não é? — Ele sorriu. — Quando nos conhecemos...

— Quer dizer, quando você furtou meu cartão de crédito?

— Sabe, pensei sobre o significado disso cem vezes desde então.

— Termine o que começou a dizer — disse ela, com seriedade brincalhona.

— Aquele dia em que fui à biblioteca para trocar os cartões de crédito, fiquei muito atraído por você. Admito que me chocou, porque, depois de cinco anos divorciado não estava interessado em outro relacionamento. E então, de repente, foi como se uma bomba explodisse e vi o futuro de forma totalmente nova.

O ego de Grace não ficou nem um pouco ferido ao ouvir isto, embora seu interesse por ela a houvesse abalado no começo. Mas estava se sentindo cada vez mais confortável com isso. Por muito tempo precisara de respostas sobre Dan, mas, à medida que os meses passavam, uma solução parecia cada vez mais improvável e estava começando a se acostumar com a realidade.

— Percebo agora o que me atraiu. Ou, pelo menos, uma parte do que me atraiu.

Ela o fitou, uma pergunta nos olhos.

— Você acredita que Dan está com outra mulher.

Ela assentiu, tentando não sentir a dor que as palavras evocavam.

— Você precisou enfrentar as emoções que alguém sente quando é traído no casamento... o que eu senti sobre o caso de Susan.

Podia ter razão. No fundo do coração, Grace estava realmente convencida de que Dan estava com outra mulher. Uma mulher a quem amava tanto que abrira mão de sua vida por ela. Tantas coisas sobre seu desaparecimento estavam sem explicação e não tinha outras respostas.

Grace deixou a autopista em Tacoma e pegou a estrada para o aeroporto. A estrada que Dan lhe ensinara.

— Posso lhe contar minha teoria sobre a confusão com nossos cartões de crédito?

Ela riu alto.

— Mal posso esperar para ouvir.

— Bem, para mim foi destino. Sina. Chame como quiser.

— A garçonete do Pancake Palace não foi a responsável?

— Foi apenas o instrumento do destino.

Grace se sentiu divertida e intrigada pela teoria.

— Então, estávamos destinados a nos conhecer.

— Sem dúvida. — Ele parecia convencido disto. — Passei a pensar no nosso encontro como um presente. Uma espécie de compensação por toda a dor que senti com o divórcio.

Grace sentiu um nó na garganta.

— Isto é muito doce, Cliff.

— Estou falando sério. Algum dia, quando você estiver pronta, espero que sejamos mais do que namorados.

Que termo antiquado e atraente, pensou Grace.

— Gostaria disto.

Ele ficou quieto e olhou pela janela enquanto se aproximavam do terminal.

— Sei que é importante para você encontrar Dan. Ou, pelo menos, descobrir o que aconteceu com ele.

— Gostaria de um fim para tudo, mas posso não conseguir. Aceito isto agora, sei que preciso continuar com minha vida.

— Está falando sério? — A expressão nos olhos dele revelou uma vulnerabilidade que a comoveu profundamente. — Porque, se está, então quero que pense em nós dois juntos, Grace.

— Você está falando sobre... — engoliu com força e estacionou junto ao meio fio para Cliff descer. — Está falando sobre nós levarmos o relacionamento... a sério?

A mão dele estava na maçaneta da porta.

— Sim — disse simplesmente.

Sem outra palavra, abriu a porta do carro; ela o fez parar pondo a mão no braço dele.

— Faça uma boa viagem.

— Obrigado.

Ainda assim, a mão dela continuou no braço dele. Debruçou-se em direção a ele e Cliff se aproximou para um beijo que foi longo o bastante para o carro atrás buzinar, impaciente. Cliff olhou rapidamente por sobre o ombro, então voltou-se de novo para ela.

— É esta a sua resposta?

— Não sei — disse ela, mas seu sorriso era caloroso. — Pensarei nisso enquanto você estiver fora.

— Faça isto — disse ele, seus olhos sorrindo nos dela.

OLIVIA ESTAVA excitada demais para se sentar imóvel. Stan chegaria a qualquer minuto agora e, com ele, James, Selina e a neta, Isabella Dolores Lockhart.

— Que horas são? — perguntou Charlotte. Sua mãe estava tão excitada por esta visita quanto ela. — Não sei por que concordou em deixar Stan pegá-los no aeroporto.

— Mãe, fazia sentido. Stan vive em Seattle.

— Sim, eu sei, mas parece que está demorando uma eternidade — murmurou ela, inquieta.

— Chegaram! — gritou Justine de seu lugar perto da janela da frente.

Stan abriu a porta de tela e Olivia e Charlotte correram para a varanda. Olivia desceu a escada correndo, os braços abertos para abraçar o filho assim que ele saísse do carro. Em minutos, Olivia segurava uma sonolenta Isabella nos braços. O bebê descansou a cabeça no ombro de Olivia e o coração dela se desmanchou de amor pela primeira neta.

— Vovó — disse James, abraçando Charlotte. — Você está maravilhosa.

— Bem, ainda não estou morta — garantiu Charlotte e deu um passo à frente, esperando ser apresentada a Selina. — Acho que meu número ainda não foi sorteado.

James passou o braço pela cintura da esposa e apresentou-a. Os olhos escuros de Selina brilhavam de felicidade quando abraçou Charlotte e depois cada um dos membros da família.

Seth e Justine apareceram quando os cumprimentos terminaram.

— Olhe só você, irmãzona — disse James, batendo de leve no estômago de Justine. — Quase uma mãe.

— Ainda tenho alguns meses de espera — ela reclamou.

— Oh, então você está apenas gorda.

— Cuidado com o que diz — advertiu Seth e os dois homens trocaram um rápido abraço.

— Bem-vindo à família — disse James a Seth.

— Obrigado.

Quando finalmente Olivia conseguiu fazer com que todos entrassem, sentiu-se fraca de alegria. Era tão raro ter a família toda reunida.

— Onde está Marge? — perguntou ao ex-marido. Quando planejaram este encontro, Olivia incluía a mulher dele.

— Marge não pôde vir — disse Stan, parecendo realmente pesaroso. — Mandou pedir desculpas.

— Por favor, diga a ela que é bem-vinda a qualquer momento.

— Direi — prometeu Stan. Olivia, porém, percebeu que ele não perguntara por Jack. Guardou esta observação para ser examinada mais tarde.

Enquanto Olivia e Charlotte arrumavam a mesa para o jantar, Stan segurou Isabella. O bebê se aninhou nos braços dele e quase imediatamente dormiu.

Olivia sorriu ao encontrar o ex-marido sentado numa cadeira de balanço com a neta nos braços. Parecia tão à vontade e relaxado. A última vez em que o vira assim fora quando James era um bebê e os gêmeos tinham cinco anos.... Olivia piscou para se livrar das lágrimas nostálgicas dessas lembranças. Correu de volta para a cozinha.

— Conte-me tudo — disse ao filho assim que Selina e Justine assumiram a tarefa de levar o alimento para a mesa da sala de jantar. — A marinha vai trazer você de volta para casa? Adoraria se fosse designado para a base de Bremerton.

— Lamento, mãe, mas parece que ainda vou ter que servir mais dois anos em San Diego.

Era difícil esconder seu desapontamento, mas Olivia tentou.

— Pelo menos a família de Selina está lá, e agradeço por isto.

— Meus pais amam James — disse-lhe a nora.

— Mas não foi assim no começo — revelou James, acariciando as costas da esposa quando ela passou por ele carregando uma grande travessa de salada verde.

— Com toda a razão — zangou Olivia. — Você engravidou a filha deles.

Olivia soube que James e Selina se casaram apenas um mês antes do nascimento de Isabella. Ficara desapontada por seus dois filhos terem se

casado sem a presença do pai e da mãe. Primeiro James e então, poucos meses depois, Justine fugira para Reno com Seth. Mesmo assim, acreditava que os filhos tinham se casado bem, o que era uma fonte de prazer para ela e Stan. Prazer e alívio.

Logo a família estava reunida em torno da mesa. Olivia e Charlotte haviam cozinhado e assado por dias, garantindo que James tivesse a oportunidade de saborear todos os seus pratos prediletos. Havia pimentões recheados e salada Caesar com torradas feitas em casa, além de espaguete com moluscos. James se serviu de cada prato duas vezes.

— Guarde lugar para a sobremesa — advertiu Charlotte.

— Vovó, você fez bolo de coco para mim?

James parecia um menino de novo, excitado pela sobremesa predileta.

— Fiz — garantiu Charlotte. — Só para você.

— Este é o bolo de que James fala tanto? — perguntou Selina. — Aquele que leva três dias para ficar pronto? Você me dá a receita? — pediu timidamente a Charlotte.

— Você começa com um coco fresco.

Diante dos olhos atônitos de Selina, Olivia se inclinou em direção à nora e sussurrou:

— Há atalhos.

— Mas não os tomo — disse Charlotte. — Pelo menos, não para James.

— Ele é mimado, — insistiu a esposa, os olhos brilhando de risos. — Não consigo deixar de mimá-lo também. Ele é tão *lindo*.

A observação deu origem a uma rodada de implicâncias bem-humoradas sobre como James era lindo.

Depois do jantar, ficaram sentados à mesa, tomando café, lembrando-se do passado, rindo, partilhando histórias. Um pouco mais tarde, Selina saiu para pôr o bebê na cama.

Olivia lhe mostrou o antigo quarto de James e Stan seguiu com a bagagem. Quando voltou e começou a descer a escada, Stan pôs uma das mãos no ombro de Olivia e a fez parar. Ela o viu olhando as fotos que cobriam a parede da escada. Embora estivessem divorciados há muitos anos, ela mantinha lá sua foto de casamento. Não por questões sentimentais, mas porque achava que era importante para os filhos.

O olhar de Stan parou numa foto escolar de Jordan, tirada no ano em que se afogara.

— Às vezes me pergunto...

Não terminou o que ia dizer, mas não era necessário; Olivia tivera esses mesmos pensamentos. Perguntava-se como seriam suas vidas se houvesse chovido naquele dia, ou se Jordan tivesse resolvido andar de bicicleta em vez de ir para o lago com os amigos.

— Mãe — chamou James da sala de estar. — Vovó está lavando os pratos.

— Gostaria de vê-la tentar — resmungou Stan, pulando os últimos degraus. — Charlotte, sente-se neste momento! Vou lavar os pratos.

— Você? — Aparentemente, Marge o treinara melhor do que Olivia jamais conseguira.

Stan parou quando viu a mesa da sala de jantar, a pilha alta com pratos, canecas, copos e tigelas.

— Eu, há, posso precisar de ajuda.

— Sou voluntário — ofereceu Seth.

— Não — insistiu Olivia. — Justine está exausta. Leve-a para casa, do contrário amanhã estará cansada demais para enfrentar o dia.

A grande inauguração do Lighthouse estava marcada para aquela semana e no dia seguinte haveria uma casa aberta para a Câmara de Comércio. Depois de passar dez horas por dia preparando a casa aberta, o casal precisava descansar. Felizmente, Justine pedira demissão do banco e Seth não trabalhava mais na marina.

Olivia abraçou a filha e o genro e os acompanhou até a porta. James se juntou ao pequeno grupo para se despedir.

— Ei, acho ótimo vocês dois estarem abrindo um restaurante — disse ele, acompanhando-os até a calçada.

Olivia correu de volta para a cozinha, dobrando as longas mangas de seda. Viu que Stan havia tirado a mesa, enquanto Charlotte pegara o tricô e começara a ver *Jeopardy*, seu programa de TV favorito.

Na cozinha, Olivia descobriu que a pia estava cheia de água com detergente para lavar as panelas e os potes.

— Não precisa fazer isto — disse a Stan.

— Eu quero. — Colocou os pratos e talheres na máquina de lavar, enquanto ela punha o alimento que sobrara em vasilhas fechadas e as guardava na geladeira.

— Tinha esquecido de como é bom seu pimentão verde recheado.

— Estou contente por ter gostado.

Então ele ficou quieto. Ela achou seu humor sombrio um pouco inesperado depois de toda a conversa alegre durante e depois do jantar.

— Acho que é melhor lhe contar — disse ele subitamente, de costas para ela enquanto enxaguava panelas.

— Contar o quê? — Ela riu. — Marge vai abandonar você? — Sorriu com a própria brincadeira.

— Sim... mais ou menos isso. — O riso havia desaparecido do olhar dele. — Marge e eu estamos nos separando.

Olivia não conseguiu esconder o choque. Sua brincadeira idiota e impertinente tinha acertado no alvo.

— Oh, Stan, lamento tanto.

— Sim, eu também.

— Por que vocês... — levantou a mão. — Não, não preciso saber. Só não esperava por isto.

— Nem eu. — Voltou a atenção para as panelas. — Foi um ano bem difícil para nós e decidimos na semana passada que seria melhor nos separarmos. — Olivia não sabia o que dizer. Pegando uma toalha, Stan enxugou as mãos, os olhos baixos. — Esta noite, com James e Justine aqui, vendo nossos filhos tão felizes e tão apaixonados... não sei, alguma coisa aconteceu.

— Aconteceu?

— Não sei como explicar. Somos avós, Olivia, e vamos ser avós de novo em breve.

— Sim...

— Sentar à mesa com nossos filhos me fez compreender o quanto gostaria de desfazer o passado, o quanto gostaria que fôssemos de novo um casal.

— Oh, Stan...

— Eu sei, eu sei, não devia ter dito isto, mas é verdade, me atingiu bem no meio dos olhos enquanto estávamos jantando. Cometi um erro terrível quando a abandonei e não posso deixar de me arrepender.

Cem vezes, ao longo dos anos, Olivia também lamentara o divórcio. Se fosse mais forte, mais capaz de lidar com a morte de Jordan, teria lutado para manter seu casamento, sua família unida. Mas agora era tarde demais para recuperar uma coisa que pertencia ao passado. Olivia reconhecia isto e, em seu coração, Stan também. Tinha certeza disso.

Capítulo

Dezessete

MARYELLEN FICOU impressionada com o Lighthouse. Justine e Seth haviam feito um trabalho de primeira classe na reforma do Captain's Galley. Sua mãe fora com ela à recepção e estava tomando vinho e conversando com Olivia num canto do restaurante. Aparentemente tinham muito do que falar, porque suas cabeças estavam juntas desde que Grace chegara.

Os *hors d'oeuvres* em bandejas de prata estavam dispostos sobre longas mesas cobertas de toalhas brancas. Na expectativa da festa, Maryellen comera pouco o dia inteiro e estava faminta. Com um prato de louça na mão, estava na fila do bufê conversando com outros membros da Câmara de Comércio.

A expressão podia ser um clichê, mas Justine realmente parecia radiante, pensou Maryellen enquanto observava marido e mulher receberem os convidados. Ela e Justine haviam conversado sobre a gravidez das duas e descobriram que teriam os bebês com uma diferença de apenas algumas semanas.

Conheciam-se a vida toda, mas, além do fato de suas mães serem amigas muito próximas, tinham pouco em comum. Para começar, Maryellen era sete anos mais velha e, na infância e na adolescência, isto era muito significativo. Justine estava na quinta série quando Maryellen se formara no ensino médio.

Nos anos seguintes, a vida as levou em direções opostas. Apenas agora, que ambas estavam grávidas e que seus bebês nasceriam tão perto um do outro, tinham passado algum tempo juntas. Comparavam suas anotações sobre a gravidez regularmente e poucos dias antes haviam saído juntas para comprar mobília para os bebês.

Maryellen se sentou numa das novas cadeiras estofadas e conversou amenidades com Virginia Logan, dona da livraria que ficava a duas portas

da galeira. Enquanto discutiam a iniciativa da Câmara de Vereadores de instalar canteiros de pedra para plantas ao longo das ruas principais, Justine se aproximou.

— Maryellen — disse ela, estendendo a mão. — E Virginia. Estou tão contente por terem vindo.

— Isto aqui está adorável.

— Sim, está mesmo — concordou Virginia.

— Então, o que acham? — perguntou Justine às duas. — Alguma sugestão de mudanças? — Maryellen compreendia como este negócio era importante para o jovem casal. Mas, mesmo assim, Justine queria sua opinião sincera, não apenas elogios e cumprimentos. Este era o motivo por que haviam decidido realizar a casa aberta.

— Tudo está fabuloso — disse Virginia, estendendo a mão para outro bolinho de caranguejo. Ela o pôs na boca, então fechou os olhos para saboreá-lo. — A comida é incrível.

Maryellen acenou, concordando.

— Temos que agradecer ao nosso *chef*, ele é maravilhoso.

— Onde o encontraram? — perguntou Virginia.

— Anunciamos e ele se candidatou. Seth o entrevistou e o contratamos. Não sei se compreendemos o quanto ele é bom até agora. Vocês gostariam de fazer uma visita à cozinha?

Virginia balançou a cabeça.

— Eu não, mas obrigada.

— Eu gostaria — disse Maryellen, mais por educação do que pela vontade de conhecer o funcionamento interno do restaurante.

Com Maryellen a reboque, Justine abriu caminho pela multidão que tomava vinho e saboreava a ampla variedade de pratos oferecidos. Quando passaram pela mesa do bufê, Maryellen pegou um guardanapo e um picle de aspargo. Jamais gostara de aspargos até ficar grávida, e agora não conseguia comer o bastante. Supunha que era o mais forte de seus desejos por alimentos estranhos.

Justine abriu a porta de vaivém e a manteve aberta enquanto uma garçonete passava, levando uma bandeja com um bolo de queijo e alcachofra, completo com uma cobertura fina como papel. Maryellen já o havia experimentado e ficara maravilhada com a inesperada mistura de sabores e texturas.

A cozinha brilhava com aço polido e um grande conjunto de panelas suspensas numa grade sobre as bancadas. Dois homens com os altos chapéus brancos de *chef* estavam trabalhando com eficiência, movendo-se pela cozinha num estilo quase sincronizado.

— Deixe-me apresentar nosso *chef* — disse Justine. — Jon, esta é uma grande amiga, Maryellen Sherman. Maryellen, este é o *chef* de quem lhe falei, Jon Bowman.

Fez uma pausa, franzindo a testa.

— Oh, esperem, vocês se conhecem da galeria.

Se houvesse tempo, Maryellen teria virado as costas e corrido. Mas foi obrigada a sorrir e estender a mão, rezando para Jon não dizer ou fazer nada que a constrangesse.

— Bom ver você de novo — disse Jon, mas seu olhar foi diretamente para sua barriga.

— Maryellen e eu vamos ter filhos no mesmo mês — disse Justine, como se quisesse encobrir a atenção muito óbvia de Jon na gravidez de Maryellen.

— Compreendo. — Encontrou os olhos de Maryellen, os dele semicerrados.

Ela ficou tentada a se segurar na bancada porque suas pernas pareciam ter perdido a força.

— Você é um *chef* muito bom — murmurou ela. — Os petiscos estão excelentes.

— Obrigado — disse ele, severo. Obviamente, não se tornara melhor em assuntos amenos.

— Este é Ross Porter, o *chef* de massas — disse Justine, afastando-a de Jon. — Nós o tomamos do André's também — disse ela, com um sorriso satisfeito. — Venha ver nossa câmara de congelamento. Quem adivinharia, um ano atrás, que eu ficaria tão excitada por uma coisa como esta? — riu Justine.

O resto da visita foi um borrão, enquanto Maryellen seguia Justine obedientemente pela cozinha.

— Em relação ao pessoal... — Tarde demais, Maryellen percebeu que era impossível formular uma pergunta coerente.

— Oh, você quer dizer o pessoal que trabalhava no antigo Captain's Galley? — perguntou Justine. — Mantivemos algumas das garçonetes e a anfitriã. Talvez a conheça, Cecilia Randall. O pai dela trabalhava como

barman. Ele se mudou para a Califórnia pouco antes de comprarmos o restaurante.

Maryellen conhecia pouco o pessoal do Captain's Galley, mas ficou satisfeita por alguns deles terem permanecido. Sua cabeça girava. Ficaria atônita se conseguisse fazer uma única pergunta inteligente.

— Vocês fizeram um trabalho maravilhoso — disse ela quando voltaram à parte principal do restaurante. E estava dizendo a pura verdade.

— Obrigada — disse Justine enquanto Seth se aproximava. Ele pôs os braços em torno da cintura da esposa e baixou a cabeça para sorrir-lhe.

Maryellen estava impressionada em como haviam se tornado um casal real, uma parceria em todos os sentidos. Impressionada e um pouco invejosa. Investir num restaurante tinha sido uma iniciativa ousada, mas pareciam determinados a ter sucesso.

Assim que pôde, Maryellen deu uma desculpa para sair. O coração batia com tanta força que mal conseguiu pensar enquanto ia para casa. Sabia, sem que ele precisasse dizer, que Jon logo a procuraria para conversar. Queria garantir a ele que não pediria nenhum tipo de apoio financeiro. Ele, obviamente, não estava interessado no bebê e, no que dizia respeito a ela, Jon Bowman era livre em todos os sentidos. Uma vez que compreendesse isto, tinha certeza de que o resto seria fácil.

Fazia uma hora que Maryellen estava em casa quando a campainha tocou. Já? Parecia que seu confronto aconteceria naquela mesma noite. Certamente não estava esperando ninguém.

Abriu a porta e lá estava ele, parado, parecendo um anjo da vingança em frente à porta de seu pequeno apartamento alugado, o rosto sombrio, olhando-a fixamente.

— Eu, hã, pensei que talvez você quisesse conversar — disse ela, deixando-o entrar no pequeno corredor.

— Você disse que não houve consequências da noite que passamos juntos.

— Eu menti. — Sua franqueza pareceu irritá-lo ainda mais.

— Por quê?

— Porque era óbvio que você temia que eu estivesse grávida. Queria uma saída fácil e eu a dei a você, portanto não tem motivo nenhum para estar zangado agora.

— Uma ova que não tenho! — gritou ele.

— Por favor. — Fez um gesto para ele se sentar. — Gritar não vai ajudar. Lamento que tenha sido um choque, realmente lamento, mas não há necessidade de ficar aborrecido.

Ele ignorou o convite para se sentar.

— Sem necessidade de me *aborrecer*? — gritou. — Claro que há. Você está grávida... vou ser pai. — Sua expressão fechada a desafiava a negar.

— Sim, mas... — A voz desapareceu. Não pretendia *negar* que ele fosse o pai de seu filho.

— Não tem nada a dizer? — Ele começou a caminhar pela sala.

— Poderia, por favor, ficar parado? — Mesmo se ele não quisesse se sentar, Maryellen sentiu uma necessidade súbita de fazer isto. Deixou-se cair no sofá e pôs as mãos sobre o estômago. — Por favor...

— Por favor o quê? Por favor vá embora?

— Não... provavelmente é melhor você saber a verdade.

— *Provavelmente*? — A palavra saiu como uma explosão.

Maryellen ergueu a mão.

— Escute... você está aborrecido e...

— Aborrecido? — repetiu ele. — Isto nem começa a descrever como estou me sentindo. Você não sabe nada sobre mim.

— Nada...? — Ela balançou a cabeça. — Não se incomode, não tem mesmo importância.

— O que importa é meu bebê — insistiu Jon.

— Quer parar de andar de um lado para outro? Está me deixando tonta.

— Sinto muito, mas se parar posso fazer alguma coisa de que me arrependerei.

— Isto é uma ameaça, Jon? — Não pensara nele como uma pessoa violenta, mas também nunca o vira tão descontrolado.

— Uma ameaça? — Olhou-a como se ela o tivesse chocado profundamente. — Não, Maryellen, não é uma ameaça. — Então, como se tivesse gasto cada grama de energia que tinha, deixou-se cair numa poltrona.

— Desculpe por isto. Acho que você tem o direito de saber.

— Droga, é claro que tenho!

Estava preparada para lidar com a raiva dele. Era o que esperava e, francamente, o que merecia. Se lhe desse um momento, ela o acalmaria e lhe diria que não precisava de seu apoio, e então os dois podiam continuar a viver suas vidas.

— Não quero que você se preocupe com coisa alguma. Este bebê é *meu*. Ele franziu a testa.

— *Seu* bebê? Sim... e meu.

— Jon, não preciso de nada de você. No que me diz respeito, você não faz parte da vida desta criança. Pretendo criá-la sozinha.

— Oh, não, você não vai!

— O que quer dizer? — perguntou ela. Pensava que era isto que ele viera ouvir. Estava aliviando-o de todas as obrigações com o bebê.

— *Quero* fazer parte da vida do meu filho.

— Isto é impossível!

— O cacete que é. — Ficou em pé de novo, os punhos fechados.

Maryellen também se levantou.

— Acho que deve ir embora.

— Vamos ver isso — disse ele e saiu furioso pela porta, deixando Maryellen abalada e insegura.

Por que, oh, por que tudo tinha de ser tão complicado? Isto não devia estar acontecendo assim. Sim, descobrir sobre a gravidez devia ter sido um choque para Jon, mas, depois que soubesse, presumira que se sentiria grato por ser aliviado de qualquer responsabilidade. Ao contrário, estava fazendo exigências... exigências que não estava preparada para atender.

ESTE FOI um dos momentos de maior orgulho da vida de Jack Griffin. Ficou em pé ao lado do filho e de Shelly no Colchester Park, que dava para Puget Sound. A vista panorâmica dos edifícios de Seattle era de tirar o fôlego.

A promessa de verão estava no ar; tulipas cercavam os canteiros de flores e abetos de 15 metros de altura erguiam-se como sentinelas, vigiando todos os que entravam no parque.

Em pé perto da água, com as costas para Puget Sound, Olivia estava diante do jovem casal, enquanto Jack segurava Tedd e Todd nos braços, tão orgulhoso como qualquer avô tem o direito de ser. Felizmente, os bebês estavam dormindo. Com três meses, haviam se desenvolvido muito bem e, embora fossem idênticos, Jack podia perceber as diferenças entre eles. Tedd era mais ativo do que o irmão e sempre dormia por último. Todd parecia contente com seu polegar, enquanto Tedd preferia uma chupeta. Os dois meninos o lembravam muito de Eric quando bebê, e Jack via o filho de novo e de novo nos dois netos.

A ex-mulher de Jack não pudera vir para o casamento. Presumia que Vicki ficara longe para não ter que vê-lo. Bob Beldon, seu padrinho nos AA, sugerira que Jack tinha uma opinião muito alta sobre sua importância para Vicki, mas Jack estava bem confiante de que compreendia sua ex-mulher corretamente. Não haviam se separado nos melhores termos e o pouco relacionamento que tinham na época do divórcio rapidamente desapareceu quando ele continuou a beber. O álcool consumira sua vida nos anos seguintes.

Fechando os olhos, forçou-se a se concentrar nos votos de casamento enquanto Eric os repetia. *Amar e honrar*. O coração de Jack apertou de amor pelo filho, pelos netos, pela nora e pela juíza Olivia Lockhart. Conhecê-la, passar o tempo com ela, tinha mudado sua vida para melhor.

Shelly repetiu seus votos e então o padrinho de Eric, um amigo do trabalho chamado Bill Jamison, entregou a Eric o anel de diamante, que ele pôs no dedo de Shelly.

— E agora eu os declaro marido e mulher — disse Olivia, e sua voz ecoou no parque.

No momento seguinte, Eric e Shelly se beijaram enquanto Olivia e os amigos ficavam em pé, olhando para eles e aplaudindo. Diversas pessoas, incluindo a dama de honra de Shelly, Karen Morrison, tiraram fotos.

Com o braço em torno de Shelly, Eric se voltou para Jack.

— Aposto que você se perguntou se jamais veria este dia.

— Quer dizer, você e Shelly se casando, ou eu segurando meus netos nos braços? — Parecia a Jack que era o mais abençoado dos homens, apesar de suas falhas e seu passado.

— Ambos — respondeu o filho.

Eric tirou Tedd dos braços de Jack e Shelly pegou Todd. Logo os dois bebês estavam seguramente presos em suas cadeirinhas e todos prontos para partir.

— Obrigado, Olivia — disse Eric.

— Sim, muito obrigada. — Impulsivamente, Shelly a abraçou e então acrescentou: — Por tudo. Você também, Jack.

— É melhor irmos andando para o aeroporto se quiserem pegar seu voo — disse Bill.

Era o mais responsável do grupo, observou Jack, o que os mantinha dentro do horário.

— Odeio me casar e correr assim — disse Eric.

Olivia e Jack os acompanharam até o estacionamento.

— Vá — disse Jack ao filho e se abraçaram uma última vez. — Mas me telefone amanhã, ouviu?

— Telefone, prometo. — Eric amarrou as cadeirinhas dos dois filhos no banco traseiro do carro do amigo.

Antes de Jack conseguir pensar num motivo para detê-los, os jovens saíram e ele ficou sozinho com Olivia. Seu olhar seguiu o carro de Bill enquanto saía do estacionamento do Colchester Park.

— Espero que fiquem bem — murmurou ele, mais para si mesmo do que para Olivia.

— Eles ficarão — garantiu ela.

Jack pôs o braço sobre os ombros dela e puxou-a para perto. Estas últimas duas semanas não tinham sido boas para eles. James viera para casa, para uma visita, e o tempo de Olivia, corretamente, tinha sido dedicado ao filho e à família dele. Isto era ótimo e certo, mas Jack achava que o ex-marido frequentava demais a casa dela. Mesmo assim não podia culpar Stan, já que James era filho dele também.

— Ver Eric e Shelly com os gêmeos me faz lembrar tanta coisa — disse ela, o olhar melancólico.

Jack não pensara nem uma vez que isto podia ser difícil para Olivia.

— Sinto muito — sussurrou, a voz abalada. — Não pensei.

— Oh, Jack, não há nada para se desculpar. Vejo gêmeos o tempo todo... só que agora, oh, não sei... é difícil, acho. Ter James em casa e ver Stan tantas vezes nas últimas duas semanas. Ver você segurando os dois bebês me fez lembrar. — Passou os braços em torno da cintura dele e a proximidade deu segurança a Jack.

Ainda abraçados, caminharam de volta em direção à beira do mar. Jack não estava pronto para ir embora. O dia fora glorioso e seu coração estava pleno. A vida do filho agora estava no caminho certo. Agradecia pelos meses que haviam passado juntos, apesar das irritações que, em retrospecto, lhe pareciam muito tolas.

— Sinto como se não tivesse conversado com você há séculos — reclamou Olivia.

— E de quem é a culpa? — Jack gostava de implicar com ela. Com o clima entre eles tão bom, agora talvez fosse o momento de declarar seus sentimentos, mas de novo hesitou. Adiarda por tanto tempo que, sempre que pensava nisso, sentia pânico.

— Por mais que tenha gostado de ter James e todos os outros em casa — dizia ela —, estou contente de ter minha vida de volta.

— Estou grato por ter você de volta — disse ele. — Não quero parecer egoísta, mas senti saudades de você.

— Também tive saudades de você. — Ela virou a cabeça e roçou os lábios na face dele.

O coração de Jack acelerou.

— Está falando sério?

Olivia riu, o som leve e doce.

— É claro.

Continuaram a caminhar de braços dados, esquecidos dos outros em torno deles. Amava ter Olivia só para si mesmo e, apesar do que dissera, não se sentia nem um pouco egoísta.

— Stan me fez uma confidência — disse ela subitamente.

Jack franziu a testa; a última pessoa de quem queria falar era o ex-marido dela.

— Oh? — disse ele, fazendo o melhor que podia para parecer interessado.

— Aparentemente ele e Marge estão tendo problemas.

Jack podia compreender isto. O homem era astuto. Certo, então Jack era preconceituoso, mas não gostava de Stan Lockhart, e com razão.

— Ele não vai se divorciar, vai?

— Espero que não.

— Eu também.

Sinos de alarme tocaram na mente de Jack. Bob sugerira que estava dando uma importância exagerada a esta situação com o ex-marido, mas suas entranhas lhe diziam o contrário.

— Estou preocupada com ele — continuou Olivia.

— Preocupada com Stan? — Jack fazia isto parecer perda de tempo. — Ele é um menino crescido... pode cuidar de si mesmo.

— Sim, sei que pode, mas isto realmente o abalou.

— Problemas conjugais não são fáceis. — Jack tentou parecer sereno e maduro, generoso, também, em sua avaliação dos problemas do outro homem. Não queria mal a Stan mas queria deixar claro uma coisa: Olivia não estava disponível.

— Pobre Stan — murmurou ela, balançando a cabeça.

Jack voltou-a em seus braços, o rosto diante do dele.

— Se quiser ter pena de alguém, que seja de mim.
— Você precisa da minha pena?
— Sim. — Ele sorriu. — Torci o tornozelo esta manhã e a dor é terrível.
— Começou a mancar exageradamente.
— Jack! — Afastou-se e lhe deu um tapa de leve no ombro. — Se algum dia vi uma fraude, é você.
— Ai. — Passou a mão no ombro. — Isto doeu.
— Ótimo, é o que você merece.
— Se tem pena de Stan, tem que ter um pouco de mim também.
Olivia riu.
— Isto não é uma competição.
— Escute, estou falando sério. Não me surpreenderia se Stan quisesse que você o ajudasse a passar por isto.
— Jack, você está sendo ridículo.
— Não acho. — O tom de brincadeira o deixara e ele enfiou as mãos nos bolsos da calça. — O que diria se eu confessasse que me apaixonei por você?
Olivia não respondeu por um longo momento. Jack parou de andar e se virou para observá-la. Ela olhou para ele com firmeza.
— Diria que parece um menino inseguro e que está tentando ganhar pontos numa competição imaginária com meu ex-marido.
Jack endureceu o queixo.
— Foi isto que pensei. — Então, sentindo que não valia a pena continuar a conversa, perguntou: — Está pronta para voltar agora?
— Se você está...
— Estou — disse ele. Na verdade, estava mais do que pronto.

GRACE AFUNDOU o forcado na terra macia e virou a grama. Não plantava uma horta há anos. O lugar onde antes cuidara de abobrinhas e tomates fora há muito transformado num gramado.

Cliff se oferecera para lavrar a terra com o trator e agora estava desenterrando a grama, para ele preparar o solo.

Buttercup, que estava ocupada correndo atrás de borboletas, latiu quando o carro de patrulha de Troy Davis virou na entrada de carros e parou. Grace se levantou, tirando as luvas de jardinagem e foi até o portão cumprimentá-lo.

— Oi, Troy.

— Grace. — Tocou a aba de seu boné de patrulha. — Tem um momento?

— É claro, entre. — Seu estômago revirou de antecipação. Queria perguntar se esta visita tinha alguma relação com Dan, mas já passara por isto antes. — Tem algum outro corpo que quer que eu veja? — Tentou brincar com o incidente.

— Não desta vez.

— Café?

Troy balançou a cabeça e se sentou na sala de estar.

— Sente-se, Grace.

A seriedade do tom lhe disse que alguma coisa estava terrivelmente errada. Sentou-se, nervosa, na beira da almofada do sofá.

— É Dan?

Troy assentiu.

— Recebemos uma informação de um casal de jovens, que fazia uma caminhada, sobre um trailer no alto da floresta.

— O trailer de Dan? Ele está lá?

— O corpo de Dan está. Ele se suicidou.

Grace arquejou e a respiração gelou nos pulmões. Por um longo momento não conseguiu respirar. Devia estar preparada para alguma coisa assim, mas nada poderia diminuir o choque de saber que o marido estava morto.

— Ele deixou uma carta para você. — Troy pôs a mão dentro de um bolso interno da camisa e tirou um envelope, que entregou a ela.

— Suicídio... mas quando?

— Pelo que pudemos descobrir, está morto há mais de um ano. Matou-se com um tiro em abril do ano passado.

— Mas não é possível! — argumentou. — John Malcom o viu em maio, não se lembra? Assim, não pode ser o corpo de Dan. Tenho certeza disso.

Estava desesperada para provar que o corpo era de outro homem. Tinha que ser algum engano. Simplesmente não era possível que o homem morto fosse seu marido.

— Grace, há uma data na carta....

— Não pode ter sido em abril — continuou ela a argumentar. — Ele voltou aqui em casa na última primavera... soube no momento em que retornei do trabalho. Senti. Não se lembra que lhe disse que a casa cheirava a sempre-verde? Quando Dan trabalhava na floresta, sempre tinha o cheiro

de uma árvore de Natal... reconheci o cheiro. Ele esteve nesta casa. Provavelmente voltou antes de 13 de abril...

— Sinto muito, mas não há dúvida. É ele.

Ela estava tremendo agora, tanto que não confiou em si mesma para se levantar.

— Quer que eu chame alguém?

Grace olhou para ele, incapaz de responder.

— Olivia?

Grace assentiu, então cobriu o rosto com as mãos enquanto lutava para segurar as lágrimas. Todos esses meses presumira que Dan fugira com outra mulher. John Malcom não podia ter se enganado. Trabalhava com Dan; certamente o reconheceria.

Troy foi à cozinha e usou o telefone de lá. Ficou ausente alguns minutos e, quando voltou, empurrou a banqueta e se sentou em frente a ela.

— Lamento, Grace. Lamento muito.

Ela tinha se voltado para dentro de si mesma e mal o ouviu. Percebia os lábios dele se movendo, mas não registrava uma só palavra.

— Olivia está vindo.

Ela assentiu, embora não tivesse compreendido o que ele dissera.

— Você quer que eu chame as meninas?

Ela apenas o olhou.

Troy lhe deu uma pequena e carinhosa palmada na mão.

— Não se preocupe com coisa alguma ainda. Conversarei com Olivia e ela me dirá o que é melhor, está bem?

De novo ela assentiu, sem saber com que concordava.

Buttercup quis entrar e Troy se levantou e abriu a porta para ela. A cachorra correu imediatamente para Grace e lhe acariciou as mãos com o focinho. Grace abraçou-a.

Enquanto Troy saía para receber Olivia, Grace pegou a carta. Não sabia onde encontrara a coragem para abri-la.

30 de abril

Minha querida Grace.

Lamento. Lamento mais do que jamais saberá. Se houvesse alguma forma de poupar você desse horror, teria encontrado. Juro que faria qualquer coisa. Tentei, mas não há escapatória do inferno em que

minha vida se tornou. Não aguento carregar o fardo da minha culpa nem mais um dia.

Tentei esquecer, tentei deixar a guerra para trás, mas as lembranças me pressionam de todos os lados e não tenho mais esperanças de escapar.

Anos atrás, quando estava numa patrulha no Vietnã, fomos atingidos por fogo inimigo. Depois, alguns de nós se separaram da unidade. Desesperados para achar nosso caminho de volta à base, encontramos uma pequena aldeia.

O que aconteceu então me assombrou todos esses anos. Uma jovem mulher com um bebê saiu das sombras. A menina estava agarrada aos braços da mulher, mas achei que estava escondendo uma granada. Só que não havia armas, tudo o que havia era a criança.

O instinto me dominou e atirei. Matei a mãe e seu bebê no meu desespero de sobreviver à guerra... meu desespero de continuar vivo. Vi-a cair, vi o horror lhe tomar o rosto e ouvi os gritos de sua família. Então houve mais tiros e mais mães e bebês e o tiroteio que nunca parecia parar.

Quase 40 anos depois, isto nunca desapareceu. Ouço os gritos delas à noite. Ouço esses gritos quando durmo, me amaldiçoando, me odiando. A ironia é que elas nunca poderiam me odiar mais do que odeio a mim mesmo.

Não há perdão para mim, Grace. Nada pode me absolver dos meus pecados. Nem você, nem nossas filhas e, tão certo como o inferno, nem Deus.

Lamento, mas é melhor para todos os envolvidos que isto termine aqui e agora. Não escrevi para Maryellen e Kelly. Não consegui. Nunca fui o marido que você merecia e não fui um pai de nenhuma forma.

Amo você. Sempre amei.

Dan

Grace leu a carta uma segunda vez, deixando os olhos descansarem em cada palavra, uma por uma, enquanto tentava assimilar o que diziam. Quando terminou, o nó em sua garganta a impediu de falar e as lágrimas lhe caíram dos olhos.

— É Dan — disse a Olivia, que estava ajoelhada diante dela.

Então, os gritos saindo bem do fundo dela, começou a chorar. Soluços intensos lhe sacudiam os ombros, soluços que abalavam seu próprio âmago. Quisera respostas, buscara soluções, mas não *isto*. Nunca isto. A morte de Dan, por um ferimento a bala que ele mesmo infligira, não era nem de perto o que esperara. Estivera preso, sozinho, num inferno particular. Fora apanhado numa dimensão de tempo, coberto de culpa e vergonha por uma guerra em que nunca quisera lutar.

As lágrimas caíram até não haver mais nenhuma.

— As meninas...

— Troy foi buscá-las para você — disse Olivia. — Estarão aqui a qualquer momento.

— Pensei que ele estava com outra mulher.

— Eu sei. — Olivia acariciou-lhe os cabelos quando Grace se debruçou nos braços confortadores da amiga.

— Todo este tempo ele estava morto.

— Sim.

— Quase desde o começo.

— Assim parece.

— Ele saiu uma noite e então voltou, lembra-se?

— Aparentemente mudou de ideia.

Grace soluçou.

— Ele voltou porque não podia se obrigar a fazer isto.

Lembrava-se de como ficara zangada com ele, de como Dan lhe respondera com raiva, alegando que vivera um inferno nos últimos 35 anos. Presumira que ele se referia ao casamento, quando todo o tempo fora a guerra. Tantas coisas começaram a se encaixar.

— Troy encontrou a carteira e a aliança dele no trailer.

Grace ergueu a cabeça.

— Ele deixou a aliança em casa. — Encontrara-a na noite em que jogara suas roupas fora de casa. O encontro da aliança dera origem a sua explosão de raiva. Acreditara, na ocasião, que ele *quisera* que ela a encontrasse. Acreditara que Dan quisera jogar na cara dela seu novo amor. Como estava errada.

— Esta foi a aliança que ele comprou com o cartão de crédito — sussurrou Grace.

Quando Dan desaparecera uma segunda vez, Grace voltara para casa e encontrara o quarto totalmente desarrumado.

Ele se fora e não levava nada, mas esvaziara as gavetas, praticamente destruíra o quarto. O que ela não entendera então era que fora uma busca. Procurava, entendia agora, sua aliança de casamento. Quando não conseguiu encontrá-la, fora à joalheria Berghoff's e comprara outra. Por algum motivo confuso... lealdade? Culpa? Os dois? Ele quisera ter a aliança no dedo quando deu um tiro na cabeça.

— Mãe! — Kelly correu para a sala com Paul e o bebê. Os soluços da filha lhe fizeram o coração doer e Grace estendeu os braços para ela. Maryellen chegou apenas alguns momentos depois. Juntas, formaram um círculo, abraçando-se, chorando, soluçando, se consolando reciprocamente. Então Grace beijou cada uma das filhas e sussurrou:

— Precisamos fazer os arranjos para o enterro. É hora de deixarmos seu pai descansar.

Capítulo

Dezoito

DANIEL SHERMAN foi enterrado três dias depois numa cerimônia particular, com a presença apenas da família e alguns poucos amigos. Bob Beldon, amigo de infância de Dan, fez a eulogia. Os dois homens tinham jogado juntos no time de futebol da escola e, logo depois da formatura, haviam se alistado no exército, num programa especial para jovens amigos.

Maryellen não percebera como Dan e Bob tinham sido próximos no passado. Depois do Vietnã, o pai se afastara dessa amizade e de todas as outras, enquanto afundava em seu inferno particular.

Maryellen voltou do serviço fúnebre física e emocionalmente exausta. Precisando de tempo para pensar nos acontecimentos do último ano, estacionou perto da galeria e foi a pé até a praia.

A área do mirante, onde os Concertos no Cove eram realizados nas noites de quinta-feira, durante o verão, estava deserta. Sentando-se num dos bancos da arquibancada, Maryellen olhou à frente enquanto considerava o complexo relacionamento que tivera com o pai. Ele a amava, sabia agora, tanto quanto era capaz de amar qualquer um. Kelly também... talvez um pouco mais. E amara a mãe delas.

Grace ficara profundamente abalada por sua morte. Maryellen atribuiu o intenso pesar de sua mãe ao fato de que ela não estivera preparada para o choque. Para ela, fora mais fácil acreditar que Dan estava com outra mulher... de certa forma, mais fácil de aceitar do que saber que ele havia tirado a própria vida.

Quanto aos próprios sentimentos, Maryellen estava confusa. Era seu pai e o amava, mas aprendera cedo a evitar Dan sempre que a escuridão o tomava. Aos cinco anos de idade, descobrira esta expressão. “A escuridão”. Agora tudo se explicava.

Seu pai fora assombrado pela culpa desde a guerra, uma culpa que não partilhara, da qual não podia escapar. Ela, também, lutava contra o passado.

Todo este tempo, acreditara não ter nada em comum com o pai e, sem saber, era mais parecida com ele do que acreditava. Uma lágrima lhe desceu pela face, depois outra, o choro chegando sem avisar.

Maryellen não era emotiva; recusava-se a ser, não podia se dar ao luxo de ser. Trancara suas emoções quando fugira de seu casamento.

Emoções tinham um preço muito alto.

O som de alguém se aproximando a fez se endireitar e enxugar as lágrimas. De alguma forma, não se surpreendeu quando viu que o intruso era Jon.

— Li sobre seu pai. Lamento muito. — Ele ficou em pé a alguma distância dela, mais abaixo na arquibancada e olhou para as águas. O céu era um azul sem nuvens e não havia vento.

— Obrigada.

A balsa entre Bremerton e Cedar Cove navegava em direção ao píer. Maryellen se concentrou nela, em vez de em Jon. Ele não foi embora e ela queria ficar sozinha. Se não falasse, talvez ele entendesse e a deixasse em paz.

— Lamento falar sobre isto agora...

— Então não fale — pediu ela.

— Você tirou de mim a escolha. — Para crédito dele, havia um pedido de desculpas em sua voz. — Se tivesse me contado sobre o bebê, poderíamos...

— Poderíamos o quê? — gritou ela. — Nos livrar dele?

A raiva dela o chocou. Enrijeceu e então subiu corredor pela arquibancada e ficou em pé diante dela.

— Não, Maryellen, poderíamos ter conversado como pessoas civilizadas. Mas você me enganou, me deixou pensar que estava tudo perfeitamente bem e não estava.

Ela abaixou a cabeça e olhou os próprios pés.

— Está enganado. Tudo *está* bem. Vou ter meu bebê.

— É aí que você está enganada. Este não é o seu bebê, é o *nosso* bebê.

— Não. — Um gelo lhe percorreu a espinha, um medo intenso.

— Um pai também tem direitos.

Maryellen ficou gelada por dentro.

— Quanto isto vai me custar?

— O quê? — Ele franziu a testa, claramente confuso.

— Quanto quer em dinheiro para me deixar e deixar meu... a mim e ao bebê em paz?

Ele olhou fixamente para ela por um longo e tenso momento.

— Quer me pagar para ficar fora da vida do meu filho? É isto que está sugerindo?

Ela assentiu.

— De jeito nenhum! — Ele parecia zangado e revoltado. Então a deixou completamente confusa quando perguntou: — Quem lhe contou?

— Me contou o quê? — Parecia que havia alguma coisa que podia usar contra ele.

— Se não sabe, então raios me partam antes de lhe entregar mais uma arma.

A mente dela trabalhava freneticamente, juntando tudo o que sabia sobre ele. Trabalhava como *chef*, era um fotógrafo talentoso e herdara do avô aquele incrível terreno. Isto era tudo do que sabia dele... com mais um detalhe. Era um amante fabuloso. Este último pensamento fez seu estômago apertar.

— Quando tirou aquela foto minha?

Ele não respondeu, mas não saiu.

— Eu a vi em Seattle. Aquela *sou* eu, Jon. Pensou que não me reconheceria? — Não era a única a enganar.

Quando olhou para cima, viu que ele parecia envergonhado, como se constrangido por ela ter visto alguma coisa que ele nunca pretendia que ela visse. Bem, vira e não gostava.

— Achei que nunca veria aquela foto — admitiu ele, as mãos nos bolsos.

— É claro que achou. Você me seguiu, Jon? Quando tirou aquela foto?

Ele se sentou no banco a alguma distância dela. Manteve os olhos na água e nos picos ásperos das montanhas Olympics ao fundo.

— Somos ambos adultos. Deveríamos ser capazes de chegar a um acordo sobre o bebê.

— Se não quer dinheiro, então o que quer?

— Meu filho — disse ele. — Ou minha filha.

— Por quê? Por que meu bebê tem importância para você? É alguma espécie de orgulho masculino? Ou vingança? Ou o quê?

Ele balançou a cabeça.

— Um filho é um filho, e isto é muito mais do que jamais esperei receber da vida. — A voz estava rígida de raiva. — Desisti de muita coisa durante

anos, mas não vou me afastar da minha própria carne e sangue.

Maryellen estava começando a se sentir realmente amedrontada. Não pensara que teria interesse pela criança. Havia se enganado completamente naquela vez antes do Natal. Com base na reação dele e na própria experiência, acreditara que não ia querer nada com a criança.

— Está bem — disse ela com relutância. — Vamos conversar sobre isto. Que tipo de envolvimento quer ter?

— Quero custódia conjunta.

— Nunca na sua vida! — A reação dela foi forte e imediata. — Não posso fazer isto.

— Por que não?

— O que você sabe sobre os cuidados com um bebê?

Ele deu de ombros.

— Tanto quanto você.

— Você trabalha à noite — argumentou ela.

— Você trabalha de dia. É um arranjo perfeito. Nosso bebê ficará com um de nós o tempo todo.

Agora o estômago de Maryellen estava cheio de nós apertados.

— Isto é difícil demais... estaremos levando o bebê todos os dias de uma casa para outra.

— Você perguntou o que eu quero, então lhe digo — continuou Jon. — A custódia conjunta é a número um na lista, mas também quero estar no hospital quando o bebê nascer.

— Você quer estar lá? Por quê?

Ele ignorou a pergunta.

— Já tem uma acompanhante para o parto?

— Minha mãe.

— Ótimo, tenha sua mãe com você. Mas, depois que o bebê nascer, quero ser o primeiro a segurá-lo, ou segurá-la.

— Não. — Isto estava ficando complicado demais, irracional demais. Ela ansiava por ele simplesmente deixá-la em paz. Já passara por uma experiência traumática hoje e não estava preparada para lidar com outra.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou com sarcasmo pesado.

— Oh, sim, há diversos outros itens na minha lista.

— Estava com medo disso.

— E sua resposta provavelmente é a mesma, não é?

Via agora que fora ingênua ao pensar que ele seria como Clint e que exigiria que ela se livrasse do bebê. Fora ainda mais ingênua ao não pensar que Jon poderia realmente querer se envolver na vida do bebê.

— Por que não pode ser como os outros homens? — resmungou, irritada. *Como Clint, por exemplo.*

— Eu? — desafiou ele. — Por que não pode ser como as outras mulheres, que usam uma criança como um vale-refeição e uma forma de manipular os homens?

— Você tem uma opinião bem ruim sobre as mulheres.

— Não é pior do que a que você tem sobre os homens.

Marcara um ponto.

— Touché.

Ele deixou a conversa morrer por um momento, depois se virou para ela.

— Não podemos fazer um acordo, Maryellen? Você me deixará, voluntariamente, fazer parte da vida do meu bebê? Ser pai do meu filho?

Que ele lhe pedisse isto no próprio dia em que enterrara o pai era uma ironia de que não se esqueceria.

— Tenho que tomar uma decisão agora?

— Sim, temo que sim.

— Por quê?

— Porque já fui a um advogado. Se não fizermos um acordo entre nós, vou levar você ao tribunal.

NO DIA em que Grace enterrou o marido, ficou com as filhas ao lado do túmulo aberto e as abraçara com força para que as três dissessem adeus a Dan. O pesadelo acabara. Tinha as respostas de que precisara.

O que não previra fora o doloroso pesar que as acompanhara. Por três dias, tivera pesadelos. As perguntas e dúvidas que a haviam atormentado constantemente desde seu desaparecimento tinham desaparecido com a carta dele; sabia agora que não tinha culpa pela infelicidade dele ou por sua escolha final.

Mas descobrira que as respostas eram tão atormentadoras como as perguntas. Dan decidira tirar a própria vida. Escolhera se matar em vez de enfrentar o passado, em vez de lidar com o futuro, em vez de buscar ajuda profissional.

O que Dan escrevera na carta explicava seus humores sombrios, mas não lhe dera o perdão que buscava. Não explicava por que seu marido não fora

capaz de se voltar para ela em busca de ajuda. Falhara com ele, falhara com o casamento. Dan nunca mais fora a mesma pessoa depois do Vietnã; ela sabia disso e devia ter buscado ajuda para ele.

Com os amigos e a família junto a ela nos últimos dias, fora fácil deixar de lado as perguntas incessantes, mas agora se achava sozinha. As meninas estavam nas casas delas. Fizeram as pazes com o pai e voltaram para suas vidas. Mas Grace não tinha certeza de que algum dia poderia fazer o mesmo. O último ato de Dan mudara completamente a maneira como via seu casamento... sua vida.

Ferveu água e então deixou o pote de chá pronto enquanto trocava seu conjunto por calça preta e uma blusa sem mangas. Os olhos ardiam das lágrimas que derramara, mas agora estavam secos. Assim que se serviu de chá, a campainha da porta tocou.

Grace achou que podia ser Olivia e receberia bem a melhor amiga. Seus sentimentos eram contraditórios; não queria ficar sozinha, mas também não queria companhia. Olivia compreenderia.

Mas era Cliff Harding quem estava à porta, um buquê de perfeitos botões de rosas amarelas na mão.

Ela piscou, atônita por vê-lo, e imediatamente, para seu total constrangimento, se dissolveu em lágrimas. Cobrindo o rosto com as duas mãos, chorou alto. Cliff abriu a porta de tela, entrou e a tomou nos braços.

Grace se agarrou a ele. Sentia as rosas comprimindo suas costas, os pequenos espinhos rasgando o tecido da blusa, e mesmo assim continuou agarrada a ele, chorando e soluçando, seus gritos ecoando na casa vazia.

Cliff levou-a para o sofá, os braços em torno dela enquanto seu corpo tremia com os soluços.

Não soube quanto tempo se passou, mas quando as lágrimas pararam, ergueu a cabeça e se desculpou entre soluços:

— Não pretendia... fazer... isto.

— Estou contente por ter feito — disse ele, com calma.

Sem compreender seu comentário, ela ergueu os olhos para ele com uma pergunta.

— É bom se sentir necessário. Há muito tempo que ninguém precisa de mim.

Grace pressionou a cabeça nos ombros de Cliff e exalou profundamente. Sentiu-se confortada por seu calor, sua força sólida.

— Nunca esperei que acabasse assim — sussurrou ela.

— Sei que não. — Apertou o braço em torno do ombro dela e beijou-lhe o topo da cabeça. — Lamento, Grace, lamento mais do que você jamais saberá.

— Ele me escreveu uma carta.... Ajudou a explicar. Todos esses anos acreditei... Pensei que havia mais alguém, alguma outra mulher que pudesse fazê-lo feliz.

A mão dele lhe acariciou os cabelos.

— E aquele amigo que o viu na cidade?

— De acordo com o xerife, não podia ter sido Dan.

— Um caso de identificação errada?

Grace assentiu.

— Tem que ser. — Assoou o nariz num lenço de papel, pensando que devia estar com uma aparência horrível. — Isto também explica os presentes de Natal destruídos que encontrei.

Era um sinal da profundidade de sua depressão. Achava que não merecia nada de bom na vida, a ponto de destruir o que amava, incluindo os presentes que sua família lhe dava. Seu mundo era um abismo negro, gelado. Sentia-se preso na escuridão e não encontrava a saída.

— Descobriu onde ele arranjou o dinheiro vivo para comprar o trailer?

— Isso eu não sei. Nunca tivemos 13 mil dólares de uma vez em todos os anos em que fomos casados. Com Dan trabalhando apenas parte do ano, frequentemente vivemos apenas com o meu salário, economizando, indo de um pagamento para outro. Tivemos que fazer empréstimos para pagar os estudos das meninas. Não compreendo como ele conseguiu guardar tanto dinheiro.

— Deve ter planejado isto durante anos.

Grace acreditava nisso também.

— Não sei se ele pretendia se matar imediatamente.... Acho que ele queria apenas fugir. Dan amava a floresta. Sentia-se mais em paz lá do que em qualquer outro lugar. Seu humor ficou muito pior depois que perdeu o emprego de lenhador. Eu apenas presumi...

— Você presumiu que sua depressão era causada pela perda do emprego, o que é natural.

— Foi — disse ela. — Compreendo agora que ele perdeu qualquer sensação de paz que ainda tinha quando foi obrigado a deixar a floresta. Foi por isso que comprou o trailer. Acho que pretendia viver lá por algum

tempo, pensar na vida... — Suspirou. — *Gostaria* de pensar que foi assim, mas não tenho como saber. Ele voltou para casa uma vez, estou certa disso.

Mesmo assim, Grace não sabia por que tinha voltado para casa por tão pouco tempo. Sentiu uma onda de piedade por ele e desejou de novo ter sido mais perceptiva.

— Posso fazer alguma coisa por você? — perguntou Cliff.

Grace balançou a cabeça.

— Estou tão cansada. Não dormi mais do que duas ou três horas seguidas desde que Dan foi encontrado.

Ele lhe roçou a têmpora com os lábios.

— Durma agora — aconselhou ele.

Ela pegou a mão dele e segurou-a.

— Não quero que vá embora.

— Não vou. Estarei bem aqui quando você acordar.

— Promete? — Isto era importante para ela por motivos que não queria analisar.

— Prometo.

Levou-a até o quarto. Quando ela se deitou, ele a cobriu com um cobertor, abaixou-se e lhe beijou o rosto. Então saiu do quarto e apagou a luz.

Grace fechou os olhos, ouviu a porta se fechar suavemente e pensou que, embora o sono fosse tentador, tudo o que precisava agora era descansar os olhos por um momento. Mas dormiu instantaneamente. Quando acordou, três horas depois, já havia anoitecido e estava em meio à escuridão. Levou alguns segundos para se orientar e então ouviu alguém na cozinha. Jogou para o lado o cobertor com que Cliff a cobrira, desceu da cama e foi até o corredor.

— Cliff?

— Estou aqui. — Ele apareceu usando seu avental com um sorriso encantador. — Fiz jantar para nós.

— Você cozinha?

Ele deu de ombros.

— Não espere nada complicado.

A mesa estava posta, tudo cuidadosamente no lugar. Um cheiro delicioso vinha do forno. Ele arrumara as rosas num vaso sobre a mesa e usara sua melhor louça e toalha. O cuidado dele lhe aqueceu o coração.

— Olivia telefonou — disse Cliff. — Conversamos um pouco. Maryellen também telefonou. Talvez queira retornar a ligação mais tarde.

— E Olivia? Devo retornar a chamada?

— Apenas se quiser. Estava mais preocupada de você não ficar sozinha, mas garanti a ela que estava aqui com você. Não vou a lugar nenhum, Grace.

As palavras dele a confortaram. Sentia-se tão desesperadamente sozinha desde a descoberta do corpo de Dan. Mesmo depois do seu desaparecimento, não experimentara esta solidão gelada.

Pegando as luvas de cozinha, Cliff tirou uma assadeira do forno.

— Espero que goste de torta de carne com batatas.

Não tinha vontade de comer, mas assentiu. Desde que ele se dera a tanto trabalho, o mínimo que podia fazer era se esforçar para demonstrar sua gratidão. Só quando se sentou à mesa percebeu como estava com fome.

— Você é um ótimo cozinheiro.

— Obrigado. — Ele sorriu, aparentemente contente com o elogio. — Mas meu repertório é apenas o básico.

Quando terminaram a refeição, demoraram tomando café e então, como sentiu a necessidade de fazer alguma coisa com as mãos, ela começou a tirar a mesa. Cliff insistiu em ajudar e não aceitou um não como resposta.

— Falei sério sobre o que disse a Olivia — revelou Cliff enquanto punha um prato na lavadora de louça.

— O que quer dizer?

— Não vou deixar você sozinha. Não se preocupe, não vou acampar na sua sala de estar, mas quero que saiba que ficarei aqui pelo tempo que você quiser. — Debruçou-se sobre a bancada e suspirou. — Hoje, o dia em que enterrou seu marido, provavelmente não é a hora de lhe dizer isto, mas gosto profundamente de você, Grace.

As palavras dele ficaram presas no ar entre eles.

— Também gosto de você — disse ela, calma. Sabia que Cliff faria parte da vida dela com tanta certeza como a de que o sol brilhava no céu.

— Você se sente da mesma maneira?

— Não pareça tão surpreendido.

— É só que... maldição, não pode dizer isto a um homem quando ele tem um pano de pratos na mão.

— É claro que posso — brincou ela. — E sabe por que? Porque não pretendo me afastar de *você* hora nenhuma também.

Então estavam nos braços um do outro. Não se beijaram; o dia do enterro de Dan era cedo demais para isto. Mas o dia *chegaria*, e ambos saberiam quando chegasse.

— TEM certeza de que seu namorado não se importa de eu roubar você numa noite de sexta-feira? — perguntou Stan a Olivia enquanto estavam na fila do cinema.

— Jack está ocupado. — Telefonara para convidá-la a ir com ele à reunião da diretoria da escola, mas recusara.

Como Jack era tão paranoico sobre Stan, não mencionara que iria ao cinema com o ex-marido. Mas lhe contaria mais tarde; apenas não queria uma briga por causa disso.

— Isto é quase como nos velhos tempos — disse Stan.

— Não, não é. Você vai comprar a pipoca ou eu vou?

— Você vai — disse ele.

— Bem, pelo menos nisso acho que *é* como nos velhos tempos.

Com três filhos pequenos, uma noite fora era bem rara para eles. Ir ao cinema uma vez a cada seis meses era um programa precioso. Para economizar tempo, Stan geralmente comprava os ingressos enquanto ela ficava na fila da pipoca.

— Mas onde está Clark Kent? — perguntou Stan quando entraram no cinema.

Certamente estava curioso.

— Teve que ir a uma reunião.

— Vai contar a ele sobre isto? Porque não quero ser uma fonte de problemas entre vocês.

— É claro que vou contar a ele. — Não gostava de segredos e Stan devia saber. A pergunta a irritou.

Sentaram-se na última fileira de poltronas e, assim que se instalaram, Olivia pegou pipocas para comer.

— Você realmente gosta desse camarada, não gosta?

Com a boca cheia, ela apenas acenou. Era verdade que gostava. Jack era inteligente, tinha opiniões sobre tudo e senso de humor; ele a desafiava e a fazia rir. Era também um pouco inseguro, mas considerava este um defeito menor.

Stan parecia prestes a lhe fazer outra pergunta quando o filme começou e Olivia ficou grata. Não queria passar a noite discutindo seus

relacionamentos pessoais.

Depois do cinema, pararam no Pancake Palace para tomar café com bolos. Isso também tinha sido parte de sua rotina no passado. Mas enquanto estavam sentados em frente um do outro, Olivia estava determinada a não deixar Stan fazer referências nostálgicas sobre o passado de ambos ou lhe perguntar sobre Jack. Fizera contato com ela querendo conselhos sobre seu casamento, assim, este seria o assunto de suas conversas.

— Você e Jack estão...

— Espere um minuto. — Olivia ergueu a mão. — O assunto desta noite é você ou eu?

Stan baixou os olhos.

— Nunca aceitei o fracasso com facilidade.

Olivia mordeu a língua para se impedir de lembrar-lhe que fora ele que se afastara dela, de casa, do casamento deles. Ele é que pedira o divórcio e que insistira em que seu casamento acabara.

— O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça.

— Marge quer se separar.

— Por quê?

— Ela diz que não me ama mais... que antes tivemos alguma coisa especial, mas não temos mais. Já pediu o divórcio.

— Como se sente sobre isto?

Stan se recusou a encontrar os olhos dela.

— Dói como o diabo.

Então, já que sua experiência pessoal lhe dera uma compreensão mais profunda sobre Marge, Olivia perguntou:

— Acha que conheceu outro homem?

O olhar de Stan se ergueu para o dela enquanto acenava lentamente.

— Há algum tempo que penso isso.

Olivia não teve nenhuma sensação de satisfação por ter tido razão. Sentiu pena do ex-marido e de sua segunda mulher. Stan e Marge uma vez tiveram um casamento sólido, mas aparentemente os antigos padrões voltavam com força. Lembrou-se que Marge também era casada quando conheceu Stan que, na época, era casado com ela, Olivia.

— Lamento.

Tentou mostrar que não dava muita importância, mas Olivia o conhecia bem o bastante para reconhecer a dor nos olhos dele. Pela primeira vez,

olhou para ele e não viu o homem intensamente atraente que fora antes. Stan parecia velho e, de alguma forma, gasto, a pele pálida e enrugada.

Conversaram por cerca de uma hora e ela ficou atônita ao ver que eram quase 9h quando pagaram pelo café e o bolo.

— Não tenho dormido bem — confessou ele enquanto voltavam para a casa na Lighthouse Road. — Tenho que confessar, Olivia, esta história de divórcio realmente me abalou.

Ela lhe deu um pequeno tapa na mão.

— A vida tem uma forma de solucionar tudo. Não desista ainda de Marge.

Stan parou ao lado da estrada. O sol estava se pondo e os últimos raios de luz lançavam um brilho dourado sobre as águas da enseada.

— Sempre adorei a vista da casa deste ponto — disse ele, desligando o motor do carro.

Olivia também gostava. Lembrava-se de quando vira pela primeira vez a casa antiga com a placa de “Vende-se” no pátio da frente. Sentira então um frio na espinha. Nem precisou conhecer o interior para saber que esta era a casa que queria para sua família. Embora o preço fosse alto para eles, haviam conseguido, juntos, dar a entrada e fazer um empréstimo para pagar o restante. Os gêmeos estavam com quatro anos na ocasião, e era a primeira vez que tinham uma casa própria.

Infelizmente, a casa não tinha sido o suficiente para manter a família unida depois da perda de Jordan. No entanto, de muitas maneiras, Olivia a considerava um símbolo de tudo o que fora bom no casamento deles.

— Marge saiu de casa no último fim de semana.

Olivia não sabia disso.

— Lamento, Stan.

Ele suspirou e desviou o olhar.

— Obrigado por não tripudiar. É isto que mereço, não é?

— Estamos divorciados há muitos anos.

— Sim, eu sei, mas você foi muito decente sobre isto, Liv, realmente decente.

Ela não tinha certeza de que isto era inteiramente verdadeiro.

— Não sei se posso enfrentar a volta para casa. Pelo menos, não esta noite. — Ele parecia cansado e deprimido.

— O que vai fazer?

— Vou para um hotel.

Olivia sabia que isto podia ser apenas uma manobra, mas sentia realmente pena dele e compreendia que não quisesse voltar para uma casa vazia.

— Não há necessidade de fazer isto. Pode dormir no antigo quarto de James e voltar para Seattle amanhã de manhã.

A expressão do rosto dele perdeu parte do estresse.

— Você não se incomodaria?

— Não, mas tenho um compromisso amanhã. Tenho que sair às nove.

Ela e Jack iriam a Sol Duc Hot Springs para ele fazer uma pesquisa para um artigo sobre viagens. Como o carro dela era melhor, ela o pegaria em casa.

— Sem problema, estarei na estrada às oito. Ou mais cedo, se você quiser.

— Qualquer hora antes das nove está ótimo.

Stan estacionou seu BMW atrás da garagem e, antes que ele fosse para o andar superior, Olivia lhe deu toalhas limpas. Esta era a primeira vez que dormiam na mesma casa desde o divórcio. Enquanto se preparava para se deitar, Olivia se perguntou se fizera a coisa certa ao convidá-lo para ficar.

Pela manhã, suas dúvidas tinham desaparecido. Acordou às 7h e, enquanto fazia café, ouviu o chuveiro no andar superior. Cantarolando baixinho, ficou surpresa ao ouvir alguém tocando a campainha da porta. Correu para atender.

— J... Jack? — gaguejou, na mesma hora temendo que ele ouvisse Stan e pensasse o pior.

— Cheguei trazendo presentes. — Carregava dois potes de café e um saco de padaria. — Barras de bordo — disse sedutoramente. — Suas favoritas. Pensei em tomarmos juntos o café da manhã antes de sairmos.

— Eu...

— Olivia — chamou Stan enquanto descia a escada.

Parou gelado quando viu Jack. Vestia um roupão velho de Justine e calçava chinelos velhos dela também.

— Você se lembra de Stan, não se lembra? — murmurou ela, o que era provavelmente a coisa mais estúpida que jamais dissera.

— Oh, sim, eu me lembro de Stan. — Os olhos de Jack estavam frios e semicerrados.

Stan, fazendo o melhor que podia para parecer digno, apertou mais o roupão de seda em torno do corpo.

— Obviamente, minha noção de hora não podia ser pior — disse ele.

— Ao contrário — disse Jack. — Sua noção de hora não poderia ser melhor.

— Lamento. — Stan lançou um olhar pedindo desculpas a Olivia e voltou a subir rapidamente a escada.

Jack e Olivia se enfrentaram.

— Não pode acreditar que Stan e eu... dormimos juntos. — Certamente Jack tinha mais confiança nela do que isto!

— Seja o que for, Olivia.

Era uma reação tão infantil que ela não soube como reagir.

— Ele quer você de volta.

Ouvira isto antes. Mas Jack não sabia o quanto Stan estava sofrendo. Isto *não* era o que parecia!

— Pode acreditar ou não — continuou Jack. — Depende exclusivamente de você. Mas vou lhe dizer uma coisa. É ele ou eu, você decide.

— Quer que eu diga a meu ex-marido que não o verei de novo?

Certamente até Jack perceberia que não tinha o direito de fazer uma exigência dessas.

— É exatamente isto que eu quero, ou então está tudo acabado entre nós.

— Não aceito ultimatoss — disse Olivia.

Jack colocou o café e as barras de bordo sobre a mesa da sala de jantar.

— Isto me diz tudo o que preciso saber. — Voltou-se e se encaminhou para a porta.

Olivia estava tão chocada que não soube o que fazer. Chocada e zangada. Precisou de dez segundos para decidir segui-lo. Jack já estava ao lado de seu carro velho.

— Está dizendo que Stan me quer de volta?

— Ele deixou isto claro há meses. — A mão de Jack estava na maçaneta da porta do carro.

Como ousava ele sair assim! Se o que dizia *fosse* verdade, então podia pelo menos mostrar um pouco de energia e lutar por ela.

— Jack Griffin, você gosta mesmo de mim? — perguntou ela.

Ele se voltou e olhou fixamente para ela.

— Ele ou eu. Você tem que decidir.

Então o sr. Tiro Certoiro ainda estava fazendo aquele jogo.

— Está enganado, não sou eu que estou tomando decisões, é você. É você que está fugindo. É você que está impondo ultimatoss.

— O que quer que eu faça?

Finalmente uma pergunta que ela podia responder.

— O que eu quero, Jack Griffin, é que você *lute* por mim. Que me prove que é digno de toda a confiança que tenho em você.

Capítulo

Dezenove

MARYELLEN SE sentia completamente grávida. Achava difícil acreditar que ainda teria que esperar seis semanas para o nascimento do bebê. Não tivera notícias de Jon desde meados de junho, a tarde em que seu pai fora enterrado.

Não era tola o bastante para acreditar que ele desistiria de tomar uma iniciativa legal sobre o bebê. Nas três semanas que haviam se passado, ela ficara constantemente alerta, esperando que ele transformasse suas ameaças em realidade.

Com a chegada do verão, Maryellen estivera muito ocupada com o constante fluxo de turistas. A galeria estava indo bem, mas diversos de seus clientes de verão ficaram desapontados por descobrirem que ela não vendia mais o trabalho de Jon. Ouvira boatos de que as fotos dele estavam vendendo excepcionalmente bem na Bernard Gallery, em Seattle.

Segundo os boatos, suas fotos eram vendidas quase imediatamente depois de serem entregues. O problema era o mesmo de quando ela as vendia: as entregas eram esporádicas e a demanda era muito superior à oferta. Agora compreendia os motivos muito melhor. Antes cozinhava no André's e agora trabalhava cinco longos dias por semana no Lighthouse, que estava rapidamente conquistando a reputação de ser um dos melhores restaurantes da região. O empreendimento de Seth e Justine parecia estar florescendo com Jon no leme.

Maryellen estava contente com o sucesso do casal. O que a aborrecia, o que a deixava totalmente irritada, era o toque de ouro de Jon. Era perfeito demais, bom demais. O talento fluía dele como a água derramada num copo já cheio. Ele planejava e construía a própria casa, tirava fotos brilhantes e era um *chef* talentoso. A não ser por sua falta de pequenas habilidades

sociais... o que poderia, na verdade, ser mais uma prova de sua sinceridade, e portanto mais uma qualidade positiva... o homem parecia não ter falhas.

Se realmente a levasse ao tribunal para conseguir a custódia conjunta do bebê, havia toda a probabilidade dele vencer. A menos que fosse capaz de descobrir alguma coisa errada no passado dele... Sentia que Jon guardava segredos e ele mesmo admitira que havia alguma coisa que poderia usar contra ele.

O pensamento a inquietava. Lutar pela custódia num tribunal não era o que queria. Planejara criar a criança sozinha. Presumira que, se e quando Jon soubesse do bebê, ficaria aliviado por ela não tê-lo envolvido. Mas... como tanta coisa mais na vida dela...tinha se enganado.

Na hora de fechar a galeria, Maryellen estava cansada e indisposta. Seus pés doíam, sentia-se gorda e desajeitada, e a última coisa que queria era preparar o jantar. Peixe e batatas fritas lhe pareceu um prato atraente, assim parou num pequeno café perto do Colchester Park que servia um dos melhores.

Sentou-se a uma mesa do lado de fora, com o mar do outro lado da rua e a paisagem de Seattle à distância. Ergueu os pés, descansou-os no banco oposto e colocou a caixa sobre a mesa, lambendo os dedos para saborear o gosto salgado das batatas quentes.

Uma picape parou em frente. Reconheceu-a imediatamente e congelou. *Oh, não, por favor, não.* Jon deveria estar no Lighthouse, deveria estar tirando fotos ou trabalhando em sua casa. Deveria estar em qualquer lugar, menos aqui.

Jon também pareceu surpreendido ao vê-la. Desceu do carro e ficou ao lado dele por um momento, parecendo incerto se falaria com ela ou não.

— Não a segui, se é isto que está pensando — disse ele, a voz sem expressão.

— Eu sei. — Recusava-se a deixá-lo estragar sua refeição e estendeu a mão para o saleiro.

— Justine está tendo problemas de retenção de líquido por causa do sal — disse ele, franzindo a testa. — Você acha que deveria usá-lo?

— Estou completamente saudável. — Como era típico de um homem dizer a ela o que fazer. Sua irritação cresceu e com a mesma velocidade desapareceu.

— E o bebê? — Descansou os olhos na barriga dela.

— Ela está se desenvolvendo muito bem.

— Ela?

Maryellen assentiu.

— Tenho feito ultrassons periodicamente por causa da minha idade.

— Você sempre soube?

— Não... só pedi a eles que me contassem recentemente.

— Uma menina. — Ele disse a palavra com total reverência. — Você já escolheu algum nome?

— Pensei em Catherine Grace.

A expressão do rosto dele suavizou.

— O nome de minha mãe era Katie. Ficaria muito contente se soubesse.

— Pode contar a ela. — Não achava que ele pretendesse manter em segredo a existência do bebê. Talvez esta pequena concessão da parte dela o convencesse de sua boa fé.

— Minha mãe morreu há 15 anos.

— Lamento. — Maryellen instantaneamente se arrependeu de ter falado.

— Quero minha filha na minha vida — disse Jon, a voz firme.

— Talvez possamos fazer um acordo. — Não fazia parte dos planos dela, mas também não queria ser levada ao tribunal. — Fins de semana?

Não havia emoção no rosto dele enquanto pensava na oferta.

— Não quero o bebê sendo levado diariamente para passar os dias com você e as noites comigo — explicou, nervosa. — Quero que a vida dela seja estável e cheia de amor. Por favor, compreenda.

Jon acenou, relutante.

— Está bem. Mas meus fins de semana algumas vezes não são os mesmos que os seus.

— Podemos dar um jeito nisso.

— Então estamos de acordo sobre o bebê e eu? — perguntou ele, como se quisesse ter certeza de que não havia equívocos. — Ela ficará comigo duas noites por semana.

— Sim.

— Obrigado. — Ele pareceu aliviado e talvez até comovido pelo acordo.

— Pretendo ser um bom pai. — Voltou-se para a picape, parecendo ter esquecido o motivo por que havia parado ali. — Vá com calma com o sal, está ouvindo?

— Sim, senhor. — Maryellen bateu uma continência de deboche e sorriu. Para seu assombro, Jon sorriu de volta.

Entrou no carro e saiu, mas enquanto o veículo desaparecia de sua visão, Maryellen compreendeu que tratara Jon Bowman muito mal. Ele realmente se importava com seu bebê que ainda não nascera... e com ela. Durante toda essa experiência penosa, fora honrado e bom. Ela é que o maltratara.

O apetite de Maryellen desapareceu e ela afastou a refeição. O bebê se mexeu, espreguiçando e dando pontapés, como se quisesse lembrar a ela que toda criança merecia ter uma mãe e um pai.

— Tudo na hora certa, Catherine Grace — murmurou ela, acariciando a barriga, — Tudo na hora certa.

POR CINCO meses, Roy McAfee buscara informações sobre o estranho que morrera na pensão dos Beldons. Até agora, descobrira que a passagem de avião fora comprada numa pequena cidade no sul da Flórida. A mesma cidade em que “James Whitcomb” vivera, de acordo com sua identidade falsa. Roy viajara até lá, mostrara a foto do homem às autoridades da região e voltara sem nada.

Seu ângulo de investigação seguinte foi fazer contato com os cirurgiões plásticos da Flórida, mas nenhum reconheceu o trabalho como seu. Um médico sugeriu que a cirurgia parecia ter sido feita 20 ou 30 anos antes, já que as técnicas haviam mudado naquele período. Embora a informação fosse interessante, não ajudava muito.

Seis meses depois de sua morte, o homem ainda não fora identificado. E, apesar dos dias e noites que passara trabalhando no caso, Roy não conseguira avançar. O relatório de toxicologia nada revelara que ajudasse a desvendar o mistério. Devido ao orçamento apertado, Troy Davis não pedira exames mais detalhados.

Roy sabia que o condado não tinha muito dinheiro extra... e a curiosidade definitivamente não era um item no orçamento. Sem evidências claras de homicídio, não havia mais nada a investigar.

Corrie entrou no escritório com uma caneca de café fresco.

— Você está pensando de novo sobre o sujeito morto. — Como ainda não tinham descoberto o nome real do homem, sua mulher se referia a ele como “o sujeito morto”.

Roy resmungou alguma coisa inaudível.

— Não vou deixar o caso.

— Troy não tem dinheiro para continuar a pagar a investigação.

— Não precisa me lembrar.

Depois de seu último relatório, no qual acrescentara poucas informações, Davis lhe dissera para abandonar a investigação. Roy não gostara de ouvir isto, mas havia muitos casos que precisavam de sua atenção. Mesmo assim, este o incomodava, tanto quanto o incomodara o desaparecimento de Dan.

— Já gastamos mais dinheiro neste caso do que o que recebemos.

Roy também já ouvira isto antes. Desde o começo, Corrie não gostara de ele se dedicar tanto a este caso. Achava que ela não conseguia explicar sua atitude, pelo menos não mais do que ele podia explicar por que gastava tanto tempo e dinheiro no caso.

— Não consigo parar de pensar que o sujeito morto veio a Cedar Cove por um motivo específico — murmurou Roy, pensando no mistério. Não acreditava, nem por um momento, que a visita fora casual. Outra coisa que o incomodava era como o homem conhecia a Thyme and Tide. A pensão não ficava ao longo da estrada principal. Teve que sair da autopista e passar por diversas estradas vicinais para chegar a ela.

Ou ele se perdera completamente na tempestade ou escolhera especificamente a pensão dos Beldons. Se a alternativa fosse a segunda, então por quê?

— Talvez ele tenha sido um pistoleiro — sugeriu Corrie, então balançou a cabeça. — Tenho lido histórias de mistérios demais.

Roy havia pensado nesta possibilidade, mas descartara-a.

— Se fosse, estaria carregando uma arma e não estava.

— A menos que esperasse recebê-la de alguém. — Corrie deu de ombros. — Acontece assim nos filmes.

— Pistoleiros carregam as próprias armas.

Corrie se apoiou na borda da escrivaninha.

— Quando foi a última vez que falou com Bob Beldon?

Roy precisou pensar para se lembrar.

— Uns dois meses atrás, acho. — Sua mulher tinha o dom de fazer as perguntas certas. — Ele garante que nunca viu o homem antes daquela noite — acrescentou, lentamente.

— Sim, mas eu me lembro de você ter me dito que a reação dele foi um pouco estranha.

Aquela sensação aborrecida voltava de vez em quando. Roy não suspeitava que Bob fosse ardiloso ou estivesse conscientemente escondendo informações, mas as pessoas com frequência não tinham consciência do que sabiam. Bob provavelmente tivera uma vaga sensação de reconhecimento...

tão vaga que considerou que não valia a pena mencionar. Talvez tivesse se encontrado com o sujeito morto num antigo emprego ou numa viagem de férias.

— Acho que vou fazer uma visita a Bob e Peggy — disse Roy.

Corrie sorriu, cúmplice.

— Imaginei que você acharia esta uma boa ideia.

Peggy estava trabalhando no jardim de ervas quando ele parou em frente à casa. Podia vê-la com seu chapéu de palha e uma grande bolsa, cortando e colhendo. Saindo do carro, acenou para ela, que acenou alegremente de volta. Embora o casal fosse de idade aproximada à da dele e de Corrie, nunca tinham se tornado amigos. Não sabia bem por quê.

Roy viu outro carro estacionado na entrada e não o reconheceu. Provavelmente pertencia a um hóspede.

A porta da frente se abriu antes de ele tocar a campainha e o pastor Dave Flemming saiu para a varanda. Dave era ministro metodista e um homem agradável; encontrara-se com ele em diversas ocasiões. Sabia que o pastor Dave oficiara o funeral de Dan Sherman, que fora pequeno e particular, e visitara Grace algumas vezes depois disso, ajudando-a a lidar com a tragédia.

— Roy, como está? — cumprimentou o pastor Dave, estendendo-lhe a mão. — Bom ver você.

— Bom ver você também.

— Você está popular hoje, Bob — disse Dave a caminho da porta.

— Veio me ver? — perguntou Bob a Roy.

— Se tiver um minuto.

— Claro, entre. — Segurou a porta de tela para Roy entrar. — O pastor Dave me pediu para treinar o time de basquete da igreja.

— Não sabia que tinha interesse em esportes.

— Não jogo há anos — disse Bob, levando Roy para a cozinha. Ofereceu-lhe um copo de chá gelado, que Roy recusou com a cabeça.

Sentaram-se à mesa da cozinha, em lados opostos.

— Aparentemente Grace lhe contou que Dan e eu éramos os heróis do esporte local cem anos atrás — disse Bob.

— Você e Dan eram colegas de escola?

Bob assentiu.

— Éramos ótimos amigos na juventude. Na verdade, nos alistamos juntos no exército e fizemos nosso treinamento juntos também.

Roy não se lembrava de jamais ter visto os dois juntos desde que se mudara para Cedar Cove; pareciam apenas conhecidos.

— Não acho que tenha voltado aqui para me perguntar sobre Dan, veio? — perguntou Bob.

— Não. Ainda estou tentando descobrir quem era seu hóspede misterioso.

— Descobriu alguma coisa? — Bob se inclinou ligeiramente à frente.

Roy balançou a cabeça.

— Sei que já conversamos sobre os detalhes daquela noite muitas vezes.

— Com você e Troy. — Bob parecia enfadado.

— Agradeço sua cooperação.

Bob assentiu.

— Sem problema.

— Conte-me de novo suas impressões.

— Deixe-me pensar. — Bob recostou-se na cadeira e fechou os olhos. — Era tarde. O noticiário da TV acabara e ia começar o Leno. Vi as luzes dos faróis de um carro pela janela e perguntei a Peggy se havia alguma reserva para hóspedes. Ela disse que não.

— Qual foi sua primeira impressão quando o viu? — perguntou Roy.

Os olhos de Bob permaneceram fechados.

— Ei... sabe de uma coisa? Pensei que ele parecia familiar, o que é estranho por que não vi bem o rosto dele. Tinha me esquecido disso, com toda a comoção da manhã seguinte.

— Familiar? — pressionou Roy. — De que maneira?

Bob franziu a testa.

— Não sei, nada definitivo.

— Seu andar? Sua postura?

— Talvez.

— O que mais?

Bob abriu os olhos e sacudiu a cabeça.

— Tive uma... sensação de inquietude.

— Defina inquietude — pediu Roy.

Bob pensou um momento, depois deu de ombros.

— Era como uma reação nas entranhas... de que aquele homem significava problema.

— Problema — repetiu Roy.

— Acho que estava parcialmente correto, dada a maneira como ele apareceu morto no dia seguinte. — Bob soltou um suspiro alto e balançou a cabeça. — Lamento não poder ajudar mais.

— Você ajudou — disse Roy, o que pareceu surpreender Bob.

— Como?

— Estou começando a achar que você realmente *conhecia* este homem. Quero que durma sobre isto. Deixe sua mente funcionar sem pressão e me procure se alguma coisa mais lhe ocorrer.

— Você acha que ele estava aqui por minha causa? — Bob parecia chocad.

— Sim, Bob, acho.

FINALMENTE ROSIE teria seu dia no tribunal. Esperara quase seis meses por isto. Sharon Castor, sua advogada, estava ao lado dela enquanto se aproximavam da sala do tribunal e se sentavam.

— O caso vai ser julgado pela juíza Lockhart — sussurrou Sharon.

Rosie se sentiu mais confiante por ser uma juíza, já que outra mulher compreenderia melhor sua posição do que um homem. Embora continuasse a negar, Zach estava envolvido com Janice Lamond. Se tivesse sido honesto sobre o caso, o divórcio teria terminado meses atrás. Ela o culpava pela demora, culpava-o por tudo. Ele, é claro, culpava a *ela*. Acusava Rosie de expor a vida deles e de não ser razoável. Ela o acusava de mentir. E a coisa seguia, aparentemente sem fim.

— Isto é bom, não é? — sussurrou Rosie, aproximando a cabeça da de Sharon.

— Lockhart é justa, embora um pouco heterodoxa.

Não era isto que Rosie queria ouvir. Queria que o procedimento fosse rápido e direto. Depois de seis meses discutindo cada detalhe, estava pronta para o fim do processo de divórcio. Pronta para construir uma nova vida para si mesma e esquecer toda a amargura e os sentimentos negativos.

Zach se aproximou da mesa, o advogado ao lado dele. Rosie não olhou para Zach, mas sentiu seu olhar, que parecia lhe furar a pele. Seus olhos queimavam por falta de sono. A cabeça latejava com a pior enxaqueca que já tivera em dez anos e temia ficar fisicamente doente.

Mas Zach nunca saberia disso. Preferia morrer a deixar que ele soubesse o que o caso dele com Janice fizera com seu senso de valor, sua dignidade, seu coração. O divórcio estava prestes a destruí-la emocionalmente.

A juíza foi anunciada e todos no tribunal se levantaram brevemente e voltaram a se sentar.

— Bom dia, meritíssima — disse Sharon Castor, erguendo-se.

— Bom dia. — A juíza Lockhart passou as páginas do processo, procurando os detalhes. — Vejo que chegaram a um acordo na questão da pensão.

— Chegamos, meritíssima.

— Li com cuidado o plano de custódia.

Rosie segurou a respiração. Tinha se oposto ao máximo que podia na questão de custódia conjunta. Não era o que queria. Presumia, pelo tempo que Janice e Chris passavam com Zach, que pretendia fazer deles parte de sua vida e, portanto, da vida de seus filhos. Sabendo disso, lutou contra o acordo com tudo o que podia. Suas brigas tinham sido cada vez mais ásperas e vingativas. Rosie lementava as coisas que havia dito e feito, mas no calor da raiva o veneno fluía livremente dela. Jamais imaginara que fosse capaz de se comportar assim. Jamais imaginara que Zach fosse capaz de tratá-la com tanto desprezo.

— Parece que vocês concordaram com a custódia conjunta.

— Sim, meritíssima.

A juíza Lockhart fez um gesto em direção ao documento.

— Aqui diz que as crianças, com 15 e 9 anos de idade, viverão com o pai três dias por semana na primeira e na terceira semana de cada mês e quatro dias por semana na segunda e quarta semana. Está correto?

— Sim, meritíssima.

— Terão que fazer as malas e se mudar da casa delas para o apartamento dele... e de volta... a cada três ou quatro dias. Não é mudança demais para estas crianças? — perguntou a juíza, a testa franzida.

— Meritíssima. — O advogado de Zach se levantou. — É importante para o meu cliente partilhar a custódia dos filhos.

— Não disputo as motivações ou o conceito de custódia partilhada — disse a juíza Lockhart —, mas, a meu ver, não são os pais que precisam de uma vida familiar estável, são as crianças.

— Meu cliente concorda plenamente com a meritíssima — disse Otto Benson e Zach assentiu.

— Dra. Castor, sua cliente também concorda?

Sharon olhou para Rosie, que se levantou e falou diretamente com a juíza.

— Concordo, meritíssima.

A juíza Lockhart estudou Zach e Rosie.

— O lar da família é em Pelican Court, 311. Há quanto tempo vivem neste endereço?

— Três anos, meritíssima.

— Pretendem manter a casa?

— Sim, meritíssima — respondeu Sharon por Rosie.

A juíza pôs de lado o processo e suspirou pesadamente.

— Sendo este o caso, vou testar a palavra de vocês dois. Ambos declararam que sua preocupação principal neste divórcio é com as crianças. Isto é o que quero ouvir. Vocês dois parecem determinados a mantê-las em suas vidas e os louvo por isto. Espero que estejam falando com seriedade. Concordo em aceitar todas as condições e termos submetidos a este tribunal, com uma única exceção: custódia conjunta.

— Meritíssima! — gritou Zach, levantando-se.

— Escute até o fim, sr. Cox — ordenou a juíza e Zach se sentou.

Satisfeita, Rosie cruzou os braços, contente com esta juíza compreensiva que havia avaliado tão bem o caráter do marido.

— Como disse antes, é importante que as crianças tenham um lar estável. Vocês dois, não as crianças, é que decidiram pôr um fim a este casamento. Portanto, as crianças ficarão na casa e os pais é que se mudarão para a casa e para fora dela a cada três ou quatro dias por semana.

— Mas, meritíssima...

— Esta é a minha decisão. Ou aceitem agora ou adiem o divórcio.

Horrorizada, Rosie olhou para Zach. Como podiam aceitar isso depois de terem brigado tanto a cada detalhe?

— Já tomaram uma decisão? — perguntou a juíza.

Zach e o advogado conversaram em voz baixa. Logo depois, Otto se levantou.

— Meritíssima, meu cliente concorda.

Sharon olhou para Rosie e ela também assentiu.

— Minha cliente também concorda.

— Muito bem — disse a juíza Lockhart —, o casamento está desfeito. Espero que façam o acordo funcionar pelo bem das crianças.

Rosie também esperava.

— TELEFONE para ele — insistiu Charlotte com Olivia. — Ele está sofrendo e você também.

— Não, mãe. — Olivia descansou a chávena de chá na mesa. — Não desta vez. — Ainda estava furiosa com Jack e se recusava a fazer contato com ele. Se podia tão facilmente desistir dela, então se considerava em melhor situação sem ele. Mas perguntou:

— Como sabe que ele está infeliz?

A mãe parou de tricotar e pegou o pote de chá que estava no centro da mesa da cozinha. Tornou a encher sua chávena e a de Olivia.

— Ele pergunta por você toda semana, quando levo minha coluna.

Isto era encorajador. Mesmo assim, Olivia não via uma prova real da preocupação dele. Se Jack gostava tanto dela como *dizia*, então devia seguir o conselho dela e lutar por ela.

O telefone tocou e Olivia atendeu, distraída.

— Alô.

— É Seth. — A voz do genro estava abalada. — A bolsa de Justine rompeu e ela entrou em trabalho de parto. Estamos saindo agora para o hospital.

— Mas é cedo — exclamou Olivia. Três semanas e meia antes da data e não era bom nem para Justine nem para o bebê.

— Ninguém se deu ao trabalho de dizer isto ao bebê.

O que Olivia ouviu na voz de Seth foi pânico.

— Estou saindo agora — garantiu ela. — Tudo vai dar certo. Bebês nascem antes da hora todos os dias.

— Sim, eu sei. É que me pegou desprevenido. Pode ligar para Stan?

— É claro. Respire fundo e eu me encontrarei com você no hospital.

Assim que Seth desligou, Olivia ligou para o trabalho de Stan e ele atendeu imediatamente.

— Stan Lockhart.

— Alô, vovô — disse ela, cheia de um misto de emoção e preocupação.

— Justine está em trabalho de parto e a caminho do hospital. Quer nos encontrar lá?

Stan riu, parecendo feliz e igualmente emocionado.

— Não perderia isso por nada nesse mundo. Diga a ela que a verei logo, vovó.

— Não precisa correr — disse Charlotte a Olivia assim que ela desligou o telefone. — Estas coisas levam tempo.

Assim falava a sabedoria da idade, mas Olivia sabia que não conseguiria ficar em outro lugar a não ser no hospital. Um bebê da família estava para nascer e sentia alegria demais para guardá-la dentro de si. Não conseguia ficar imóvel e começou a andar pela casa.

— Vá — aconselhou Charlotte alguns minutos mais tarde. — Cuido de tudo por aqui. Telefone mais tarde.

— Obrigada, mãe. — Olivia beijou o rosto da mãe, pegou a bolsa e as chaves do carro e correu para fora.

Ficou sentada sozinha na sala de espera por quase uma hora. De vez em quando, Seth saía para lhe dar informações; até agora, tudo corria bem. Duas horas mais tarde, parecendo muito preocupado, Stan chegou. Ficaram sentados tomando café e conversando.

— Você se lembra da noite em que James nasceu?

— Acho que nunca poderia esquecer. — Ela estremeceu exageradamente. — Mal conseguimos chegar ao hospital.

— Lembra-se da véspera de Natal em que você decidiu montar a bicicleta de Jordan? — perguntou ela.

— Nem me lembre — gemeu Stan. — As instruções estavam em japonês e foi você que disse que montar uma bicicleta não podia ser tão difícil.

— Erro meu.

— E aquela vez que você decidiu ensinar a Justine como assar pão?

Olivia virou os olhos à lembrança. Numa tentativa de ajudar, Justine pegara, e deixara cair, um saco de farinha de trigo de cinco quilos, que explodiu com o impacto. Durante anos depois disso, Olivia encontrara traços da farinha em toda a cozinha: sob a pia, sob a geladeira, no fundo das gavetas.

As horas se passaram e mal se deram conta, imersos nas risadas e nas lembranças.

Perto das 9h, Seth apareceu, ostentando o maior sorriso que Olivia jamais vira. Quase tinha se esquecido do motivo de estarem no hospital. Deu um pulo, pronta para a notícia.

— Temos um filho — anunciou Seth. — Leif Jordan Gunderson. É um menino grande, mesmo tendo chegado mais cedo, quase três quilos. O médico disse que é um pouco prematuro, mas seus pulmões parecem estar funcionando muito bem.

Olivia imediatamente caiu no choro.

Quando chegou em casa, Olivia estava feliz, mas exausta. Sua mãe deixara um bilhete sobre a mesa da cozinha.

Pense no que lhe disse. Jack sente falta de você. Ligue para ele. Mãe.

Jack. Olivia não pensara nele nem uma vez desde que saíra para o hospital. Na verdade, tivera momentos maravilhosos com Stan e todas aquelas lembranças. De repente, não estava mais segura do que queria. De repente, tinha muito mais em que pensar do que percebera.

Se seu ex-marido queria voltar para a vida dela, então talvez o deixasse. Talvez devesse considerar *todas* as suas opções. Talvez *não fosse* tarde demais para ela e Stan....

Preparando-se para se deitar, Olivia pensou no seu divórcio e se lembrou do casal que estivera diante dela aquela manhã para se divorciar. Sua decisão de pegá-los pela palavra e obrigá-los a pôr as necessidades dos filhos em primeiro lugar fora ousada. Os meninos ficariam em casa, os pais se mudariam. Todos teriam que passar por grandes ajustes e, pelo bem das crianças, sinceramente esperava que se esforçassem para dar tudo certo.

Quanto a ela... bem, Olivia observaria e esperaria. Veria como as coisas se resolviam em Pelican Court, 311... e vigiaria também os acontecimentos em Rosewood Lane, 204. Só para ter certeza de que Grace continuava a recuperar a confiança em si mesma, seu equilíbrio emocional.

E, quanto aos dois homens em sua vida, quem podia dizer o que aconteceria em Lighthouse Road, 16?

Autora best-seller do *The New York Times*

DEBBIE
MACOMBER

*Procura-se um
novo amor*



Procura-se um novo amor

Macomber, Debbie

9788539827183

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Nichole descobre que seu marido, Jake, a traiu, sua vida perfeita é abalada. Enquanto se desdobra entre o filho, o novo emprego e o trabalho voluntário, Nichole conhece Rocco, que é o oposto de Jake em quase todos os aspectos. Apesar de ser grosseiro, Rocco se mostrou um pai dedicado e amigo atencioso. Mas, assim que sua relação começa a amadurecer, Jake coloca tudo em risco — inclusive a felicidade de seu filho Owen — ao tentar reconquistá-la. Nichole precisa,

então, reunir a coragem necessária para seguir seu coração, apesar das consequências. Durante décadas, Leanne ignorou as traições de seu marido, mas é incentivada pela atitude de Nichole diante da mesma situação. Enquanto dá aulas voluntárias de inglês, Leanne conheceu Nikolai, um charmoso padeiro ucraniano, ao qual Leanne tenta resistir para evitar as dores de cabeça de um romance. Até que uma tragédia inesperada a faz questionar suas escolhas. Um romance inspirador sobre amizade, esperança e recomeços, Procura-se um novo amor, é um atestado da força que toda mulher tem para trilhar o próprio caminho, acreditar no amor e ser feliz.

[Compre agora e leia](#)

HARLEQUIN® *Paixão*

Edição 116

Melanie Milburne

ROMANCE PROIBIDO



 HARLEQUIN
BOOKS

Romance proibido

Milburne , Melanie

9786580969081

118 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um caso proibido... Nina foi abandonada com um bebê nos braços, porém a criança não é sua filha! Sua maquiavélica irmã gêmea tentou dar o golpe do baú em um milionário, mas o destino pôs um fim trágico a seus planos diabólicos... Vingança... e casamento! Marc Marcello quer a guarda da menina. No entanto, confunde a pacata Nina com sua desonesta cunhada. E ela está decidida a proteger seu amado bebê a qualquer custo... mesmo que tenha de esconder

a verdadeira identidade e aceitar um casamento de conveniência!

[Compre agora e leia](#)



O amor de um duque

Heath, Lorraine

9788539827213

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Gillie Trewlove sabe o valor da bondade de desconhecidos, já que foi abandonada ainda bebê na porta da mulher que a criou. Quando se depara com um homem sendo agredido em sua própria porta — ou melhor, no beco próximo da sua taverna —, ela não hesita em ajudá-lo. Porém, o homem é tão bonito que não pode pertencer a um lugar como Whitechapel, muito menos à cama de Gillie, na qual ele precisa ficar para se recuperar. O duque de Thornley está tendo um péssimo dia. Ser abandonado no

altar é humilhante, ser salvo de bandidos por uma mulher — ainda que uma mulher linda e corajosa — é mais ainda. Após ajudá-lo a se recuperar, Gillie concorda em acompanhá-lo pelas ruas sombrias de Londres em busca da noiva. No entanto, cada momento juntos os leva ao limite do desejo, e faz o duque repensar sua escolha a respeito do casamento. Gillie sabe que a aristocracia nunca iria aceitar uma duquesa como ela, mas Thorne está disposto a provar que nenhum obstáculo é insuperável diante do amor de um duque.

[Compre agora e leia](#)



Desejo e escândalo

Heath, Lorraine

9788539827091

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mick Trewlove é o filho bastardo do duque de Hedley, mas ninguém sabe disso. Mesmo depois de se tornar um empresário de sucesso, ele ainda busca vingança contra o homem que o abandonou. E qual a melhor forma de fazer isso do que seduzir a noiva do filho legítimo do duque? Lady Aslyn está noiva do conde Kipwick, filho único do duque de Hedley, mas se vê, inesperadamente, apaixonada pelo misterioso bilionário Mick Trewlove. Durante os passeios pelos parques de Londres, ela começa

a desconfiar de que algo se esconde por trás do sorriso sedutor, mas não tem certeza. Quando os segredos são revelados, uma reviravolta inesperada surpreende Mick, que terá que escolher entre manter seu plano de vingança ou ser feliz.

[Compre agora e leia](#)

SARAH MORGAN

Milagre na 5ª Avenida

"O enorme talento de Sarah Morgan é sempre surpreendente."
— RT BOOK REVIEWS



 HARLEQUIN

Milagre na 5ª Avenida

Morgan, Sarah

9788539827220

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O amor chega para todos — seja sonhando com ele ou fugindo o máximo que pode. Após Amor em Manhattan e Pôr do sol no Central Park, Sarah Morgan volta com outra história que vai fazer você suspirar. Eva Jordan ama tudo que envolve o Natal. Romântica incurável, ela passará as festas sozinha esse ano, mas nada destrói sua fé inabalável no amor e nas coisas boas da vida. Quando ela tem a oportunidade de decorar a casa de um escritor rico e famoso na 5ª Avenida, aceita sem pensar duas vezes.

O que Eva não esperava, no entanto, é que a casa estaria ocupada por seu recluso — e misterioso — dono. Lucas Blade é especialista em escrever cenas aterrorizantes, mas é o Natal que está sendo seu maior pesadelo. Há poucas semanas do prazo final de entrega de seu próximo livro, ele ainda não tem uma história — nem mesmo um personagem principal! Além disso, o aniversário da morte de sua esposa está chegando, o que o deixa imerso em uma névoa carregada de dor e luto. Eva vive em seu planeta particular e Lucas em um mundo de dor e desconfiança. O que a vida mostra a eles é que duas pessoas diferentes podem ter mais em comum do que imaginam — incluindo uma atração inegável um pelo outro.

[Compre agora e leia](#)